

Beatriz Augusto da Matta

**RESSONÂNCIAS LÉXICO-ESTRUTURAIS
NO DISCURSO CONVERSACIONAL EM PORTUGUÊS**

Belo Horizonte

2005

Beatriz Augusto da Matta

**RESSONÂNCIAS LÉXICO-ESTRUTURAIS
NO DISCURSO CONVERSACIONAL EM PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: C – Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2005

Dissertação defendida e aprovada em 13 de dezembro de 2005, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a. Dr.^a Maria Elizabeth Fonseca Saraiva
Orientadora

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Prof.^a. Dr.^a. Vanda de Oliveira Bittencourt

Prof.^a. Dr.^a. Adriana Tenuta Azevedo

*Para meus pais, Zezé e Ricardo, que,
ressoando melodias de **amor**,
encantam nossas vidas.*

Meus agradecimentos

à **Prof. Dra. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva**, pela orientação dedicada, competente e encorajadora, pela leitura criteriosa de várias versões desta dissertação e por sua inestimável colaboração;

a todos os **professores do Curso de Pós-Graduação de Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG**, em especial à **Prof. Dra. Yara Goulart Liberato**, **Prof. Dra. Maria Beatriz Decat**, **Prof. Dra. Heliana Mello**, **Prof. Dra. Eunice Maria das Dores Nicolau**, pela aulas valiosas e enriquecedoras;

à **Prof. Dra. Marlene Machado Zica Vianna**, por seu exemplo de competência e amor à língua;

aos **alunos do Curso de Pós-Graduação**, que disponibilizaram o material de estudo;

à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, que financiou parcialmente a realização deste trabalho;

à **Vivi**, minha filha, pela paciência, pelo carinho e por suas preces;

ao **Luiz**, meu companheiro, por sua solidariedade e incentivo constantes;

aos **meus pais**, com quem pude contar em todos os momentos.

a todos quantos, direta ou indiretamente, contribuíram para que es trabalho se efetivasse.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe esse grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue
se vá tecendo, entre todos os galos.(...)
Se erguendo tenda onde entrem todos,
Se entretendo para todos no toldo
(a manhã) que plana livre de armação...*

(João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra.)

RESUMO

Esta dissertação desenvolve um estudo sobre as **Ressonâncias léxico-estruturais** no discurso conversacional em português, dentro da perspectiva teórica funcionalista de estudos lingüísticos. É considerado ressoante um enunciado produzido por um falante com base numa Matriz – um outro enunciado previamente proferido pelo interlocutor, num evento comunicativo. Trata-se da segunda ocorrência de um segmento frasal, que mantém o mesmo padrão estrutural de sua Matriz e pode reaparecer sem variações ou com alterações lexicais. O objetivo geral do trabalho é investigar os aspectos formais e funcionais de orações ressoantes. Partindo da hipótese de que alguns tipos formais de Ressonâncias relacionam-se intimamente às suas funções discursivas, desenvolve-se a análise, que consiste em descrever as Ressonâncias constatadas em quatro textos de conversação espontânea. Primeiramente, identificam-se as Matrizes e Ressonâncias e verifica-se a freqüência desses enunciados nos textos do *corpus*. Em seguida, classificam-se as Ressonâncias de acordo com a função que exercem na conversação, levando-se em conta aspectos argumentativos e interacionais. Após contagem e classificação das funções discursivas, faz-se a descrição formal dos enunciados ressoantes juntamente com suas Matrizes, buscando observar se há tipos estruturais mais recorrentes e quais são eles. Procede-se, a seguir, para a análise da correlação entre os aspectos formal e funcional das Ressonâncias. Para tanto, apresentam-se os mapeamentos transentenciais. Mapeamentos são a representação da relação entre dois ou mais enunciados proferidos por falantes diferentes, em que é possível estabelecer uma correspondência biunívoca entre os elementos que os constituem. Essa análise permite visualizar os tipos formais explorados pelos falantes para a construção de Ressonâncias com funções discursivas específicas e, conseqüentemente, verificar a hipótese inicial de que existem tendências sistemáticas de uso dos falantes ao ressoarem enunciados.

ABSTRACT

This paper develops a study about the lexical-structural resonance in the portuguese conversational discourse, within the functionalistic theory of the linguistic studies. It is considered resonant any utterance produced by a speaker based in a matrix – another utterance previously said by the speaker, in a communicative event. The second occurrence happens to be a phrasal segment, which keeps the same structural pattern of its matrix and can reoccur without any variations or with some lexical alterations. The objective of this paper is to investigate the formal and functional functions of resonant sentences. Having the fact that some types of formal resonance are closely related with their discourse functions as a theory, an analysis, consisting of a description of the resonance present in texts of spontaneous conversations is developed. Firstly, the matrix and resonance are identified, as well as their frequency in the texts of the corpus. Secondly, the resonances are classified according to their function in the conversation, considering the argumentative and interactive aspects. After counting and classifying the discourse functions, a formal description of the resonant utterances along with their matrix is made in order to identify and observe the frequency of the more recurrent ones. It is followed by an analysis of the correlation between the formal and functional aspects of the resonance. In order to achieve that, the transentencial maps are presented. The maps are the representations of the correlation between two or more utterances said by different speakers where it is possible to establish a bilateral correspondence among the elements which constitute the utterances. Such analysis allows the visualization of the formal types explored by the speakers in order to construct the resonance with specific discourse functions and consequently verify the initial hypothesis which says that there are systematic tendencies of usage by the speakers when they resound utterances.

LISTA DE ABREVIATURAS

A	Sujeito de verbo transitivo
Aceit. colab.	Aceitação de colaboração
Admir.	Admiração
Aprec.	Apreciação
Certif.	Certificação
Compl.	Complemento
Conf.	Confirmação
Contr.	Contraste
Fát.	Fática
Hum.	Humor / Ironia
Intens.	Intensificação
Inter.	Interesse
Lembr.	Lembrança
M	Matriz
Neg.	Negação
Obl	Oblíquo
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
Ped. esclar.	Pedido de esclarecimento
PS	Predicativo do sujeito
R	Ressonância
RE.	Ressonância de Expansão
Reaf.	Reafirmação
Repas.	Repasse
Resp. <i>Qu</i>	Resposta a questão com elemento <i>Qu</i>
Resp. S/N	Resposta equivalente a Sim ou Não
Retif.	Refiticação
Retom. fig.	Retomada de figura
S	Sujeito de verbo intransitivo
S Adj	Sintagma adjetivo
S Adv	Sintagma adverbial
SD	Sintaxe Dialógica
SN	Sintagma nominal
S Prep	Sintagma preposicionado
[TA]	Transcrição A
[TB]	Transcrição B
[TC]	Transcrição C

[TD]	Transcrição D
USE	Unidade semântico-entoacional
V	Verbo
VB	Verbo bitransitivo
VI	Verbo intransitivo
VL	Verbo de ligação
VTD	Verbo transitivo direto
VTI	Verbo transitivo indireto

LISTA DE TABELAS

TABELA	1	– As funções de maior frequência em cada marca.....	52
TABELA	2	– Ocorrência de Matrizes e Ressonâncias nas transcrições	81
TABELA	3	– Distribuição de macrofunções e subfunções em [TA]	101
TABELA	4	– Distribuição de macrofunções e subfunções em [TB]	104
TABELA	5	– Distribuição de macrofunções e subfunções em [TC]	107
TABELA	6	– Distribuição de macrofunções e subfunções em [TD]	110
TABELA	7	– Distribuição de macrofunções e subfunções em [TA] [TB] [TC] [TD].....	115
TABELA	8	– Distribuição de construções com verbo transitivo direto.....	139
TABELA	9	– Distribuição de construções com verbo transitivo indireto.....	145
TABELA	10	– Distribuição de construções com verbo bitransitivo.....	148
TABELA	11	– Distribuição de construções com verbo intransitivo.....	153
TABELA	12	– Distribuição de construções com verbo de ligação.....	154
TABELA	13	– Distribuição de construções amalgamadas e convencionais.....	157
TABELA	14	– Distribuição de construções com verbo ser impessoal.....	159
TABELA	15	– Distribuição de enunciados ressoantes constituídos de períodos compostos.....	163
TABELA	16	– Distribuição de construções ressoantes subordinadas e coordenadas...	166
TABELA	17	– Distribuição do conjunto de construções analisadas.....	167
TABELA	18	– Tipos de predicção verbal mais freqüentes nos conjuntos ressoantes.	168
TABELA	19	– Distribuição dos tipos semânticos de verbos.....	171
TABELA	20	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Resposta Sim	187
TABELA	21	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Resposta Não.....	197
TABELA	22	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Resposta <i>Qu</i>	201
TABELA	23	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Confirmação	206
TABELA	24	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Aceitação de colaboração.....	215
TABELA	25	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Intensificação	219
TABELA	26	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Retomada de figura.....	221

TABELA 27	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Lembrança.....	223
TABELA 28	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função Fática.....	224
TABELA 29	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Reafirmação.....	227
TABELA 30	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Complemento.....	235
TABELA 31	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Repasse.....	238
TABELA 32	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Negação.....	246
TABELA 33	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Retificação.....	249
TABELA 34	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Contraste.....	252
TABELA 35	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Interesse.....	261
TABELA 36	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Admiração.....	263
TABELA 37	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de <i>Certificação</i>	265
TABELA 38	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de <i>Pedido de esclarecimento</i>	266
TABELA 39	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de <i>Humor/Ironia</i>	271
TABELA 40	– Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de <i>Apreciação</i>	278

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Funções da hetero-repetição segundo NORRICK	35
QUADRO 2 – Quadro básico de traços proposto por BESSA NETO.....	37
QUADRO 3 – Quadro de fatores tipológicos sugerido por MARCUSCHI.....	45
QUADRO 4 – Quadro de funções específicas elaborado por MARCUSCHI.....	48
QUADRO 5 – Normas para transcrição.....	67
QUADRO 6 – Funções discursivas das Ressonâncias detectadas no <i>corpus</i>	84
QUADRO 7 – Classificação semântica dos verbos.....	127
QUADRO 8 – Abreviações usadas na descrição formal de estruturas ressoantes.....	129
QUADRO 9 – Notações dos diágrafos.....	185

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	17
2.	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS GERAIS.....	23
2.1	A abordagem funcionalista.....	23
2.2	Breve revisão da literatura sobre repetições, em suas variadas formas e funções.....	23
2.2.1	RAMOS: o fator compreensão.....	26
2.2.2	TANNEN: envolvimento interpessoal.....	29
2.2.3	NORRICK: o fator interação e os pares adjacentes.....	34
2.2.4	BESSA NETO: o fator conexão.....	36
2.2.5	TRAVAGLIA: as causas da repetição.....	41
2.2.6	MARCUSCHI: correlação forma e função.....	44
2.3	BU BOIS: a Sintaxe Dialógica.....	55
3.	DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	65
3.1	O <i>corpus</i>	65
3.2	Os informantes.....	65
3.3	Procedimentos.....	66
3.3.1	Coleta de dados.....	66
3.3.2	A transcrição.....	66
3.3.3	A divisão dos textos em unidades semântico-entoacionais.....	68
3.4	Unidades de análise: as Ressonâncias.....	72
4.	ANÁLISE DE FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS RESSONÂNCIAS.....	80
4.1	Identificação e contagem de Ressonâncias.....	80
4.2	As funções discursivas.....	82
4.3	A presença das funções no <i>corpus</i>	100
4.3.1	Conversação [TA].....	100
4.3.2	Conversação [TB].....	104
4.3.3	Conversação [TC].....	106

4.3.4	Conversação [TD].....	109
4.3.5	Considerações finais.....	114
5.	ANÁLISE DE TIPOS FORMAIS DE RESSONÂNCIAS.....	124
5.1	Conceitos utilizados na categorização dos tipos formais de Ressonâncias...	124
5.2	Os diágrafos.....	130
5.3	Os tipos formais dos pares Matrizes e Ressonâncias.....	131
5.3.1	Construções com verbo transitivo direto (VTD).....	132
5.3.1.1	Quantificação de construções com verbo transitivo direto.....	138
5.3.2	Construções com verbo transitivo indireto (VTI).....	142
5.3.2.1	Quantificação de construções com verbo transitivo indireto.....	145
5.3.3	Construções com verbo bitransitivo (VB).....	146
5.3.3.1	Quantificação de construções com verbo bitransitivo.....	148
5.3.4	Construções com verbo intransitivo (VI).....	149
5.3.4.1	Quantificação de construções com verbo intransitivo.....	152
5.3.5	Construções com verbo de ligação (VL).....	153
5.3.5.1	Quantificação de construções com verbo de ligação.....	154
5.3.6	Construções amalgamadas e convencionais.....	155
5.3.6.1	Quantificação de construções amalgamadas e convencionais.....	157
5.3.7	Construções com verbo ser impessoal.....	158
5.3.7.1	Quantificação de construções com verbo ser impessoal.....	159
5.3.8	Enunciados constituídos de período composto.....	159
5.4	Resultados e considerações finais.....	166
6.	CORRELAÇÃO FORMA x FUNÇÃO.....	175
6.1	Codificação para análise de mapeamentos.....	175
6.2	Análise dos mapeamentos de enunciados ressoantes, em suas diversas funções.....	186
6.2.1	Grupo A – Responsividade.....	186
6.2.1.1	Ressonância de Resposta Sim.....	186
6.2.1.2	Ressonância de Resposta Não.	197
6.2.1.3	Ressonância de Resposta <i>Qu</i>	201
6.2.2	Grupo B – Concordância.....	205

6.2.2.1	Ressonância de Confirmação.....	205
6.2.2.2	Ressonância de Aceitação de colaboração.....	210
6.2.2.3	Ressonância Intensificadora.....	218
6.2.2.4	Ressonância de Retomada de figura.....	221
6.2.2.5	Ressonância de Lembrança.....	223
6.2.2.6	Ressonância Fática.....	224
6.2.2.7	Ressonância de Reafirmação.....	226
6.2.2.8	Ressonância de Complemento.....	235
6.2.2.9	Ressonância de Repasse.....	245
6.2.3	Grupo C – Discordância.....	245
6.2.3.1	Ressonância de Negação.....	245
6.2.3.2	Ressonância de Retificação.....	248
6.2.3.3	Ressonância de Contraste.....	252
6.2.4	Grupo D – Questão.....	260
6.2.4.1	Ressonância de Interesse.....	260
6.2.4.2	Ressonância de Admiração.....	263
6.2.4.3	Ressonância de Certificação.....	264
6.2.4.4	Ressonância de Pedido de esclarecimento.....	265
6.2.5	Grupo E – Humor.....	271
6.2.5.1	Ressonância de Humor/Ironia.....	271
6.2.5.2	Ressonância de Apreciação.....	278
6.3	Considerações finais.....	279
7.	CONCLUSÃO.....	288
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	294
	ANEXOS.....	298
	1. Transcrição A - [TA]	
	2. Transcrição B - [TB]	
	3. Transcrição C - [TC]	
	4. Transcrição D - [TD]	

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é analisar um tipo específico de Repetição, denominado Ressonância léxico-estrutural, considerando-se seus aspectos formal e funcional.

O fenômeno da Repetição, característico da língua falada, vem assumindo grande importância nos estudos lingüísticos e tem recebido a atenção de variados pesquisadores, principalmente nos últimos trinta anos. Há, dessa forma, uma literatura vasta e abrangente sobre o fenômeno, por se tratar de um assunto muito rico e passível de ser explorado sob diferentes perspectivas.

A repetição, em seu sentido mais geral, é a base de um padrão estrutural, no qual elementos são, de alguma forma, os mesmos de outros já estabelecidos e definidos. Esses elementos podem ser unidades gramaticais, tais como palavras, expressões, sentenças e unidades discursivas e, além disso, podem ocorrer com formas exatamente iguais ou apenas semelhantes.

Tradicionalmente, a repetição é relacionada a aspectos negativos, como baixo índice de informatividade, circularidade, redundância e rotina. De acordo com Merrit (1994), toda repetição em nossas vidas é associada a um ritual. Uma forma rotineira de efetuar coisas torna-a normativa. Logo, a repetição traz a norma, o ritual. O que muitos estudiosos têm procurado mostrar, no entanto, é que as Repetições são utilizadas no discurso com múltiplas funções e exercem papel fundamental no processo interativo e criativo da comunicação. Formas idênticas ou bastante

semelhantes podem adquirir significados diferentes e executar um trabalho especial no discurso, dependendo do tipo de interação, da intenção do falante...

Uma repetição pode chamar atenção de interlocutores, contribuir para a organização discursiva, monitorar coerência textual, favorecer a coesão, dar continuidade tópica, reafirmar, contrastar ou contestar algum argumento, monitorar tomada de turno; além disso, é importante enfatizar que formas e funções da repetição como também a quantidade de ocorrências obviamente variam de acordo com o gênero textual.

Diante dessas considerações, em que se observam características múltiplas da repetição, uma pergunta que surge e permanece é: como é possível explicar o fato de que palavras ou expressões semelhantes, repetidas, possam significar concordância ou discordância, brincadeira ou hostilidade, trabalho ou jogo, junção ou quebra? As reflexões sobre questões dessa natureza é que motivaram a escolha de meu objeto de estudo: **as Ressonâncias léxico-estruturais**.

Uma **Ressonância léxico-estrutural**¹ (**R**) define-se como a segunda ocorrência de um mesmo segmento, num evento comunicativo, sendo que esse segmento pode reaparecer integralmente, sem variação, ou parcialmente, com modificações lexicais e/ou estruturais. Em linhas gerais, uma Ressonância ocorre quando um falante constrói um enunciado com base numa **Matriz (M)**, um enunciado previamente proferido **por seu interlocutor**. Os dois exemplos abaixo ilustram essa breve definição de Ressonância.

¹ Utilizo o termo **Ressonância**, sugerido por DU BOIS (2001), por considerá-lo mais adequado para nomear o fenômeno a ser pesquisado, levando-se em conta sua especificidade, como se verá no capítulo 3 deste trabalho.

- | | | | |
|----|-------|------------------------------------|----------|
| | (1.1) | [TBp.9] ² | |
| 1. | | L1 – quem é D? ³ | M |
| 2. | | L2 – seu irmão... | |
| 3. | | L1 – ah... | |
| 4. | | L2 – quem é D? ((rindo)) | R |
| | | | |
| | (1.2) | [TAp.4] | |
| 1. | | L2 – ué:: barato... | M |
| 2. | | L1 – é baratinho... | R |

Em (1.1), o locutor – L2 – está contando ao seu interlocutor como andam algumas pesquisas que ele e seus companheiros, inclusive D., estão fazendo em escolas municipais. O locutor – L1 – pergunta: *quem é D.?*, na linha 1, e, após ouvir a resposta, recebe a gozação de L2 – na linha 4: *Quem é D.?*, em **ressonância** com a linha 1. Esse enunciado ressoante de L2, em tom de zombaria, deixa clara a sua intenção de mostrar ao Locutor 1 como sua pergunta era desnecessária e sem sentido.

Em (1.2), os interlocutores conversam sobre o preço de entrada em um evento ocorrido em Belo Horizonte. L1 concorda com a opinião de L2, utilizando-se de uma estrutura **ressoante**.

O estudo das Ressonâncias que aqui se inicia tem como proposta descrever os enunciados ressoantes detectados em um *corpus* composto de quatro textos conversacionais. O modelo de diálogo analisado é aquele em que dois ou mais informantes conversam livremente, sem a definição de uma pauta prévia.

Na conversação face a face, a situação conduz, naturalmente, ao surgimento de repetições de todo tipo e para variados fins. O texto conversacional é fruto de uma co-autoria, ou seja, é produzido a dois, por isso mesmo a consideração das

² [TBp.9] significa Transcrição B, página 9.

³ Nas transcrições, são usadas somente as iniciais de todos os nomes próprios referentes a pessoas. Os participantes da conversação são identificados por L1, que significa Locutor 1, e L2, que significa Locutor 2.

Ressonâncias pode nos fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre a estrutura desse tipo de discurso.

Esta proposta de investigação segue a abordagem funcionalista dos estudos lingüísticos, em sua vertente norte-americana (GIVÓN, 1995, 2001; DU BOIS, 1980, 2003; HOPPER & THOMPSON, 1980, 2001, dentre outros), por ser um modelo teórico que privilegia a análise dos dados a partir de uma perspectiva interacional, o que implica o destaque para a situação comunicativa, com seus participantes e estratégias utilizadas no processamento do discurso. Levando-se em conta os fatos em seu comportamento no discurso, é possível captar o funcionamento real da linguagem, a relação entre os fatos e as funções discursivas a que se prestam para a comunicação.

Esta dissertação desenvolve-se, portanto, com os objetivos de descrever as Ressonâncias léxico-estruturais em português, tal como se apresentam na conversação espontânea; caracterizar as funções discursivas das ressonâncias; descrever padrões sintáticos **transentencias**, ou seja, caracterizar os tipos de mapeamentos que se dão entre os enunciados de Matrizes e suas Ressonâncias encontrados no *corpus* estudado; observar a relação **Ressonância x interação**, o que significa procurar tendências gerais de características funcionais e formais de Rs, de acordo com o tipo de interação estabelecido entre os participantes.

As grandes questões que norteiam este trabalho são:

- Por que o falante opta por ressoar um segmento ao invés de se comunicar através da utilização de outras expressões? Se observarmos os dados do exemplo (1.2), por exemplo, é possível levantarmos a questão sobre as razões de o falante preferir a ressonância dos termos utilizados por L2 a

simplesmente dizer um “*concordo*” ou outra expressão de aprovação do que foi dito.

- Como se caracterizam as relações de mapeamentos de enunciados matrizes e ressoantes?
- Existem formas preferidas de mapeamentos entre enunciados de acordo com a função a que se prestam as Ressonâncias?

Na busca de respostas para esses e outros questionamentos, divido o presente trabalho em sete capítulos.

No capítulo 2, comento trabalhos anteriores sobre o fenômeno da Repetição e forneço o suporte teórico que fundamenta a análise aqui empreendida: a abordagem funcionalista de estudos lingüísticos e a *Sintaxe Dialógica*, proposta por Du Bois (2001).

No capítulo 3, caracterizo o *corpus* em estudo e explico a metodologia empregada na coleta, transcrição e análise dos dados. Além disso, apresento a definição de Ressonância, suas características e os exemplos dos enunciados considerados ressoantes.

No capítulo 4, primeiramente, faço o levantamento do número de ocorrências de Matrizes e Ressonâncias no *corpus* analisado, buscando verificar se as Rs são freqüentes nos textos conversacionais e se há diferenças entre o índice de ocorrência desses enunciados nas quatro conversações. Em seguida, apresento a classificação funcional das Ressonâncias constatadas e forneço a porcentagem de cada tipo funcional no *corpus* em análise.

No capítulo 5, estudo os aspectos formais das Ressonâncias e forneço a quantificação de ocorrências de cada tipo estrutural detectado nas conversações em estudo, com o objetivo de verificar se algum deles é predominante. Além disso,

apresento a conceituação de mapeamento transentencial e faço a descrição de alguns exemplos.

No capítulo 6, descrevo as possíveis relações entre os tipos formais e os tipos funcionais dos enunciados ressoantes detectados no *corpus*. O objetivo desse capítulo é verificar se há uma exploração sistemática de algum tipo formal de Ressonância dependendo da função que ela exerce no discurso ou se os falantes exploram todos os tipos estruturais para todas as funções. Para tanto, forneço a descrição e os comentários de todos os tipos de mapeamentos verificados entre Ms e Rs com cada função separadamente.

Por fim, no último capítulo, apresento algumas conclusões e considerações finais, retomando questões e discutindo-as, além de deixar sugestões para trabalhos posteriores.

A análise das Ressonâncias pode contribuir para aumentar nosso conhecimento sobre as ações nas quais se envolvem os interlocutores em suas estratégias de participação da conversação e estruturação textual de suas falas. Com a descrição detalhada de um aspecto da conversação espontânea (modalidade primeira da língua oral), pretendo fornecer subsídios para o avanço na pesquisa da análise do português falado, acreditando que todas as descobertas que se fizerem concorrem também para um maior conhecimento da gramática do português.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS GERAIS

Este capítulo tem como objetivo apresentar, em linhas gerais, o arcabouço teórico utilizado como base para o presente trabalho, que, conforme exposto, explora as Ressonâncias léxico-estruturais no discurso conversacional em português.

Primeiramente, serão ressaltados aspectos presentes na abordagem funcionalista dos estudos lingüísticos. Em seguida, serão resenhados alguns trabalhos sobre o fenômeno da Repetição. Por último, será feita uma exposição sobre o texto de Du Bois (2001), referência básica para o presente estudo.

2.1 A Abordagem funcionalista

Neves (1997, p.15) define a gramática funcional, de uma maneira geral, “como uma teoria da organização das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”. Dentro dessa perspectiva, reconhece-se que a linguagem não é um fenômeno isolado, mas serve a uma variedade de propósitos. Assim, o funcionalismo fundamenta-se na concepção de linguagem como interação, tendo como preocupação básica as funções a que as formas lingüísticas servem.

Diversas são as tendências ou abordagens funcionalistas, no entanto, certos aspectos se fazem presentes em qualquer uma dessas correntes, e o primeiro a ser ressaltado é referente a seu objeto de análise.

Os fatos gramaticais são estudados em seus contextos de ocorrência, ou seja, o discurso é considerado como o momento e o lugar onde os fatos são gerados, fixados e constantemente reformulados. Estudar um fenômeno em seu contexto de uso significa tomar o discurso ou o texto como unidade básica de organização da linguagem e não a sentença ou a palavra.

Na verdade, é possível distinguir duas correntes opostas no pensamento lingüístico, o formalismo e o funcionalismo. A posição teórica formalista tem como objeto de estudo o conhecimento interno subjacente às estruturações sintáticas, decorrendo-se daí que os dados devem ser descritos independentemente de sua contextualização, sendo a gramática autônoma em relação à semântica e à pragmática. Já de acordo com a posição funcionalista, a descrição das expressões lingüísticas deve estar ligada ao funcionamento destas em situações específicas. Dessa forma, a abordagem funcionalista se opõe à abordagem formalista pelo enfoque maior que dá ao “uso”, sem deixar de reconhecer, no entanto, a existência de um “sistema”. A diferença básica entre essas duas perspectivas é que a primeira privilegia primariamente a análise da função das formas lingüísticas, e a segunda, a análise das formas lingüísticas.

Um segundo aspecto relevante em uma abordagem funcionalista é exatamente a defesa da integração entre os componentes sintático, semântico e pragmático na organização da língua, o que leva à rejeição da sintaxe autônoma. Os funcionalistas relacionam os fatores pragmáticos, emergentes em qualquer discurso efetivamente produzido, aos fatores sintáticos e semânticos observáveis. Givón (1984) ressalta a necessidade de se buscar uma descrição explícita e sistemática desses três componentes como um todo unificado. Givón (1979) afirma também que

são os próprios falantes que, ao fazerem uso da língua, estabelecem a forma que ela terá no futuro, ou seja, no processo de evolução das línguas humanas, padrões discursivos geram padrões gramaticais. Dizendo de outra forma, para os funcionalistas, a gramática não é um organismo auto-suficiente. Gramática e discurso não são conceitos separados, mas estão mutuamente relacionados, em interferência recíproca.

Du Bois (2003, p.49), em seu texto “Discourse and Grammar”, além de demonstrar a inter-relação discurso e gramática, ou seja, que não há gramática sem discurso e não há discurso sem gramática, afirma que “a gramática codifica melhor o que os falantes fazem mais” e deixa claro que é possível encontrar padrões lingüísticos recorrentes de gramática, de um lado, e de discurso, do outro, que não pertençam exclusivamente a uma ou outra dimensão. O autor propõe, ainda nesse estudo, a integração dessas duas dimensões da língua em um único ponto de investigação:

Discourse and grammar research undertakes to analyze grammatical elements and structures in their ecological relationship to each other and to overall functional patterns of use in the total context. (DU BOIS, 2003, p.54)

Em síntese, para os funcionalistas, a forma assumida por uma palavra ou expressão num texto é um reflexo de sua função num contexto particular, sendo que por contexto deve-se entender não somente algo físico, exterior à linguagem, mas deve-se também levar em conta, entre outros aspectos relevantes, os participantes, seus objetivos, seus conhecimentos prévios, a relação entre eles, o estilo, a situação comunicativa e os *frames* culturais.

Pretende-se, neste trabalho, estudar as Ressonâncias léxico-estruturais em seus contextos de ocorrência, observando suas formas e funções, dentro da perspectiva teórica funcionalista, em sua vertente norte-americana, cujos princípios

foram esboçados acima (GIVÓN, 1995, 2001; DU BOIS, 1980, 2003; HOPPER & THOMPSON, 1980, 2001, dentre outros). A adoção desse modelo teórico justifica-se e parece-me adequada, pois, para a análise empreendida, parto de uma concepção de linguagem como interação e de uma concepção de gramática que considera o efeito de fatores semântico-pragmáticos nas formas lingüísticas.

2.2 Breve revisão da literatura sobre repetições, em suas variadas formas e funções

Como o fenômeno da **Ressonância** relaciona-se ao da **Repetição**, torna-se importante apresentar, nesta seção, alguns trabalhos que julgo relevantes para o estudo de aspectos formais e funcionais das repetições.

O fenômeno da repetição é bastante complexo, e, em sua extensa bibliografia, aspectos específicos e pressupostos teóricos distintos são escolhidos para análise, visto que um único trabalho não consegue apresentar uma descrição satisfatória do assunto, em sua totalidade. Assim, cada um dos trabalhos comentados a seguir traz reflexões que, conjuntamente, ajudam a construir uma compreensão mais global do fenômeno.

2.2.1 RAMOS: o fator compreensão

Inicialmente, faz-se necessário mencionar o trabalho de Ramos (1983), que oferece uma taxonomia das repetições no estilo falado.

Após apresentar as análises de estudos de repetição enfocando dados do inglês (PERSSON, 1984), dados do sueco (KOTSINAS, 1980) e dados do português (PERINI, 1980), Ramos (1983) elege o traço básico em que se baseia para

apresentar uma taxonomia de repetições no estilo falado: **a função comunicativa**. A autora apresenta uma classificação funcional com o objetivo de descrever as repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de compreender os enunciados. Ramos analisa as funções comunicativas das repetições em um *corpus* formado de 130 (cento e trinta) minutos de gravações de entrevistas, realizadas em situação informal. Assumindo, portanto, a perspectiva do receptor da fala, a autora distribui as repetições em duas grandes classes: as repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar as seqüências que ouve, e, por outro lado, as repetições que não contribuem para esse fim. Seis tipos encaixam-se no primeiro grupo: *reconstituidora I, reconstituidora II, distribuidora, reforço, síntese, atualizadora de cena*, e dois tipos, no segundo grupo: *hesitação, intensificação*.

Além dessa classificação, a autora distingue também duas subclasses conforme o nível em que a repetição atua: sentença ou “unidade de assunto”. Na primeira subclasse, incluem-se “as repetições que contribuem para tornar contíguos os constituintes das orações” e, na segunda subclasse, “incluem-se as repetições que enfatizam elementos de conteúdo, e/ou delimitam as unidades de assunto”.⁴ Para um melhor entendimento do que a autora denomina “unidade de assunto”, é traçado um paralelo entre o parágrafo em textos escritos e unidade de assunto em textos orais.

Tipos que pertencem à classe I e atuam no nível sentencial:

1 – Reconstituidora I

Função: devolver à sentença sua estrutura sintática regular.

(2.1) [RAMOS, p. 67, ex.(72)]⁵
ela por exemplo ela arrumou um namorado.⁶

⁴ RAMOS, 1983, p.62.

⁵ Os exemplos transcritos dos autores estudados aparecem renumerados.

⁶ Os grifos nos exemplos (2.1) a (2.21) são das respectivas autoras.

2 – Reconstituidora II

Função: “preencher a posição original de elementos topicalizados”. (1983, p.67).

- (2.2) [RAMOS, p.67, ex. (95)]
bagunça não tem jeito d'ocê fazer bagunça
 lá no colégio

3 – Distribuidora

Função: marcar o item tópico da nova sentença e assegurar a coesão discursiva.

- (2.3) [RAMOS, p.68, ex.(83)]
 homem assim tem muito mais chance//
 depende da aparência/
aparência acho que leva muito em conta

4 – Reforço

Função: “ênfatar elementos da sentença” (1983, p.68).

- (2.4) [RAMOS, p.68, ex.(54)]
deve ser por causa da colonização européia lá//
 deve ser

Tipos que pertencem à Classe I e atuam no nível discursivo:

5 – Síntese

Função: delimitar unidades de assunto.

- (2.5) [RAMOS, p.68, ex.(126)]
 I: olha/ morreria de medo de ser assaltada na rua//
 demais da conta
(poucos minutos depois)
 então eu morro de medo disso// sabe?

6 – Atualizadora de cena

Função: “recolocar “em cena” informações que auxiliarão o ouvinte (e o falante) a recompor o fio central da narrativa” (1983, p.69).

- (2.6) [RAMOS, p.69, ex.(129)]
 I: assim a família da mamãe/ sabe?
 a gente vai pra lá //
 encontra todo mundo lá//
páscoa/ normal / sei lá//
 páscoa a gente não tem muito diferença não/
 (.....)
páscoa/ sei lá/ sabe?
 não tem uma comemoração assim pra páscoa não

Tipos que pertencem à classe II

7 – Hesitação

Função: “fornecer um tempo extra enquanto o falante decide como continuar”

(1983, p.69).

- (2.7) [RAMOS, p.70, ex.(86)]
 e ela fica mais com... com a minha mãe/ meu pai

8 – Intensificação

Função: “intensificar aspectos semânticos do item repetido”.(1983:70)

- (2.8) [RAMOS, p.70, ex.(84)]
 uma menina linda linda linda

Ramos (1983, p.7) constata que a presença de repetição “não está relacionada a nenhuma língua especificamente, mas a um processo de interação lingüística propriamente dito”, e, através de seu estudo, somado ao de outros autores citados por ela, é possível visualizar algumas das múltiplas funções que as repetições podem desempenhar no discurso e perceber como diversas dessas repetições possuem a função básica de facilitar a compreensão do ouvinte.

2.2.2 TANNEN: *envolvimento interpessoal*

Tannen (1989) relaciona o discurso conversacional com o discurso literário, afirmando que os dois têm muito em comum, por sua dependência do envolvimento

interpessoal para a sua efetividade. Segundo ela, emoção e cognição podem ser tomados como inseparáveis, na medida em que a compreensão é facilitada pela experiência emocional da interação. A autora salienta também a **difusibilidade**⁷ do fenômeno da repetição, ou seja, o fato de as repetições espalharem-se indiscriminadamente por todos os níveis do discurso. Partindo dessas observações, Tannen explora a repetição prosódica, fonológica, lexical e sintática e suas funções na **produção, compreensão, coesão e interação** – para ela, esses quatro fatores conjuntamente criam a **coerência** do discurso. Em síntese, a repetição é um recurso que a) auxilia o falante na produção dos enunciados, na medida em que pode prosseguir verbalizando sem planejar o que será dito ou pode repetir estruturas e palavras, acrescentando-lhes apenas novas porções, b) torna o discurso menos denso, podendo, assim, ser compreendido com mais facilidade, c) liga elementos e partes do texto, criando relações entre idéias novas e as já apresentadas, d) aproxima os interlocutores, na medida em que possibilita a percepção de que todos eles compartilham as mesmas convenções e que, conseqüentemente, são membros da mesma comunidade.

Tannen ilustra a característica “disseminadora” da repetição, fornecendo tipos e funções da repetição em variados trechos de uma conversação espontânea.

Em relação à forma, distinguem-se as repetições em auto e hetero-repetições, repetições contíguas ou distantes (no tempo em que foram pronunciadas) e repetições precisas ou parciais. Por repetição precisa, que, na opinião da autora seria um fenômeno raro, entende-se o mesmo conteúdo expresso pelas mesmas palavras com padrão entoacional similar. Por repetição com variação, entende-se conteúdo similar expresso com palavras e padrões entoacionais levemente

⁷ Tannen (1987, p. 574) utiliza o termo “pervasiveness”, e Bessa Neto (1991, p.11) o traduz como “difusibilidade”.

diferentes. Tannen não considera repetição quando o mesmo conteúdo é expresso por palavras totalmente diferentes, que corresponderiam à paráfrase. É importante ressaltar, no entanto, que a autora inclui em seu estudo casos os quais denominou 'ritmo padronizado', em que palavras totalmente diferentes são enunciadas no mesmo paradigma rítmico, como será exemplificado em (2.15) abaixo.

Ao ilustrar as funções exercidas pelas formas acima, a autora estabelece as seguintes classificações:

1 – PARTICIPAÇÃO

Trata-se de um tipo comum de repetição, com pouca ou nenhuma variação, utilizada para mostrar interesse na conversação, aceitação do enunciado do outro ou participação.

- (2.9) [TANNEN, p.59, ex.(8)]
 (...)

Deborah : He talks about that too.

Chad : He talks about it too.

2 – RATIFICAÇÃO

O falante, através da repetição, ratifica a contribuição do interlocutor e a incorpora em seu discurso.

- (2.10) [TANNEN, p. 62, ex. (9)]

Chad: they all want to touch this... silly little mouse

Steve: At five o'clock in the morning on the train station.

Chad: Yeah.

David: In new Mexico.

Chad: In new Mexico.

3 – HUMOR

O falante utiliza-se do enunciado do interlocutor para produzir humor.

- (2.11) [TANNEN, p.63, ex (12)]

Peter: Just to see if we say anything interesting?

Deborah: No. Just to see how you say nothing interesting.

Peter: Oh. Well I- I hardly ever say nothing interesting.

4 – APRECIACÃO

O falante, através da repetição, expressa sua apreciação de uma ironia ou gozação feita anteriormente.

- (2.12) [TANNEN, p. 64, ex (14)]
 (...)

Deborah: Cause we are sensitive. [laughting]

Sally: Cause we are ladies.

[laughter]

Steve: Ladies ...ladies. [laughing]

5 – SUBTERFÚGIO

Trata-se de um recurso argumentativo, um subterfúgio de abertura em uma resposta que permite ao falante respondente preencher o lugar de resposta sem dar uma resposta substantiva.

- (2.13) [TANNEN, p.65, ex. (15)]

Peter: But how do you learn a new sign?

David: ...How do I learn a new sign?

6 – EXPANSÃO

Trata-se de uma repetição que serve para expandir uma fala anterior, acrescentando um complemento, uma circunstância.

- (2.14) [TANNEN, p.65, ex. (16)]

Deborah: Do you read?

Peter: Do I read?

Deborah: Do you read things just for fun?

Peter: Yeah.

Right now I'm reading

Norma Jean the Termite Queen.

7 – RITMO PADRONIZADO

Trata-se de um tipo de repetição de formação de lista, que não envolve repetição de palavras, mas sim de um padrão rítmico.

- (2.15) [TANNEN, p.68, ex. (20)]

Chad: you have the gamut of everything.

You get/ scary parts, good parts, this things, and everything else.

8 – DELIMITAÇÃO DE EPISÓDIOS

Trata-se de repetições mais ritualizadas que marcam inícios ou finais de tópicos discursivos.

- (2.16) [TANNEN, p.70, ex. (22)]
 DEBORAH: Then you get bored.
 PETER : We:ll, I think I got bored.
 [Deborah laughs]
 Well I- I mean basically what I feel is
 What I really LIKE, . . . is people.
 And getting to know them really well.
 And you just CAN'T get to know
 . . . TEN people REALLY WELL.
 You can't do it.
 DEBORAH: Yeah right.
 You have to- there's no-
 Yeah there's no time.
 PETER: There's not time.
 DEBORAH: Yeah. . . it's true.

Marcuschi (1992, p.108) observa que “Tannen não estabelece correlações sistemáticas entre formas e funções” e também não utiliza as quatro categorias previamente definidas para elaborar um elenco de funções. Porém, é importante ressaltar que a referida autora não apresenta como proposta de trabalho o desenvolvimento de tais aspectos. O trabalho de Tannen consiste em exemplificar as diversas formas e funções que as repetições podem apresentar, com o objetivo de comprovar a difusibilidade da repetição como também para demonstrar como a repetição presta-se à necessidade interativa de envolvimento interpessoal, cria afinidade, produz a impressão de universo compartilhado, cria coerência.

Por suas úteis e ricas contribuições, Tannen deixa muitas indicações passíveis de futuras investigações. Dessa forma, algumas de suas observações serão bastante utilizadas neste trabalho, visto que o aspecto interacional é privilegiado no estabelecimento de funções das repetições e na sua análise em geral. O recorte sobre o assunto das repetições realizado em meu trabalho leva a

incluir tipos funcionais iguais a alguns expostos por Tannen assim como comentários a muitas de suas observações, conforme será visto em momento oportuno.

2.2.3 NORRICK: o fator interação e os pares adjacentes

Norrick (1987) afirma que a repetição é endêmica na conversação e observa que pesquisas mais recentes têm reconhecido motivações cognitivas e interacionais para o fenômeno de repetição na tarefa de produção e na tentativa de deixar o discurso mais coerente e acessível.

Norrick procura mostrar que certas auto-repetições padronizam-se a partir dos casos de hetero-repetições, e, para tanto, apresenta uma classificação funcional tanto de auto como de hetero-repetições, tentando incluir todos os tipos identificados na literatura até aquele momento. Sua tipologia baseia-se principalmente em aspectos entoacionais e nas relações falante-ouvinte dentro do sistema de pares adjacentes.

A relação de funções de auto-repetições elaborada Norrick não será reproduzida aqui, uma vez que esse tipo de repetição não é alvo de investigação do presente trabalho. Reproduzo abaixo o quadro de classificação somente das hetero-repetições apresentado por Norrick (1987, p.255) e, ao lado, explico, resumidamente, cada tipo⁸.

⁸ Toda a parte esquerda do quadro de Norrick é citação traduzida, por isso mantive a numeração dada por ele. Já os comentários feitos na parte direita são explicações que não estão presentes no original de Norrick. Cada comentário corresponde ao item da mesma linha.

QUADRO 1

Funções da hetero-repetição segundo NORRICK

I – Com pares adjacentes:	
<p><i>A – Conjuntos Fechados</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Aberturas 2. Fechamentos 	<p>São formas de abertura e fechamento de conversação.</p>
<p><i>B – Perguntas / respostas</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. questionando afirmação precedente 2. respondendo pergunta antecedente 	<p>São casos de respostas a perguntas ou de transformação de uma afirmação em questão.</p>
<p><i>C – Declaração de Confirmação</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Reconhecimento 2. Concordância 3. Ênfase 3(a). Sombreamento 4. Aceitação 	<p>São casos em que o ouvinte repete as palavras do parceiro para confirmá-las.</p> <p>O falante avisa que está acompanhando a fala do outro.</p> <p>O falante concorda com o que o outro disse.</p> <p>O falante expande e intensifica a fala do outro.</p> <p>Tipo definido por Tannen (1985) em que o segundo falante ecoa a fala do primeiro imediatamente após, provocando o que se denomina sobreposição parcial ou total.</p> <p>O falante aceita a sugestão do parceiro, incorporando-a em sua fala.</p>
<p><i>D – Declaração de discordância</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Surpresa 2. Contraste 3. Contestação <ol style="list-style-type: none"> a) Contradição b) Correção 4. Gozação 	<p>São casos em que o ouvinte repete as palavras do parceiro para contestá-las.</p> <p>O falante repete a afirmação proferida pelo outro com uma entonação interrogativa, demonstrando surpresa ou descrença.</p> <p>O falante contrasta elementos ou com a substituição de um item lexical ou com alteração na entonação.</p> <p>O falante nega a afirmação do outro.</p> <p>O falante corrige a afirmação do outro.</p> <p>O falante faz uma gozação, uma imitação, com intenção cômica ou irônica.</p>
II – Fora dos Pares Adjacentes	
<p><i>A – Declaração sem mostras de concordância / discordância</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. replay / pensando alto 2. retransmissão para o grupo 	<p>São casos em que se retomam as palavras do parceiro com objetivos de fazer planejamento de fala, segurar turno, marcar envolvimento.</p>
<p><i>B – Empréstimos em turno</i></p>	<p>São casos em que o falante repete algo enunciado anteriormente como forma de retomar tópicos e realizar coerência.</p>

As funções de hetero-repetições detectadas por Norrick serão aproveitadas e reorganizadas no capítulo 4 do presente trabalho. No caso das Ressonâncias, não adotarei o critério de classificação baseado em pares adjacentes, pois há casos de enunciados ressoantes, como, por exemplo, com função de concordância, intensificação e humor, que não se apresentam em pares adjacentes com suas Matrizes, conforme será devidamente especificado mais adiante.

2.2.4 BESSA NETO: o fator conexão

Em sua dissertação, Bessa Neto (1991) faz uma análise comparativa de **repetições lexicais** em textos narrativos, orais e escritos. Para possibilitar os estudos sobre repetição, a referida autora constrói um *Quadro Básico de Traços*, com quesitos de forma e função, sendo que, no quesito função, são utilizadas as quatro categorias apresentadas por Tannen: produção, compreensão, coesão e interação. Reproduzo o quadro abaixo, pois inclui os traços formais possíveis de uma repetição, servindo, assim, como ponto de referência a outros estudos do fenômeno.

QUADRO 2
Quadro básico de traços proposto por BESSA NETO

Quesito	Fator	Marca
Forma	Modalidade	auto-repetição hetero-repetição
	Segmento	fonológico morfológico lexical sintagmático oracional temático
	Configuração	literal com variação estrutural parafrástica
	Colocação	contígua próxima distanciada
	Melodia	
Função	Conexão Produção Compreensão Interação	

Fonte: BESSA NETO, 1991, p.13.

Bessa Neto correlaciona formas e funções sistematicamente e mostra como as quatro categorias funcionais permitem analisar outras funções mais detalhadas da repetição. Dessa forma, a autora, após a explicação de cada traço formal, caracteriza as repetições lexicais de acordo com o cruzamento de suas características formais e, em seguida, descreve as diferentes funções desempenhadas por cada tipo: *intensificação*, *hesitação*, *reparo*, *reforço*, *elaboração*, *temporalização*, *desdobramento*, *catalização*, *indiciação*, *tematização*. Através da comparação entre ocorrências de repetição lexical no texto narrativo oral e escrito, a autora detecta a) que esse fenômeno é mais freqüente na oralidade do que na escrita, b) que os motivos que levam à repetição num texto oral ou escrito são diferentes, c) que essa diferença pode ser vista no encadeamento de orações em cada modalidade.

As funções detectadas no *corpus* em análise distribuem-se em três fatores fundamentais: o da compreensão, o da produção e o da conexão, como se verifica abaixo:

FATOR COMPREENSÃO:

- 1 – Função intensificação
- 2 – Reforço

FATOR PRODUÇÃO:

- 3 – Hesitação
- 4 – Reparo
- 5 – Elaboração

FATOR CONEXÃO:

- 6 –Temporalização
- 7 – Desdobramento
- 8 – Catalização
- 9 – Indiciação
- 10 –Tematização

Como a autora analisou textos narrativos, em que não aparecem trocas de turno, não se dedicou à hetero-repetição e nem ao fator *interação* do quesito *função*, apresentado em seu quadro de traços. Diante disso, farei uma exposição sumária de algumas das funções descritas em seu trabalho agrupadas no fator *conexão*, que merecem atenção especial.

6 –TEMPORALIZAÇÃO:

Função constituída em sua grande maioria “de verbos que têm alteradas as suas desinências em função das informações sobre o modo e tempo que lhes cabe expressar” (ibidem, p. 117).

- (2.17) [BESSA NETO, p118, ex. (93)]
 L 24 – e o jacaré fundô
 25 – mas ele não tinha por onde fundá

7– DESDOBRAMENTO:

Tipo de repetição com função “de amparar a continuidade das informações no discurso, assinalando formalmente a vinculação entre elas” (ibidem, p.120).

Corresponde à repetição *distribuidora* de Ramos (1983).

- (2.18) [BESSA NETO, p120, ex. (96)]
 L 03 – nós éramos um casal + eu e o menino ++
 04 – o menino ficô +
 05 – ajudô né? +
 06 – mas eu não ++

8– CATALIZAÇÃO:

Tipo de repetição que congrega orações próximas no discurso.

- (2.19) [BESSA NETO, p126, ex. (105)]
 32 – eu descí correndo as escadas +
 33 – e ele meteu a mão no bolso +
 34 – e ele me tirou um livrinho +
 35 – e me deu ++
 36 – toma esse livrinho +
 37 – pra você aprendê a rezá +
 44 – e li no livrinho assim “Catecismo da Doutrina Cristã”
 45 – era um livrinho = uma brochura + uma capa de papel + de embrulho +
 verde-claro + com letras douradas - Catecismo da Doutrina Cristã +

9 – INDICIAÇÃO:

Função constituída de “itens lexicais repetidos de formas distanciadas e esporádicas no texto das narrativas orais” (BESSA NETO, 1991, p.132).

- (2.20) [BESSA NETO, p134, ex. (112)]
 17 – e vi aquele pé

 39 – aí eu fui cega + mia filha + no no no pé ++

 59 – ah + mia filha + eu joguei a lata longe e ó (gesto) no pé ++

10 –TEMATIZAÇÃO:

Função desempenhada por “itens lexicais que se repetem em todos ou quase todos os segmentos temáticos da narrativa” (ibidem, p.139).

- (2.21) [BESSA NETO, p144, ex. (119)]
 08 – e o piano de lá estava + empenado na parte da frente

 21 – aí a Mimi – eu experimentei +
 22 – o piano estava péssimo +

 24 – que- ela ia chamá o carpinteiro
 25 – prá arrumá + a madeira do piano ++

 33 – Mimi + vamos trocar + esse essa – o piano de lugar? + [...]

Na discussão relativa às funções das repetições e de suas relações com os fatores funcionais apresentados no quadro, Bessa Neto (1991, p.175) conclui, para os casos das repetições lexicais, que, dentre os quatro fatores, o fator **conexão** é o mais importante e significativo dentro da narrativa, visto que atua entre orações, interligando-as com referentes comuns e entre segmentos temáticos da narrativa, contribuindo para a organização estrutural do texto. Na medida em que liga elementos constituintes do discurso, a repetição, com função coesiva, atua também como facilitadora da **produção**, **compreensão** e da **interação**. Em suas observações, a autora, procurando explicar por que a repetição lexical é tão insistente nos textos narrativos orais, afirma que, nesse tipo de texto, há uma preferência por concatenar orações num processo de encadeamento contínuo. As orações são encadeadas preferencialmente através da justaposição ou então com o auxílio dos conectivos *aí*, *e*, *então*. Há quase uma ausência total de orações subordinadas, fato que deixa o texto com poucas construções complexas. Além desse fator, outra característica marcante do texto narrativo oral é que cada oração, contendo um SN constituído por Det + N, corresponde a apenas uma proposição básica. Isso significa que formulações de proposições encobertas são despreferidas; dessa forma, para explicitar atributos a um SN, nova oração deve ser enunciada pelo falante. Bessa Neto denomina a simplicidade que caracteriza as orações do texto narrativo oral de **Rarefação**, pois as orações acabam apresentando carga

informativa pouco densa. A autora conclui, então, que há uma estreita relação entre rarefação e repetição lexical. O fato de o falante evitar proposições implícitas faz com que ele formule várias orações sobre um mesmo referente e repita, dessa forma, em cada uma delas, a expressão que nomeia esse referente. Bessa Neto acrescenta ainda que, ao repetir os itens lexicais, o falante, ao mesmo tempo em que concatena orações, exhibe novamente o tema de que elas tratam, daí a preferência pela lexicalização em vez de uma pronominalização, ou ainda, de uma elipse.

Acredito que todas essas considerações são fundamentais para quem se propõe a trabalhar com repetição, mesmo que o interesse esteja em outro tipo textual e também em outro fator funcional, e não somente no da conexão propriamente. No caso das Ressonâncias, em que uma sentença é construída com base em elementos de outra previamente enunciada por outro interlocutor, que critérios devem ser levados em conta no momento de se definir a sua função no discurso? E por que os falantes preferem repetir uma sentença ou parte dela quando poderiam produzir, em muitos casos, somente um “certo”, “claro”. Por exemplo, quando alguém pergunta “Quer ir ao cinema?”, o interlocutor pode responder: “não”, “ahã, ahã”, “claro”, ou então, “quero, quero sim pegar um cineminha”, “não quero não” ou simplesmente um “quero”. Há fatores que interferem no uso da Ressonância? Quais seriam eles? Perguntas como essas motivaram o presente trabalho e, em momento oportuno, voltarei a essas questões.

2.2.5 TRAVAGLIA: as causas da repetição

Travaglia (1989) estabelece as razões da ocorrência de repetições na conversação e na língua oral de um modo geral. Utiliza-se de um *corpus* constituído

por inquiridos do projeto NURC. Seu trabalho tem por base o estudo de Tannen (1985) e o de Ramos (1983). Primeiramente, o autor propõe uma classificação de repetições, com a adoção de cinco critérios, considerando-se:

- a) a modalidade da língua: repetições de língua oral e repetições não exclusivamente de língua oral;
- b) a relação entre os dois interlocutores: repetições interacionais e não-interacionais;
- c) o produtor do segmento que se repete: auto-repetições ou hetero-repetições⁹;
- d) as características formais dos segmentos que se repetem: repetições integrais ou com modificações e repetições contíguas, não contíguas e com sobreposição;
- e) a função da repetição: textual, psicológica, semântica, argumentativa, comunicativa, informacional e cognitiva.

Em seguida, Travaglia enfoca as funções das repetições, citadas acima, desmembrando-as em quarenta e nove causas, entendendo causa como motivação, papel. O estudo de cada uma delas, com exemplos de hereto-repetições e auto-repetições, em blocos separados, tornam seu trabalho uma excelente contribuição, visto que atinge o objetivo proposto: o de fornecer uma visão geral das funções das repetições, sem aprofundamento em nenhum tipo específico dentre as várias análises para, com o cruzamento de resultados de diferentes estudos, poder chegar-se a conclusões mais definitivas em relação ao fenômeno.

Como não é possível descrever aqui todas as funções elencadas por Travaglia, acredito que seja importante citar, mesmo que sumariamente, algumas

⁹ O autor grafou hétero-repetição.

funções exercidas pelas hetero-repetições que serão retomadas no capítulo 4 deste trabalho, juntamente com outras contribuições.

O falante repete o que o interlocutor diz para:

- concordar com o interlocutor, confirmar o que ele diz;
- discordar ou ampliar o alcance do que o outro disse;
- aceitar uma sugestão do interlocutor e incorporá-la no discurso;
- complementar a idéia do outro;
- corrigir a fala do outro;
- ratificar algo de que o outro está duvidando;
- confirmar se ouvira direito;
- pedir esclarecimento, ganhar tempo ou preparar resposta;
- confirmar se o outro ouviu certo;
- participar da conversação;
- mostrar que entendeu o que o outro disse;
- responder a uma pergunta, usando os elementos dela;
- questionar uma afirmação do interlocutor;
- produzir humor;
- enfraquecer o argumento do interlocutor.

O estudo de Travaglia se aproxima mais do presente trabalho do que os de Ramos e Bessa Neto, citados anteriormente, porque Travaglia analisa textos conversacionais e adota uma perspectiva interacional, trazendo excelentes análises sobre as relações entre falantes, que é o aspecto que pretendo focar.

Nos capítulos posteriores, retomarei diversas sugestões apresentadas pelos autores, principalmente no momento de se estabelecer as funções específicas das Ressonâncias.

2.2.6 MARCUSCHI: correlação forma e função

Marcuschi (1992, p.1), em sua introdução, delimita seu objetivo: mostrar que a repetição “se realiza de maneira ordenada e sistemática com formas e posições muito variadas, exercendo funções tanto textuais como discursivas”. O trabalho é desenvolvido numa tentativa de se construir uma matriz com todos os tipos formais de repetição e buscar descrever quais desses tipos são mais recorrentes, quais são as funções mais comuns e, por fim, estabelecer correlações sistemáticas entre formas e funções da repetição.

Marcuschi entende a repetição (R) como “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”¹⁰ e verifica a ocorrência de repetições em textos do projeto NURC, que, como ele mesmo afirma, “não são espontâneos, embora estejam próximos disso”¹¹. Para sua análise, baseia-se em uma concepção funcionalista de linguagem, já que as formas não são vistas isoladamente.

Inicialmente, Marcuschi analisa as tipologias apresentadas por Ramos (1983), Norrick (1987), Tannen (1989) e Bessa Neto (1991) para, em seguida, fornecer uma tipologia formal e funcional da repetição, distinguindo com clareza os aspectos funcionais dos formais.

Os fatores relevantes selecionados para a definição tipológica são: dimensão, aspecto, marca, como se pode observar no quadro reproduzido abaixo, que possibilita definir todos os tipos formais de repetição. Marcuschi lembra que Bessa Neto (1991) sugeriu também um quadro para identificação de tipos de repetição (visto na seção 2.2.4 deste trabalho), mas ressalta as diferenças entre as duas

¹⁰ ibidem, p.6.

¹¹ ibidem, p.2.

propostas, que residem no tipo de texto trabalhado e numa visão diferente de organização tópica.

Vejamos, então, a relação geral dos fatores tipológicos sugerida pelo autor.

QUADRO 3
Quadro de fatores tipológicos sugerido por MARCUSCHI

Dimensão	Aspecto	Marca
FORMA	Produção	auto-repetição heterorrepetição ¹²
	Segmento	fonema morfema lexema sintagma oração
	Distribuição	contigüidade proximidade distância
	Configuração	literalidade variação
FUNÇÃO	Texto	coesão formulação
	Discurso	compreensão tópico argumentatividade interação

Fonte: MARCUSCHI, 1992, p. 49.

Analisando primeiramente a dimensão da FORMA, foi possível estabelecer, com o cruzamento de traços, 120 (cento e vinte) tipos formais de repetição “teoricamente possíveis”; no entanto, destes 120 (cento e vinte), somente 44 (quarenta e quatro) tipos tiveram a ocorrência comprovada no *corpus* do trabalho. A presença de repetições é tão marcante, totalizando 1.254 (um mil, duzentos e cinquenta e quatro) ocorrências, que possibilita ao autor comprovar a afirmação de

¹² MARCUSCHI grafa heterorrepetição.

Chafe (1985) de que, na fala, de fato a informação é menos densa que na escrita. O autor, ao contar 1254 repetições, afirma que esse resultado “dá uma média de uma repetição a cada 5 segundos de fala”¹³, o que “equivale a mais ou menos uma R a cada 5 palavras”¹⁴. Considerando que as orações, na fala, têm uma extensão de quatro a sete palavras em média, Marcuschi conclui que ocorre uma repetição em cada oração proferida.

Faz-se necessário mencionar quatro critérios definidos pelo autor no estudo de classificação e contagem de ocorrências no *corpus*:

- (1) como ficou estabelecido no quadro, a repetição pode ocorrer: inter-turno e intra-turno. Turno é caracterizado como a vez da fala de cada interlocutor. Marcuschi não considerou os marcadores de ouvinte, como, por exemplo, “nhm”, “ahã” como um turno, e isso certamente é um aspecto importante a se considerar ao se classificar uma repetição;
- (2) não foram consideradas como repetição as hesitações e os marcadores conversacionais;
- (3) no caso das repetições lexicais, pequenas variações morfológicas, como singular/ plural, masculino/feminino não foram levadas em conta;
- (4) contaram como repetições sintagmáticas os SN sujeito ou objeto, os Sprep, os Sadv e os SV que contêm parte da oração: V+SN ou V+Sprep. A ocorrência de um verbo sozinho na condição de SV é contado como uma repetição lexical.

Os resultados da contagem do número de ocorrências de repetições mostram que

¹³ Ibidem, p.67.

¹⁴ Ibidem, p.67.

- a) os três segmentos estão bem distribuídos: R-lexicais = 35% (trinta e cinco por cento), R-sintagmáticas = 34% (trinta e quatro por cento), R-oracionais = 31% (trinta e um por cento).
- b) Há mais auto-repetições, 81,5% (oitenta e um vírgula cinco por cento) do que hetero-repetições, 18,5% (dezoito vírgula cinco por cento).
- c) A contigüidade é mais comum nas orações do que nos itens lexicais, e isso é interessante, pois, como afirma Marcuschi, “temos aí um argumento muito forte a favor das funções discursivas e textuais como condicionadores (sic) de colocação dos elementos no texto”¹⁵.
- d) Quanto menor o segmento, maior o grau de literalidade e quanto maior o segmento, maior também o grau de variação.

Passemos agora à observação do quadro de funções específicas elaborado pelo autor.

¹⁵ MARCUSCHI, 1992, p.70.

QUADRO 4
Quadro de funções específicas elaborado por MARCUSCHI

aspecto	marca	funções específicas
	coesão	seqüenciação
		referenciação
Texto	formulação	reconstrução de estruturas
		correção
		expansão
		parentização
		enquadramento
Discurso	compreensão	intensificação
		reforço
		esclarecimento
	tópico	amarração intermitente
		reintrodução de tópico
		delimitação de episódios
		atualização de cena
	argumentatividade	reafirmação
		contraste
		contestação
interação	monitoração da tomada de turno	
	ratificação do papel de ouvinte	
	criação de humor / ironia	
	incorporação	
	responsividade	

Fonte: MARCUSCHI, 1992, p.159.

Primeiramente, o autor estabelece distinção entre funções **textuais** e **discursivas**, esclarecendo que as funções textuais são as situadas na ordem da linearidade do texto, e as funções discursivas estão vinculadas à facilitação da compreensão, à condução do tópico discursivo, às intenções argumentativas e à

interação. As funções textuais têm na coesão e na formulação suas duas grandes marcas, que se subdividem em funções específicas. Essas funções manifestam-se especialmente como repetições lexicais e repetições sintagmáticas, na forma de auto-repetição. O autor lembra que as funções textuais, na terminologia de Tannen, seriam enquadradas no fator **produção** e se encontram voltadas para as atividades em que o falante se acha envolvido, como referenciação, reconstrução de estruturas, correção de termos, parentetização. As funções discursivas, que se relacionam à recepção, a atividades de engajamento entre falante e ouvinte são as que de fato mais se aproximam aos objetivos desta dissertação e, dessa forma, serão caracterizadas abaixo.

Das funções relacionadas à facilitação da tarefa do ouvinte na **compreensão**, encontram-se as auto-repetições de:

1 – *Intensificação*, que opera como uma espécie de adjetivação reduplicada. Trata-se de uma repetição contígua ou próxima.

2 – *Reforço*, que opera como marcador de saliência de uma idéia. Trata-se de uma repetição mais freqüente na forma oracional.

3 – *Esclarecimento*, que serve como um comentário, ou seja, reatualiza uma idéia, esclarecendo-a. Realizada, geralmente, por Rs oracionais, contíguas ou próximas.

Das funções relacionadas à organização do **tópico** discursivo, encontram-se as de:

4 – *Amarração Intermitente*, que é uma função semelhante às funções de *catalisação* e *tematização* descritas por Bessa Neto, e permitem a manutenção de um “gancho” dentro de um mesmo tópico. São Rs próximas ou distanciadas;

5 – *Reintrodução de tópico*, que é a retomada de um tópico discursivo já encerrado. São Rs geralmente distanciadas;

6 – *Delimitação de episódios*, que serve para enquadrar início e final de porções tópicas no discurso. São Rs próximas e geralmente oracionais;

7 – *Atualização de cena*, que serve para criar uma continuidade de interação, com alusão a aspectos já tratados na conversação. Realizadas geralmente por repetições distantes;

Das funções relacionadas à **argumentação**, encontram-se as de:

8 – *Reafirmação*, que serve para validar uma assertiva. Trata-se de Rs geralmente oracionais;

9 – *Contraste*, que serve para estabelecer uma oposição entre duas assertivas calcadas na mesma estrutura. É sempre exercida por Rs com variação e preferencialmente por auto-repetições;

10 – *Contestação*, que atua como declaração de discordância. Realizada quase sempre como hetero-repetição, com variação;

Por fim, das funções relacionadas à **interação**, encontram-se as de:

11 – *Monitoração de tomada de turno*, que serve para solicitar o turno, mediante reiteração constante;

12 – *Ratificação de papel de ouvinte*, que serve para demonstrar atenção e confirmar a posição de ouvinte. Realizada mais comumente por repetições sintagmáticas em posição contígua;

13 – *Incorporação*, que serve para aprovar e incorporar na fala uma Matriz proposta como sugestão pelo interlocutor. Realizada preferencialmente por itens lexicais em colocação contígua;

14 – *Criação de humor/ironia*, utilizada para provocar risos. Marcuschi observa que o *corpus* analisado não registra muitos casos dessa função, que é mais comum em conversações espontâneas;

15 – *Responsividade*, realizada geralmente por hetero-repetições contíguas, com retomadas parciais de pergunta na resposta. Novamente, o autor observa que, nos diálogos espontâneos, esta forma é freqüente, mas que, no caso de diálogos como no *corpus* analisado, não tem presença significativa.

Para finalizar esta exposição, acrescento ainda alguns resultados relativos à análise de distribuição das funções no *corpus*. Dentre as funções de natureza textual, foram detectados 572 casos, o que equivale a 45,5% (quarenta e cinco vírgula cinco por cento) do total, e dentre as funções discursivas, apareceram 682 casos, ou seja, 54,5% (cinquenta e quatro vírgula cinco por cento) do total de ocorrências. Como se vê, as funções discursivas predominam, mas representadas por todas as marcas: *Compreensão* – 12,5%, *Tópico* – 16%, *Argumentação* – 12% e *Interação* – 14%. Dentre as marcas específicas de funções textuais, a *Coesão* é a predominante, com 33% do total de casos, sendo que a *Formulação* apresentou 12,5% do total de ocorrências.

Em relação à distribuição de ocorrências dentro de cada marca, há o predomínio de uma função específica, conforme se verifica na tabela abaixo. Esta tabela não traz todas as funções e, sim, somente aquelas que tiveram o maior número de ocorrências dentro de cada marca:

TABELA 1
As funções de maior freqüência em cada marca

Marca	função	quant.	%
coesão	seqüenciação	362	29,0
formulação	expansão	71	5,7
compreensão	reforço	81	6,5
cond. tópico	amarr. intermitente	80	6,4
argumentação	contraste	95	7,5
interação	monit. de turno	79	6,4
totais		768	61,5

Fonte: MARCUSCHI, 1992, p.163.

O quadro acima revela “a função catalisadora de cada marca”¹⁶. O autor, porém, chama a atenção para as marcas *Condução do tópico* e *Interação*. Em relação à condução do tópico, existem outras duas funções concorrendo com resultados aproximados. Conclui-se, assim, que as funções referentes à condução do tópico se dão por múltiplas formas, sem que se possa afirmar que uma delas seja mais representativa. Em relação à marca *Interação*, a pouca percentagem de participação no total de ocorrências e o fato de apresentar como função básica a *Monitoração de turno* atestam baixo grau de envolvimento entre os interlocutores. Marcuschi defende que a presença de funções de marca *Interacional* nos textos analisados é razoável, se considerarmos as condições artificiais em que o material foi coletado, com tema e tempo definidos, em sala especial e entre indivíduos que pouco se conheciam.

Outra tendência observada é que as hetero-repetições exercem funções de natureza discursiva, e as auto-repetições voltam-se, principalmente, para aspectos textuais. As repetições lexicais e sintagmáticas concentram-se nas funções textuais, sendo que as repetições oracionais, nas funções discursivas, conforme mencionado anteriormente.

¹⁶ Ibidem, p. 163.

As repetições que exercem maior número de funções são as auto-repetições próximas (não-contíguas) literais e com variação. As auto-repetições contíguas são especializadas em poucas funções e ocorrem mais freqüentemente como repetições oracionais. As auto-repetições distantes são as menos expressivas, considerando-se todas as marcas de produção. As hetero-repetições contíguas exercem duas funções básicas, *Ratificação de papel de ouvinte* e *Incorporação*, especialmente nas formas sintagmáticas e oracionais. Por fim, as hetero-repetições distantes têm ocorrência inexpressiva.

Como se observa, Marcuschi não teve condições de traçar uma correlação transparente entre as formas e funções das repetições. Foram encontradas tendências e probabilidades. Ao mesmo tempo, o autor pôde comprovar a sua hipótese inicial de que a repetição é característica da fala, devido ao grande número de ocorrências e à diversidade de funções que assume. Diante disso, o autor considera simplista atribuir a presença da repetição no texto oral às condições de produção *ad hoc*. Ele acredita que, “se assim fosse, ela não assumiria tantas e tão expressivas funções”.¹⁷

Além disso, Marcuschi comprova que a repetição funciona como estratégia de progressão e não como forma de reestruturação. A repetição é um mecanismo usado para organizar conteúdos.

Os resultados obtidos no trabalho de Marcuschi não são diferentes dos encontrados por Bessa Neto (1991). O autor aponta que algumas diferenças mais marcantes devem ter sido geradas pela distinção entre texto e discurso adotada por ele.

¹⁷ Idem, p.176.

No início de seu trabalho, Marcuschi ressalta que, pelo fato de analisar repetições em textos conversacionais, dedica-se especialmente ao processo interacional. No entanto, em suas conclusões, verifica-se que o número de repetições com função interacional não é significativo. Por esse motivo, Marcuschi lança a tese que será um dos aspectos de discussão do presente trabalho: quanto mais funções interacionais tiver a repetição na conversação, mais espontânea terá sido a interação. Pretendo, no decorrer deste trabalho, desenvolver essa questão mais detalhadamente.

Marcuschi, ainda em suas considerações finais, chama atenção para um tema pouco estudado que é o que se refere aos processos de argumentação, através da repetição. O falante contesta ou contrasta com base em estratégias de repetição, utilizando **o mesmo** e **o diferente** como recurso de persuasão. Como o presente trabalho trata basicamente de hetero-repetições, os fatores denominados por Marcuschi de *Argumentação e Interação* estarão em foco aqui e serão abordados com mais profundidade.

Termino aqui a apresentação de publicações sobre o fenômeno da repetição. Como se pode verificar, os trabalhos sobre repetição são variados, e a bibliografia é extensa, porém há espaço ainda para mais um estudo relacionado à repetição, visto ser um fenômeno tão rico e abundante na produção oral e fundamental para questões relacionadas ao uso da língua. Gostaria de enfatizar também que proponho uma investigação mais aprofundada de um tipo específico de repetição, com a utilização de uma abordagem diferente e com um *corpus* também diferente. Ao eleger as Ressonâncias como objeto de estudo, passo a incluir, na análise, suas particularidades, e a adotar um novo modelo teórico básico para sua descrição, proposto por Du Bois (2001).

Dessa forma, cabe mencionar o trabalho de Du Bois sobre Sintaxe Dialógica, referência fundamental para minha pesquisa, que é o assunto da próxima seção.

2.3 DU BOIS: A Sintaxe Dialógica

Dentro da perspectiva de que gramática e discurso estão fortemente interligados na prática do uso da língua, a interatividade ganha destaque, na medida em que, quando se fala ou se escreve, fala-se ou escreve-se para alguém. O aspecto interação é inerente à linguagem e mostra-se presente em todos os usos da língua, como bem demonstrado por Marcuschi (s/d). É em situações de conversação face a face, entretanto, que a propriedade dialógica da linguagem torna-se mais visível, por duas razões: (I) trata-se de um texto falado, um texto em construção e, sendo assim, esse processo de produção pode ser observado; (II) não existe um único responsável pela produção do discurso, o que existe é uma co-produção; os interlocutores interagem na construção do texto, que vai sendo localmente planejado.¹⁸

Analisando a co-produção entre falantes no discurso conversacional, Du Bois (2001) propõe um modelo teórico: a **Sintaxe Dialógica**. A Sintaxe Dialógica (**SD**) pode ser postulada e compreendida na medida em que recursos usados por um falante são reunidos e reutilizados por um segundo falante, o parceiro engajado na conversação. Quando uma sentença é construída a partir de uma outra anteriormente enunciada, criam-se relações formais e conceituais entre elas. O primeiro exemplo fornecido pelo autor para ilustrar o fenômeno dialógico é

¹⁸ Ver OCHS (1979) e KOCH (1992).

(2.22) [DU BOIS,2001- ex.1]

JOANNE: It's kind of like you Ken.

KEN: ... that's not at all like me Joanne.

Na relação entre os dois enunciados, embora haja somente dois itens lexicais idênticos – *is* e *like* – percebem-se os paralelos criados pelos falantes na relação e na ordenação dos pronomes, nomes próprios e advérbios. Para uma melhor visualização desse paralelismo, Du Bois propõe dispor os enunciados alinhados em um diágrafo, como mostrado abaixo:

(2.23) [DU BOIS, 2001- ex.2]

JOANNE: It 's kind of like you Ken.

KEN: that 's not at all like me Joanne.

Os significados dos itens entram em relação através da co-referência: *it* e *that* – *you* e *me*, pois possuem um mesmo referente. Os nomes próprios *Ken* e *Joanne* distinguem-se na referência, mas são interligados por exercerem uma função discursiva comum, a de vocativo. Du Bois mostra os paralelos nas formas lingüísticas do exemplo acima, mas ressalta que a Sintaxe Dialógica não diz respeito à imitação, e sim ao envolvimento, pois os falantes expressam posições contrárias sobre o assunto em pauta.

O autor acrescenta que introduzir uma partícula negativa em um enunciado corresponde a uma de várias maneiras de marcar posicionamento diferente com base em formas paralelas. Assim, por exemplo, em (2.22), o falante enuncia o vocativo *Joanne*, que entra em paralelo com o vocativo *Ken*, mas, em uma análise mais detalhada, percebe-se que a força pragmática dos dois itens não é a mesma, na medida em que o uso do vocativo *Ken* era necessário para dirigir a fala a um dos participantes da interação; no entanto, o vocativo *Joanne* não foi usado com essa mesma intenção, já que não havia necessidade de endereçar uma resposta a um

enunciado anterior. Verifica-se, dessa forma, que o paralelismo criado com o uso do último vocativo serviu para marcar discordância e acrescentar uma pitada de ironia.

As considerações acima possibilitam afirmar que diferenças de significado podem ser expressas com a adoção de palavras do interlocutor. Uma colaboração formal entre os enunciados de falantes diferentes não implica uma concordância pragmática. Pode ocorrer uma colaboração formal juntamente com uma subversão pragmática.

A Sintaxe Dialógica compreende a relação formal de mapeamento entre estruturas em ressonância, denominada “diataxe”. O autor defende que mapeamentos entre sentenças paralelas devem passar a ser reconhecidos como parte integrante da sintaxe, propondo que a Sintaxe Dialógica seja tratada como um ramo da *Sintaxe Linear*. Para efeitos de referência, Du Bois usa esse termo – *Sintaxe Linear* – para denominar a Sintaxe tal como usualmente compreendida, que inclui os variados modelos apresentados até o momento, inclusive os formais.

Mais especificamente, **Ressonância** é definida como uma ativação de afinidade, como uma propriedade de relações entre dois enunciados produzidos por falantes diferentes. É o que ocorre quando palavras ou estruturas entram em relações com outras em justaposição dialógica. A Ressonância é uma forma de reconhecer o enunciado de L1 no enunciado de L2, ou seja, na sentença ressoante, pode-se reconhecer a Matriz. São enunciados diferentes, mas com afinidades formais e conceptuais.

Para ilustrar exemplos de enunciados ressoantes, o autor cita casos de baixa ressonância, como (2.24) abaixo:

- (2.24) [DU BOIS p.12]
 REBECCA: Have you read through your statement recently?
 RICKIE: N=0.
 REBECCA: Do you want to read through it?
 RICKIE: Yeah.
 REBECCA: (H) Okay.

e de alta ressonância, como (2.25) abaixo:

- (2.25) [DU BOIS p.12]
 ANGELA: . . Well she's begun to listen.
 DORIS: . . Yes she has.

No exemplo (2.24), há um engajamento dialógico no nível pragmático. O segundo enunciado é determinado com relação ao seu correspondente dialógico, entretanto, não há ressonância léxico-estrutural significativa no nível formal.

Já no exemplo (2.25), o *yes* acompanhado do verbo auxiliar e seu sujeito cria uma ressonância léxico-estrutural.

Observando esses exemplos, o autor coloca em questão quais seriam as conseqüências da presença ou ausência de ressonância no enunciado. Há contextos, como os de (2.24) e (2.25) acima, onde há uma possibilidade de escolha entre alta e baixa ressonância. Torna-se, então, interessante investigar o significado de tais escolhas quando disponíveis para os falantes. Essa é uma das questões, levantada e não explorada por Du Bois, a que esta dissertação se dedica. Após análise e quantificação de Ressonâncias no *corpus* por mim analisado, voltarei a essa questão.

Du Bois segue sua exposição analisando um segundo exemplo, com a intenção de demonstrar que a Sintaxe Dialógica não se limita a seqüências paralelas de categorias lexicais equivalentes. Classes equivalentes em diversos níveis sentenciais podem incluir variações, como se pode observar em (2.26):

- (2.26) [DU BOIS, 2001-ex.4]
 JOANNE: he 's still healthy
 LENORE: he 's still walking around

A substituição de *healthy* por *walking around* fez com que esses dois itens que são bem diferentes, fora de contexto, passassem a ser categorialmente equivalentes, em justaposição dialógica. Ou seja, a significação de uma palavra ou locução é definida em parte por seu mapeamento formal com as palavras ou locuções correspondentes. Assim, torna-se possível defender que uma análise nos moldes da Sintaxe Linear (acepção de Du Bois) não explicaria aspectos de envolvimento dialógico. Desse modo, o autor, partindo de exemplos como esses, indaga sobre os benefícios de se analisar as Ressonâncias numa interação dialógica e menciona quatro razões, a saber:

(A) A sintaxe Dialógica tem conseqüências para o significado. Quando palavras de um falante são dispostas em paralelo com as palavras do outro, uma ressonância é criada, e o nível de engajamento formal entre os enunciados produz conseqüências pragmáticas para o significado. A Sintaxe Dialógica tem muito a dizer sobre a forma exata do contexto discursivo, identificando novas dimensões nas relações formais entre os itens lexicais.

(B) A Sintaxe Dialógica estabelece relações formais não consideradas pela tradicional sintaxe linear. É possível descrever e interpretar sistematicamente os fenômenos da língua falada dentro de um modelo unificado.

(C) A Sintaxe Dialógica permite observar o que os falantes conhecem sobre a gramática e como eles usam estruturas sintáticas, paradigmas e outras abstrações gramaticais para realizar ressonâncias.

(D) A Sintaxe Dialógica permite apontar novos caminhos para processos de aprendizagem de língua.

Como se percebe, trata-se, obviamente, de um ramo da sintaxe bem diferente dos vários modelos conhecidos até o momento, e explicitar, além de exemplificar, os princípios dessa teoria apresenta-se como o grande objetivo de suas investigações.

Du Bois, em suas considerações, esclarece que a Sintaxe Dialógica não é a sintaxe da conversação, pois, mesmo em textos escritos, diagramas e relações transentenciais podem ser traçados, lembrando, porém, que um maior número de vozes em diálogo é mais visível em certos tipos textuais.

O autor salienta também, em seu trabalho, que a Ressonância, por definição gerada no processo dialógico, como uma ativação de afinidades potenciais entre enunciados por falantes diferentes, só emerge no discurso. Ao se perguntar que recursos os falantes têm disponíveis, compartilhados ou não, que possibilitam a produção de ressonâncias, pontua três fontes de ressonância. A primeira delas é que os falantes já entram numa conversação equipados com um corpo sistemático de conhecimento estruturado, compartilhado com outros membros da mesma comunidade: configurações dialógicas contendo relações gramaticais e semânticas estruturadas. A segunda delas é o próprio contexto da interação dialógica. E a terceira são os referentes, o assunto sobre o qual os falantes estão conversando.

O autor cita, em seu texto, outro exemplo muito interessante com a intenção de mostrar algumas afinidades entre expressões presentes em dois enunciados emparelhados:

(2.27) [DU BOIS, p. 15, ex.(2)]

JENNIFER: so we're gonna pass,

the king of .. spades.

DAN: **king of ... puppy-dogs' feet.**

... @ ... (H) How come you don't pass **the king of .. clubs.**

Nesse exemplo, a expressão *puppy-dogs feet* não receberia o significado pretendido fora de contexto. O significado de nomear uma carta só é compreendido

no momento em que *puppy-dogs* é mapeado com *spades*. O autor denomina esse tipo de ressonância criada localmente de **Ressonância dinâmica**.

Por fim, Du Bois esclarece o que são diágrafos. Diágrafos são os **mapeamentos** estruturados entre dois ou mais enunciados produzidos por diferentes falantes. Mapeamento significa aplicar uma configuração em outra, em que é possível estabelecer uma correspondência biunívoca entre os elementos das duas. Elementos de um enunciado entram em correspondência com elementos localmente equivalentes do outro enunciado. Trata-se de relações reais de ocorrências de linguagem em uso. A representação dessas relações diatáticas entre enunciados é um pré-requisito para o desenvolvimento de uma teoria sintática. DU BOIS utiliza alguns exemplos para mostrar as várias formas de se elaborar um diágrafo. Um diágrafo informal seria identificar grupos de palavras e alinhá-las verticalmente, como representado anteriormente. Conforme se verifica em (2.28), a adoção de tabelas traz as informações com mais clareza:

(2.28)

L1:	It	's	kind of	like	you	Ken
L2:	That	's	not at all	like	me	Joanne

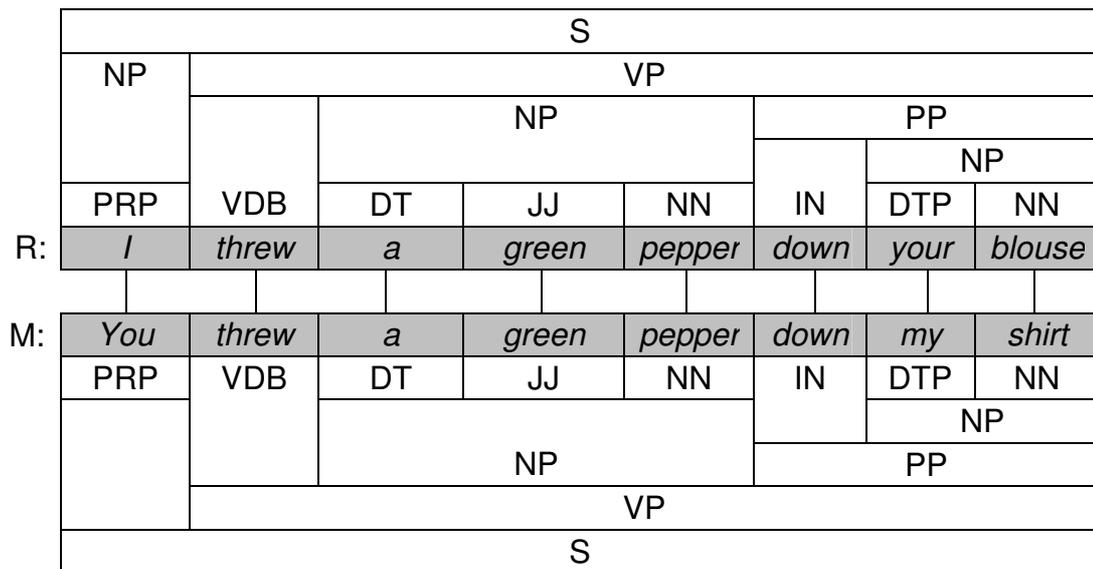
Uma representação ainda mais sofisticada é sugerida, porém com a utilização de novo exemplo:

(2.29) [DU BOIS, p.19]

(...)

R : I threw a green pepper down your blouse.

M : You threw a green pepper down my shirt.



Esse diágrafo adiciona informações sobre os constituintes oracionais¹⁹ e ainda permite visualizar as expressões ressoantes próximas umas das outras com linhas interligando-as, para explicitar os mapeamentos.

Quando os falantes formam enunciados com base em enunciados já produzidos, os significados das expressões mapeadas tornam-se relacionados. Devido a isso, Du Bois postula o **Princípio do Engajamento**:

FORMAS engajadas produzem significados engajados.

Em uma interação dialógica, são inúmeros os casos em que um falante reutiliza recursos fonológicos, morfológicos e sintáticos que foram usados em enunciado anterior por outros falantes. Esse fato traz questões passíveis de investigação no que se refere a um trabalho cognitivo compartilhado. Du Bois

¹⁹ Os rótulos dos constituintes, usados pelo autor, seguem “The Penn Treebank”. Du Bois, porém, afirma que qualquer outra rotulação que se adote seria adequada. O que ele pretende não é defender nenhum tipo de análise sintática, mas sim mostrar como uma rica representação de informação sintática pode ser incorporada a um modelo mais amplo de mapeamentos entre sentenças enunciadas por diferentes falantes.

considera a reutilização de recursos um tipo de **cognição socialmente distribuída** (HUTCHINS, 1995 apud Du Bois, 2001, p.24), em que um enunciado é o produto de uma atividade cognitiva distribuída entre participantes engajados numa interação.

Existe, certamente, influência de um falante sobre o outro. E o mapeamento de enunciados possibilita representar essa convergência de expressões semelhantes utilizadas pelos falantes. Certamente, esclarece o autor, a existência de um assunto específico em pauta durante uma conversação pode, algumas vezes, limitar o leque de itens lexicais disponíveis que poderiam ser utilizados. No entanto, somente o fato de se estar falando sobre o mesmo assunto não é suficiente para explicar casos em que o falante escolha utilizar a mesma forma e estrutura lingüística anteriormente utilizada.

A síntese do trabalho de Du Bois (2001) acima apresentada fornece-me base para afirmar que há muitas questões a serem analisadas com referência ao tema proposto. Apesar de vários estudos já realizados sobre Repetições, esse tipo específico de Repetição ainda não foi investigado com profundidade, sob a perspectiva da Sintaxe Dialógica. O próprio texto de Du Bois é muito programático, embora bastante sugestivo; ainda há muitas lacunas a serem preenchidas.

Dessa forma, o presente estudo se desenvolve na tentativa de se buscar uma caracterização de Ressonâncias léxico-estruturais tanto sob a perspectiva formal como também funcional, além de procurar verificar se seria possível estabelecer relações entre esses dois aspectos: formal e funcional. Vou partir da hipótese de que os falantes seguem certos padrões formais ao utilizarem um segmento oracional repetido, dependendo do efeito que desejam alcançar. Ou seja, que os falantes exploram sistematicamente alguns tipos estruturais de orações ressoantes de acordo com a sua função discursiva. Este trabalho consiste na análise de

Ressonâncias em quatro conversações. Primeiramente, farei a contagem de enunciados ressoantes em cada uma delas, buscando detectar as causas e as conseqüências de um maior número de Ressonâncias nos textos. Em seguida, cada Ressonância identificada será classificada de acordo com sua função discursiva. Após identificação, contagem e classificação de funções, passarei à análise de estruturas formais e dos mapeamentos transentenciais, com o objetivo de visualizar relações entre enunciados, verificar se existem formas preferidas de Ressonâncias e se essas formas têm relação com as funções dessas Rs no discurso. Acrescento que uma das grandes tentativas deste trabalho é caminhar no sentido de oferecer elementos para a elaboração de uma Sintaxe Dialógica, pois ela procura incluir processos de língua falada em sua descrição. Como defende Du Bois, o mapeamento transentencial parece ser um rico e ainda pouco explorado recurso, que, ampliando o escopo da Sintaxe Linear, pode propiciar novas articulações e descobertas.

3 DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O objetivo principal deste capítulo é apresentar e justificar as decisões teórico-metodológicas tomadas ao longo desta pesquisa.

Nas primeiras seções, 3.1 e 3.2, caracterizam-se os dados que compõem o *corpus* deste trabalho. Em 3.3, apresentam-se os procedimentos utilizados na coleta, transcrição e catalogação dos dados. Em 3.4, definem-se alguns critérios para identificação e classificação de Ressonâncias.

3.1 O *corpus*

O ponto de partida para a presente análise foram dados extraídos do discurso. O *corpus* constituiu-se de gravações, em fita cassete, de conversações espontâneas do português brasileiro, totalizando quatro conversações, com duração de 1 hora e 50 minutos (uma hora e cinquenta minutos).

3.2 Os informantes

A escolha dos informantes obedeceu aos seguintes critérios: todos são falantes de português, nascidos no Estado de Minas Gerais, residem na Grande Belo Horizonte há, no mínimo, dez anos, situam-se na faixa etária de 20 (vinte) a 55 (cinquenta e cinco) anos, possuem formação universitária. O grau de intimidade entre os interlocutores é médio ou grande: são parentes, amigos, colegas.

3.3 Procedimentos

3.3.1 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por estudantes do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais que contribuíram para o arquivo do banco de dados do GREF (Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem), coordenado pela Prof. Dr^a Maria Elizabeth Fonseca Saraiva.

Não houve restrições quanto ao tema das conversações nem quanto ao tempo de gravação. Os encontros para realização das gravações foram em residências ou dos documentadores ou de um dos informantes. Foi garantido sigilo total aos participantes tanto para respeitar as normas acadêmicas como também para propiciar o máximo de espontaneidade durante as interações.

3.3.2 A transcrição

Feitas as gravações, foi feita a transcrição dos dados, segundo os critérios estabelecidos pelo projeto NURC/SP (1986):

QUADRO 5
Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entoação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante	::podendo aumentar para ::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	- - -
Sobreposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”

Fonte: CASTILHO & PRETTI (orgs.), 1986, p.9-10.

Especificamente para este trabalho, fez-se necessário, ainda, acrescentar algumas observações importantes:

- a) as Ressonâncias e suas Matrizes encontram-se negritadas;
- b) as Ressonâncias de Expansão²⁰ encontram-se sublinhadas;
- c) as regras ortográficas vigentes são mantidas, porém com algumas exceções, por serem muito comuns na língua oral: *tá* por ‘está’, *né* por ‘não é’, *ocê* ou *cê* por ‘você’, *tamo* por ‘estamos’ e *prum* por ‘para um’, além de outras formas corriqueiras;
- d) os números são transcritos por extenso;

²⁰ Os conceitos de Ressonância, Matriz e Ressonância de Expansão serão vistos na seção 3.4 deste trabalho.

- e) omite-se a identidade dos informantes com o uso de L1 (locutor 1) e L2 (locutor 2) no início de cada fala.

3.3.3 A divisão dos textos em unidades semântico-entoacionais

Tendo como objetivo o estudo de Ressonâncias no discurso, havia a necessidade de se estabelecer um critério de segmentação textual que facilitasse a análise aqui proposta. Recentes estudos de língua falada têm sido feitos partindo-se de uma unidade básica de produção da fala, conhecida como “unidade entoacional” (CHAFE, 1980,1994,1998; DU BOIS, 1991, 2003). De acordo com Du Bois (2003), uma unidade entoacional é um trecho de fala que ocorre em um único e coerente contorno entoacional, é a unidade de processamento cognitivo e de interação social por excelência, e pode ser estabelecida através de uma série de pistas prosódicas específicas, tais como pausa inicial, alongamento final, mudança entoacional, mudança na intensidade e na troca dos turnos. Muitos desses critérios definidos pelo autor, porém, nem sempre são facilmente percebidos sem a utilização de aparelhos técnicos modernos que possibilitam descrever os sons com precisão.

Dessa forma, procedi à divisão dos textos utilizando alguns desses critérios sugeridos, passíveis de serem percebidos auditivamente, e levando em consideração também algumas observações de Chafe (1980) sobre as “unidades informacionais”. Segundo esse autor, o que se observa, ao ouvir trechos de fala, é que os sons são produzidos não em fluxos contínuos, mas em segmentos, “jatos de linguagem”, limitados por pausas e pronunciados com uma entoação específica. Chafe afirma que cada uma dessas unidades ou jatos de fala podem ser vistos como expressão de toda a informação que pode ser manipulada pelo falante num único foco de “consciousness”. Isso significa que há um limite quanto à quantidade de

informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez e, sendo assim, cada unidade verbaliza a informação que está na mente do falante num dado momento.

Unindo as observações dos autores mencionados, realizei a divisão das unidades dos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa, com base nos conceitos de unidade entoacional e unidade informacional, buscando combinar entoação e sentido. O mesmo fragmento, transcrito linearmente, em (3.1), será reproduzido a seguir, em (3.2), dividido **em unidades semântico-entoacionais (USE)**, para que a diferença entre os tipos de transcrição fique mais clara.

- (3.1) [TA p.1]²¹
1. L1 – o que que você e a J. fizeram?
 2. L2 – nós fomos ao shopping... o B. quis ir pra lá...
 3. L1 – e o que que::... que shopping que cês foram?
 4. L2 – BH Shopping...
 5. L1 – BH? e tá bom lá?
[
 6. L2 – nós fomos almoçar ali no Belvedere
 7. e... sabe () Graciliano?
 8. L1 – GraciliAno não conheço... bom?
 9. L2 – é... médio... os doces são excelentes... bom demais...
 10. L1 – e o que que cês comeram?
 11. L2 – de doce?
 12. L1 – não... de coMida...
 13. L2 – ah... comida lá... éh::... tem umas coisas boas outras mais ou menos...
 14. suflê... tava bom... éh... filé (...)
[
 15. L1 – mas é self service?
 16. L2 – comida a quilo... mas lá é bem carinho... o quilo do doce é que é o mais
 17. caro vinte e cinco reais (o quilo)(...)
 18. L1 – NO::ssa... o quilo do Doce... vinte e cinco reais?

²¹ Conforme já explicitado no capítulo introdutório, [TAp.1] significa Transcrição A, página 1.

- (3.2) [TA p.1]
1. L1 – o que que você e a J. fizeram?
 2. L2 – nós fomos ao shopping...
 3. o Bernardo quis ir pra lá...
 4. L1 – e o que que::... que shopping que cês foram?
 5. L2 – BH Shopping...
 6. L1 – BH?
 7. e tá bom lá?
[
 8. L2 – nós fomos almoçar ali no Belvedere
 9. e... sabe () Graciliano?
 10. L1 – GraciliAno não conheço...
 11. bom?
 12. L2 – é... médio...
 13. os doces são excelentes...
 14. bom demais...
 15. L1 – e o que que cês comeram?
 16. L2 – de doce?
 17. L1 – não... de coMlda...
 18. L2 – ah... comida lá... éh::...
 19. tem umas coisas boas outras mais ou menos...
 20. suflê... tava bom...
 21. éh... filé (...)
[
 22. L1 – mas é self service?
 23. L2 – comida a quilo...
 24. mas lá é bem carinho...
 25. o quilo do doce é que é o mais caro
 26. vinte e cinco reais (o quilo) (...)
 27. L1 – NO::ssa... o quilo do Doce... vinte e cinco reais?

O principal indicador de término de unidades foi a entoação: o contorno entoacional de final de sentença – ascendente, como em 27, descendente, como em 23, e continuativo, como em 24. Na medida em que a troca de turno delimita final de USE, em turnos maiores, foi utilizado o critério de **pausas e blocos informacionais**. O tamanho da pausa, não definida na transcrição, também influenciou na divisão das unidades.

Obviamente, trata-se de uma divisão mais intuitiva que rigorosa, na medida em que não foi realizada em um laboratório de fonética, medindo-se a duração das pausas, a frequência e a intensidade dos sons produzidos pelos falantes. Contudo, acredito que, para os objetivos deste trabalho, não haveria necessidade de tanta precisão metodológica. O reconhecimento de unidades, tal como realizada, é

suficiente para a análise aqui empreendida, que tinha como maior objetivo possibilitar a visualização e a contagem de Ressonâncias. Assim, variações que pudessem ocorrer com uma divisão mais precisa teriam muito pouca influência nos resultados e observações feitas no decorrer deste trabalho. Poder-se-ia argumentar que uma divisão de textos em orações, como definidas tradicionalmente, seria um procedimento mais adequado. O que se observa, porém, é que essa proposta apresenta problemas, como já mencionados em Azevedo (1992) e Gonçalves (1999). Uma segmentação desse tipo traria dificuldades para a análise pretendida, na medida em que divide, em muitos casos, a unidade informacional do período. O exemplo abaixo mostra o turno do falante – L2, transcrito do exemplo (3.1), dividido em unidades oracionais.

- (3.3) [TBp.2]
1. L1 – o que que você e a Jolene fizeram?
 2. L2 – nós fomos ao shopping...
 3. o Bernardo quis
 4. ir pra lá...

Como se percebe, a divisão do período – *o Bernardo quis ir pra lá* – em duas orações não é coerente com a realidade do uso da língua, visto que segmenta uma unidade de informação e uma mesma forma entoacional. Além disso, é preciso levar em consideração que, no discurso, muitas “unidades de fala” não são oracionais. Assim, acredito ser a USE, que alia sentido e entoação, a unidade mais apropriada e eficaz ao tipo de *corpus* desta pesquisa e a mais coerente com o quadro teórico ao qual se filia este trabalho. O reconhecimento de unidades entoacionais fornece uma visão melhor da estruturação do texto, servindo de pista para a construção de seu sentido. Se certas orações subordinadas encontram-se numa mesma unidade entoacional ou constituem uma nova unidade é porque exercem funções discursivas

diferenciadas, ou seja, elementos que integram um mesmo bloco informacional compartilham aspectos semânticos e formais.

A numeração contida nos exemplos (3.1) e (3.2) corresponde à contagem de unidades presentes nos trechos. Assim, em (3.1), a divisão em turnos resultou em 18 unidades; em (3.2), a divisão em unidades entoacionais resultou em 27 unidades. A contagem de unidades realizada neste trabalho, que será apresentada no próximo capítulo, segue o modelo do exemplo (3.2) acima. É necessário acrescentar que marcadores conversacionais, tais como *ahã*, *uhn*, *ah*, denominados por Chafe (1994, p. 63) de *unidades entoacionais regulatórias*, foram incluídas na contagem de USEs de cada *corpus*. Diferentemente de Marcuschi (1992, p. 62), que não contou os marcadores de ouvinte como turnos, a minha posição é de que esses elementos constituem uma unidade semântico-entoacional. Obviamente, trata-se de uma unidade com função diferenciada de uma outra com um conteúdo substantivo, mas, assim como são consideradas USEs certas Ressonâncias que apresentam um significado correspondente a um marcador discursivo, há de se considerar também os próprios marcadores como unidades semântico-entoacionais.

3.4 Unidades de análise: as Ressonâncias

O objetivo desta seção é apresentar os critérios de identificação do objeto de análise do presente trabalho – a Ressonância.

Uma **Ressonância léxico-estrutural (R)** define-se como a repetição de um mesmo segmento frasal, num evento comunicativo, sendo que esse segmento pode reaparecer integralmente, sem variação, ou parcialmente, com modificações lexicais e/ou estruturais. Trata-se de uma hetero-repetição, pois uma Ressonância ocorre

quando um falante constrói um enunciado²² com base em outro previamente proferido por seu interlocutor. O primeiro enunciado, que serve como base ou modelo para a construção do segmento repetido, é designado **Matriz (M)**²³. Seguem-se alguns exemplos, para ilustrar o objeto de estudo. Como já especificado na seção 3.3.2, os segmentos ressoantes e suas matrizes encontram-se em negrito e estão especificados com as iniciais M e R.

- (3.4) [TB p.6]
- | | | |
|----|--------------------------------|----------|
| 1. | L1 – por quê? | |
| 2. | paga pra entrar? | M |
| 3. | L2 – paga pra entrar... | R |
- (3.5) [TB p.3]
- | | | |
|----|---|----------|
| 1. | L2 – estragou mesmo? | |
| 2. | L1 – não... deve ter queimado o canal... | M |
| 3. | L2 – pode ter queimado o fusível... | R |
- (3.6) [TBp.10]
- | | | |
|----|---|----------|
| 1. | L2 – (bem que) eu tinha um programa que se chama SPSS... muito legal... | |
| 2. | pra cruzar:.... informação... | M |
| 3. | L3 – é? | |
| 4. | L2 – é... tipo assim... pessoas do sexo feminino FALAM isso... | |
| 5. | pessoas do sexo masculino FALAM isso... | |
| 6. | L1 – ((risos)) cruzar informação... | R |

No exemplo (3.4), tem-se uma Ressonância sem variação lexical. A Matriz, na linha 2, é composta de um período composto: *paga pra entrar*, e, com o objetivo de dar uma resposta afirmativa à pergunta de L1, as duas orações que compõem o período foram ressoadas. Já em (3.5), a Ressonância, um período simples, apresenta variação lexical em relação à sua Matriz: *deve* foi substituído por *pode*, e *o canal*, por *o fusível*. Como só houve substituição do verbo auxiliar, o período ressoante continua sendo uma oração simples. Em (3.6), tem-se uma Ressonância, sem variação lexical, da oração subordinada do período enunciado por L2. L2 fala

²² Os enunciados ressoantes podem ser constituídos de uma palavra, um sintagma, uma oração simples ou composta.

²³ Denomino, de acordo com Marcuschi (1992, p. 33), **Matriz** “à primeira entrada do segmento discursivo que depois será repetido”.

sobre um programa de computador muito bom para se fazer cruzamento de dados em pesquisas. L1 aproveita-se do momento para fazer graça, utilizando a repetição da oração *cruzar informação*, em tom malicioso.

Uma Ressonância com variação lexical pode realizar-se através da substituição, eliminação e acréscimo de itens lexicais. Além do exemplo (3.5) acima, convém ilustrar essa afirmação, apresentando (3.7) e (3.8) abaixo:

- (3.7) [TC p.2]
- | | | |
|----|---|----------|
| 1. | L3 – é?... | |
| 2. | NO::ssa essa foto ficou linda... | M |
| 3. | olha aqui (...) | |
| 4. | L2 – é... ficou escura assim o rosto entendeu? | R |

Nesse exemplo, o sujeito da oração *essa foto* veio elíptico, e o predicativo *linda* foi substituído por *escura*.

- (3.8) [TC p.4]
- | | | |
|----|-----------------------------------|----------|
| 1. | L2 – posso dar uma olhada? | M |
| 2. | L1 – uai... pode ué... | R |

Em (3.8), o segundo enunciado só repete o verbo auxiliar de sua Matriz. L2 pede para ver as fotos que estão nas mãos de L1, e L1 dá sua permissão, usando somente o verbo auxiliar *pode* como resposta, possibilitando ao interlocutor recuperar o restante da sentença matriz: *pode dar uma olhada*.

Algumas poucas paráfrases foram consideradas Ressonâncias quando a oração ressoante mantém o mesmo padrão sintático e os itens lexicais são sinônimos ou pertencem ao mesmo campo semântico de seus correspondentes.

- (3.9) [TGp.13]
- | | | |
|----|---|----------|
| 1. | L1 – aí é aqui que eu ponho? | M |
| 2. | L2 – é aí ocê coloca uma introdução... | R |

Em (3.9), L1 quer informar-se sobre o modo de se iniciar uma carta via e-mail, e L2 lhe fornece a resposta, ressoando a oração de L1, porém com alteração dos itens lexicais e gramaticais. Observem-se as correspondências entre os elementos

aqui - aí, eu – ocê, pôr – colocar.

Em relação à proximidade entre segmento matriz e segmento ressoante, é possível ilustrar casos de quatro tipos:

a) Ressonância contígua:

- (3.10) [TBp.5]
- | | | |
|----|--------------------------------------|----------|
| 1. | L1 – existe isso? | M |
| 2. | L2 – não... não existe não... | R |

b) Ressonância em sobreposição:

- (3.11) [TDp.11]
- | | | |
|----|--------------------------------------|----------|
| 1. | L1 – e DE repen::te surTOU... | M |
| 2. | L2 – [surta...é... | R |

c) Ressonância próxima:

- (3.12) [TBp.18]
- | | | |
|----|--|----------|
| 1. | L2 – a casa fica bem... | M |
| 2. | não tem problema não... | |
| 3. | L1 – ((risos)) a ca-sa fi-ca bem... | R |
| 4. | vê se pode? | |

d) Ressonância distante:

- (3.13) [TB p.14]
- | | | |
|-----|---|----------|
| 1. | L2 – aí encontramos lá com o C. ... e a:: E. ... | M |
| 2. | L1 – a e a... é/ ela conseguiu ficar grávida? (...) | |
| 3. | L2 – não sei... | |
| 4. | eu tava perto de uma... perto de uma loja de criança... | |
| 5. | de roupinha de criança... | |
| 6. | cada rou::pa... maraviLHOsa... | |
| 7. | L1 – [caríssima... | |
| 8. | L2 – eu fiquei apaixonada... carerérrima | |
| | [+10] ²⁴ ----- | |
| 20. | L1 – e não adianta que daqui a pouco perde e | |
| 21. | L2 – [é.. | |
| 22. | L1 – mas as coisas são bonitas? | |
| 23. | L2 – maravilho/ aí na hora que eu tava saindo de lá... | |
| 24. | o C. tava chegando... com a E. ... | |
| 25. | mas às vezes tava olhando pro (filho) dela né? | |
| 26. | L1 – ah nessa hora que cês encontraram com ele? | R |

²⁴ O traço pontilhado e a informação [+10] significam que 10 unidades entoacionais não foram transcritas.

Dessa forma, conforme ilustrado acima, uma Ressonância pode encontrar-se contígua, próxima ou distante de sua Matriz. É importante destacar que um grande número de casos constitui-se de Rs contíguas e próximas e, em menor número, aparecem as Rs distantes.

Outros casos comuns nas conversações são aqueles que aparecem em trio: uma Matriz e duas Ressonâncias. Observe-se (3.14) abaixo:

- (3.14) [TBp.11]
- | | | |
|----|--|----------|
| 1. | L3 – não vi ainda... | M |
| 2. | L2 – num viu não? | R |
| 3. | L3 – hum hum... | |
| 4. | já tá pronto mas eu/ eu num vi... | R |

Em (3.14), os falantes estão conversando sobre um questionário, objeto de pesquisa de um dos participantes da interação. A Matriz corresponde à informação de que L3 não viu o questionário ainda. L2 ressoa a fala de L3, pedindo confirmação do fato mencionado e, em seguida, L3 reafirma, em ressonância, o que dissera antes.

Os exemplos fornecidos até o momento ilustram casos em que a M e a R apresentam-se em duplas e trios, sendo, portanto, facilmente identificáveis. É importante acrescentar, porém, que uma Matriz pode gerar mais de uma R. Dessa forma, passemos à análise de (3.15) abaixo:

- (3.15) [TCp.9]
- | | | |
|----|---|----------|
| 1. | L3 – Shere wood é...é restaurante? | M |
| 2. | L2 – é um restaurante redondo... legal até também... | R |
| 3. | L1 – é o cheira hudson... | R |
| 4. | L3 – mu::ito legal... | R |

Nesse exemplo, o diálogo ocorre quando L3 está vendo fotos relacionadas à viagem feita pelos interlocutores, L1 e L2. Na linha 1, a Matriz corresponde à pergunta de L3 sobre o nome Shere wood. Na primeira R, L2 explica a L3 que se trata de um restaurante. Na segunda R, L1 brinca com o nome do local, e, por fim,

L3 tece um comentário do que achou da foto. Esse exemplo ilustra uma das dificuldades surgidas durante a identificação de Ms e Rs, pois, como se vê, a R da linha 4 ressoa outra R da linha 2, trazendo dúvidas de como seria a melhor forma de se classificar enunciados assim, em que uma R é Matriz de outra R. Nesses casos, decidiu-se que o primeiro segmento seria a Matriz, e todos os outros, com o mesmo padrão estrutural, seriam considerados Ressonâncias. Assim, mesmo se uma R passa a ser M de outra Ressonância, ela continua sendo classificada como Ressonância e não recebe a rotulação de Matriz.

Outra dificuldade encontrada nesta etapa do trabalho relaciona-se a casos em que uma M gera uma R produzida pelo interlocutor na interação, e o mesmo falante expande a sua R com uma outra R. Veja-se (3.16) abaixo:

	(3.16) [TAp.1]	
1.	L2 – e... sabe () Graciliano?	M
2.	L1 – GraciliAno não conheço...	R
3.	bom?	M
4.	L2 – é médio...	R
5.	<u>os doces são excelentes...</u>	<u>RE.</u>
6.	<u>bom demais...</u>	<u>RE.</u>

Respondendo a L1, na linha 4, L2 dá sua opinião sobre o restaurante, assunto em pauta: *é médio*, e depois expande seu comentário com a sentença: *os doces são excelentes, bom demais*, nas linhas 5 e 6. Se uma Ressonância é, por definição, uma repetição total ou parcial de um segmento enunciado pelo interlocutor, surge a pergunta: as sentenças das linhas 5 e 6, expansões de R, seriam consideradas também Ressonâncias? Seria melhor tratá-las como Ressonâncias da Matriz, contida na linha 3, ou como Ressonâncias da R anterior, contida na linha 4? Com o intuito de buscar uma solução para esse problema, decidiu-se que uma R pronunciada por um falante precedida de outra R proferida por esse mesmo falante

seria identificada como **Ressonância de Expansão – RE**.²⁵

A definição apresentada na introdução desta seção coloca como condição necessária para se classificar uma R a existência de uma Matriz no mesmo evento comunicativo de sua Ressonância. Evento comunicativo é a expressão que designa uma interação, ou seja, “uma conversação desde seu início até o seu fim” (Marcuschi, 1992, p.32). Dessa forma, não se considera uma Ressonância a unidade sublinhada em (3.17) abaixo, desde que o primeiro enunciado, base para ressonância, não está expresso no texto.

(3.17) [TB p.15]

1. L2 – é... mas eu não pergunto por isso não...
2. L1 – não... ninguém pergunta né?
3. L2 – deve tá tentando ainda...
4. L1 – é... disse que eles QUERem ter neném...

Em um comentário referente a uma amiga, L2 afirma que sua colega ainda não estava grávida, mas que devia estar tentando engravidar. A partir disso, L1 afirma: *disse que eles querem ter neném*, que significa “me falaram”, “ouvi dizer” que eles querem ter filhos. O verbo *disse*, iniciando a fala de L1, na linha 5, indica que esse enunciado já havia sido proferido anteriormente e que L1 está repetindo o que outros disseram. Esse enunciado, porém, mesmo sendo uma repetição, não é considerado Ressonância neste trabalho, porque sua Matriz não se encontra no diálogo em que foi proferido.

Dessa forma, enfatizo que não serão tratados como Rs certos enunciados, tais como frases feitas, provérbios, ditados e outros, apesar de terem sido reproduzidos e não criados pelo falante. Só se identifica como Ressonância quando for possível a identificação de sua Matriz no mesmo texto em análise.

Um último exemplo ilustra um tipo de Ressonância que não será estudada

²⁵ As Ressonâncias de Expansão serão abordadas com mais detalhes no próximo capítulo.

nesta dissertação. Trata-se de uma Ressonância de citação, em que **um mesmo falante reproduz as falas em ressonância** que ocorreram em outra ocasião, ou então, um falante cria falas em ressonância e as atribui a alguém:

- (3.18) [TBp.9]
1. L1 – aí ela virou pra mim...
 2. “**vovó... e se eu não gostar de nada?**”
 3. eu falei...
 4. “**Vivi você vai gostar...**”

Em (3.18), o falante usa de discurso direto para contar o diálogo que se passou entre ela e sua neta. É interessante perceber como os elementos lexicais estão em correspondência mesmo numa fala reportada. Os exemplos de Rs de Discurso Reportado são muito interessantes, pois mostram como o falante conhece as Ressonâncias produzidas constantemente nas conversações. O fato de o interlocutor narrar o diálogo com a utilização de elementos ressoantes pode servir para comprovar como o fenômeno de ressonância é recorrente e familiar aos usuários de nossa língua. Apesar de esse tipo de R sugerir uma análise enriquecedora, ela foi excluída do escopo desta pesquisa, devido à sua característica básica de que um único locutor é que cria os dois enunciados em ressonância e, além disso, não se pode afirmar se eles de fato ocorreram com a forma utilizada pelo falante em sua narrativa.

Dessa forma, como as Ressonâncias de Discurso Reportado apresentam aspectos que as diferenciam das Ressonâncias em foco nesta pesquisa, tomo a decisão de deixar seu estudo para etapas futuras da investigação deste tema.

Definidos os critérios de identificação de Matrizes e Ressonâncias, foi feita a contagem das mesmas no *corpus* em análise e, em seguida, as Rs foram classificadas com base em sua função discursiva. O número de Ressonâncias nos textos e os tipos funcionais encontrados serão abordados no capítulo a seguir.

4 ANÁLISE DE FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS RESSONÂNCIAS

Este capítulo desenvolve o estudo das funções discursivas das Ressonâncias. Na primeira seção, é feito um levantamento do número de ocorrências de Matrizes (**Ms**) e Ressonâncias (**Rs**) no *corpus* analisado. Na segunda seção, é traçada uma tipologia de funções, com base no material trabalhado e, por fim, na última seção, apresentam-se e analisam-se os resultados das quantificações das funções nas conversações.

4.1 Identificação e contagem de Ressonâncias

Esta seção tem como objetivo apresentar os resultados da quantificação de Ressonâncias presentes no *corpus* em análise. O *corpus*, composto de 4 (quatro) conversações, ficou assim distribuído:

A primeira transcrição [TA] apresenta 782 (setecentos e oitenta e duas) unidades semântico-entoacionais (**USEs**) ao todo e, dentre elas, 265 (duzentos e sessenta e cinco) correspondem a Matrizes (**Ms**) e Ressonâncias (**Rs**).

A segunda transcrição [TB] apresenta um total de 626 (seiscentos e vinte e seis) unidades semântico-entoacionais, sendo que 159 (cento e cinquenta e nove) são Matrizes e Ressonâncias.

Na terceira transcrição [TC], verifica-se um total de 655 (seiscentos e cinquenta e cinco) USEs, e 193 (cento e noventa e três) referem-se a Ms e Rs.

Por fim, na quarta transcrição [TD], o total de USEs é de 921 (novecentos e vinte e uma), e o total de Rs e Ms é de 115 (cento e quinze) USEs.

A tabela 2 abaixo resume essas informações e fornece a porcentagem do número de Ms e Rs em cada *corpus* separadamente.

TABELA 2
Ocorrência de Matrizes e Ressonâncias nas transcrições

Transcrição	Total Ues	Nº Ms e Rs	%
[TA]	782	265	33,9
[TB]	626	159	25,4
[TC]	655	193	29,5
[TD]	921	115	12,5
TOTAL	2984	732	24,5

Como se observa, a conversação [TA] apresenta um maior número de unidades semântico-entoacionais ressoantes, com uma porcentagem equivalente a 33,9% do total de unidades presentes nessa transcrição. A conversação [TC] é a segunda que apresenta maior freqüência de Ms e Rs, com um percentual de 29,5%. A diferença percentual de unidades ressoantes em [TA] e [TC] é de aproximadamente 4%. A conversação [TB] também possui um número significativo de unidades entoacionais ressoantes: 25,4% - um resultado de aproximadamente 4,0% abaixo do percentual encontrado em [TC]. A transcrição [TD] é a que apresenta um menor número de USEs ressoantes, com apenas 12,5% do total. Observa-se que, ao todo, foram contabilizadas 2984 unidades semântico-entoacionais e, dentre elas, 732 correspondem a Ms e Rs. Verifica-se, dessa forma, uma média percentual de 24,5% de unidades ressoantes, considerando-se as quatro transcrições.

Esses resultados revelam que, em maior ou menor grau, as Rs são recorrentes em textos conversacionais, e somente esse fato justifica um estudo mais aprofundado do fenômeno. As perguntas que podem ser feitas após a verificação do

índice de ocorrência de Rs são: que fatores contribuem para que uma conversação apresente um número de Ressonâncias menor que de outras? Se essas Rs aparecem com frequência, que funções elas possuem nas interações? Que funções são mais significativas? Qual a contribuição desse estudo para melhor compreensão da conversação espontânea e para a descrição gramatical da língua?

As seções e os capítulos que se seguem buscam analisar com mais detalhes as Ms e Rs que aparecem no *corpus* estudado, com a intenção de responder às questões colocadas acima.

4.2 As funções discursivas

Após identificação e contagem das Rs no *corpus* em estudo, o passo seguinte de meu trabalho consistiu em detectar as funções discursivas desempenhadas pelas Ressonâncias nas conversações focalizadas.

É necessário ressaltar a importância do aspecto entoacional na classificação funcional de cada tipo de Ressonância, pois, em inúmeros casos, é a entoação que possibilita a identificação de suas funções. Conforme Bakhtin (1986), o sentido de um enunciado “não existe fora de sua acentuação e entoação vivas”. Outra observação fundamental é a de que algumas Ressonâncias apresentam mais de uma função, e, nesses casos, foi adotado o critério de classificá-las de acordo com a função predominante no contexto. O discurso conversacional é co-construído através de seqüências de turnos, o que demonstra que a unidade de análise não pode ser um ato de fala tomado isoladamente. Assim, a classificação da função de cada uma das Rs só foi possível com a observação da relação estabelecida entre uma R e as outras unidades constituintes do tipo de esquemas de trocas em que se

encontrava na conversação²⁶. Unindo as classificações propostas por Tannen (1989), Marcuschi (1992) e Norrick (1987), cheguei a um quadro de funções, com base em aspectos **argumentativos** e **interacionais**, direcionado especificamente para as Ressonâncias encontradas no *corpus* analisado. As funções argumentativas e interacionais foram comentadas na seção 2.2.6 deste trabalho, quando mencionada a tipologia adotada por Marcuschi (1992)²⁷. As funções de natureza argumentativa são as que se situam em contextos argumentativos, em que se trata de defender posições (confirmar ou contestar). As funções de natureza interacional são responsáveis pelo envolvimento dos participantes na interação.

O quadro abaixo foi formulado após a constatação das funções encontradas no *corpus* deste estudo. Dessa forma, procurei agrupá-las em macrofunções (A – B – C – D – E), cada qual com seus subtipos. Nesse agrupamento em cinco macrofunções, encontram-se mesclados os critérios argumentação e interação. É importante ressaltar que as funções apresentadas serão explicadas e exemplificadas em seguida. Quero acrescentar que, nos exemplos fornecidos, somente as Ressonâncias relevantes para ilustrar o caso em discussão serão negritadas.

²⁶ Esse aspecto poderá ser melhor compreendido, na próxima seção, observando-se as diferenças estabelecidas entre as funções de Confirmação, Reafirmação e Expansão.

²⁷ Convém lembrar que, no estudo do referido autor, o número de Repetições detectadas com função interacional foi reduzido, tendo em vista o tipo de *corpus* analisado. A tese do autor (Marcuschi, 1992, p.15) é a de que, *dependendo do tipo de texto, tem-se um maior ou menor grau de envolvimento, que pode se refletir na presença de maior ou menor volume de Rs com essa função específica.*

QUADRO 6
Funções discursivas das Ressonâncias detectadas no *corpus*

(A) Responsividade	(B) Concordância	(C) Discordância	(D) Questão	(E) Humor
1. Resposta- <i>Qu</i>	1. Confirmação	1. Contraste	1. Interesse	1. Humor / Ironia
2. Resposta- S/N	2. Reafirmação	2. Negação	2. Pedido de esclarecimento	2. Apreciação
	3. Fática	3. Retificação	3. Admiração	
	4. Aceitação de colaboração		4. Certificação	
	5. Complemento			
	6. Retomada de figura			
	7. Lembrança			
	8. Intensificação			
	9. Repasse			

1º Grupo (A)

Responsividade: são os casos de Ressonâncias em que o falante responde a uma pergunta formulada pelo interlocutor. A pergunta na Matriz realiza-se na forma de interrogativa direta ou indireta e pode ser de dois tipos: as questões com o uso de elemento *Qu* e as questões fechadas, do tipo SIM ou NÃO.

1. Resposta à questão com elemento *Qu* (**Resp. Qu**):

- (4.1) [TCp.2]
 ((L1 informa a L3 que vai conectar-se à Internet.))
- | | | |
|----|--|-------------------|
| 1. | L3 – que que ocê vai ver na Internet M.? | M |
| 2. | L1 – vou ver se tem e-mail para mim da/ lá da Unimed... | R Resp. Qu |

2. Resposta do tipo Sim/Não (**Resp. S/N**):

- (4.2) [TCp.8]
 ((Os interlocutores estão mostrando para a mãe de L2 as fotos do local visitado, em viagem recente.))
- | | | |
|----|---|--------------------|
| 1. | L3 – as coisas lá são muito caras? | M |
| 2. | L2 – são muito caras... | R Resp. S/N |

É interessante observar que o falante optou por realizar a Ressonância ao invés de responder somente SIM ou NÃO. Em todos os casos de resposta do tipo SIM ou NÃO, nas quatro conversações, 65% foram com a utilização de estruturas ressoantes.

Incluem-se no grupo A os casos de resposta a pedido, oferecimento, sugestão – todos aqueles que requisitam uma resposta do interlocutor. Nos exemplos abaixo, esses casos vêm identificados com a abreviatura **R Resp.**

a) Resposta a pedido:

O falante posiciona-se em relação ao pedido feito pelo interlocutor:

- (4.3) [TBp.3]
 ((L1 e L2 estão conversando sobre o problema no aparelho de som de L1.))
- | | | |
|----|-----------------------------------|----------------|
| 1. | L2 – posso dar uma olhada? | M |
| 2. | L1 – uai... pode ué... | R Resp. |

b) Resposta à sugestão, convite ou conselho:

O falante aceita ou recusa um convite, uma sugestão, um conselho feitos pelo interlocutor.

- (4.4) [TBp.5]
 ((L2 afirma que precisa descansar um pouco para ir a uma festa à noite. Recebe, então, o convite de um dos participantes.))
- | | | |
|----|--|----------------|
| 1. | L3 – dorme aí sô | M |
| 2. | bate aqui!
((C. e J. batem as mãos em cumprimento.))
((risos)) | |
| 3. | L2 – não... não vou dormir não:: cara... | R Resp. |

c) Resposta a oferecimento:

O falante aceita ou recusa aquilo que seu parceiro lhe oferece.

- (4.5) [TBp.13]
 ((Os falantes estão almoçando na casa do documentador – L1, que oferece moela a L3.))
- | | | |
|----|------------------------------------|----------------|
| 1. | L1 – quer? | M |
| 2. | L2 – deixa eu pegar a faca...
[| |
| 3. | L3 – quero... | R Resp. |

2º Grupo (B)

Concordância: são os casos de Ressonância em que o falante concorda com o enunciado produzido pelo interlocutor, demonstra aceitação do que foi falado. São incluídos nesse grupo os subtipos: Confirmação, Reafirmação, Fática, Aceitação de Colaboração, Complemento, Retomada de figura, Lembrança, Intensificação, Repasse. Cada um deles será explicado e exemplificado a seguir:

1. Ressonância de Confirmação (**Conf.**):

O falante ressoa o enunciado Matriz, produzido por seu interlocutor, com o objetivo de confirmar a idéia nele contida.

- (4.6) [TBp.5]
 ((Os interlocutores conversam sobre a roupa que L2 irá vestir à noite. L2 pergunta a opinião de L3 sobre uma calça xadrez.))
- | | | |
|----|-------------------------------------|----------------|
| 1. | L2 – mas será que combina? | |
| 2. | L3 – ah não... nada a ver... | M |
| 3. | L2 – nada a ver... | R Conf. |

Em muitos casos, a confirmação²⁸ de um enunciado se dá motivada pelo pedido do falante, como no exemplo abaixo:

- (4.7) [TAp.6]
 ((L2 comenta com L1 sobre uma conhecida que vende queijo.))
- | | | |
|----|---------------------------|----------------|
| 1. | L2 – ela vende né? | M |
| 2. | L1 – ela vende... | R Conf. |

2. Ressonância de Reafirmação (**Reaf.**):

O locutor reafirma sua colocação anterior, que foi questionada por seu interlocutor. A oração ressoante vem confirmar uma asserção do locutor, após uma intervenção do interlocutor, seja de dúvida, contestação, confirmação... Essa Ressonância é sempre motivada por enunciado do interlocutor e pode reaparecer da mesma forma ou um pouco modificada.

²⁸ O mesmo ocorre em alguns casos de negação, conforme se verá adiante, nas funções agrupadas no Grupo C.

- (4.8) [TBp.11]
- | | | |
|----|-----------------------------|----------------|
| 1. | L3 – não vi ainda... | M |
| 2. | L2 – num viu não? | R |
| 3. | L3 – hum...hum... | |
| 4. | já tá pronto... | |
| 5. | mas eu/eu num vi... | R Reaf. |

No exemplo acima, L2 queria saber mais informações a respeito de um questionário sobre o qual conversavam os interlocutores. L3 responde que não poderia dizer nada, pois não havia visto o questionário. Após indagação de L2, na linha 2, L3 **reafirma**, na linha 5, sua fala anterior.

Faz-se necessário pontuar a diferença entre a R de Confirmação e a R de Reafirmação, que se baseia no sistema de trocas da conversação, como se pode ver nos quadros abaixo.

As Rs de Confirmação ocorrem quando o segundo falante confirma as idéias apresentadas pelo parceiro.

R Confirmação:

M	L1: afirma uma M
R Conf.	L2: confirma a afirmação de L1

As Rs de Reafirmação ocorrem quando o mesmo falante retoma suas próprias palavras motivado pela interferência do interlocutor:

R Reafirmação:

M	L1: afirma uma M
R	L2: questiona, contrasta a afirmação M ou certifica-se do que ouviu
R Reaf.	L1: reafirma sua M

3. Ressonância Fática (**Fát.**):

O falante repete o que o parceiro disse para participar da conversação, demonstrar atenção ao que seu parceiro diz, mostrar ao interlocutor que está acompanhando o desenrolar dos fatos narrados, ou ainda, para, simplesmente, avisar que recebeu a mensagem e que o outro pode continuar com a palavra. Nesses casos, as Rs soam como: “Ah! Sei!” “Estou ouvindo.” “Pode continuar.” “Entendi.” “Ah tá.”

- (4.9) [TAp.12]
 ((L2 fala sobre o filho de uma grande amiga, que, quando vê a neném, filha de L2, sendo carregada, quer ser carregado também.))
- | | | |
|----|--|---------------|
| 1. | L2 – mas aí ele vê que a A. tá no colo... | |
| 2. | aí... ele quer ficar no colo então... | M |
| 3. | L1 – aí quer também... | R Fát. |

L1, nesse exemplo, repete o enunciado querendo mostrar que está acompanhando a narrativa da parceira no diálogo.

Como já constatado no capítulo 2 desta dissertação, Tannen (1985) denomina *shadowing* o enunciado produzido por um falante quando este repete o que o outro está dizendo logo em seguida, com sobreposição total, como se estivesse antecipando a fala do outro, ou com sobreposição parcial, que sinaliza concordância com o que está ouvindo. Aqui neste trabalho, as Rs de **Confirmação e Fática com sobreposição** representam 24% do total de Rs encontradas no *corpus* com essas mesmas funções de Confirmação e Fática, e não receberam uma classificação à parte. Vejam-se os exemplos:

- (4.10) Ressonância Fática com sobreposição:
 [TAp.12]
 ((L3 pergunta a L2 o que ela havia feito naquele dia.))
- | | | |
|----|-------------------------------------|---------------|
| 1. | L2 – fui almoçar fora | M |
| 2. | L3 – [ah... almoçar fora... | R Fát. |

Nesse exemplo (4.10), L3 repete o enunciado de L2, sinalizando o recebimento da mensagem.

- (4.11) Ressonância de Confirmação com sobreposição:
[TAp.6]
- | | | | |
|----|------|--|----------------|
| 1. | L1– | mas ela não fala que é ela que faz não... | M |
| 2. | L2 – | [
não... ela não fala que é ela que faz não... | R Conf. |

Em (4.11), após um falante ter contado um caso de uma vendedora que mentiu, dizendo que ela mesma é que fazia a mercadoria que vendia, L1, em assunto sobre uma outra conhecida que vendia queijos, afirma que essa pessoa não mentia, ou seja, era sabido que essa moça comprava e revendia os queijos. Observe-se como a sobreposição sinaliza grande envolvimento dos interlocutores na conversação.

4. Ressonância de Aceitação de colaboração (**Aceit. colab.**):

O interlocutor fornece ao falante de posse do turno uma contribuição, antecipando o que o falante ia dizer, ou então, sugerindo algum elemento que o falante não encontra no momento da produção do enunciado. O locutor reafirma o enunciado do parceiro, em sinal de aceitação da colaboração.

- (4.12) [TBp.12]
- | | | | |
|----|------|--|------------------------|
| 1. | L2 – | respondeu que tem simpatia pela mãe... | |
| 2. | | respondeu que... | |
| 3. | L1 – | odeia a mãe... | M |
| 4. | L2 – | odeia a mãe... | R Aceit. colab. |

Em (4.12), os falantes estão discutindo a respeito de um programa específico para questionários de pesquisas e do processamento de contabilizar as respostas. A fala de L2 é uma exemplificação do que uma pessoa qualquer poderia responder em um questionário imaginário. L1 ajuda seu interlocutor, sugerindo outro exemplo para que L2 pudesse concluir sua exposição.

5. Ressonância de Complemento (**Compl.**):

O locutor concorda com o interlocutor, mas, ao reafirmar a Matriz, acrescenta algum comentário que considera pertinente: uma explicação, uma consideração, uma delimitação, uma generalização...

- (4.13) [TCp.3]
 ((Os interlocutores estão apreciando algumas fotos.))
- | | | |
|----|--|-----------------|
| 1. | L3 – nossa essa ficou linda... | M |
| 2. | NO::::ssa esse pôr de sol tá maravilhoso... | M |
| 3. | L2 – e aqui fez uma seqüência tá vendo? | |
| 4. | aqui o sol tá mais alto... aqui mais baixo é... | R Compl. |
| 5. | no::::ssa ficou lin::do né? | R |

Faz-se necessário enfatizar que as Rs de Complemento são acréscimos às falas produzidas pelo interlocutor, com base em mesmo material lingüístico. Ou seja, se o falante 1 produz uma Matriz, só pode ser considerada Ressonância de Complemento se um dos seus interlocutores, e não ele próprio, fizer a Ressonância.²⁹

6. Ressonância de Retomada de figura (**Retom. fig.**):

Essa R encerra uma retomada de *figura*³⁰ ou um pedido do interlocutor para que o parceiro retome mais rapidamente a narrativa no ponto em que foi interrompida. No exemplo (4.14) abaixo, L1 inicia a narração de um caso e, logo em seguida, suspende o desenrolar dos acontecimentos para apresentar alguns detalhes sobre o local e o objeto envolvidos na cena relatada. Ao passar da *figura* para o *fundo*, sua interlocutora, L2, faz a intervenção, na linha 9, antecipando a retomada da figura, que tinha sido **interrompida** temporariamente. O elemento *aí*,

²⁹ A diferença entre a Ressonância de Complemento e a Ressonância de Expansão, que será vista mais adiante, se dá devido ao sistema de troca dos falantes, conforme será explicitado no momento da exemplificação de Rs Expansivas.

³⁰ Utilizo os conceitos de Figura e Fundo de acordo com HOPPER (1979). O termo Figura corresponde ao eixo narrativo, ou seja, à estrutura que faz a história avançar: eventos apresentados seqüencialmente. O termo Fundo corresponde ao eixo descritivo, à estrutura que não faz a narrativa progredir, mas serve de pano de fundo para essa narrativa.

no início da fala de L2, é um indicativo de que se deseja avançar no desenrolar dos fatos da narração.

- (4.14) [TA p.4]
- | | | |
|-----|--|----------------------|
| 1. | L1 – ah...comprei um negócio pra mandar pra mo::ça de::do Equador...M | |
| 2. | muito bonitinho... | |
| 3. | uma loja (?) | |
| | [| |
| 4. | L2 – lá? | |
| 5. | L1 – ah... tem muitas lojas de antigüidade... | |
| 6. | mas numa dessas lojas de antigüidade | |
| 7. | eu vi uma caixa de doce cristalizado... | |
| 8. | mas Li::Ndos...li::ndos... | |
| 9. | L2 – aí cê mandou pra moça... | R Retom. fig. |
| 10. | L1 – aí eu comprei... | R |
| 11. | dezessete reais... | |
| 12. | aí mandei pra moça lá do Equador... | R |

7. Ressonância de Lembrança (**Lembr.**):

O falante ressoa a Matriz com a entonação de **exclamação**, sinalizando que seu parceiro o lembrou de algum fato esquecido até aquele momento.

Essa R significa: *Ah::!!! É mesmo!*

- (4.15) [TAp.15]
 ((O falante 2 lembra ao falante 1 que a moça sobre quem falam já tem um filho.))
- | | | |
|----|------------------------------------|-----------------|
| 1. | L2 – ela já tem um filho... | M |
| 2. | L1 – ah:: ELA JÁ TEM... | R Lembr. |
| | [| |
| 3. | L2 – é uai ela já tem... | R |
| 4. | L1 – ela tem um filho... | R |

8. Ressonância de Intensificação (**Intens.**):

O falante intensifica a idéia contida na M, com a utilização de um elemento intensificador ou com a substituição de um item lexical por outro mais enfático.

- (4.16) [TAp.12]
 ((A conversa é sobre um neném, que nascerá em breve e que, provavelmente, trará ciúme a seu irmão, uma criança de dois anos.))
- | | | |
|----|--|------------------|
| 1. | L1 – ah:: vai ser uma ciuME::ira... | M |
| 2. | L2 – vai ser uma ciumeira danada... | R Intens. |

- (4.17) [TAp.5]
 ((O assunto é um doce experimentado por um dos falantes.))
1. L1 – mas **são bonitos...** **M**
 2. L2 – [por dentro assim/ **maraviLHOsos** e por dentro nozes **R Intens.**

9. Ressonância de Repasse (**Repas.**)

O falante reproduz o que um dos interlocutores disse para os outros interactantes que, mesmo participando da conversação, não ouviram o enunciado.

- (4.18) [TCp.14]
1. L3 – **tô assando o pão de queijo primeiro depois eu vou assar a pizza...** **M**
 2. L2 – NÓ que deLícia... humm::
 3. escutou Marcos?
 4. **tô assando o pão de queijo primeiro depois eu vou assar a pizza...** **R Repas.**
 5. L1 – huuuuu...

3º Grupo (C)

Discordância: são os casos de Ressonância em que o falante discorda do enunciado produzido pelo interlocutor. Incluem-se, neste grupo, as Ressonâncias de Contraste, Negação e Retificação.

1. Ressonância de Contraste (**Contr.**):

O falante ressoa a afirmação do interlocutor com o objetivo de contrastar posições diferentes frente a uma mesma situação, ou então, com o intuito de contrastar elementos de uma assertiva.

- (4.19) [TDp.20]
 ((Os falantes estão tecendo comentários sobre reclamações que fizeram ao Corpo de Bombeiros.))
1. L1 – **eu FIQUEI TÃO APAVORADA no telefone... e ()(...)** **M**
 2. L2 – ah... **eu não fiquei sem graça nem um pouco** **R Contr.**

- (4.20) [TBp.4]
 ((L3 entrega o Toddy a L1))
1. L1 – **nossa ficou super diferente do que normalmente cê faz...** **M**
 2. L3 – não... **eu faço sempre gostoso...** **R Contr.**
 3. **é diferente do// do que as pessoas normalmente fazem...** **R Contr.**

Faz-se necessário exemplificar também o contraste em forma de pergunta (tom de surpresa, desaprovação) :

- (4.21) [TCp.4]
 ((Falando sobre fotos))
- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L1 – mas eu vou ampliar essa aí de olho fechado... | M |
| 2. | num tô nem aí... | |
| 3. | L2 – não... essa aqui cê vai ampliar? | R Contr. |
| 4. | L1 – nó eu achei lin::da... | |

Para ilustrar esse aspecto, o exemplo (4.22) abaixo é ainda melhor, pois, além da interrogação em contraste, o Locutor 2 reforça seu posicionamento, na linha 3, com uma afirmação em contraste:

- (4.22) [TCp.7]
- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L1 – ah::: essa eu não gostei muito não... | M |
| 2. | L2 – não gostou? | R Contr. |
| 3. | nossa eu gostei tanto... | RE. |

Norrick (1987, p.252) e Tannen (1987, p.92) observam esse tipo de contraste em especial, em que a discordância se dá através da indagação de uma assertiva do interlocutor. Norrick se refere a esse tipo de R como *efeito surpresa*, e Tannen tece comentários sobre o uso da entoação pelo falante que objetiva contrastar fatos ou opiniões, usando material lingüístico já enunciado. Marcuschi (1996), além de mencionar esses dois autores, traça uma diferença entre Rs de Contraste e de Contestação. Como ele observa: *O contraste evidencia uma posição de princípios, mas a contestação é a substituição de uma assertiva por outra (p.120)*. Neste trabalho, optei por não fazer tal distinção, pois as duas funções trazem, de qualquer forma, uma contraposição à assertiva do interlocutor, enquadrando-se no Grupo (C) do quadro fornecido anteriormente.

2. Ressonância de Negação (**Neg.**):

O falante nega a afirmação do interlocutor, ou através da inserção da partícula negativa – *não* – ou através da substituição de um item lexical por seu antônimo.

- (4.23) [TAp.19]
 ((Os interlocutores discutem sobre o melhor horário de se visitar a Feira de Artesanato.))
- | | | |
|----|--|---------------|
| 1. | L1 – oito horas também é vazio... | M |
| 2. | L2 – oito horas é cheio... | R Neg. |

Casos de Contraste ou Negação podem ser motivados pelo pedido do interlocutor, através da expressão: “*não é?*” Veja-se o exemplo (4.24) abaixo. L1 afirma que o motivo de aparecerem formigas na casa é o fato de C., sua namorada, ser doce. C. – L3 – responde ao “*né?*”(na linha 1, formulado por L1), com a sentença: “*não é não*”.

- (4.24) [TBp. 15]
- | | | |
|----|---------------------------------------|-------------|
| 1. | L1 – é porque cê é doce né C.? | M |
| 2. | L3 – não é não... | Neg. |

3. Ressonância de Retificação (**Retif.**):

O falante corrige algum elemento na sentença Matriz enunciada pelo parceiro.

- (4.25) [TCp.13]
 ((Os falantes referem-se às fotos de uma viagem.))
- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L2 – qual que sua mãe quer ampliar? | M |
| 2. | L1 – não fofa ela vai querer copiar... | R Retif. |

No exemplo abaixo, o falante retifica o seu próprio enunciado, na linha 5. Após perceber que o interlocutor – L3 – aproveitou sua fala para fazer uma brincadeira, o falante – L2 – resolve reformular o que havia dito:

- (4.26) [TBp.6]
 ((O locutor 2 está falando sobre a festa que vai à noite.))
- | | | |
|----|--|-----------------|
| 1. | L2 – aniversária/ aniversário de uma/ um amigo da minha amiga... | |
| 2. | e aí ela me colocou lá na porta... | M |
| 3. | L3 – te colocou lá na porta? | R |
| 4. | cê vai ficar de porteiro hoje? ((rindo)) | |
| 5. | L2 – não não... ela colocou o meu nome na porta... | R Retif. |

4º Grupo (D)

Questão: são os casos de Ressonância em que o falante questiona uma informação enunciada pelo interlocutor, seja para pedir algum esclarecimento, seja para demonstrar interesse, seja para demonstrar admiração em relação ao que ouviu ou ainda para certificar-se do que foi falado pelo parceiro. Seguem-se os subtipos, exemplificados:

1. Ressonância de Interesse (**Inter.**):

O falante questiona uma afirmação do interlocutor para demonstrar interesse na conversação ou por curiosidade mesmo. Essa ressonância significa o mesmo que dizer “Ah é?” “Que legal!” “E aí?” “Conte mais!” e vem acompanhada da Reafirmação do interlocutor que continua com a palavra.

- (4.27) [TAp.1]
- | | | |
|----|--|-----------------|
| 1. | L1 – olha... e ontem que eu acabei indo na tal feira... | M |
| 2. | Cheval... | |
| 3. | L2 – ah... cê foi? | R Inter. |
| 4. | L1 – fui... eu... Regina... Vera... | R |

2. Ressonância de Pedido de esclarecimento (**Ped. esclar.**):

O falante questiona uma informação fornecida pelo interlocutor com o objetivo de pedir esclarecimentos ou detalhes sobre os fatos narrados.

Ela significa: “Como assim?” “Não entendi”. “Explique melhor”.

- (4.28) [TCp.11]
 ((Um dos interlocutores está mostrando uma foto.))
- | | | |
|----|---|-----------------------|
| 1. | L2 – aqui é isso aqui é uma vista da cidade... entendeu? | M |
| 2. | aqui ó... tá vendo... | |
| 3. | isso é um lugar tipo um morro... | |
| 4. | L3 – esse lugar aqui é o quê? | R Ped. esclar. |
| 5. | L2 – isso aqui é um mirante que tem... | R |

3. Ressonância de Admiração (**Admir.**):

O falante demonstra sua perplexidade, surpresa ou até mesmo descrença diante de fatos apresentados pelo interlocutor. O enunciado é produzido com uma entonação mista de exclamação e interrogação, que pode ser traduzido por “*Não é possível!*” “*Como pode?*” “*Nossa! Eu não sabia!*”

(4.29) [TAp.1]

((Os interlocutores fazem comentários sobre um restaurante.))

- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L2 – o quilo do doce é que é o mais caro | |
| 2. | vinte e cinco reais (o quilo)(...) | M |
| 3. | L1 – NO::ssa... o quilo do DOce vinte e cinco reais? | R Admir. |
| 4. | NO::SSA mãe do céu... | |

4. Ressonância de Certificação (**Certif.**):

O interlocutor verifica se o que ele ouviu foi o que o locutor disse. Nesses casos, a R é seguida de uma retomada da M pelo locutor, que vai reafirmar o que dissera antes.

(4.30) [TBp.3]

((Os interlocutores estão discutindo sobre o aparelho de som que não funciona.))

- | | | |
|----|---|------------------|
| 1. | L2 – cê já fuçou tudo? | M |
| 2. | L1 – não... não fuzei nada... | R |
| 3. | não... eu sei que troquei as caixas de lugar aí... | M |
| 4. | () deu certo... | |
| 5. | L2 – trocou as caixas e deu certo? | R Certif. |
| 6. | L1 – não... num deu certo não... | R |

5º Grupo (E)

Humor: são os casos de Ressonância em que o falante faz uma brincadeira, uma zombaria ou uma ironia com o enunciado do parceiro ou então repete o enunciado do outro somente com o objetivo de apreciar a graça nele contida. Vejamos os subtipos abaixo: Humor/Ironia e Apreciação.

1. Ressonância de Humor/Ironia (**Hum.**)

O falante aproveita-se da fala do interlocutor para fazer uma ironia, uma brincadeira, uma zombaria, uma gozação.

- (4.31) [TBp13]
- | | | |
|----|---|---------------|
| 1. | L2 – sabe que que cê não pode fazer numa faca.. | |
| 2. | isso aqui... pra saber se ela tá afiada? | M |
| 3. | L1 – essa faca tá bem desafiada! | R Hum. |
| 4. | quer dizer bem não-amolada! ((risos)) | R |

- (4.32) [TCp.15]
 ((L3 pede informação sobre a foto que está em mãos.))
- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L3 – isso é planta natural... de lá mesmo... do lugar? | M |
| 2. | L2 – não... isso é coisa artificial... | R Ironia |
| 3. | L3 – dá-se a impressão que foi uma coisa plantada... | |
| 4. | olha que boni::to... | |
| 5. | L2 – não mãe... | |
| 6. | é natural ué... | R |

2. Ressonância de Apreciação (**Aprec.**):

O falante repete a fala do outro para apreciá-la, para mostrar que achou interessante ou engraçado o que foi falado, ou então, para estender o tempo do riso provocado pelo enunciado Matriz. Essa R significa dizer algo como: “Ah! Essa foi boa!” “Não agüentei essa sua fala!”

- (4.33) [TBp.9]
- | | | |
|----|---|-----------------|
| 1. | L2 – mas e Aí? | |
| 2. | que que rolou? | |
| 3. | L3 – o quê? | |
| 4. | da reunião? | |
| 5. | L2 – sem ser essas conversas? | M |
| 6. | L3 – sem ser essas conversas... ((rindo)) ai ai... | R Aprec. |

Nesse exemplo, L3, uma estudante universitária, comentava sobre uma reunião da qual havia participado na Faculdade de Comunicação. Dizia que, como havia muitas mulheres, o assunto principal era o de sempre: homens. Com base nisso, L2 pergunta, na linha 5, o que mais aconteceu nessa reunião *sem ser essas conversas* sobre namorados. L3 faz a Ressonância, achando engraçado o modo como L2 pronunciou sua pergunta.

Após caracterização e exemplificação das funções elencadas no Quadro 6, resta ainda explicar um tipo de Ressonância, introduzida na seção 3.4 desta dissertação – a **Ressonância de Expansão (RE.)**, que, por suas características peculiares e diferentes das outras Rs vistas até o momento, não foi incluída no quadro de funções dos Grupos A a E. O que motiva uma Ressonância de Expansão ser classificada à parte? Uma **R expansiva** ocorre quando um falante expande seu comentário anterior, reforçando-o, delimitando-o, modalizando-o, fazendo acréscimos... Trata-se, portanto, de uma R proferida por um falante, precedida de outra R proferida por esse mesmo falante. Vejam-se os exemplos:

- (4.34) [TAp.11]
- | | | |
|----|--|------------|
| 1. | L2 – fiz um creme de espinafre que (...) ela amou... | |
| 2. | L1 – comeu tudo... | M |
| 3. | L2 – COMEU... | R |
| 4. | <u>comeu com uma boca boa...</u> ³¹ | <u>RE.</u> |
| 5. | <u>depois comeu no jantar...</u> | <u>RE.</u> |
-
- (4.35) [TAp.16]
- | | | |
|----|---|------------|
| 1. | L1 – ah::::... ele nem SABE se vai entrar de férias... | M |
| 2. | L2 – éh::... ele só fica sabendo em cima da hora... | R |
| 3. | <u>na segunda-feira a gente vai ficar sabendo...</u> | <u>RE.</u> |

Em (4.34), o assunto em pauta era o prato de comida feito por L2 para a filha. L1 fornece uma Matriz que funciona como continuação da afirmação anterior de L2. L2 faz a Ressonância, na linha 3, aproveitando-se da sugestão de L1, e, logo em seguida expande sua fala, dizendo que a filha tinha comido com prazer e tinha comido novamente no jantar (nas linhas 4 e 5), como se quisesse reforçar a idéia de que sua filha tinha realmente gostado da comida.

No exemplo (4.35), a expansão se dá na linha 3, quando L2 delimita a informação “*em cima da hora*”, substituindo-a por *segunda-feira*.

³¹ Conforme já mencionado, o grifo é a convenção adotada para identificação das Ressonâncias de Expansão.

As Rs de Expansão foram contadas separadamente das Ressonâncias com funções discursivas analisadas anteriormente, na medida em que elas reforçam o comentário de uma R já incluída em um dos grupos A a E. Em geral, essas **Rs expansivas** exercem a mesma função da R que serviu como fonte de expansão. As funções discursivas propostas para as Rs dizem respeito à relação de um enunciado de um falante com uma afirmação anterior de seu interlocutor. Como as Rs Expansivas são realizadas por um falante para reforçar o seu próprio enunciado, tomei a decisão de classificá-las em um grupo à parte.

Poder-se-ia questionar por que não eliminar as Rs expansivas da análise, já que correspondem a auto-repetições com ou sem variação. O fato é que essas Ressonâncias de Expansão não são somente repetições feitas por um falante de seu próprio enunciado. Elas estão também em relação paradigmática com as Matrizes que geraram o que estou denominando Ressonância. Observe-se o quadro abaixo, produzido a partir do exemplo (4.34):

L1:	comeu	tudo		M
L2:	comeu			R
L2:	comeu		com uma boca boa	<u>RE.</u>

O que se pretende mostrar é que as expansões também são ressonâncias da mesma Matriz, base para produção da primeira R, no caso de Confirmação. Como não houve intercalação de interlocutores, essas Rs produzidas pelo mesmo falante, nas linhas 4 e 5 do exemplo (4.34), são tratadas por Rs **expansivas**. Faz-se necessário antecipar que a freqüência das Rs de Expansão nas conversações foi computada juntamente com as Ressonâncias dos grupos A a E, como se verá na próxima seção.

4.3 A presença das funções no *corpus*

Esta seção tem como objetivo apresentar os resultados das funções discursivas das Ressonâncias nos textos analisados. Para isso, considero importante reproduzir a tabela já apresentada, na seção 4.1, que fornece a porcentagem do número de Ms e Rs detectadas no *corpus* estudado:

TABELA 2
Ocorrência de Matrizes e Ressonâncias nas transcrições

Transcrição	Total USEs	Nº Ms e Rs	%
[TA]	782	265	33,9
[TB]	626	159	25,4
[TC]	655	193	29,5
[TD]	921	115	12,5
TOTAL	2984	732	24,5

As tabelas que se seguem retomam e expandem os dados acima e trazem a distribuição das funções em cada transcrição separadamente: [TA], [TB], [TC], [TD]. Conforme já mencionado, foram incluídas na análise as Ressonâncias dos grupos funcionais A a E, com todos os subtipos, e também as Ressonâncias de Expansão.

4.3.1 Conversação [TA]

De um total de 782 unidades semântico-entoacionais encontradas na primeira conversação, 265 – **33,9%** – correspondem a Matrizes e Ressonâncias, sendo 81 Matrizes e **184 Ressonâncias**. A tabela abaixo fornece o número de ocorrências de cada grupo funcional e também o total de ocorrências de cada subfunção.

TABELA 3
Distribuição de macrofunções e subfunções em [TA]

MACROFUNÇÃO		Nº	%	SUBFUNÇÃO		Nº	%
A	RESPONSIVIDADE	31	16,8	Resposta <i>Qu</i>	03	1,6	
				Resposta S/N	28	15,2	
B	CONCORDÂNCIA	78	42,4	Confirmação	24	13,8	
				Reafirmação	14	7,6	
				Fática	11	5,9	
				Aceitação de colaboração	05	2,7	
				Complemento	18	9,7	
				Figura	02	1,1	
				Lembrança	01	0,5	
				Intensificação	03	1,6	
				Repasse	0	0	
C	DISCORDÂNCIA	28	15,2	Contraste	19	10,3	
				Negação	04	2,2	
				Retificação	04	2,7	
D	QUESTÃO	15	8,2	Interesse	03	1,6	
				Pedido de esclarecimento	10	5,5	
				Admiração	02	1,1	
				Certificação	0	0	
E	HUMOR	0	0	Humor / Ironia	0	0	
				Apreciação	0	0	
F	EXPANSÃO	32	17,4				
TOTAL		184	100				

Fazendo a análise das **macrofunções** de Ressonâncias em [TA], verifica-se que, das 184 Rs, 42,4% possuem função de Concordância, ou seja, há o predomínio de funções do Grupo B, nessa conversação. Em seguida, observam-se as funções dos grupos A - Responsividade - e C - Discordância - em menor número, apresentando um percentual de 16,8% de Rs com função de Responsividade e 15,2% de Rs com função de Discordância. As Ressonâncias do grupo D - Questão - são pouco representativas, com apenas 8,2% de ocorrência. É importante ressaltar o fato de não haver ocorrências de Ressonâncias com função de Humor em [TA] e, além disso, vale observar a quantidade razoável de Rs de Expansão, apresentando 17,4% do total de Rs analisadas.

Considerando-se as **subfunções** das Rs (grupos A a E), constata-se, nesses resultados, um predomínio de Ressonâncias de Resposta do tipo Sim/Não - 15,2%. Há também uma quantidade expressiva de Rs com função de Confirmação - 13%. As Rs de Contraste e de Complemento apresentam um percentual de ocorrência equivalente a 10,3% e 9,7%, respectivamente. As Rs com função Fática, Reafirmação e Pedido de esclarecimento aparecem com porcentagem entre 5,5% a 7,6%. As demais subfunções possuem baixa frequência.

Com base nesses dados, expostos nas tabelas 2 e 3, pode-se afirmar, primeiramente, que a conversação denominada [TA] é a que apresenta mais Ressonâncias, em comparação com as outras três transcrições constituintes do *corpus*: 33,9% de unidades semântico-entocacionais são ressoantes, conforme visto anteriormente. Trata-se de uma interação que possui um grande número de enunciados ressoantes, sustentando o discurso, o que dá indícios de uma interação bem espontânea, em que os falantes possuem uma grande quantidade de informações já compartilhadas e se mostram interessados na conversação. O predomínio de Rs com função de Concordância é muito significativo, visto que há uma diferença considerável entre o total de ocorrências dessas Rs do grupo B e das Rs dos demais grupos funcionais. Diante desse fato, pode-se concluir que os falantes dessa conversação utilizam a Ressonância principalmente como forma de interagir com assentimento, ou seja, o locutor usa um enunciado ressoante para mostrar ao parceiro que ouviu o que ele disse, que está acompanhando sua fala, que partilha de uma mesma opinião frente aos fatos abordados, que ratifica e deseja completar o que foi dito...

O interesse dos interlocutores na conversação A pode ser constatado, também, pela quantidade de Rs com função de Resposta S/N. Conforme percentual

apresentado, de todos os subtipos funcionais, esse é o mais freqüente. Os enunciados de Respostas com ressonância demonstram atenção para com o outro e disposição do falante para dar retorno ao seu interlocutor, o que incentiva a continuidade do diálogo. Cabe observar que, apesar de a subfunção de Resposta S/N ser predominante, o conjunto de ocorrências de Rs de Concordância, em suas variadas subfunções, superam a quantidade de Rs do grupo de Responsividade -A.

Com porcentagem próxima às Ressonâncias de Resposta, é importante mencionar a presença de Rs com função de Discordância. Dos três subtipos funcionais que constituem essa macrofunção, o que apresenta maior freqüência é o de Contraste. Em meio a tantas manifestações formais de participação e envolvimento dos interlocutores em [TA], verificam-se, também, as discordâncias feitas com enunciados ressoantes, que permitem ao falante pontuar posicionamento contrário ao do parceiro. Conforme visto na seção 2.3 desta dissertação, esse tipo específico de R demonstra uma colaboração formal juntamente com uma subversão pragmática, na medida em que falantes expressam opiniões diferentes com a utilização do enunciado do interlocutor.

A ausência de ocorrência de R com função de Humor revela que os participantes dessa interação não se valem dos recursos disponíveis de Rs irônicas e apreciadoras, ou seja, a conversa é travada com poucas gracinhas e ironias. Já o número de Rs Expansivas é expressivo; os falantes expandem suas falas, com as mais diversificadas funções: complementar, reafirmar, retificar, intensificar...

Outras considerações serão feitas ao término da exposição e análise dos dados que se referem às outras transcrições.

4.3.2 Conversação 2 [TB]

Em relação à segunda conversação analisada, o número total de unidades semântico-entoacionais é de 626, e o total de Rs e Ms é de 159 - **25,4%**. São 63 Matrizes, **96 Ressonâncias**. A tabela 4 abaixo traz as informações de quantificação de macrofunções e subfunções referentes às 96 Ressonâncias do *corpus 2*.

TABELA 4
Distribuição de macrofunções e subfunções em [TB]

MACROFUNÇÃO		Nº	%	SUBFUNÇÃO		Nº	%
A	RESPONSIVIDADE	22	22,9	Resposta <i>Qu</i>	05	4,2	
				Resposta S/N	17	17,7	
B	CONCORDÂNCIA	21	21,9	Confirmação	09	9,3	
				Reafirmação	04	4,2	
				Fática	0	0	
				Aceitação de colaboração	01	1,1	
				Complemento	06	6,2	
				Figura	0	0	
				Lembrança	0	0	
				Intensificação	01	1,1	
				Repasse	0	0	
C	DISCORDÂNCIA	12	12,5	Contraste	06	6,3	
				Negação	03	3,1	
				Retificação	03	3,1	
D	QUESTÃO	12	12,5	Interesse	02	2,1	
				Pedido de esclarecimento	07	7,2	
				Admiração	02	2,1	
				Certificação	01	1,1	
E	HUMOR	19	19,8	Humor / Ironia	15	15,6	
				Apreciação	04	4,2	
F	EXPANSÃO	10	10,4				
TOTAL		96	100				

Em relação às **macrofunções** das Ressonâncias em [TB], há o predomínio de funções de Responsividade (A), com 22,9% do total de Rs, seguidas pelas de Concordância (B), com um percentual bem próximo: 21,9%, e de Humor (E), com resultado de 19,8% de presença nessa conversação. As Ressonâncias com função

de Discordância (C) e de Questão (D) são menos representativas e apresentam a mesma quantidade de ocorrências: 12,5%. As Expansões, que correspondem a 10,4%, são as Ressonâncias de mais baixa frequência.

Uma constatação interessante é que os resultados registrados em [TB] mostram um maior equilíbrio na distribuição de funções se comparados aos resultados da tabela relativa à transcrição A. As diferenças percentuais entre a quantidade de ocorrências das macrofunções predominantes – Responsividade, Concordância e Humor – é muito pequena, com variação de, aproximadamente, 1% a 3%. O mesmo se verifica em relação aos grupos que apresentam menor número de ocorrências. Como vimos, as funções de Discordância e Questão exibem um mesmo percentual de ocorrência, e a diferença do resultado de enunciados com essas funções - grupos C e D - e os de Expansão é de 2,1%, o que demonstra uma distribuição realmente bastante equilibrada.

Em relação às **subfunções**, o número maior de ocorrências é a de Rs de Resposta S/N – Grupo A, num total de 17 casos – 17,7%, seguidas pelas Rs de Humor – Grupo E, com 15 casos – 15,6%. As Rs de Concordância – Grupo B – distribuem-se predominantemente entre as subfunções de Confirmação – 9,3% e Complemento – 6,2%.

Esses dados ilustram, com precisão, o fato de que o predomínio de certos tipos funcionais caracterizam o tipo de interação que se deu entre os interlocutores. Ou seja, é possível traçar um perfil do tipo de interação realizada com base na observação do número de Ressonâncias com determinadas funções. Um grande número de respostas de *Sim* ou *Não*, dadas através de enunciados ressoantes, demonstram interesse dos interlocutores na conversa e um maior cuidado com o parceiro. Já os enunciados de humor, também tão frequentes, dão um toque de

alegria, familiaridade e descontração ao evento. Além de usar o humor como forma de interação, os falantes de TB, ao conduzirem a conversa, utilizam grande quantidade de sentenças ressoantes com função de aceitação e complementação da fala do outro, o que revela participação e colaboração.

Excluindo-se as subfunções de maior frequência - Resposta S/N e Humor/Ironia, as outras apresentam um percentual de ocorrência que varia entre 0 a 9,3%. Mesmo que alguns subtipos tenham baixa representatividade (como é o caso das Rs de Reafirmação – 4,2%, Apreciação – 4,2%, Negação – 3,1%, Retificação – 3,1%, Interesse – 2,1%, Admiração – 2,1%, Certificação – 1,1%, Aceitação de colaboração – 1,1%, Intensificação – 1,1%), é importante observar como os falantes dessa interação exploram as Ressonâncias em suas cinco macrofunções básicas. O fato de a conversação [TB] apresentar uma porcentagem de enunciados ressoantes de 25,4%, juntamente com a diversidade de funções argumentativas e interacionais que eles exercem, atesta alto grau de espontaneidade e envolvimento entre os participantes do evento.

4.3.3 Conversação [TC]

Na transcrição C, das 655 unidades entoacionais totais, 193 - **29,5%** - correspondem a Ms e Rs e, dentre essas, 70 são Matrizes e **123** são **Ressonâncias**. A tabela 5 abaixo fornece o total de ocorrências das macrofunções e das subfunções de Ressonâncias encontradas nessa conversação:

TABELA 5
Distribuição de macrofunções e subfunções em [TC]

MACROFUNÇÃO		Nº	%	SUBFUNÇÃO		Nº	%
A	RESPONSIVIDADE	25	20,3	Resposta <i>Qu</i>	03	2,4	
				Resposta S/N	22	17,9	
B	CONCORDÂNCIA	46	37,4	Confirmação	18	14,7	
				Reafirmação	10	8,1	
				Fática	0	0	
				Aceitação de colaboração	01	0,8	
				Complemento	10	8,1	
				Figura	0	0	
				Lembrança	0	0	
				Intensificação	06	4,8	
				Repasse	01	0,8	
C	DISCORDÂNCIA	21	17,1	Contraste	13	10,6	
				Negação	06	4,9	
				Retificação	02	1,6	
D	QUESTÃO	07	5,7	Interesse	0	0	
				Pedido de esclarecimento	06	4,9	
				Admiração	0	0	
				Certificação	01	0,8	
E	HUMOR	11	8,9	Humor/Ironia	11	8,9	
				Apreciação	0	0	
F	EXPANSÃO	13	10,6				
TOTAL		123	100				

O predomínio de **macrofunções** das 123 Ressonâncias analisadas recai nas Rs do grupo B – Concordância, com 46 Rs, que representam 37,4% do total. Em seguida, observam-se as macrofunções de Responsividade (A), com 20,3% e Discordância (C), com 17,1%. As Ressonâncias com função de Humor (E) correspondem a 8,9% do total de Rs, e as Ressonâncias com função de Questão (D) são as de menor representatividade, com um percentual de 5,7%.

Nessa conversação, em relação às **subfunções**, é importante ressaltar que os cinco subtipos funcionais mais freqüentes pertencem a quatro macrofunções diferentes: A, B, C e E. Há o predomínio de Ressonâncias de Resposta S/N, do grupo A, com 17,9%, seguidas pelas Rs de Confirmação, do grupo B, com 14,7%,

pelas Rs de Contraste, do grupo C, com 10,6%, e pelas Rs de Humor, do grupo E, com 8,9%. Além dessas subfunções de maior número, verifica-se também uma distribuição aproximada entre as Rs Reafirmação - 8,1% e Complemento - 8,1%. Os demais subtipos possuem presença inferior a 4,9%. Observe-se que a subfunção predominante de Responsividade é do grupo A, mas a macrofunção que apresenta um maior número de Ressonâncias é a de Concordância - grupo B, devido às variadas ocorrências diluídas em suas subfunções.

Além de observarmos os dados acima, faz-se necessário destacar o resultado fornecido anteriormente, na tabela 02, referente ao número de USEs ressoantes em [TC]: **29,5%** de unidades constituintes da conversação são Ressonâncias. Também no caso de [TC], a quantidade expressiva de enunciados ressoantes, aliada à diversidade de funções que exercem, sugere uma interação bem espontânea, com grande envolvimento entre os participantes. Apesar do predomínio das funções do grupo B, os falantes fazem uso de Ressonâncias que se encaixam nos seis grupos funcionais, de A a E, ou seja, os falantes ressoam enunciados para variados fins. Dessa forma, é possível afirmar que a conversação C apresenta muitos pares de perguntas/respostas, muitos enunciados confirmativos e complementares, algumas ironias e brincadeiras e algumas divergências de opiniões. Vale lembrar que o mais importante é que todas essas falas ressoantes, com sua variedade de funções, representam uma maneira de os falantes mostrarem-se presentes e interessados no que o outro está dizendo, servem para dar retorno ao parceiro, ou seja, são falas que se voltam, principalmente, para o envolvimento interpessoal.

Antes de passarmos para a análise da última transcrição, cabe ainda uma observação pertinente. Comparando-se os dados da conversação A e da conversação C, verifica-se que os resultados relacionados às macrofunções A, B, C

e D, em [TC], são próximos aos encontrados em [TA]. O grupo de Responsividade aparece com um percentual de 16,8%, em [TA], e 20,3%, em [TC]; o grupo de Concordância apresenta um percentual de 42,4%, em [TA], e 37,4%, em [TC]; o grupo de Discordância exibe um resultado de 15,2%, em [TA], e 17,1%, em [TC]; por fim, o grupo de Questão possui um total de Rs equivalente a 8,2%, em [TA], e 5,7%, em [TC]. Embora alguns desses resultados apresentem uma diferença percentual de 5%, numa análise global de macrofunções, é possível afirmar que eles são realmente aproximados. Isso permite concluir que diferenças básicas que podem ser traçadas na definição do perfil de cada uma das interações -TA e TC - se devem às variações no número total de Ressonâncias de Humor - grupo E - e de Expansão - grupo F.

4.3.4 Conversação [TD]

Em relação à quarta conversação, das 921 unidades semântico-entocionais, no total, verificam-se 115 Ms e Rs - **12,5%**: 55 Matrizes e **60 Ressonâncias**. As 60 Rs classificadas funcionalmente ficam assim distribuídas:

TABELA 6

Distribuição de macrofunções e subfunções em [TD]

MACROFUNÇÃO		Nº	%	SUBFUNÇÃO		Nº	%
A	RESPONSIVIDADE	18	30,0	Resposta <i>Qu</i>	02	3,3	
				Resposta S/N	16	26,7	
B	CONCORDÂNCIA	29	48,3	Confirmação	13	21,7	
				Reafirmação	04	6,7	
				Fática	0	0	
				Aceitação de colaboração	02	3,3	
				Complemento	09	15,0	
				Figura	01	3,3	
				Lembrança	0	0	
				Intensificação	0	0	
				Repasse	0	0	
C	DISCORDÂNCIA	04	6,7	Contraste	01	1,7	
				Negação	02	3,3	
				Retificação	01	1,7	
D	QUESTÃO	03	5,0	Interesse	01	1,7	
				Pedido de esclarecimento	01	1,7	
				Admiração	0	0	
				Certificação	01	1,7	
E	HUMOR	0	0	Humor/Ironia	0	0	
				Apreciação	0	0	
F	EXPANSÃO	06	10,0				
TOTAL		60	100				

Observando-se as **macrofunções** de Ressonâncias em [TD], verifica-se, novamente, o predomínio do grupo B, de Concordância, com um percentual de 48,3%. O grupo de Responsividade (A) apresenta um total de ocorrência equivalente a 30% das Rs detectadas nessa conversação. As Rs dos Grupos de Expansão (F) - 10%, Discordância (C) - 6,7% - e de Questão (D) - 5% possuem baixa frequência. Além disso, é importante citar que não há ocorrência de Ressonâncias com função de Humor (E).

Analisando-se as **subfunções** das Ressonâncias, observa-se que as Rs de Resposta S/N são as que apresentam maior ocorrência - 26,7%, seguidas pelas Rs

de Confirmação - 21,7%. O subtipo Complemento também deve ser mencionado, com porcentagem de 15% do total. Todos os outros subtipos possuem presença mínima.

Diante desses dados, é necessário chamar a atenção para a predominância significativa das Rs com função de Concordância, distribuídas entre três de suas subfunções: Confirmação, Complemento e Reafirmação, apesar de a subfunção com maior número de enunciados ressoantes ser a de Resposta S/N. Somando-se o total de ocorrências das macrofunções que prevalecem em [TD] – Concordância e Responsividade, verifica-se um total de aproximadamente **80%** do total de Rs constatadas nessa transcrição. Já as macrofunções de Discordância, Questão e Humor perfazem 11,7%. Comparando-se esse resultado com o das demais conversações, é possível constatar que a soma do número de Rs com as duas funções especificamente - Responsividade e Concordância - é de 40% a 60%. Explicando melhor, o número de Rs do grupo A - Responsividade - e do grupo B - Concordância, em [TA], resulta em um percentual de **59,2%**. Em [TB], o conjunto de Ressonâncias de Concordância e Responsividade equivale a **44,8%**, e, em [TC], esse resultado é igual a **57,7%**. Essas diferenças na distribuição funcional de Rs entre [TD] e as outras transcrições dão indícios de uma interação com características distintas: os falantes conversam com mais seriedade e interagem, através das Rs, basicamente para responder ao interlocutor ou para ratificar e completar a informação recebida, visto que as subfunções de Resposta, Confirmação e Complemento, conforme já mencionado, são as predominantes. O baixo índice percentual de Ressonâncias dos grupos C, D, E e F sugerem um maior distanciamento entre os interlocutores de [TD]. Diante dos dados expostos acima e dos comentários feitos até o momento, pode-se concluir que uma interação com

mais espontaneidade parece apresentar uma maior variedade de funções exercidas pelas Ressonâncias detectadas.

Outras considerações podem ser feitas ao observarmos o número de Ms e Rs presentes nessa interação. Temos aqui, novamente, um indício de que essa quarta transcrição caracteriza-se diferentemente das outras três. Com um percentual de apenas 12,5% de enunciados ressoantes, verifica-se que os falantes de [TD] valem-se pouco do recurso da Ressonância, e esse dado também sugere uma interação com um menor grau de envolvimento entre seus participantes.

Poder-se-ia questionar as causas de um maior ou menor número de Rs em um texto. Como os dados de que disponho para esta pesquisa são insuficientes para tal investigação, lanço duas suposições para o fato de [TD] apresentar um número menor de Ressonâncias do que as outras transcrições: a primeira seria o menor grau de intimidade entre os informantes. Observe-se o trecho abaixo, transcrito da conversação D:

- (4.36) [TD p. 12]
 ((L1 tece comentários sobre a assistência que deu a seu irmão durante tratamento médico.))
1. L1 - (...) A. ... quando eu tava lá lidando lá com meu irmão né...
 2. aqui na FHEMIG...
 3. L2 - uhm...uhm...
 4. L1 - e... eu sentava lá na sala de espera...
 (...)
 5. aí ele sentou...
 6. sentei ao lado dele...
 7. aí o:: psiquiatra...
 8. L2 - ele morreu?
 9. L1 - nã:::o... ele tá::... tá lá... tá numa instituição em Belo Horizonte agora...

A pergunta do interlocutor, na linha 8, sobre o irmão de L1, mostra que L2 não compartilha de informações bastante importantes para o locutor 1: o tratamento e a internação de seu irmão. Através de passagens como essa, é possível perceber que o grau de intimidade entre os falantes, em [TD], é menor do que entre os

participantes das outras três conversações. Um diálogo entre duas pessoas que convivem diariamente, como é o caso dos participantes de [TA], [TB] e [TC], é totalmente diferente de uma conversa entre duas amigas que não se falam freqüentemente, como é o caso de TD. É relevante, neste momento, fazer menção aos dados das fichas dos informantes de cada conversação. Nas interações [A], [B] e [C], o grau de intimidade entre os interlocutores é classificado como alto. Em [TA], a conversa acontece entre mãe, filha e nora. Em [TB], participam do evento um falante, sua namorada e seu melhor amigo. Em [TC], os interlocutores são mãe, filha e o noivo da filha. Já em [TD], a conversação é travada entre duas amigas, e o documentador classifica o grau de intimidade entre elas como médio. Essas informações são muito importantes, na medida em que servem para corroborar algumas afirmações e suposições feitas no decorrer da análise.

A segunda explicação para o resultado obtido em [TD] relacionado ao pequeno número de enunciados ressoantes seria o estilo individual dos participantes da conversação. Os falantes se utilizam de grande quantidade de marcadores conversacionais, tais como: “é”, “ahã”, “uhn”. Esses elementos, assim como as Ressonâncias, também são formas de participação, só que menos marcadas. Conforme visto em 3.3.3 desta dissertação, esses marcadores foram contados como um turno, neste trabalho, ou seja, foram considerados unidades entoacionais, fato que contribuiu ainda mais para o baixo índice percentual de Ms e Rs em [TD] especificamente.

É importante ressaltar que os comentários feitos acima, relacionados ao grau de intimidade entre os interlocutores e ao estilo individual dos falantes, são somente suposições que, em face do *corpus* analisado, poderiam justificar uma baixa freqüência de enunciados ressoantes na conversação D. Para conclusões

definitivas, entretanto, seria necessário analisar outros dados, buscando controlar certas variáveis que parecem interferir numa maior ou menor produção de Ressonâncias por falantes.

Na próxima sub-seção, após análise da tabela 7, que fornece a quantificação dos tipos funcionais das quatro conversações em conjunto, retomarei as considerações feitas até o momento.

4.3.5 Considerações finais

Para finalizar esta seção, faz-se necessário ainda reunir os resultados obtidos em cada conversação [TA], [TB], [TC], [TD], em uma única tabela. O total de Ressonâncias analisadas é de **463**, e elas se distribuem nos subtipos de cada grupo funcional de A a E, conforme exposto abaixo:

TABELA 7
Distribuição de macrofunções e subfunções em [TA] [TB] [TC] [TD]

MACROFUNÇÃO		Nº	%	SUBFUNÇÃO		Nº	%
A	RESPONSIVIDADE	96	20,7	Resposta <i>Qu</i>	13	2,8	
				Resposta S/N	83	17,9	
B	CONCORDÂNCIA	174	37,6	Confirmação	64	13,8	
				Reafirmação	32	6,9	
				Fática	11	2,4	
				Aceitação de colaboração	09	1,9	
				Complemento	43	9,3	
				Figura	03	0,7	
				Lembrança	01	0,2	
				Intensificação	10	2,2	
				Repasse	01	0,2	
C	DISCORDÂNCIA	65	14,0	Contraste	39	8,4	
				Negação	15	3,2	
				Retificação	11	2,4	
D	QUESTÃO	37	8,0	Interesse	06	1,3	
				Pedido de esclarecimento	24	5,2	
				Admiração	04	0,9	
				Certificação	03	0,6	
E	HUMOR	30	6,5	Humor/Ironia	26	5,6	
				Apreciação	04	0,9	
F	EXPANSÃO	61	13,2				
TOTAL		463	100				

Os dados das quatro conversações agrupadas revelam o predomínio de Ressonâncias com **macrofunção** de **Concordância (B)** – **37,6%** do total. As Rs com função de Resposta (A) exibem um percentual de 20,7%, e as Rs de Discordância (C) totalizam 14%. As Rs de Questão (D) são pouco representativas, com um percentual de 8%, e as Rs de Humor (E) são as que apresentam o menor número de ocorrências: 6,5%. Um dado importante a ser ressaltado é que as duas funções de maior porcentagem no *corpus*: Concordância e Responsividade – grupos A e B – representam 58,3% do total das ocorrências, ficando os outros grupos – C, D e E – com 28,5%, além das Expansões, com 13,2% do total de Rs.

Numa análise geral, dentre as **subfunções** discursivas, verifica-se que as Rs com função de Resposta S/N (A) são as mais freqüentes, com 83 Rs -17,9%. As outras subfunções que merecem destaque são as de Confirmação (B): 64 Rs - 13,8%, as de Complemento (B): 43 Rs - 9,3% e as Rs de Contraste (C): 39 - 8,4%. As Ressonâncias com subfunção de Reafirmação (B), Humor (E) e Pedido de esclarecimento (D) apresentam um percentual entre 5,2% a 6,9%, e as demais subfunções possuem baixa representatividade, considerando-se um índice de ocorrência de 01 a 15 Rs, ou seja, menos de 3,2% do total.

Deve-se observar ainda que, embora a **subfunção** predominante seja a de Resposta S/N, pertencente ao Grupo A, dentre as **macrofunções**, há o predomínio de Rs do Grupo de Concordância - (B). Dentro desse grupo, as subfunções de Confirmação, Complemento e Reafirmação apresentam maior freqüência.

Examinando cada um dos grupos funcionais (A a E) com referência à sua subfunção de maior representatividade, verifica-se o seguinte resultado: no grupo A - Responsividade, a subfunção de Resposta S/N é a que possui presença mais significativa, conforme já se observou; no grupo B - Concordância, o subtipo de Confirmação é o predominante; em C - Discordância, a subfunção de Contraste é a mais produtiva; em D - Questão - as Rs de Pedido de esclarecimento são as mais freqüentes; e, por fim, no grupo E - Humor, o subtipo Humor/Ironia é o mais representativo.

Nas subseções anteriores, procurou-se analisar os resultados específicos de cada conversação e **verificou-se que variações tanto na freqüência como na variedade dos tipos funcionais são indícios de interações com características diferentes**. Em outras palavras, a interação realizada entre os interlocutores se reflete na distribuição dos grupos funcionais de Rs. Um exemplo desse fato é o

grande percentual de Ressonâncias de Humor detectado em [TB], diferentemente das outras conversações, que sugere uma interação com bastante descontração e intimidade entre os interlocutores. Além disso, novas considerações podem ser feitas a partir da observação dos resultados das quatro conversações. Comparando-se os dados encontrados em cada *corpus* separadamente, percebe-se que alguns deles apresentam pouca variação. Veja-se, por exemplo, o total de ocorrências da subfunção de Resposta *Qu*: 1,6% em [TA]; 4,2% em [TB]; 2,4% em [TC] e 3,3% em [TD]. Observem-se, também, os resultados relacionados à subfunção de Resposta S/N: 15,2% em [TA]; 17,7% em [TB]; 17,9% em [TC]; 26,7% em [TD]. É interessante notar que, nas quatro conversações analisadas, a subfunção de Resposta *Qu* apresenta uma freqüência de 1,3% a 5,2%. O mesmo se verifica em relação ao subtipo de Resposta S/N, que, nas três primeiras conversações, exibe um percentual total de, aproximadamente, 15% a 18%. Esses dados parecem apontar a existência de certos **padrões** ou comportamentos mais típicos de alguns tipos funcionais, quando se trata de interações espontâneas. Outros resultados podem ser citados, com o objetivo de reforçar essa suposição: a subfunção de Reafirmação apresenta os seguintes percentuais: 7,6%, 4,2%, 8,1%, 6,9%; a macrofunção de Discordância exibe um total de ocorrência de 12,5% a 17,1% nas três primeiras conversações. Diante dessas considerações, o que se deseja é pensar na possibilidade de se traçar limites de variação de ocorrência para alguns tipos funcionais, que mostrariam tendências gerais de conversações com determinadas características. Obviamente, para captar tais regularidades, seria necessário coletar novos dados e analisar um número bem maior de transcrições. No momento, fica somente uma sugestão para futuras investigações.

Após análise dos resultados encontrados no *corpus* em estudo, outra conclusão digna de ser enfatizada é que **as Ressonâncias são comuns nas interações espontâneas**, haja vista os dados da tabela 2, novamente reproduzida abaixo:

TABELA 2
Ocorrência de Matrizes e Ressonâncias nas Transcrições

Transcrição	Total UEs	Nº Ms e Rs	%
[TA]	782	265	33,9
[TB]	626	159	25,4
[TC]	655	193	29,5
[TD]	921	115	12,5
TOTAL	2984	732	24,5

Em um total de 2984 unidades semântico-entoacionais analisadas, 24,5% correspondem a pares de enunciados ressoantes - um percentual expressivo, conforme já salientado anteriormente.

Diferentemente de Marcuschi (1992), que detectou um percentual pouco representativo de repetições com funções interacionais nos textos do Projeto Nurc, **esse resultado de grande número de Rs, principalmente nas três primeiras conversações – TA, TB e TC – revela textos com alto grau de envolvimento e espontaneidade.** A comparação dos dados deste trabalho com o de Marcuschi, citado na seção 2.2.6, possibilita comprovar a afirmação desse autor de que “a repetição parece ser um indicador relevante para se determinar aspectos que caracterizam diferenças tipológicas entre textos” (MARCUSCHI, 1992, p.160). Após análise dos resultados obtidos, o autor, nas considerações finais de sua tese, prevê:

Um cotejo destes dados com textos de gravações realizadas em contextos de fala espontâneos certamente daria outros resultados. Esta pode ser uma prova para a não espontaneidade dos textos do projeto Nurc (MARCUSCHI, 1992, p.179).

O *corpus* analisado nesta dissertação realmente apresenta uma distribuição de funções interacionais diferente da que foi detectada por Marcuschi. E esse resultado pode confirmar a tese lançada por ele, mas não comprovada, de que um maior grau de envolvimento pode se refletir na presença de um maior volume de repetições com funções de interação, ou seja, “quanto mais funções interativas tiver a repetição na conversação, tanto mais espontânea terá sido a interação” (ibidem, p.15).

Conforme ainda aventado por Marcuschi, “os textos do Projeto Nurc são mais voltados para o conteúdo que para as relações interpessoais. Não são casuais, têm um tema fixo e apresentam um certo grau de artificialismo em dados momentos” (ibidem, p.161, grifos nossos). Diante dessa consideração e dos dados analisados, parece-me que as Ressonâncias, tais como conceituadas e classificadas neste trabalho, tendem a apresentar frequência mais significativa em interações que privilegiam o contato entre as pessoas e não assuntos específicos. Enunciados ressoantes, que possuem a característica básica de transmitir impressões, de marcar envolvimento, provavelmente são evitados em situações mais formais, em que o interesse está nas informações veiculadas e não nas relações entre os participantes do evento.

Os dados expostos na tabela 2, além de evidenciarem uma grande produtividade de Ressonâncias nas conversações analisadas, ainda revelam as variações no **total de unidades ressoantes** nas quatro conversações. O fato de algumas interações apresentarem um maior número de enunciados ressoantes do que outras demonstra que a **Ressonância é um recurso disponível ao falante, que pode ser utilizado ou não**. Melhor dizendo, os resultados constatados fornecem evidência para a afirmação de que existe uma opção do falante em realizar

ou não a ressonância. É possível, dessa forma, contestar o argumento de que o interlocutor repete a estrutura abstrata e os itens léxicos utilizados pelo parceiro devido ao assunto tratado na conversação. Obviamente, um determinado assunto limita o conjunto de itens lexicais disponíveis a serem utilizados, porém, conforme defende Du Bois (2001), somente isso não explica satisfatoriamente os casos de Ressonância. Se assim fosse, a conversação [TD], por exemplo, não apresentaria percentuais de ocorrência de Ms e Rs tão diferenciados dos das demais conversações, visto que todas elas não possuem pauta definida, pelo contrário, versam sobre uma grande diversidade de assuntos.

Considerando-se a Ressonância como um recurso disponível ao falante, que pode ser utilizado ou não, é possível dizer que faz parte da competência comunicativa dos falantes do português o conhecimento (ainda que inconsciente) dos possíveis efeitos de seu uso na interação. Os falantes sabem em que um enunciado ressoante se difere de outro não ressoante e dominam a melhor forma de utilização das Ressonâncias para alcançar suas intenções comunicativas.

Retomemos dois exemplos, com vistas a uma última ilustração das idéias expostas nesta seção:

- (4.37) [TAp.12]
- | | | |
|----|---------------------------|---|
| 1. | L2 – fui almoçar fora... | M |
| 2. | L3 – ah...almoçar fora... | R |

Como já se teve oportunidade de observar, o interlocutor 3 utiliza a mesma estrutura e parte dos preenchimentos lexicais utilizados pelo locutor 2, e, através de um enunciado ressoante, participa da conversação, **marca presença** na interação, mostra que está acompanhando a fala do parceiro. Esses enunciados podem ser representados da seguinte maneira:

M: L2 – enunciado Matriz

R: L1 – enunciado ressoante + entoação X = “*Estou acompanhando sua narrativa.*”
 “Pode continuar falando.”

Vejamos, ainda, outro exemplo, seguido do mesmo tipo de representação:

(4.38) [TAp.18]

((Os falantes conversam sobre o melhor local para se deixar o cachorro de L2 quando sua família viajar: se em casa sozinho ou na casa de uma tia.))

- | | | |
|----|--|----------|
| 1. | L2 – () ele fica na tia V. ... | |
| 2. | L1 – mas aí ele fica tomando conta da casa né M. ? | |
| 3. | L2 – a casa fica bem... | M |
| 4. | não tem problema não... | |
| 5. | L1 – ((risos)) a ca-sa fi-ca bem... | R |
| 6. | vê se pode? | |

M L2 – enunciado Matriz

R L1 – enunciado ressoante + entoação X = “*Discordo totalmente de você.*”
 Essa idéia é absurda!”

Esses exemplos demonstram que palavras são repetidas, mas não conteúdos, e **é de domínio dos falantes que uma forma ressoante X com entoação X possa significar Y**. Dessa forma, os esquemas de Ressonâncias, tais como expostos acima, diferem de acordo com as diversas funções discursivas dos enunciados ressoantes e podem ser considerados **formas convencionalizadas** de participação.

Além disso, os exemplos retomados acima servem para ilustrar, mais uma vez, que a Ressonância é uma forma de encontro, de aproximação, ou melhor, um modo de **relacionar-se** com o outro através das palavras do outro. Em (4.38), na linha 5, o locutor 1 utiliza-se de um enunciado ressoante e, ao realizar a Ressonância, posiciona-se em relação ao que está dizendo e também em relação à opinião do parceiro. Em vez de produzir uma fala como “*Não!*”, “*Discordo*

totalmente!”, “*Ah! Que idéia!?*”, o falante usa as palavras e a estrutura usada por L2 para dizer: “*Eu não penso assim.*” “*É claro que o cachorro deve permanecer em casa, cuidando da casa.*” Observe-se como é interessante o fato de o falante optar pela repetição das palavras de seu interlocutor para falar de si mesmo e de suas posições. Isso demonstra um **relacionamento** que se revela e, ao mesmo tempo, se constitui através da **linguagem**. Ou seja: as Ressonâncias podem ser consideradas uma **concretização formal da interação** entre os interlocutores no processo de co-construção da conversação.

Finalizando, reproduzo, abaixo, uma citação de Barthes (1991), que, tecendo comentários a respeito do discurso amoroso, exemplifica, com muita propriedade e poesia, o significado de um enunciado ressoante em resposta a uma declaração de amor:

Eu te amo – Eu também.

Eu também não é uma resposta perfeita, porque o perfeito tem que ser formal, e a forma aqui é defeituosa, porque ela não retoma literalmente o proferimento. (...)

Daí nova versão do eu-te-amo. Não é um sintoma, é uma ação. Eu pronuncio, para que você responda, e a forma escrupulosa da resposta terá um valor efetivo, como se fosse uma fórmula. Não é portanto suficiente que o outro me responda por um simples significado, mesmo que seja positivo (“eu também”): é preciso que o sujeito interpelado assuma formular, proferir o eu-te-amo que lhe estendo(...)o que quero é receber a fórmula da palavra de amor, como uma chicotada em cheio, inteiramente, literalmente sem fuga: ponto de escapatória sintática, ponto de variação: que as duas palavras se respondam em bloco, coincidindo significante por significante... (BARTHES, 1991, p.99-100, grifos nossos).

Diante de todas as considerações acima, conclui-se que a Ressonância, com suas variadas funções, torna-se uma escolha, ainda que não consciente, de uma forma de dizer algo para se obter o efeito desejado. O modo como dizemos é tão importante com aquilo que dizemos, e, por esse modo, revelamos pontos de vista, atitudes, sentimentos, etc. A Ressonância é uma das formas de um locutor se

representar no texto, marcando perspectivas em relação ao que diz ou a quem diz. Em outras palavras, a Ressonância, em suas variadas formas e funções, é uma espécie de **modalização** do discurso, entendendo-se modalização num sentido amplo, como um recurso de posicionamento do interlocutor, como um meio pelo qual se manifesta no enunciado.

5 ANÁLISE DE TIPOS FORMAIS DE RESSONÂNCIAS

Este capítulo pretende, inicialmente, descrever e exemplificar as estruturas formais detectadas nos conjuntos dos enunciados, Matrizes e Ressonâncias, além de fornecer a porcentagem dessas estruturas em cada conversação. Em seguida, são explicitados exemplos de mapeamentos que se estabelecem entre as orações ressoantes e suas matrizes. Conforme já comentado, o envolvimento entre os participantes de uma conversação é tão grande que um falante constrói o enunciado com base no enunciado do outro, usando tanto a estrutura utilizada pelo parceiro como também parte do preenchimento lexical. O que se deseja observar, primeiramente, é que tipos estruturais constituem os pares de sentenças ressoantes e quais deles são mais recorrentes. Essa análise possibilitará, num segundo momento, correlacionar os tipos formais de Rs com as suas variadas funções, numa tentativa de verificar se há ou não tendências sistemáticas de uso dos falantes ao ressoarem enunciados.

5.1 Conceitos utilizados na categorização dos tipos formais de Ressonâncias

Esta seção destina-se a esclarecer os critérios de classificação de estruturas dos enunciados ressoantes³² bem como as acepções com que os termos foram empregados na categorização dessas construções.

³² Toda a análise se dá a partir do **conjunto de enunciados: Matriz e Ressonância**. Dessa forma, entenda-se por enunciados ressoantes o par: Matriz e enunciado ressoante.

Para análise de estrutura formal, foram computadas as Ressonâncias dos grupos funcionais A a E (veja-se capítulo 4 desta dissertação).

Du Bois (2003), investigando textos narrativos, demonstra a existência de padrões lingüísticos que se situam na interseção entre as duas dimensões da língua: discurso e gramática. O autor verifica, em seus dados, a emergência de um padrão recorrente – “uma estrutura argumental preferida” – em vez de uma variação aleatória na ordem dos argumentos de uma oração e na presença ou ausência de argumentos nucleares, representados por SNs lexicais, em oposição a anáforas zero e pronominais. Trata-se de uma preferência no uso das posições sintáticas, de tal modo que **A** – sujeito de verbo transitivo – é explorado para recuperar participantes efetivos do discurso, e **S** – sujeito de verbo intransitivo – e **O** – objeto – são escolhidos para introduzir novos referentes no discurso, além de serem posições em que também se recuperam participantes. De acordo com Du Bois, a estrutura gramatical de uma oração fornece um “modelo arquitetônico” que serve ao gerenciamento do processamento de informação. Com base nessas considerações, faço a descrição das estruturas formais de Ms e Rs, focalizando o verbo e seus argumentos nucleares, que constituem, segundo o referido autor, o cerne dessa “arquitetura”. Conforme explicitado anteriormente, o que se pretende é verificar se há tendências sistemáticas na exploração que os falantes fazem desse arcabouço arquitetônico para cumprir seus objetivos comunicativos ou, em outras palavras, se certas configurações sintáticas cumprem funções específicas no discurso.

As construções foram, dessa forma, agrupadas em cinco categorias dependendo da transitividade verbal do verbo principal da oração. O conceito de transitividade está sendo tomado de acordo com a gramática tradicional³³: (1) Verbo transitivo direto – **VTD** – verbo que possui o objeto direto (**OD**) como complemento; (2) Verbo transitivo indireto – **VTI** – verbo que possui um complemento

³³ É importante observar que estou partindo de concepções adotadas em outros trabalhos, já que discutir questões como essas fugiria aos objetivos deste trabalho.

preposicionado, o objeto indireto (**OI**); (3) Verbo bitransitivo – **VB** – que possui dois objetos, um objeto direto e um indireto; (4) Verbo intransitivo – **VI** – que não possui objeto direto ou indireto; (5) Verbo copulativo ou de Ligação – **VL** – que relaciona um predicativo ao sujeito do verbo.

De acordo com Hopper & Thompson (2001), estou utilizando a rotulação dos intransitivos cobrindo os casos dos verbos transitivos adverbiais da nossa terminologia gramatical e reservando o rótulo de transitivos apenas aos transitivos diretos, os transitivos indiretos e os bitransitivos. Estou utilizando, também, a terminologia de Du Bois – *oblíquo* (**OBL**) – para identificar os adverbiais, preposicionados ou não, que representam argumentos nucleares do verbo.³⁴

Além dessas categorias, ainda foram computadas as construções com verbo impessoal, as construções **convencionais** e as construções denominadas **amalgamadas**, que serão explicadas e exemplificadas em 5.3.6.

Faz-se necessário esclarecer que, para a caracterização formal dos enunciados constituídos por um período composto, foi considerada a predicação verbal da oração principal. A estrutura interna de orações subordinadas só será descrita em um segundo momento, conforme se verá adiante.

Já que as construções neste trabalho foram agrupadas, primeiramente, de acordo com a predicação verbal do verbo principal da oração, tomei a decisão de usar a mesma codificação adotada por Du Bois (1985 / 2003) para a referência ao sujeito:

S para sujeito de verbo intransitivo e verbos de ligação

A para sujeito de verbos transitivos

³⁴ Estou seguindo Du Bois (2003) e Hopper & Thompson (2001), que consideram somente os participantes efetivos nas funções de objeto direto e indireto. Os verbos que não selecionam OD ou OI são analisados como intransitivos, e todos os outros “complementos” de nossa tradição gramatical são incluídos nos casos de Oblíquos. De acordo com Du Bois (2003), os Oblíquos codificam participantes efêmeros e secundários do discurso.

Para uma melhor caracterização das construções encontradas, cada uma das cinco classificações relacionadas à transitividade do verbo recebeu subdivisões. Essas subdivisões estabelecem **propriedades semânticas** do verbo principal. As classes semânticas usadas para codificação neste estudo são: verbos cognitivos/perceptivos, existenciais, psicológicos, possessivos, relacionais, *dicendi*, verbos de movimento, locativos e verbos de ação. Essas categorias baseiam-se em Sheibman (2001)³⁵, com algumas adaptações para o *corpus* em análise. O quadro abaixo especifica e exemplifica cada uma das classes semânticas citadas.

QUADRO 7

Classificação semântica dos verbos³⁶

1. Cognitivos/perceptivos →	saber, compreender, lembrar-se, olhar, ver, ouvir...	(verbos que exprimem percepções ou atividades cognitivas de um ser.)
2. Existenciais →	existir, haver, ter (impessoal)	(verbos que exprimem a existência ou não de um ser.)
3. Psicológicos →	querer, desejar, sentir...	(verbos que correspondem a estados psicológicos de um ser.)
4. Possessivos →	ter, possuir...	(verbos que exprimem posse de um ser.)
5. Relacionais →	ser, estar...	(verbos que relacionam um ser a um predicativo.)
6. <i>Dicendi</i> →	falar, perguntar, responder...	(verbos que exprimem ações verbais de um indivíduo.)
7. Locativos →	morar, ficar, estar...	(verbos de natureza estática acompanhados de um locativo.)
8. Movimento →	ir, vir...	(verbos que exprimem movimento direcional e são acompanhados de um locativo, o qual indica o ponto de partida ou de chegada do movimento.)
9. Ação →	fazer, trabalhar, usar, brincar...	(verbos que exprimem ações, acontecimentos e fatos concretos.)

³⁵ Scheibman (2001, p.66) esclarece que o sistema de classificação de tipos semânticos verbais adotado por ela segue Halliday (1994), cuja taxionomia engloba três processos gerais da experiência humana: *ser*, *sentir* e *fazer*.

³⁶ Este quadro é uma reformulação do quadro fornecido por Sheibman (2001, p.67). As classes semânticas apresentadas pela autora são: verbos cognitivos, existenciais, sentimentais, materiais, perceptivos-relacionais, possessivos-relacionais, relacionais e verbais.

É importante ressaltar que os verbos que não se enquadraram em nenhuma categoria de 1 a 8 foram inseridos em uma classificação mais ampla, envolvendo uma série de atividades de seres vivos e inanimados, eventos e acontecimentos em geral, que recebeu o nome de verbos de **ação** (nº 9) por falta de uma terminologia mais adequada. Os verbos de movimento, nº 8, foram catalogados numa classe independente, embora pudessem ser incluídos na classe de verbos de ação. Diferentemente de Sheibman, que categoriza esses dois tipos de verbos numa mesma classe, essa distinção é feita aqui, devido ao grande número de ocorrência de verbos de movimento no *corpus* estudado, o que sugere sua relevância e justifica uma categorização mais refinada.

Faz-se necessário acrescentar que a decisão de caracterizar as estruturas ressoantes com base também em propriedades semânticas do verbo da oração se apóia na noção usual de **construção**, conforme se verifica nos trabalhos de natureza cognitivo-funcional, como o de Taylor (1998), que leva em conta, para a descrição de construção, tanto aspectos formais quanto semânticos³⁷.

Cada um dos cinco tipos de verbos descritos de acordo com a transitividade foram, então, subdivididos em subtipos semânticos, conforme já mencionado. Dessa forma, a descrição das construções ressoantes se deu através de um esquema sintático³⁸ aliado a uma contraparte semântica, como ilustrado abaixo:

- (5.1) [TAp.1]
1. L1 – olha... e **ontem que eu acabei indo na tal feira...**
 2. Cheval...
 3. L2 – ah:: **cê foi ?**

³⁷ Alguns autores enfatizam características pragmático-discursivas associadas a algumas construções. Para o português, por exemplo, observem-se os trabalhos de Pontes (1987) sobre as *construções existenciais apresentativas* e as observações de Saraiva (2001) sobre as *construções com objeto incorporado*.

³⁸ A descrição sintática das construções analisadas inclui categorias e funções sintáticas.

Verbo Intransitivo:

SN	+	V	+	S Prep
S	+	V	+	Oblíquo
(movimento)				

Essas notações significam que o exemplo acima, agrupado dentro da classe dos verbos intransitivos, é composto de um sintagma nominal (**SN**): *eu*, na Matriz, *cê*, na Ressonância, que corresponde ao sujeito da oração, um **verbo**³⁹ **de movimento**: *ir*, e um sintagma preposicionado (**S Prep**), analisado sintaticamente como termo Oblíquo: *na tal feira*, que está elíptico na Ressonância.

Apresento, abaixo, o resumo das abreviações utilizadas na descrição de estruturas: Matrizes e Ressonâncias.

QUADRO 8

Abreviações usadas na descrição formal de estruturas ressoantes

A	–	Sujeito de verbo transitivo
S	–	Sujeito de verbo intransitivo
V	–	Verbo
SN	–	Sintagma nominal
S Prep	–	Sintagma preposicionado
S Adj	–	Sintagma adjetivo
S Adv	--	Sintagma adverbial
VTD	–	Verbo transitivo direto
VTI	–	Verbo transitivo indireto
VB	–	Verbo bitransitivo
VL	–	Verbo de ligação
VI	–	Verbo intransitivo
OD	–	Objeto direto
OI	–	Objeto indireto
Obl	–	Oblíquo
PS	–	Predicativo do sujeito

³⁹ Os verbos auxiliares não aparecem na descrição estrutural. Considerou-se somente o verbo principal, responsável pela transitividade.

5.2 Os diágrafos

Conforme vimos no capítulo II deste trabalho, Du Bois (2001) propõe um modelo sintático: a Sintaxe Dialógica (SD), que compreende a relação formal de mapeamento entre estruturas em ressonância. Quando um enunciado é construído com base em outro, uma ressonância é criada, ou seja: verifica-se um engajamento formal, que pode ser representado através de um diágrafo. É possível construir diágrafos representando os eixos sintagmáticos e paradigmáticos de uma maneira mais simplificada, como abaixo:

J:			Look	at	you	being		smart .
D:					I	'm	not	smart ?
J:					you	're		stupid .
D:	Do	n't	call		me			stupid .

Mas é possível também fazer representações mais detalhadas, como as que incluem rótulos dos constituintes oracionais e linhas interligando as expressões ressoantes, como abaixo⁴⁰:

	S							
	NP		VP					
	PRP		BEZ		JJ			
	<i>it</i>		<i>'s</i>		<i>erasable</i>			
M:								
B:	<i>I</i>	<i>do</i>	<i>n't</i>	<i>care</i>	<i>if</i>	<i>it</i>	<i>'s</i>	<i>erasable</i>
	PRP	AUX	NEG	VB	CS	PRP	BEZ	JJ
		VP				NP	VP	
						S		
	S							

Du Bois defende a Sintaxe Dialógica, afirmando que a análise sintática tradicional⁴¹ não explica aspectos do envolvimento dialógico, como os acima

⁴⁰ DU BOIS, 2001, p.21.

Veja-se nota 19, p.62 desta dissertação.

⁴¹ O termo *tradicional*, utilizado aqui, não se refere à análise da Gramática Tradicional, mas sim aos vários modelos sintáticos conhecidos, aos quais Du Bois chama de "Sintaxe Linear", conforme mencionado no capítulo 2 desta dissertação.

exemplificados. Já a SD identifica novas dimensões nas relações formais entre os enunciados proferidos por interlocutores diferentes.

Na seção que se segue são apresentados os mapeamentos dos enunciados que ilustram cada estrutura em foco. O objetivo é mostrar, por meio dos diágrafos, como o interlocutor explora o enunciado do parceiro para construir o seu próprio.

Os diágrafos são construídos de maneira mais simplificada, com a primeira linha contendo a Matriz (M), a segunda linha, a Ressonância (R), e a terceira linha as abreviações das funções gramaticais exercidas pelos itens lexicais ou gramaticais de cada sentença. As abreviações utilizadas nos diágrafos são: A, S, V, OD, OI, Obl, PS, conforme quadro 8, apresentado na seção anterior. Outras funções sintáticas exercidas por elementos contidos nos diágrafos são tratadas por **X**.

Na seção que se segue, são descritas as estruturas de Matrizes e Ressonâncias detectadas no conjunto das conversações analisadas. Para cada estrutura em foco, segue-se um exemplo, com o comentário do mapeamento realizado entre os enunciados e sua representação em diágrafo. Convém enfatizar que, neste capítulo, os diágrafos servem apenas para ilustrar os mapeamentos entre Ms e Rs dos exemplos selecionados para descrição das estruturas. A exposição e análise de todos os tipos de mapeamentos encontrados só será feita no próximo capítulo.

5.3 Os tipos formais dos pares Matrizes e Ressonâncias

Os tipos estruturais de Matrizes e Ressonâncias são apresentados e exemplificados em cada subseção abaixo. O objetivo desta seção é registrar e contabilizar todas as construções de pares de enunciados – Ms e Rs – detectadas,

abstraídas dos dados, sem descrever as várias formas de realização dessas construções. Paralelamente, são ilustrados alguns mapeamentos feitos pelos falantes entre enunciados ressoantes. Dessa forma, cada construção apresentada é acompanhada de um exemplo, com comentário e representação em diágrafo, conforme já mencionado. Nos exemplos fornecidos, tanto as Ressonâncias como as Matrizes estão em negrito. Após exemplificadas essas estruturas, apresenta-se uma visão geral do número de ocorrências dessas construções no *corpus* estudado.

5.3.1 Construções com verbo transitivo direto (VTD)

1.

SN	+	V	+	SN
----	---	---	---	----

a)

A	+	V	+	OD
(Cognitivo / perceptivo)				

- (5.2) [TC p.10]
1. L1 – **a senhora viu... o copo de leite?**
 2. a senhora viu o copo de leite...
 3. L3 – **vi...**

O sujeito representado pelo SN lexical: *a senhora* está explícito na Matriz (linha 1), assim como ocorre também com o objeto direto representado pelo SN lexical: *o copo de leite*. O falante L3 responde à pergunta do interlocutor (linha 3), utilizando somente o verbo *ver*, classificado semanticamente como cognitivo, e deixa elípticos os termos sujeito: *eu* e objeto direto: *o copo de leite*. O diágrafo a seguir representa esse exemplo. Os espaços em branco, no enunciado ressoante, significam elipse dos termos que exercem a função sintática indicada na última linha, como se pode ver abaixo:

M	L1:	a senhora	viu	o copo de leite	?
R	L3:		vi		.
		A	V	OD	

b)

A + V + OD
(Psicológico)

- (5.3) [TBp.13]
1. L1: tem moela...
 2. **quer ?**
 3. L2: deixa eu pegar a faca...
 4. L3: **quero...**

A Matriz, linha 2, é construída com sujeito elíptico: *você*, verbo transitivo direto, categorizado como psicológico: *querer* e objeto direto elíptico: *moela*. Na Ressonância, linha 4, o sujeito e o objeto direto também estão representados por anáfora⁴² zero.

M	L1:		quer		?
R	L3:		quero		.
		A	V	OD	

c)

A + V + OD
(Possessivo)

- (5.4) [TBp.7]
 ((Um dos falantes deseja cortar um alimento e pede uma faca apropriada.))
1. L2: **cê tem faca sem/sem serra ?**
 2. L1: **tenho...**

O verbo transitivo direto – *ter* – aparece, na Matriz, linha1, com o sujeito representado pelo SN pronominal: *cê* e o objeto direto representado pelo SN lexical:

⁴² Neste trabalho, o termo **anáfora** está sendo utilizado num sentido amplo, incluindo também os casos referentes aos participantes do discurso de 1ª e 2ª pessoas.

faca sem serra. Na Ressonância, linha 2, somente o verbo está expresso; o sujeito e o objeto direto estão elípticos. Observe-se a representação abaixo:

M	L2:	cê	tem	faca de serra	?
R	L1:		tenho		.
		A	V	OD	

d)

A + V + OD
(Dicendî)

(5.5) [TDp.13]

1. L1: **NUM** chamaram o Corpo de Bombeiros?
2. L2: **nã::o** o H. chamou...

L1 faz uma pergunta com uma partícula negativa: *num*, um sujeito indeterminado⁴³, o verbo *discendi: chamar* e o objeto direto representado pelo SN lexical: *Corpo de Bombeiros*. L2, ao responder, repete a partícula negativa, explicita o sujeito do verbo: *o H.*, e repete também o verbo da oração, deixando elíptico o objeto direto. Observe-se que, ao iniciar o período com o *não*, L2 não tinha intenção de negar que alguém havia chamado o Corpo de Bombeiros. Pelo contrário, L2 busca explicitar que alguém de fato chamou o Corpo de Bombeiros. O alcance semântico do *não*, na linha 1, é interno ao predicado da oração; mas o alcance semântico do *não*, na linha 2, é mais amplo, o que dá a essa segunda ocorrência da partícula negativa um valor mais discursivo.

M	L1:	num		chamaram	o Corpo de Bombeiros	?
R	L3:	não	o H.	chamou		.
		X	A	V	OD	

⁴³ Estou usando a terminologia tradicional, neste caso. A discussão sobre sua adequação foge aos objetivos deste trabalho.

Verifica-se, no diágrafo acima, o espaço em branco para codificar o sujeito indeterminado do enunciado Matriz. Dessa forma, faz-se necessário esclarecer que o “vazio”, nas representações, está sendo utilizado para o **não**-preenchimento formal de uma posição sintática, cobrindo tanto os casos de elipse (em que, semanticamente, a entidade é recuperável) como os casos de indeterminação do sujeito.

e)

A	+	V	+	OD
(Ação)				

(5.6) [TAp.11]

1. L1 – ah:: **ela faz tipo sopa?**
2. L2 – [ca/ **não... ela não faz mais sopa...**

Nesse exemplo, a estrutura Matriz, contendo sujeito representado pelo pronome anafórico: *ela*, verbo de ação: *fazer* e objeto direto lexical: *tipo sopa* é reproduzida na Ressonância, com o acréscimo dos elementos adverbiais: *não* e *mais*. No diágrafo abaixo, os espaços anulados com desenho mais **escuro** indicam a ausência dessas funções sintáticas no enunciado Matriz.

M	L1:		ela		faz		tipo sopa	?
R	L3:	não	ela	não	faz	mais	sopa	.
		X	A	X	V	X	OD	

2.

V	+	SN
----------	---	-----------

f)

V	+	OD
(existencial)		

(5.7) [TCp.4]

1. L2: **tem azeite?**
2. L3: **tem...**

Na Matriz, L2 pergunta ao interlocutor se há azeite na casa, com a utilização da construção: verbo *ter* existencial+objeto direto⁴⁴ *azeite*. Na Ressonância, L3 dá uma resposta afirmativa à pergunta, repetindo somente o verbo *ter*, deixando o objeto direto *azeite* ser recuperado por uma anáfora zero. Observe-se o diágrafo desse exemplo a seguir:

M	L2:	tem	azeite	?
R	L3:	tem		.
		V	OD	

Foram detectadas, também, estruturas complexas constituídas pelo verbo transitivo direto e o objeto direto representado por uma **oração**. Conforme explicitado anteriormente, no momento da categorização de construções, levou-se em conta, primeiramente, apenas o verbo da oração principal dos enunciados analisados.

3. **SN + V + SN oracional**

g) **A + V + OD oracional**
(Cognitivo / perceptivo)

(5.8) [TAp.16]

1. L2 – **eu não sei se o A. vai entrar de férias ou não...**
2. L1– ah:::::.... **ele nem SABE se vai entrar de férias...**

Na Matriz, verifica-se a ocorrência do sujeito pronominal: *eu*, o verbo principal: *saber*, classificado como cognitivo, e o objeto direto oracional: *se o A vai entrar de férias ou não*. Na Ressonância, a estrutura se mantém: sujeito representado pelo

⁴⁴ Estou seguindo a tradição gramatical ao analisar este SN como objeto direto do verbo.

pronome anafórico: *ele*, verbo: *saber*, OD oracional: *se vai entrar de férias*. Na Matriz e na Ressonância, a oração subordinada objetiva direta é composta de S: *o A.*, na Matriz, e anáfora zero, na Ressonância, verbo auxiliar + verbo principal intransitivo: *vai entrar* e o oblíquo: *de férias*. Deve-se observar, no entanto, que verbo+oblíquo, neste caso, formam uma *construção amalgamada*, no sentido de Du Bois (1980). Na representação abaixo, os colchetes de fora delimitam a oração principal, e os colchetes que se encontram dentro da posição sintática de objeto direto delimitam a oração subordinada.

M	L2:	[eu	não	sei	[se o A vai entrar de férias ou não]	.]
R	L1:	[ele	nem	sabe	[se vai entrar de férias]	.]
		A	X	V	OD or.	

h)

A + V + OD oracional
(Psicológico)

(5.9) [2TBp.3]

1. L3: escuta... **quer que eu acabo de fazer?**
2. L1: **quero...**

A estrutura da Matriz, linha 1, é composta de sujeito pronominal elíptico (*você*), verbo: *querer* – transitivo direto, categorizado semanticamente como verbo psicológico, e objeto direto oracional: *que eu acabo de fazer*. A oração subordinada é constituída pelo sujeito pronominal: *eu*, verbo auxiliar: *acabar de* + verbo transitivo de ação: *fazer*, e um objeto direto representado por anáfora zero, que recupera o referente: *o Nescau*, introduzido anteriormente no discurso. Na Ressonância, linha 2, o falante, em sua resposta, utiliza somente o verbo *querer*, com sujeito e objeto elípticos, recuperados no contexto. Novamente, no diágrafo abaixo, os colchetes indicam a existência de orações encaixadas.

M	L3:	[quer	[que eu acabo de fazer]	?]
R	L1:	[quero		.]
		A	V	OD or.	

i)

A + V + OD oracional
(Dicendi)

- (5.10) [TAp.6]
1. L1 – ela vende...
 2. mas **ela não fala que é ela que faz não...**
 3. L2 – [não... **ela não fala que é ela que faz não...**

A Matriz, estruturada com sujeito pronominal: *ela*, partícula negativa: *não*, verbo *dicendi*: *falar* e objeto direto oracional: *que é ela que faz*, está inteiramente reproduzida na Ressonância feita pelo interlocutor 2. A oração subordinada objetiva direta, representada entre colchetes, no mapeamento a seguir, é constituída pelo sujeito pronominal: *ela* (clivado), verbo transitivo de ação: *fazer* e um objeto representado por anáfora zero, que recupera o SN: *o queijo*, já introduzido no discurso.

M	L1:		[ela	não	fala	[que é ela que faz]	não	.]
R	L2:	não	[ela	não	fala	[que é ela que faz]	não	.]
		X	A	X	V	OD or.	X	

5.3.1.1 Quantificação de construções com verbo transitivo direto

Exemplificadas as construções com verbo transitivo direto, encontradas no *corpus* em análise, farei uma exposição da quantificação dessas construções, primeiramente, em cada transcrição [A,B,C,D], e, em seguida, no somatório de ocorrências nas quatro transcrições. Observe-se que a tabela abaixo, além de

fornecer os dados relativos ao número de estruturas com VTD, apresenta também um confronto com as demais estruturas que ainda serão estudadas nas próximas seções.

TABELA 08
Distribuição de construções com verbo transitivo direto

CONSTRUÇÕES COM VTD		TA		TB		TC		T D		TA TB TC TD Total	
1.	SN + V + SN	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a	A + Vcognitivo/perceptivo+OD	03	2,0	09	10,4	06	5,5	04	7,4	22	5,5
b	A + V psicológico+ OD	0	0	05	5,8	0	0	0	0	05	1,2
c	A + V posse + OD	04	2,6	03	3,4	02	1,8	01	1,8	10	2,5
d	A + V <i>dicendi</i> +OD	0	0	02	2,3	0	0	01	1,8	03	0,7
e	A + V ação + OD	27	17,8	14	16,3	20	18,2	15	27,8	76	18,9
2. V + SN											
f	V existencial + OD	06	3,9	01	1,2	02	1,8	01	1,8	10	2,5
3. SN + V + SN oracional											
g	A + Vcognitivo/perceptivo+OD oracional	04	2,6	01	1,2	03	2,7	01	1,8	09	2,2
h	A + Vpsicológico + OD oracional	03	2,0	01	1,2	03	2,7	0	0	07	1,8
i	A + V <i>dicendi</i> + OD oracional	02	1,3	0	0	0	0	0	0	02	0,5
Total	Construções com VTD	49	32,2	36	41,8	36	32,7	23	42,6	144	35,8
Total	Outras construções	103	67,8	50	58,2	74	67,3	31	57,4	258	64,2
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Na transcrição A, das 152 Ressonâncias⁴⁵ contabilizadas ao todo, 49 - **32,2%** - são construções com verbo transitivo direto. Na transcrição B, dos 86 enunciados ressoantes existentes, 36 - **41,8%** - são construções com verbo transitivo direto. Na transcrição C, o total de estruturas ressoantes construídas com VTD é de 36 ocorrências, o que corresponde a **32,7%** dos 110 enunciados analisados. Na última conversação - D, 23 Rs, ou seja, **42,6%** do total de 54 estruturas são construções com verbo transitivo direto. Analisando-se as quatro conversações conjuntamente, tem-se um resultado de **144 Ressonâncias estruturadas com verbo transitivo direto**, que correspondem a **35,8%** do total de **402 Ressonâncias** do *corpus* [A-B-C-D]. A distribuição dessas estruturas de acordo com as subconstruções constatadas também pode ser observada na tabela 08 acima.

Na primeira conversação, [TA], foram detectados 17,8% de enunciados com verbos de **ação - letra e**), num total de 152 enunciados analisados. Com uma grande diferença percentual, a segunda subconstrução que apresenta maior frequência é a constituída pelo verbo existencial – letra f): 3,9%. As outras subconstruções com VTD, em [TA], apresentam ocorrência que varia entre 0 a 2,6%. Na segunda transcrição, [TB], 16,3% de Ressonâncias são constituídas pelo verbo de **ação - letra e**), 10,4%, pelo verbo cognitivo/perceptivo - letra a) e 5,8%, pelo verbo psicológico - letra b). As demais subconstruções possuem baixa representatividade, com percentual de 0 a 3,4%. Também a terceira conversação, [TC], apresenta a subconstrução: A+**Vação**+OD como a mais representativa, com

⁴⁵ Entenda-se por Ressonância aqui o par de enunciados: Matriz e Ressonância, visto que cada R possui uma Matriz, e a análise se dá a partir do **conjunto de enunciados: M e R**, conforme já mencionado. É preciso esclarecer, entretanto, que a contagem é feita de acordo com o número de Ressonâncias, lembrando ao leitor que, em muitos casos, uma mesma Matriz serve a vários enunciados ressoantes ou, então, uma Ressonância já classificada anteriormente serve de Matriz a outra Ressonância. Dessa forma, apresenta-se o número de Ressonâncias para que as tabelas apresentem quantificação coerente com as apresentadas no capítulo IV.

18,2% das estruturas totais. A segunda subconstrução de maior freqüência apresenta somente 6 ocorrências, o que equivale a 5,5% do total. As outras subconstruções variam entre 0 a 2,7%. A transcrição [TD] é a que possui a maior quantidade de enunciados ressoantes com a subconstrução: **A+Vação+OD**, pois atinge o percentual de 27,8% do total de enunciados analisados. A outra subconstrução de maior freqüência nesta transcrição apresenta um percentual de 7,4% do total, ficando as demais com um percentual de, aproximadamente, 0 a 2%. Desse conjunto de dados fornecidos, faz-se necessário ressaltar a porcentagem aproximada de freqüência da subconstrução predominante nas três primeiras conversações - **A+Vação+OD**: 17,8% em [TA], 16,3% em [TB], 18,2% em [TC]. Somente em [TD], a quantidade de Rs com verbos de ação totaliza 27,8%, ou seja, há uma diferença de 8 a 10 pontos percentuais, comparando-se esse resultado com o das demais transcrições.

Analisando-se os resultados obtidos nas quatro conversações, conclui-se que a subconstrução mais representativa é a da letra e) **A+Vação+OD**, com **18,9%**. Com uma grande diferença percentual, a segunda subconstrução de maior freqüência é a da letra a) **A+Vcognitivo/perceptivo+OD**, com **5,5%**. As subconstruções: d) Vexistencial+OD, c) A+Vposse+OD, g) A+Vcognitivo/perceptivo+ODoracional, h)A+Vpsicológico+ODoracional possuem uma distribuição entre 1,8% a 2,5%. As subconstruções menos representativas são as constituídas pelo verbo *dicendi*: d) A+V+OD - 0,7% - e i) A+V+OD oracional - 0,5%.

Convém ressaltar que os dados apresentados em cada subseção deste capítulo serão retomados e analisados em conjunto. Dessa forma, passemos para a descrição das construções com verbo transitivo indireto, detectadas no *corpus*.

5.3.2 Construções com verbo transitivo indireto (VTI)

1.

SN	+	V	+	Sprep
----	---	---	---	-------

a)

A	+	VTI	+	OI
(Psicológico)				

(5.11) [TCp.14]

- 1. L1 – **eu não gosto de quibe cru...**
- 2. L3 – **e peixe cru cê gosta?**

A estrutura do enunciado Matriz é composta pelo sujeito representado pelo pronome: *eu*, partícula adverbial: *não*, verbo transitivo indireto: *gostar* e objeto indireto: *de quibe cru*. A estrutura ressoante contém sujeito pronominal: *cê*, verbo: *gostar* e objeto indireto representado pelo SN lexical: *peixe cru*, que aparece topicalizado e não-preposicionado. O deslocamento de termos⁴⁶ é indicado, no diágrafo, através de setas, conforme sugerido por Du Bois (2001).

M	L1:		eu	não	gosto	de quibe cru	.
R	L2:	peixe cru	cê		gosta		?
			A	X	V	OI	



b)

A	+	VTI	+	OI
(Dicendi)				

(5.12) [TAp.14]

- 1. L2 – **é... mas eu não pergunto por isso não...**
- 2. L1 – **não... ninguém pergunta né?**

⁴⁶ Optei, neste trabalho, por indicar o deslocamento dos termos que exercem as seguintes funções sintáticas: sujeito, verbo, objeto direto, objeto indireto, predicativo e oblíquo.

Os falantes comentam sobre o casal amigo, que deseja ter filhos. L2 afirma que não toca nesse assunto com os dois. A afirmação de L2 é composta de sujeito representado pelo pronome anafórico: *eu*, verbo transitivo indireto: *perguntar*, categorizado semanticamente como verbo *dicendi*, e objeto indireto pronominal: *por isso*. Na oração ressoante, o sujeito: *eu* é substituído por: *ninguém*, o verbo *perguntar* é mantido, e o objeto indireto: *por isso* está representado por anáfora zero. Além desses termos nucleares, verifica-se também, na ressonância, a ocorrência da partícula negativa: *não*, no início do enunciado. Observe-se o diágrafo abaixo:

M	L1:		eu	não	pergunto	por isso	não	.
R	L2:	não	ninguém		pergunta			.
		X	A	X	V	OI	X	

c)

A + VTI + OI
(Ação)

(5.13) [TBp.9]

1. L1: trabalhava/ **cê trabalha com isso... né?**
2. L2: **não:: eu trabalhei...**

A estrutura Matriz contém sujeito representado pelo pronome anafórico⁴⁷: *cê*, verbo de ação: *trabalha* e objeto indireto representado também por um pronome anafórico: *com isso*. A estrutura ressoante se inicia com a partícula negativa: *não*, mantém um pronome anafórico na posição de sujeito: *eu*, mantém o verbo: *trabalhei* e apresenta objeto indireto elíptico. O diágrafo a seguir representa esses enunciados:

⁴⁷ Relembro que os pronomes dêiticos de 1ª e 2ª pessoas foram incluídos dentre os casos de anáfora, cuja acepção neste trabalho é ampla.

M	L1:		cê	trabalha	com isso	né	?
R	L2:	não	eu	trabalhei			.
		X	A	V	OI	X	

2. **SN + V + SPrep oracional**

e. **A + VTI + OI oracional (Psicológico)**

(5.14) [TCp.14]

1. L3 – **eu não gosto de quibe cru...**
2. L1 – tem gente **que gosta de fazer outras coisas com quibe cru...**

O primeiro enunciado, visto anteriormente no exemplo (5.11), é composto de sujeito: *eu*, verbo: *gostar*, classificado semanticamente como psicológico, e objeto indireto: *de quibe cru*. L1 constrói um período composto, na linha 2, em ressonância com a Matriz, que inclui um objeto indireto oracional, completando o verbo gostar: *de fazer outras coisas com quibe cru*. O diágrafo abaixo mostra que o período ressoante está encaixado em outra oração, através da utilização dos colchetes. Parte da primeira oração do período: *tem gente* está fora do escopo da R e, por isso, não está representada abaixo. É importante destacar que essa R ilustra o único caso de OI oracional do *corpus*. O objeto indireto oracional, que aparece somente na oração ressoante, constitui-se de sujeito elíptico, recuperado anaforicamente, verbo transitivo direto: *fazer* e objeto direto lexical: *outras coisas*. Esse exemplo é muito importante para mostrar que, como a oração ressoante está estruturada em torno do verbo *gostar*, ela foi incluída no tipo: A+VTI+OI oracional.

M	L3:	eu	não	gosto	de	quibe cru	.
R	L1:	[[que	gosta	de [fazer outras coisas com quibe cru]]	.]
		A	X	V	OI		

5.3.2.1 Quantificação de construções com verbo transitivo indireto

As construções com verbo transitivo indireto, detectadas no *corpus* e descritas na seção precedente, são apresentadas na tabela abaixo, com o número de ocorrências de cada uma. A tabela 09 fornece percentuais de freqüência de construções ressoantes com VTI, comparando-os com o percentual de enunciados estruturados com outros tipos verbais, dentre os quais se incluem os VTD, cuja análise foi apresentada na seção 5.3.1.1.

TABELA 09

Distribuição de construções com verbo transitivo indireto

CONSTRUÇÕES COM VTI		TA		TB		TC		TD		TA TB TC TD Total	
1.	SN + V + SPrep	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a	A + V psicológico + Oi	01	0,7	01	1,2	04	3,7	0	0	06	1,5
b	A + V <i>dicendi</i> + Oi	01	0,7	0	0	0	0	01	1,8	02	0,5
c	A + V ação + Oi	01	0,7	01	1,2	0	0	0	0	02	0,5
2.	SN + V + SPrep oracional										
d	A + V psicológico + Oi oracional	0	0	0	0	01	0,9	0	0	01	0,2
Total	Construções com VTI	03	2,0	02	2,4	05	4,6	01	1,8	11	2,7
Total	Outras construções	149	98,0	84	97,6	105	95,4	53	98,2	391	97,3
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Em todo o *corpus* analisado, foram contabilizadas somente 11 Ressonâncias estruturadas com verbo transitivo indireto, o que corresponde a **2,7%** do total de Rs das quatro conversações. Na transcrição A, foram 3 Ressonâncias ao todo constituídas pelo verbo transitivo indireto – **2%** do total das 152 Ressonâncias. Na

transcrição B, foram 2 Rs ao todo estruturadas com verbo transitivo indireto – **2,4%** do total das 86 Rs estudadas em [TB]. Na transcrição C, foram detectados 5 casos de enunciados constituídos pelo verbo transitivo indireto – **4,6%** das 110 Rs totais presentes em [C], e, na conversação D, somente 1 exemplo de R com verbo transitivo indireto foi encontrado – **1,8%** das 54 Rs totais dessa conversação.

Observe-se o equilíbrio, em termos percentuais, da quantidade de enunciados constituídos pelo verbo transitivo indireto nas transcrições: [TA] –2%, [TB] –2,4%, e [TD] –1,8%.

Em relação às subconstruções, apresentadas na tabela acima, verifica-se um maior número da construção que contém o verbo psicológico (letra a), totalizando 6 ocorrências, 1,5% das ocorrências totais, nas quatro conversações. As construções com verbo *dicendi* (letra b) e com verbo de ação (letra c), tiveram a mesma distribuição, com 2 ocorrências cada uma – 0,5% dentre as estruturas totais do *corpus*.

Registradas as ocorrências das construções com verbo transitivo indireto, passemos à análise de construções com verbo bitransitivo.

5.3.3 Construções com verbo bitransitivo (VB)

1.

SN + V + SN + SPrep.

a)

A + VB + OD + OI
(Ação)

(5.15) [TA p.5]

1. L1: ah...comprei um negócio **pra mandar pra mo::ça de::/do Equador**
2. mas numa dessas lojas de antigüidade...
3. eu vi uma caixa de doce cristalizado... mas LI::Ndos...li::ndos...
4. L2: aí **cê mandou pra moça...**

O enunciado Matriz, na linha 1, apresenta uma oração subordinada: *pra mandar pra moça do Equador*. É essa oração que será ressoada na linha 4. Na Ressonância, o falante 2 completa a história que está sendo narrada por L1, com a frase: *aí cê mandou pra moça*. O verbo *mandar* tem como complementos o objeto direto – *a caixa de doces* –, recuperada nessa estrutura através da anáfora zero, e o objeto indireto – *pra moça lá do Equador*. Observe-se no diágráfo a representação somente da oração subordinada do período Matriz, que será ressoada sob a forma de período simples.

M	L1:	[[pra		mandar		pra moça do Equador]	.]
R	L2:		cê	mandou		pra moça	.
			A	V	OD	OI	

2.

SN	+	V	+	SN oracional	+	SPrep
-----------	---	----------	---	------------------------	---	--------------

b.

A	+	VB	+	OD	+	OI oracional
(Dicendi)						

- (5.16) [TBp.2]
1. L2: é realmente **eu confesso pra vocês que hoje eu estou** confundindo o a com o e mais do que nos dias comuns...
 2. L3: **eu confesso....**

A Matriz apresenta a estrutura com sujeito representado pelo pronome: *eu*, verbo bitransitivo: *confesso*, categorizado semanticamente como *dicendi*, objeto indireto, deslocado, representado pelo pronome: *vocês* e objeto direto oracional: *eu estou confundindo o a com o e mais do que nos dias comuns*. Na Ressonância, estão expressos o sujeito: *eu* e o verbo: *confesso*; os outros termos, objeto direto e

objeto indireto, estão elípticos. O objeto direto oracional é constituído pelo sujeito pronominal: *eu*, verbo auxiliar: *estou* + verbo bitransitivo: *confundindo*, o objeto direto: *o a* e o objeto indireto: *com o e*.

M	L2:	[eu	confesso	pra	[que hoje eu estou confundindo o a com		.]
R	L3:	[eu	confesso	vocês	o e mais do que nos dias comuns		.]
		A	V		OD oracional	OI	

5.3.3.1 Quantificação de construções com verbo bitransitivo

Foram encontradas somente 3 ocorrências de Ressonâncias estruturadas com verbo bitransitivo, sendo 02 na transcrição A – 1,3% do total de enunciados ressoantes em [TA] – e 01 na transcrição B – 1,2% do total de enunciados ressoantes em [TB]. Em porcentagem, essa frequência equivale a **0,7%** do total de 402 Rs estudadas. O número de ocorrências de cada construção com VB pode ser visualizado abaixo:

TABELA 10
Distribuição de construções com verbo bitransitivo

CONSTRUÇÕES COM VB		TA		TB		TC		T D		TA TB TC TD Total	
1.	SN + V + SN + SPrep	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a	A + V ação + OD + OI	02	1,3	0	0	0	0	0	0	02	0,5
2.	SN+V+ SNoracional +SPrep										
b	A + Vdicendi + OD oracional +OI	0	0	01	1,2	0	0	0	0	01	0,2
Total	Construções com VB	02	1,3	01	1,2	0	0	0	0	03	0,7
Total	Outras construções	150	98,7	85	98,8	110	100	54	100	399	99,3
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Ao final da exposição dos tipos formais de enunciados ressoantes, quando os resultados de todas as tabelas forem comparados, retomarei os dados acima. Vejamos, no momento, as Ressonâncias estruturadas com verbo intransitivo.

5.3.4 Construções com verbo intransitivo (VI)

Algumas construções com verbo intransitivo apresentaram somente um SN – sujeito e um verbo, outras construções com o verbo intransitivo apresentaram um SN sujeito, um verbo e um outro constituinte representado por um sintagma adverbial ou um sintagma preposicionado. O elemento **SX**, na descrição categorial nº 1 abaixo, cobre esses casos de S Adv ou S Prep e aparece entre parênteses para indicar que ora ocorreu ora não. Esse elemento – SX –, nas descrições sintáticas de a) a e), representa o termo com função sintática: **oblíquo**.

1.

SN	+	V	+	(SX)
-----------	----------	----------	----------	-------------

a)

S	+	VI
(existencial)		

(5.17) [TBp.4]

1. L2: *cê tem uma calça xadrez ou xadrez... pra con/ pra concordar?*
2. L3: XADREZA?
3. **existe isso?**
4. L2: **não... não existe não...**

O enunciado Matriz encontra-se na linha 3 e é composto de sujeito anafórico: *isso* e verbo intransitivo: *existe*. Para responder à pergunta de L3, L2 retoma o sujeito *isso* por anáfora zero e acrescenta partículas de negação ao verbo *existir*, na Ressonância – linha 4.

M	L3:				existe	isso		?
R	L2:	não	não		existe		não	.
		X	X	S	V		X	

b)

S + VI + (Oblíquo)
(Ação)

Em alguns exemplos de enunciados com verbo intransitivo de ação, a estrutura se constituiu apenas de *S + VI*, sem a presença do termo oblíquo. Esse fato está representado, na descrição sintática acima, através dos parênteses no termo **oblíquo**.

(5.18) [TAp.12]

1. L2: **fui almoçar fora...**
2. L1: ah... **almoçar fora...**

L2 constrói o enunciado Matriz com o sujeito representado pelo SN pronominal anafórico: *eu*, o verbo auxiliar: *fui* e o verbo intransitivo: *almoçar* acompanhado de um constituinte representado por um sintagma adverbial: *fora*. L3, na Ressonância, linha 2, repete o verbo principal e o elemento adverbial, conforme se verifica no diágrafo abaixo:

M	L2:		fui	almoçar	fora	.
R	L3:			almoçar	fora	.
		S	aux	V	X	

c)

S + VI + Oblíquo
(Psicológico)

- (5.19) [TDp.12]
 1. L2: **sente bem ?**
 2. L1: **sente ...**

A estrutura Matriz, nesse exemplo, contém sujeito elíptico: *seu irmão*, anteriormente introduzido na conversação, verbo *sentir* e expressão adverbial: *bem*, analisada como termo oblíquo. A estrutura ressoante contém somente o verbo expresso, e os outros elementos que preenchem as posições de **S** e de **Obl** estão elípticos.

M	L2:		sente	bem	?
R	L1:		sente		.
		S	V	Obl	

- d)

S + VI + Oblíquo
(Locativo)

- (5.20) [TDp.6]
 1. L1: **ela MO::ra em apartamento?**
 2. L2: **[**
mora mora...

A Matriz, na linha 1, constitui-se do sujeito expresso: *ela*, o verbo intransitivo: *morar*, classificado como locativo, e o termo oblíquo: *em apartamento*. L2, em seu enunciado ressoante, dá uma resposta de confirmação a L1, usando o verbo: *morar* e retomando anaforicamente o sujeito e o termo oblíquo da Matriz.

M	L1:	ela	mora	em apartamento	?
R	L2:		mora		.
		S	V	Obl	

- e)

S + VI + Oblíquo
(Movimento)

- (5.21) [TCp.13]
1. L2 – **a M.A. irmã do tio L. vem cá ?**
 2. L3 – **vem...**

Nesse exemplo, a estrutura da Matriz apresenta sujeito representado pelo SN lexical: *a M.A.* e acompanhado por um aposto, verbo: *vem*, intransitivo, classificado semanticamente como verbo de movimento, e termo adverbial: *cá*, analisado sintaticamente como termo oblíquo. A estrutura da Ressonância, na linha 2, contém somente o verbo expresso: *vem*; os outros termos estão representados por anáfora zero.

M	L2:	a M. A.	irmã do tio L.	vem	cá	?
R	L3:			vem		.
		S	X	V	Obl	

5.3.4.1 Quantificação de construções com verbo intransitivo

As construções com verbo intransitivo somam 88 Ressonâncias, ou seja, **21,9%** do total de construções contabilizadas ao todo, nas quatro conversações, sendo 46 casos na conversação A – o que corresponde a **30,3%** das 152 Rs contabilizadas em [TA], 16 casos na conversação B – o que corresponde a **18,6%** do total de 86 Rs contabilizadas em [TB], 13 casos na transcrição C – o que corresponde a **11,8%** do total de 110 Rs contabilizadas em [TC], e, por fim, 13 casos na transcrição D – o que corresponde a **24,1%** das 54 Rs totais presentes em [TD]. O número de ocorrências referentes a cada subconstrução com VI, em cada conversação, é fornecida na tabela abaixo:

TABELA 11
Distribuição de construções com verbo intransitivo

CONSTRUÇÕES COM VI		TA		TB		TC		TD		TA TB TC TD Total	
1.	SN + V + (SX)	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a	S + V existencial	02	1,3	01	1,2	01	0,9	0	0	04	1,0
b	S + V ação + (Oblíquo)	06	3,9	14	16,3	05	4,6	0	0	25	6,2
c	S + V psicológico + Oblíquo	01	0,7	0	0	02	1,8	03	5,5	06	1,5
d	S + V locativo + Oblíquo	10	6,6	0	0	03	2,7	05	9,3	18	4,5
e	S + V movimento + Oblíquo	27	17,8	01	1,2	02	1,8	05	9,3	35	8,7
Total Construções com VI		46	30,3	16	18,6	13	11,8	13	24,1	88	21,9
Total	Outras construções	106	69,7	70	81,4	97	88,2	41	75,9	314	78,1
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Verifica-se que a construção com verbo de **movimento** (letra e) é a de maior produtividade, apresentando 35 casos, o que equivale a **8,7%** das 402 Ressonâncias totais. A construção com verbo de **ação** (letra b) somam 25 ocorrências, ou seja, **6,2%** do total de Rs, e a construção com verbo **locativo** (letra d), 18 ocorrências – **4,5%** do total de Rs. As outras duas subconstruções, com verbos psicológicos (letra c) e existenciais (letra a) apresentam baixa frequência nas conversações, com um percentual de, respectivamente: 1% e 1,5% .

5.3.5 Construções com verbo de Ligação (VL)

1. SN + V + SX

O elemento **SX** representa os diversos tipos de constituintes que podem exercer a função de predicativo na construção representada acima: sintagma nominal, adjetival e preposicionado.

S	+	VL	+	PS
(relacional)				

(5.22) [TCp.7]

1. L1 - **d. L. isso aí é segredo?**
2. L3 - **ah é segredo de profissão...**

Na Matriz, verifica-se o sujeito representado pelo pronome: *isso aí*, o verbo: *é*, classificado semanticamente como verbo relacional, o predicativo do sujeito representado pelo SN: *segredo*, além do vocativo: *d. L.*, no início da sentença. Na Ressonância, a estrutura da Matriz se mantém, com a eliminação do vocativo, a elipse do sujeito e o acréscimo da expressão: *de profissão*, no termo que exerce a função de predicativo.

M	L1:	d.L.	isso aí	é	segredo	?
R	L2:			é	segredo de profissão	.
		X	S	V	PS	

5.3.5.1 Quantificação de construções com verbo de ligação

Na transcrição A, das 152 Ressonâncias encontradas ao todo, 39 – **25,6%** – são construções com verbo de ligação. Na transcrição B, das 86 Ressonâncias existentes, 25 – **29%** – são construções com verbo de ligação. Na transcrição C, o total de estruturas ressoantes construídas com VL é de 53 ocorrências, o que corresponde a **48,2%** das 110 Ressonâncias. Na transcrição D, 13 Rs, ou seja,

24,1% do total de 54 Ressonâncias são construções com verbo de ligação. Analisando-se as quatro conversações conjuntamente, tem-se 130 Ressonâncias estruturadas com VL, que correspondem a **32,3 %** do total de 402 Ressonâncias do *corpus*. A tabela abaixo permite visualizar o total das 130 Rs distribuídas nas quatro conversações:

TABELA 12
Distribuição de construções com verbo de ligação

CONSTRUÇÕES COM VL		TA		TB		TC		TD		TA TB TC TD Total	
1.		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a	A + V relacional + PS	39	25,6	25	29,0	53	48,2	13	24,1	130	32,3
Total	Outras construções	113	74,4	61	71	57	51,8	41	75,9	272	67,7
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Na análise do total de estruturas com verbo de ligação, nas três conversações, verifica-se maior ocorrência na Transcrição C, com 48,2% das Rs totais, em [TC]. As outras transcrições apresentam uma distribuição de Ressonâncias com VL que varia de, aproximadamente, 24% a 30% dos enunciados totais de cada conversação, conforme visto acima.

5.3.6 Construções amalgamadas e convencionais

a) Construções amalgamadas

a)	S	+	[V	+	SN]	⁴⁸
----	---	---	---	---	---	----	---	---------------

⁴⁸ Os colchetes indicam que V+SN constituem o que DU BOIS (1991) denomina *construção amalgamada*.

Construções amalgamadas são aquelas em que a expressão nominal – SN – e o verbo são usados para se referir a um só conceito, ou seja, os dois elementos passam a formar um todo semanticamente coeso, traduzindo uma idéia unitária. No exemplo 5.23 abaixo, o falante usa a “expressão amalgamada”⁴⁹: *dar uma descansada*, na Matriz, linha 2, ao aconselhar o amigo, o interlocutor 2, a descansar antes de ir a uma festa.

- (5.23) [TBp. 4]
1. L3: pois É... **cê tem que dar uma descansada...** pra conseguir...
 2. L2: ir à festa...
 3. L3: curtir a noite...
 4. L2: **eu vou dar uma descansada...**

b) Construções convencionais

Este grupo constitui-se de construções cristalizadas na língua, já consagradas, entre as quais encontram-se as *expressões idiomáticas*. Conforme Tagnin (1989), expressões idiomáticas são aquelas cujo sentido não é composicional, isso é, não pode ser depreendido da somatória dos significados individuais de seus elementos formativos. No exemplo abaixo, conversando sobre a roupa que L2 irá vestir à noite, para ir a uma festa, L3 dá sua opinião sobre uma calça xadrez sugerida por L2. A expressão *nada a ver*, usada pelos falantes, e outras expressões fixas foram inseridas neste grupo.

- (5.24) [2TBp. 5]
1. L3: ah não... **nada a ver...**
 2. L2: **nada a ver...**

As construções amalgamadas e convencionais não foram representadas em diágrafos. Passemos, então, para a análise da quantificação dessas construções no *corpus*.

⁴⁹ Para maiores detalhes sobre “predicado amalgamado”, ver DU BOIS (1980).

5.3.6.1 Quantificação de construções amalgamadas e convencionais

O grupo de construções amalgamadas e convencionais detectadas no conjunto das transcrições constitui-se de 22 Ressonâncias – **5,5%** – do total das 402 construções ressoantes totais estudadas.

Na transcrição A, das 152 Ressonâncias totais, 5 - 3,3% - correspondem a construções amalgamadas e 05 - 3,3% - a construções convencionais. Na transcrição B, num total de 86 casos analisados ao todo, 01 Ressonância é uma construção amalgamada -1,2%- e 04 são construções convencionais - 4,6%. Na transcrição C, das 110 Ressonâncias estudadas na conversação, foram constatadas 3 construções amalgamadas - 2,7%. Na transcrição D, foram detectadas 4 construções amalgamadas - 7,4% dentre as 54 Ressonâncias totais dessa conversação.

TABELA 13

Distribuição de construções amalgamadas e convencionais

Construções amalgamadas e convencionais	TA		TB		TC		T D		TA TB TC TD Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a. Construções amalgamadas	05	3,3	01	1,2	0	0	04	7,4	10	2,5
b. Construções convencionais	05	3,3	04	4,6	03	2,7	0	0	12	3,0
Total	10	6,6	05	5,8	03	2,7	04	7,4	22	5,5
Total Outras construções	142	93,4	81	94,2	107	97,3	50	92,6	380	94,5
Total Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Somando-se os percentuais dos dois tipos de construções vistas acima, convencionais e amalgamadas, em cada conversação, verifica-se que as

transcrições A, B e D possuem uma distribuição relativamente equilibrada: [TA]-6,6%; [TB]-5,8%; [TD]-7,4% - trata-se de um resultado que apresenta variação de ocorrência de, aproximadamente, 1 a 1,5 pontos percentuais. A conversação [TC] é a que possui uma menor representatividade dessas construções: apenas 2,7% do total de enunciados ressoantes.

5.3.7 Construções com verbo *ser* impessoal

1. Verbo *ser* impessoal

V + SX
ser impessoal

O elemento **SX**, na descrição categorial acima, representa os constituintes: SN, SAdv e SPrep que podem ocupar essa posição na estrutura.

No exemplo abaixo, os falantes produzem seus enunciados utilizando-se dos constituintes: verbo *ser* + sintagma adjetivo. Vejam-se as unidades negritadas em (5.25):

- (5.25) [TAp.19]
1. L2 - o difícil é só acordar...
 2. mas na hora que cê chega lá...
 3. L1 - **é ótimo...**
 4. L2 - que isso...**é excelente...**
 5. e tem tudo

M	L1:	é	ótimo	.
R	L2:	é	excelente	.
		V	Pred.⁵⁰	

⁵⁰ Somente neste caso foi utilizada uma abreviação diferente para **predicativo**, com o objetivo de distinguir predicativo com verbo impessoal (Pred.) de predicativo do sujeito (PS).

5.3.7.1 Quantificação de construções com verbo ser impessoal

Foram detectados 4 casos de Ressonâncias construídas com verbo ser impessoal, em [TA], o que corresponde a 2,0% do total de enunciados ressoantes analisados nessa conversação específica, e 01 caso na terceira conversação, o que corresponde a 1,2% do total de Rs analisadas em [TC]. Conforme se pode observar na tabela abaixo, num total de 402 enunciados analisados, somente 04 são constituídos pelo verbo ser impessoal – 1,0% do total de Rs.

TABELA 14

Distribuição de construções com verbo ser impessoal

Construções com verbo ser impessoal	TA		TB		TC		T D		TA TB TC TD Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1. Verbo ser impessoal	03	2,0	01	1,2	0	0	0	0	04	1,0
Total Outras construções	149	98,0	85	98,8	110	100	54	100	398	99,0
Total Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

5.3.8 Enunciados constituídos de período composto

As subseções anteriores buscaram descrever e quantificar os tipos estruturais de enunciados ressoantes. Foram estudadas as construções que formam períodos simples, as construções que constituem a oração principal de períodos compostos por subordinação e a primeira oração de períodos compostos por coordenação. Dessa forma, antes de passarmos para a análise geral dos dados, juntamente com as considerações finais deste capítulo, faz-se necessário abordar a estrutura interna das orações subordinadas e coordenadas.

Dos 402 pares de enunciados analisados, 78, ou seja, 19,4% desses enunciados são constituídos de período composto, distribuídos em três grupos:

- Grupo 1: tanto o enunciado Matriz como o enunciado ressoante são compostos de período composto. O exemplo abaixo ilustra esse grupo:

- (5.26) [TBp.12]
1. L3 - **é fácil fazer?**
 2. L2 - (...) **não é difícil...**

Esse exemplo traz um período composto por subordinação no enunciado Matriz (linha 1). A oração principal desse período constitui-se de sujeito representado por um SN oracional, verbo de ligação: *é* e predicativo representado pelo SAdj: *fácil*. O SN oracional constitui-se de um verbo de ação: *fazer* e um complemento representado por anáfora zero, recuperando o SN lexical: *o banco de dados*, anteriormente introduzido na conversação. O enunciado ressoante (linha 2), mantém o período composto, só que o sujeito oracional está representado por anáfora zero, há o acréscimo da partícula negativa: *não* e o SAdj *difícil*, na Ressonância, substitui *fácil* da Matriz.

Conforme mencionado, a estrutura de enunciados (M e R) constituída de período composto por subordinação foi classificada de acordo com o verbo da oração principal do período. Assim, (5.26) apresenta um conjunto de sentenças cuja estrutura foi incluída, nas subseções precedentes, no grupo de construções com verbo de ligação. O que se pretende, nesta seção, é fornecer os tipos estruturais que compõem as orações subordinadas e coordenadas de períodos compostos ressoantes.

- Grupo 02: o enunciado Matriz é constituído de período composto, e o enunciado ressoante constituído de período simples. (5.27) abaixo é um exemplo do segundo grupo:

(5.27) [TAp.8]

1. L2 - eu tô querendo **ir é na Casa Cor...**
2. L1 - ah **Casa Cor eu não vou não...**

O enunciado Matriz, na linha 1, é formado por um período composto de duas orações: a oração principal, constituída de sujeito representado por um SN pronominal: *eu*, verbo transitivo direto, categorizado semanticamente como verbo psicológico: *querer* e um objeto direto representado por um SN oracional: *ir é na Casa Cor*.

Observe-se que somente a oração subordinada objetiva direta é ressoada pelo interlocutor - L1. Na linha 2, L1 constrói a Ressonância com uma oração negativa independente, constituída de SN pronominal: *eu*, verbo de movimento: *ir*, elipse do SPrep (oblíquo): *na Casa Cor*, além do acréscimo das partículas negativas: *não*. Desse modo, é importante lembrar que, na classificação e contagem das estruturas ressoantes, nas subseções anteriores, somente a oração do período da Matriz que é retomada na Ressonância foi considerada. Isso significa que a estrutura formadora do conjunto de enunciados em (5.27), por exemplo, foi classificada como construção com verbo intransitivo, categorizado semanticamente como verbo de movimento, e complemento oblíquo.

- Grupo 03: o enunciado Matriz é constituído de período simples, e o enunciado ressoante é constituído de período composto. Veja-se (5.28) abaixo, que traz, novamente, um caso de subordinação⁵¹:

- (5.28) [TAp.07]
1. L1 - **ela vende tudo...**
 2. L2 - eu já vi **ela vendendo biquíni também...**

A oração independente, proferida por L1 (linha 1), formada em torno do verbo *vender*, aparece, no enunciado ressoante (linha 2), sob a forma de uma oração subordinada objetiva direta, complemento do verbo transitivo direto: *ver*. Logo, esse exemplo foi usado para ilustrar os casos de encaixamento da oração ressoante.

Dos três grupos vistos acima, é preciso enfatizar que o grupo 01 é o que mais nos interessa, neste momento, por englobar os casos de enunciados que possuem duas orações tanto na Matriz como na Ressonância. Nos outros dois grupos, o falante produz um enunciado ressoante encaixando uma oração em outra, coordenando duas orações ou eliminando uma oração de um período composto, de modo que a parte dos enunciados que ressoa é constituída de somente uma oração, que já foi objeto de análise nas subseções anteriores. Mesmo diante desse fato, considero interessante apresentar a porcentagem de ocorrência dos enunciados de cada um dos grupos nas conversações estudadas. Veja-se a tabela abaixo:

⁵¹ Conforme se verá adiante, o total de ocorrências de período composto por coordenação é muito baixo, daí a preferência pelos exemplos que envolvem orações subordinadas.

TABELA 15

Distribuição de enunciados ressoantes constituídos de períodos compostos

		TA		TB		TC		TD		TA TB TC TD Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1.	M: Período composto R: Período composto	09	5,9	04	4,7	05	4,5	03	5,5	21	5,2
2.	M: Período composto R: Período simples	08	5,3	06	6,9	06	5,5	04	7,4	24	6,0
3.	M: Período simples R: Período composto	11	7,2	09	10,5	09	8,1	04	7,4	33	8,2
TOTAL		28	18,4	19	22,1	20	18,1	11	20,3	78	19,4
4.	M: Período simples R: Período simples	124	81,6	67	77,9	90	81,8	43	79,7	324	80,6
Total	Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Primeiramente, é importante mencionar que, de 402 conjuntos de enunciados ressoantes analisados ao todo, 78 - 19,4% - envolvem um período composto, e 324 - 80,6% - são constituídos de períodos simples tanto no enunciado Matriz como no enunciado ressoante. Isso demonstra que, **no corpus estudado, há um predomínio de conjuntos de enunciados – Ms e Rs – constituídos de períodos simples – cerca de 80% do total em cada conversação.** O grupo 01 é o que apresenta o menor número de casos, nas quatro transcrições em conjunto: 5,2% do total. O grupo 2, com 24 casos, possui porcentagem bem próxima ao do primeiro grupo – 6%. O terceiro grupo é o que apresenta maior representatividade, com 33 casos, que representam 8,2% do total de enunciados ressoantes.

Vejamos, a seguir, os tipos de orações detectados em cada um dos grupos.

Grupo 1: São 21 pares de enunciados ressoantes (5,2%), nas quatro conversações, conforme se pode observar na tabela acima. 14 pares de períodos (3,5%) - Ms e Rs - apresentam oração subordinada objetiva direta; 04 (1%) apresentam orações adverbiais - de modo, tempo, causa e finalidade; 01 (0,2%)

apresenta oração subordinada subjetiva, 01 (0,2%) apresenta oração subordinada adjetiva, e 01 (0,2%) apresenta uma oração coordenada aditiva. Os percentuais acima são relativos ao total de 402 enunciados totais do *corpus*.

Grupo 02: São 24 pares de enunciados ressoantes (6%) que apresentam um período composto no enunciado Matriz. 23 deles são casos de subordinação, em que a oração subordinada que constitui o período composto da Matriz reaparece, na Ressonância, como uma oração independente: em 15 (3,7%), essa oração é objetiva direta, em 05 (1,2%), adverbial final, em 01 (0,2%), subjetiva, em 01 (0,2%), completiva nominal, e, em 1 (0,2%), predicativa. Há somente 01 caso (0,2%) de período composto por coordenação: uma oração coordenada explicativa é retomada e reaparece, no enunciado ressoante, sob a forma de período simples.

Grupo 03: São 33 pares de enunciados (8,2%) que apresentam um período composto somente no enunciado ressoante. Dividem-se em dois subgrupos de acordo com a classificação sintática da oração ressoante:

a) A oração que constitui o enunciado Matriz reaparece, na Ressonância, sob a forma de oração subordinada objetiva direta, em 14 casos (3,5%); sob a forma de oração subordinada subjetiva em 04 casos (1,0%); sob a forma de oração subordinada adjetiva em 02 casos (0,5%); por fim, sob a forma de oração coordenada também em 2 casos (0,5%), sendo 01 oração adversativa e 01 oração explicativa.

b) A oração que constitui o enunciado Matriz reaparece, na Ressonância, como a primeira oração do período composto. Subordinadas à primeira oração, tem-se 01 caso de oração objetiva direta (0,2%), 1 caso de oração completiva nominal (0,2%), 1 caso de oração adjetiva (0,2%) e 8 casos de orações adverbiais (2%), sendo - 04 de causa, 01 de finalidade, 02 de tempo e 01 de condição.

Conforme mencionado anteriormente, do conjunto de 402 pares de enunciados analisados, constatou-se uma porcentagem de 19,4% de enunciados constituídos de períodos compostos. Unindo-se os dados relativos aos tipos de orações encaixadas e coordenadas, é possível verificar o predomínio de **orações subordinadas substantivas**, com 53 ocorrências, que representam **13,2%** do total de pares de sentenças analisadas. As orações subordinadas adverbiais somam 17 casos - 4,2% do total. As orações subordinadas adjetivas apresentam um total de 4 casos - 1% do total. O mesmo ocorre com as orações coordenadas: há um total de 4 casos - 1% dos pares de períodos analisados. Um dado importante a ser ressaltado é que, dentre 13,2% de orações subordinadas substantivas, predominam as que possuem função de objeto direto, com um percentual de 11%.

Para finalizar esta subseção, resta-nos, ainda, fornecer os tipos estruturais que constituem as orações subordinadas e coordenadas dos períodos compostos de enunciados ressoantes. Conforme já mencionado, nos grupos 02 e 03, a parte do período composto que permanece fora do escopo da ressonância não será descrita aqui. Dessa forma, somente os casos de enunciados do grupo 01, que apresentam um período composto ressoante, constituem-se de uma oração encaixada ou coordenada cuja estrutura necessita ser explicitada. A tabela 16 a seguir nos fornece esses dados:

TABELA 16

Distribuição de construções de orações ressoantes subordinadas e coordenadas

CONSTRUÇÕES		Grupo 01	
		Nº	%
a	A + VTD psicológico + OD	01	4,8
b	A + VTD posse + OD	01	4,8
c	A + VTD ação + OD	09	42,8
	total	11	52,4
d	S+ VI ação + (Oblíquo)	01	4,8
e	S+ VI locativo + Oblíquo	04	19,0
	total	05	23,8
f	S + VL + PS	03	14,3
	total	03	14,3
g	Construção lexicalizada	02	9,5
	total	02	9,5
	total	21	100

Analisando-se a estrutura de orações subordinadas e coordenadas⁵², verifica-se que os falantes fazem uso de construções variadas. Apesar do predomínio de estruturas com verbo transitivo direto de ação – 42,8%, há orações constituídas de verbo intransitivo – 23,8%, verbo de ligação – 14,3% e construções lexicalizadas – 9,5%. É importante ressaltar, mais uma vez, que essas porcentagens são fornecidas com base no total de 21 pares de enunciados constituídos de período composto ressoante (grupo 01), sendo que essa quantidade corresponde a somente 5,2% do total de enunciados estudados no *corpus*.

5.4 Resultados e considerações finais

Unindo-se os dados fornecidos em cada subseção deste capítulo, apresento a tabela abaixo, que permite uma visualização global dos resultados de cada tipo estrutural em cada conversação.

⁵² Lembro ao leitor que, dentre os períodos do grupo 1, só há 1 caso de oração coordenada.

TABELA 17
Distribuição do conjunto de construções analisadas

CONSTRUÇÕES	TA		TB		TC		TD		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
VTD										
a A + V cog./perceptivo + OD	03	2,0	09	10,4	06	5,5	04	7,4	22	5,5
b A + V psicológico + OD	0	0	05	5,8	0	0	0	0	05	1,2
c A + V posse + OD	04	2,6	03	3,4	02	1,8	01	1,8	10	2,5
d A + V <i>dicendi</i> + OD	0	0	02	2,3	0	0	01	1,8	03	0,7
e A + V ação + OD	27	17,8	14	16,3	20	18,2	15	27,8	76	18,9
f V existencial + OD	06	3,9	01	1,2	02	1,8	01	1,8	10	2,5
g A + V cog./perceptivo + OD or.	04	2,6	01	1,2	03	2,7	0	0	09	2,2
h A + V psicológico + OD or.	03	2,0	01	1,2	03	2,7	01	1,8	07	1,8
i A + V <i>dicendi</i> + OD or.	02	1,3	0	0	0	0	0	0	02	0,5
Total	49	32,2	36	41,8	36	32,7	23	42,6	144	35,8
VTI										
a A + V psicológico + OI	01	0,7	01	1,2	04	3,7	0	0	06	1,5
b A + V <i>dicendi</i> + OI	01	0,7	0	0	0	0	01	1,8	02	0,5
c A + V ação + OI	01	0,7	01	1,2	0	0	0	0	02	0,5
d A + V cog./perceptivo + OI or.	0	0	0	0	01	0,9	0	0	01	0,2
Total	03	2,0	02	2,4	05	4,6	01	1,8	11	2,7
VB										
a A + V ação + OD + OI	02	1,3	0	0	0	0	0	0	02	0,5
b A + V <i>dicendi</i> + OI + OD or.	0	0	01	1,2	0	0	0	0	01	0,2
Total	02	1,3	01	1,2	0	0	0	0	03	0,7
VI										
a S + V existencial	02	1,3	01	1,2	01	0,9	0	0	04	1,0
b S + V ação + (oblíquo)	06	3,9	14	16,3	05	4,6	0	0	25	6,2
c S + V psicológico + oblíquo	01	0,7	0	0	02	1,8	03	5,5	06	1,5
d S + V locativo + oblíquo	10	6,6	0	0	03	2,7	05	9,3	18	4,5
e S + V movimento + oblíquo	27	17,8	01	1,2	02	1,8	05	9,3	35	8,7
Total	46	30,3	16	18,6	13	11,8	13	24,1	88	21,9
VL										
a S + V + PS	39	25,6	25	29,0	53	48,2	13	24,1	130	32,3
Total	39	25,6	25	29,0	53	48,2	13	24,1	130	32,3
a Construções amalgamadas	05	3,3	01	1,2	0	0	04	7,4	10	2,5
b Construções convencionais	05	3,3	04	4,6	03	2,7	0	0	12	3,0
Total	10	6,6	05	5,8	03	2,7	04	7,4	22	5,5
Verbo ser impessoal										
Total	03	2,0	01	1,2	0	0	0	0	04	1,0
Total	03	2,0	01	1,2	0	0	0	0	04	1,0
Enunciados ressoantes	152	100	86	100	110	100	54	100	402	100

Analisando-se o resultado das **construções** de acordo com a transitividade verbal, verifica-se, na primeira conversação [TA], o predomínio de estruturas com verbo transitivo direto - 32,2%, seguidas pelas estruturas com verbo intransitivo - 30,3%. O terceiro grupo de maior representatividade é o de construções com verbo de ligação - 25,6%. Na segunda conversação [TB], a maior incidência também é das construções com verbo transitivo direto - 41,8%, seguidas pelas construções com verbo de ligação - 29%. O terceiro grupo - as Rs estruturadas com verbo intransitivo - apresenta um percentual de 18,6% das Rs totais. Na conversação C, o predomínio de ocorrências é das construções com verbo de ligação - 47,8%, seguidas pelas estruturas com VTD - 32,7%. Os enunciados estruturados com verbo intransitivo totalizam 11,8% do total de Ressonâncias. Por fim, na quarta transcrição, as estruturas com verbo transitivo direto têm maior ocorrência - 42,6%. As duas outras construções de maior frequência apresentam o mesmo percentual - 24,1% cada uma.

Somando-se os resultados apresentados em cada conversação, verifica-se que **há três tipos de predicação verbal mais frequentes: verbo transitivo direto, verbo de ligação e verbo intransitivo**. A tabela 18, a seguir, fornece o número de estruturas totais referentes a cada um deles.

TABELA 18

Tipos de predicação verbal mais freqüentes nos conjuntos ressoantes

VERBO	TOTAL	
	[TA], [TB], [TC], [TD]	
	Nº	%
VTD	144	35,8
VL	130	32,3
VI	88	21,9
Outros	40	10,0
TOTAL	402	100

Conforme os dados expostos na tabela, observa-se uma maior freqüência das construções com **verbo transitivo direto**, representando **35,8%** do total de Rs do *corpus*. Em seguida, vêm as estruturas com **verbo de ligação**, com um percentual bem próximo das primeiras: **32,3%** do total de Rs analisadas. As Rs estruturadas com **verbo intransitivo** também tiveram boa representatividade, com **21,9%** do total de Rs. É importante ressaltar que a soma das ocorrências das três construções mais produtivas equivale a **90%** do total de estruturas analisadas no *corpus*. A análise desses dados, além de demonstrar uma preferência dos falantes na exploração de estruturas para construção de Rs, ilustram também diversidade de uso, na medida em que, dentre os três tipos verbais mais freqüentes, não há um percentual muito discrepante de um único tipo.

Feita a análise das construções, passarei para a observação **das subconstruções** detectadas com cada tipo verbal. Primeiramente, são identificadas as subconstruções de maior representatividade em cada conversação, e, em seguida, são apresentadas as subconstruções mais freqüentes nas quatro conversações do *corpus*.

- Transcrição A:

1º) S + VL + PS = 39 casos = 25,6%

2º) — S + VI movimento + oblíquo = 27 casos = 17,8%
 — A + VTD ação + OD = 27 casos = 17,8%

Essas três subconstruções de maior ocorrência em [TA] somam 61,2% do total de Rs presentes nessa conversação.

- Transcrição B:

1º) S + VL + PS = 25 casos = 29,0%

- 2º) $\left\{ \begin{array}{l} A + VI \text{ ação} + (\text{oblíquo}) = 14 \text{ casos} = 16,3\% \\ S + VTD \text{ ação} + OD = 14 \text{ casos} = 16,3\% \end{array} \right.$

Essas três subconstruções de maior ocorrência em [TB] somam 61,6% do total de Rs presentes nessa conversação.

- Transcrição C:

- 1º) $S + VL + PS = 53 \text{ casos} = 48,2\%$
 2º) $A + VTD \text{ ação} + OD = 20 \text{ casos} = 18,2\%$
 3ª) $S + VTD \text{ cognitivo/perceptivo} + OD = 06 \text{ casos} = 5,5\%$

Essas três subconstruções de maior ocorrência em [TC] somam 71,9% do total de Rs presentes nessa conversação.

- Transcrição D:

- 1º) $A + VTD \text{ ação} + OD = 15 \text{ casos} = 27,8\%$
 2º) $S + VL + PS = 13 \text{ casos} = 24,1\%$
 3ª) $\left\{ \begin{array}{l} S + VI \text{ locativo} + \text{oblíquo} = 05 \text{ casos} = 9,3\% \\ S + VI \text{ movimento} + \text{oblíquo} = 05 \text{ casos} = 9,3\% \end{array} \right.$

Essas três subconstruções de maior ocorrência em [TD] somam 70,5% do total de Rs presentes nessa conversação.

- **Total de subconstruções mais freqüentes ([TA], [TB], [TC], [TD])**

- 1º) $S + VL + PS = 130 \text{ ocorrências} = 32,3\%$
 2º) $A + VTD \text{ ação} + OD = 76 \text{ ocorrências} = 18,9\%$
 3º) $S + VI \text{ movimento} + \text{oblíquo} = 35 \text{ ocorrências} = 8,7\%$
 4º) $S + VI \text{ ação} + (\text{oblíquo}) = 25 \text{ ocorrências} = 6,2\%$

Essas quatro subconstruções de maior ocorrência em [TA], [TB], [TC] e [TD] somam 66,1% do total de Rs presentes. Esse resultado confirma a maior

produtividade dos três tipos verbais: VL, VTD e VI, no entanto, em relação às subconstruções, é importante destacar o predomínio da subconstrução constituída de verbo de ligação – 32,3%. A soma dos percentuais das três estruturas de maior frequência, destacadas acima -VTD de ação e VI de movimento e de ação – correspondem a 33,8% do total de Rs. Todas as demais subconstruções encontradas no *corpus* analisado variam a porcentagem de ocorrência entre 0,5% a 5,5% do total (de 2 a 22 casos).

Examinada a frequência das subconstruções detectadas nas conversações em estudo, farei, ainda, um breve comentário relacionado à **classificação semântica dos verbos das subconstruções**.

A tabela 19 fornece a porcentagem de frequência dos tipos semânticos dos verbos presentes nas subconstruções. Excluídas as construções amalgamadas e convencionais, que somaram um total de 22 ocorrências (5,5%), foram computadas um total de 380 estruturas.

TABELA 19
Distribuição dos tipos semânticos de verbos

VERBOS	Nº	%
Relacional	134	35,3
Ação	105	27,6
Movimento	35	9,2
Cognitivo / Perceptivo	32	8,4
Psicológico	24	6,3
Locativo	18	4,8
Existencial	14	3,7
Posse	10	2,6
<i>Dicendi</i>	08	2,1
Total	380	100

Os verbos classificados semanticamente como **relacionais** foram os mais produtivos nas conversações analisadas, com 35,3%⁵³ do total de ocorrências, seguidos pelos verbos de **ação**, com 27,6%. Os outros tipos tiveram uma variação de frequência de, aproximadamente, 2% a 10%.

Um ângulo sob o qual os dados obtidos podem ser avaliados e que nos conduz a conclusões interessantes, é orientado por Sheibman, já comentada no início deste capítulo (p. 127). Conforme mencionado, Sheibman propõe dez categorias semânticas de verbos, divididos em dois grupos. O primeiro inclui os verbos relacionados aos dois processos da experiência humana – *ser* e *sentir* –, e o segundo inclui os tipos semânticos verbais relacionados ao campo do *fazer*. Com base na sugestão da referida autora, se fizermos uma divisão nas categorias semânticas adotadas neste trabalho, teremos:

Grupo A: verbos que se relacionam ao pensamento humano, em oposição ao mundo físico, à natureza empírica dos objetos.

Grupo B: verbos que se relacionam ao mundo físico, aos seres e objetos em sua materialidade.

Retomando as categorias semânticas apresentadas no Quadro 7, seriam incluídas no grupo A as classes de verbos cognitivo/perceptivos, psicológicos, de posse, *dicendi*, relacionais e existenciais. Os verbos de movimento, os locativos e os de verbos denominados de ação, que englobam uma série de eventos, ações e fatos concretos, seriam incluídos no grupo B.

Comparando-se o total de ocorrência dos verbos entre os dois grupos: A e B, foram encontradas 222 estruturas com verbos do grupo A e 158 estruturas com

⁵³ A pequena diferença entre os resultados percentuais da tabela 19 e da tabela 17 (p.167) se deve ao número total de enunciados ressoantes considerados. Ao serem excluídas da análise as construções amalgamadas e convencionais, o total de Rs cai de 402 para 380.

verbos do grupo B, ou seja, **58,4%** das construções contêm verbos de classificação semântica do grupo A e **41,6%**, do grupo B.

Esse resultado é interessante e nos leva à conclusão de que, para efeitos de Ressonâncias, os falantes se valem tanto de enunciados com verbos que se relacionam ao mundo “subjetivo” tanto daqueles que se relacionam ao mundo “objetivo”. Todavia, os percentuais encontrados indicam uma preferência pelo uso de tipos verbais do Grupo A, já que há uma diferença percentual de 16,8% entre os resultados de ocorrência dos dois grupos.

Os dados referentes ao grande percentual da subconstrução com verbo de ligação – 32,3% e o predomínio de verbos do grupo A, nas conversações analisadas, parecem confirmar a suposição, já comentada na seção 4.3.5 deste trabalho, de que as Ressonâncias, caracterizadas como uma concretização formal do envolvimento, tendem a ocorrer em situações nas quais os interactantes dão mais importância às relações pessoais do que ao conteúdo informativo a ser veiculado. Ou seja, há indícios de que uma interação em que o interesse maior reside no envolvimento interpessoal favorece o surgimento de enunciados com verbos relacionais e/ou verbos que expressam sentimentos, sensações e pareceres...⁵⁴ Obviamente, para que se possa chegar a conclusões definitivas em relação a essa questão, há necessidade de ampliação do *corpus* e da análise de outros resultados. De qualquer forma, essa diferença de, aproximadamente, 17% constatada entre os tipos semânticos verbais A e B, deve ser levada em conta e, quando possível, avaliada em outros estudos sobre o assunto.

Neste capítulo 5, foram apresentados, exemplificados e quantificados os tipos de construção detectados no conjunto dos enunciados, Matrizes e Ressonâncias,

⁵⁴ Faz-se necessário mencionar que a grande maioria das orações com verbos relacionais detectadas no *corpus* é composta de um sintagma adjetival exercendo a função de predicativo do sujeito.

nas conversações estudadas. Foram fornecidas e ilustradas, também, relações de mapeamento estabelecidas entre esses enunciados. Ainda restam, no entanto, conclusões e generalizações a serem feitas em relação aos mapeamentos. Respostas para questões como: quais tipos de mapeamentos são mais recorrentes? Existem formas de estruturas ressoantes preferidas? ainda persistem. Passarei, então, ao capítulo 6, o qual é dedicado a uma análise mais detalhada dos mapeamentos e da correlação entre os aspectos formal e funcional dos enunciados ressoantes.

6 CORRELAÇÃO FORMA X FUNÇÃO

Este capítulo tem por objetivo analisar os mapeamentos entre os enunciados - Matriz e Ressonância -, de acordo com as diversas funções que as Rs podem exercer no discurso, conforme expostas no capítulo 4 desta dissertação.

Primeiramente, serão apresentados e quantificados os tipos de construção das Ressonâncias com determinada função e, em seguida, serão expostos os mapeamentos agrupados de acordo com a transitividade do verbo das Rs em análise. Por fim, serão feitos os comentários relacionados aos tipos de mapeamentos estabelecidos entre Ms e Rs com uma função específica, na tentativa de buscar tendências gerais das relações entre os tipos funcionais e as características formais dos enunciados ressoantes .

A análise desenvolvida a seguir baseia-se em uma teoria ainda em elaboração: a Sintaxe Dialógica (Du Bois, 2001), e os mapeamentos sugeridos e exemplificados pelo autor são pouco explorados. Diante desses fatos e devido à necessidade de subsidiar as conclusões com dados confiáveis e sistematizados, optou-se por uma apresentação bem detalhada dos mapeamentos, que permitisse ao leitor visualizar a diversidade de possibilidades encontradas e acompanhar passo a passo o desenvolvimento da análise.

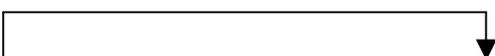
6.1 Codificação para análise de mapeamentos

Conforme vimos no capítulo anterior, mapeamento é a relação formal que se estabelece entre estruturas em ressonância. Observe-se (6.1) abaixo:

(6.1) [TCp.1]

1. M: L2: **nossa... mas tá linda essa foto...**
 2. R: L1: **nossa... mas essa do pôr-do sol aqui tá violenta demais...**

O locutor 1, na linha 2, constrói um enunciado com base no enunciado do parceiro, utilizando a mesma estrutura sintática e parte dos itens léxicos e gramaticais constituintes da sentença Matriz. O diágrafo apresentado a seguir permite visualizar essa relação de mapeamento, em que os termos correspondentes das estruturas – M e R – são alinhados verticalmente:



M	nó	mas		tá	linda	essa foto		!
R	nossa	mas	essa do pôr-do-sol aqui	tá	violenta		demais	!
	X	X	S	V	PS		X	

No capítulo precedente, a descrição de tipos formais de Matrizes e Ressonâncias foi centrada no verbo e nos seus argumentos. Dessa forma, as estruturas de enunciados ressoantes foram classificadas de acordo com a transitividade do verbo da oração: VTD (verbo transitivo direto) – VTI (verbo transitivo indireto) – VB (verbo bitransitivo) – VI (verbo intransitivo) – VL (verbo de ligação)⁵⁵. No momento da exemplificação dos tipos estruturais detectados no *corpus* analisado, mapeamentos variados foram apresentados para ilustrar as Ressonâncias léxico-estruturais.

Neste capítulo, pretende-se analisar todos os tipos de mapeamentos trans-sentenciais detectados nas conversações, com o objetivo de verificar se esses mapeamentos apresentam características específicas, dependendo da função discursiva das sentenças ressoantes. Para isso, buscou-se uma nova forma de

⁵⁵ Cf. seção 5.1 desta dissertação.

exposição dos diágrafos, que facilitasse captar tendências gerais relacionadas aos aspectos formais x funcionais das Ressonâncias. Dessa forma, passo a apresentar as codificações utilizadas na descrição dos mapeamentos, lembrando que algumas das convenções adotadas anteriormente são mantidas.

A primeira linha do diágrafo fornece a descrição estrutural abstrata da construção analisada. Se o verbo dos enunciados mapeados for um verbo transitivo direto, verificam-se três posições argumentais fundamentais: **A** - sujeito, **V** - verbo, **OD** - objeto direto (com exceção dos casos de verbos impessoais). Essas iniciais (A-V-OD) encontram-se na primeira linha do diágrafo, em negrito. Além disso, toda a primeira linha aparece ligeiramente sombreada, para destacar esses elementos que indicam posições sintáticas. O mesmo ocorre para os outros tipos verbais. Se o verbo da estrutura for transitivo indireto, a primeira linha do diágrafo traz: **A, V, OI**. Se o verbo da estrutura for bitransitivo, as iniciais das funções são **A, V, OD, OI**. Se o verbo for intransitivo, a descrição abstrata da estrutura vem indicada por: **S, V, OBI**⁵⁶. Se o verbo for copulativo, as iniciais da primeira linha são **S, V e PS**. É importante salientar que, caso apareça, em qualquer tipo de representação, alguma outra função sintática, além dessas nucleares, ela será representada por **X**.

Cada função sintática, denominada na primeira linha como estabelecido acima, pode estar preenchida por um sintagma lexical, por um item pronominal ou por anáfora zero. Assim, nas outras linhas do diágrafo, registram-se as realizações da estrutura. As convenções que sinalizam essas ocorrências são:

- a) A letra **p** indica que o sintagma que preenche aquela posição é pronominal.

⁵⁶ Nos mapeamentos com verbos intransitivos, faz-se necessário lembrar ao leitor que a estrutura pode ser constituída de sujeito, verbo e termo Oblíquo, mas pode também ser constituída somente de sujeito e verbo. Essa última corresponde a casos de verbos intransitivos classificados semanticamente como existenciais e alguns casos de verbos intransitivos classificados semanticamente com verbos de ação, conforme foi visto no capítulo 5 desta dissertação.

- b) A letra **L** indica que o sintagma que preenche aquela posição sintática é um SN lexical. A letra L ocorre nas posições de sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo e predicativo.
- c) A letra **v**, minúscula, indica que o sintagma que preenche aquela posição sintática é um verbo, lexicalmente representado.
- d) A abreviatura **aux** indica que o verbo principal da estrutura está acompanhado de um verbo auxiliar.
- e) O **espaço em branco** indica que, naquela posição sintática, há um SN elíptico, recuperado no contexto.

Analisemos o mapeamento dos enunciados apresentados em (6.2) abaixo, com o objetivo de exemplificar essas convenções:

- (6.2) [TAp.11]
 1. M: L1 – **comeu tudo...**
 2. R: L2 – **comeu...**

Nesse momento da conversa, L2 está contando para L1 o que havia feito de jantar para sua filha e de como ela havia gostado. L1 estrutura seu enunciado Matriz com sujeito elíptico, verbo: *comeu* e objeto direto: *tudo*. L2 faz a Ressonância, repetindo somente o verbo: *comeu*. O diágrafo do exemplo acima é:

		A	V	OD	
L1	M:		v	p	?
L2	R:		v		.

Esse diágrafo mostra, na primeira linha, a estrutura abstrata dos enunciados mapeados. Observem-se as iniciais em negrito e o leve sombreamento dessa linha, conforme estabelecido acima. As outras linhas referem-se aos preenchimentos de

elementos na Matriz (M) e na Ressonância (R). O espaço em branco na posição de A retrata que a primeira posição (a de sujeito) está sem preenchimento lexical ou pronominal, tanto no enunciado Matriz como no enunciado ressoante. O termo que exerce a função sintática de sujeito, nesse caso, é retomado por anáfora zero. O **v**, na posição sintática de V (verbo) indica que o verbo está lexicalmente expresso nos dois enunciados: M e R. Por fim, a função de OD está preenchida por um sintagma pronominal no enunciado Matriz, representado por **p** no diágrafo acima. O espaço em branco, na posição de OD, na Ressonância, mostra que esse termo está elíptico.

Exemplificadas as primeiras convenções, faz-se necessário esclarecer que:

- a) foi codificado por **p** - SN pronominal - todo pronome de natureza substantiva, de acordo com a terminologia da Gramática Tradicional, seja ele pessoal, indefinido, demonstrativo, possessivo⁵⁷...
 - b) foi codificado por **espaço em branco** o sintagma lexical retomado por anáfora zero, quando tanto o núcleo do sintagma quanto seus determinantes e modificadores estão elípticos.
 - c) foi codificado como **SN lexical** todo sintagma não elíptico e não pronominal.
- Dessa forma, todos os preenchimentos, com exceção dos casos de elipse e dos casos de pronomes substantivos (de acordo com a terminologia gramatical tradicional), foram considerados SNs lexicais.

Nos diágrafos, as abreviações A, OD, OI, PS e Obl podem ser preenchidas por **L**, por **p** ou por **zero**. L ou p podem vir acompanhadas pelo **y**. Isso significa que há uma alteração entre os itens lexicais membros da relação M-R. Nesse caso, verifica-se um referente comum entre os itens lexicais correspondentes dos dois

⁵⁷ Os únicos pronomes substantivos não codificados como *p* são, de acordo com a terminologia gramatical tradicional, os pronomes interrogativos: que, quem, qual, quanto. Esses elementos são codificados como *qu*, conforme se verá mais adiante.

enunciados, ou seja, a palavra ou expressão que aparece na R não é formalmente igual à que está na M, porém ambas têm o mesmo referente.

Tomemos o diágrafo do exemplo (6.3) abaixo:

- (6.3) [TAp.7]
 1. M: L2 - **ela tá fazendo uma casa lá?**
 2. R: L1 - **B. tá fazendo uma casa lá...**

		A	V		OD	X	
L2	M:	p	aux	v	L	L	?
L1	R:	Ly	aux	v	L	L	.

O mapeamento desse exemplo mostra, na Matriz, um pronome preenchendo a posição de A (sujeito): *ela*, o verbo auxiliar: *tá* e o verbo principal: *fazer* ocupando a posição sintática V (verbo), um SN lexical preenchendo a posição de OD (objeto direto): *uma casa*, e, ainda, um elemento lexical preenchendo a função sintática denominada X: *lá*. Observe-se que os itens lexicais presentes no enunciado Matriz, nas posições de V, OD e X são mantidos no enunciado ressoante. Porém na posição de sujeito, na Ressonância, há a substituição de: *ela* por *B*. *B*. é o nome próprio de uma amiga do falante⁵⁸. Como a troca desses itens não altera o referente do sujeito, o L que preenche a posição de A, na R, vem acompanhado de *y*. Isso significa que *ela* e *B.*, elementos formalmente diferentes, referem-se à mesma pessoa: a amiga de L2.

O elemento *y*, dessa forma, aparece em situações em que a expressão lexical com determinada função na M é retomada na R através de: substituições por sinônimos, hipônimos, hiperônimos, antônimos, ou através do acréscimo ou supressão de algum determinante. Nos casos de substituições por hipônimos,

⁵⁸ Conforme exposto anteriormente, são omitidos os nomes próprios mencionados nas conversações.

hiperônimos, ou antônimos, só é usada a convenção Ly se, apesar da troca do item lexical nos enunciados, não há alteração do referente das expressões.

Outra convenção adotada refere-se à mudança do referente de uma expressão, nos dois enunciados - Matriz e Ressonância. O **grifo** na abreviação de uma das funções indica que uma substituição lexical de M para R altera o referente da expressão. Observe-se (6.4) abaixo, juntamente com seu mapeamento:

- (6.4) [TBp.6]
1. M: L1 – então **come morango com::**
 2. R: L2 – **come pão...**

Nesse exemplo, os falantes estão sugerindo ao colega o que comer. O mapeamento de (6.4), dentro das convenções vistas, fica da seguinte forma:

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	<u>L</u>	.

Esse diágrafo representa dois enunciados em ressonância, em que o sujeito está elíptico na M e na R, e o verbo está expresso tanto na M quanto na R. O objeto direto, explícito também nas duas sentenças, é composto de itens lexicais formalmente e referencialmente diferentes nas orações M e R, ou seja, a palavra que exerce a função de OD, na M, tem um referente, e a que exerce a função de OD, na R, outro, como é o caso de *pão* e *morango*.

Outros elementos recorrentes e importantes, como a partícula *não*, o elemento *qu*, e o expletivo *é que* também são indicados por, respectivamente: **não**, **qu**, e **é que**. O diágrafo do exemplo (6.5) abaixo ilustra um desses casos:

(6.5) [TCp.3]

1. M: L1 - **é aqui que eu ponho?**
 2. R: L2 - **é aí cê coloca uma introdução...**

			X		A	V	OD	
L1	M:	é	L	que	p	v		?
L2	R:	é	Ly		p	vy	Ly	.

Observe-se que os elementos de realce **é que** não recebem rótulos de função sintática. A decisão de apresentá-los nos diágrafos se deve à possibilidade de visualizar o número de construções clivadas. Esse exemplo é interessante, na medida em que mostra a manutenção da clivagem do termo adverbial, na Ressonância. O dêitico *aqui*, na Matriz, é substituído por *aí*, na Ressonância. Além desses elementos, o **p** na posição de **A** indica que o sujeito dos dois enunciados está expresso por um SN pronominal (*eu x você*). O verbo transitivo direto: *pôr*, expresso na M, é substituído por: *colocar*, expresso na R, daí a codificação **vy**, no enunciado ressoante. O objeto direto: *um incincho*, elíptico no enunciado Matriz, é retomado por um sinônimo: *uma introdução*, na sentença ressoante.

Vejamos, agora, um mapeamento com a presença da partícula negativa **não**:

(6.6) [TBp.4]

1. M: L1 - ah:..... mas **ele tem uma digital...**
 2. R: L2 - **tem não...**

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L		.
L2	R:		v		não	.

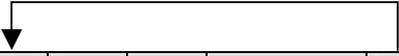
O enunciado Matriz, constituído de sujeito: o SN pronominal - *ele*, de verbo transitivo direto: *tem* e objeto direto: o SN lexical - *uma digital* é ressoado com elipse dos termos que exercem a função sintática de **A** e **OD**. O verbo é expresso, no

enunciado ressoante, juntamente com a partícula negativa: **não**. Esse diágrafo de (6.6) serve para nos mostrar também o que ocorre quando elementos não existentes na oração Matriz são inseridos na Ressonância pelos falantes: devido ao alinhamento das funções, ficam espaços na Matriz, que passam, então, a ser anulados com um sombreamento mais escuro. Dessa forma, um quadro colorido de cinza escuro, no diágrafo, sinaliza que aquela posição sintática específica não existe no enunciado em análise, seja ele a Matriz, seja ele a Ressonância.

Outra convenção, já adotada anteriormente, relaciona-se à indicação de deslocamentos de termos. Os deslocamentos estão indicados por setas nos diágrafos, conforme sugerido por Du Bois (2001). O exemplo (6.7), a seguir, traz estruturas em ressonância, sendo que, na M, o termo com função sintática de objeto direto está deslocado de sua posição de origem. Antes, porém, pretendo apresentar as codificações usadas para os casos de mapeamentos que envolvem períodos compostos. As iniciais **-or.** (oração), em uma das posições do diágrafo, indicam que o preenchimento dessa posição sintática constitui-se de uma oração. A oração principal e o termo oracional aparecem entre colchetes – [] – que servem para delimitar as orações. O exemplo abaixo ilustra tanto um deslocamento de termo quanto um caso de R com oração encaixada:

(6.7) [TCp.2]

- 1. M: L3 – **que que ocê vai ver na Internet M.?**
- 2. R: L1 – **vou ver se tem e-mail para mim da... lá da Unimed...**



				A	V		OD	X	X	
L3	M:	qu	que	p	aux	v		L	L	?
L1	R:			[aux	v	[or.]]		.

No enunciado Matriz, o sujeito está representado por um SN pronominal: *ocê*, o verbo auxiliar e o verbo principal da oração também estão lexicalmente expressos: *vai ver*, e o objeto direto está representado pelo elemento *qu*: *que*. É importante destacar, ainda, na Matriz, o deslocamento (indicado pela seta) do termo com função de objeto direto e seu realce pela partícula *que*. A sentença ressoante é constituída de sujeito representado por anáfora zero, verbo auxiliar: *vou*, verbo principal: *ver* e objeto direto que corresponde a uma oração: *se tem e-mail pra mim*. O termo com função de objeto direto, de volta à sua posição típica na Ressonância, está entre colchetes. Os colchetes delimitam tanto a oração subordinada como a oração principal. Os espaços com sombreado escuro indicam que aquelas posições não existem no enunciado ressoante.

Faz-se necessário ressaltar que, conforme visto anteriormente, há casos de enunciados ressoantes em que somente parte da oração principal da Matriz é ressoada assim como há casos em que a Matriz, constituída de período simples, é ressoada e reaparece, no enunciado ressoante, sob a forma de oração encaixada. Esses casos específicos de orações que não correspondem a um termo oracional ou que não são alvo de ressonância pelos falantes também são abreviados por **or.**, só que não recebem o rótulo da função sintática na primeira linha do diágrafo.

Em resumo, apresentarei os diágrafos, na próxima seção, com a utilização das seguintes notações:

QUADRO 9
Notações dos diágrafos

L	ocorrência de item ou expressão lexical preenchendo as seguintes funções sintáticas: A, S, OD, OI, Obl, OS
p	ocorrência de um termo pronominal preenchendo aquela posição sintática
v	ocorrência de um verbo, lexicalmente representado, preenchendo o núcleo da função sintática denominada V da estrutura abstrata.
aux	ocorrência de verbo auxiliar
espaço em branco	elipse do termo
grifo	termo reiterado que não preserva a identidade do referente
y	existência de um elemento formal diferente do da Matriz, mas que possui o mesmo referente.
não	partícula negativa: <i>não</i>
(é) que	partícula de realce <i>que</i> ou <i>é que</i>
→	deslocamento do termo
←	
qu	elemento <i>qu</i>
or.	ocorrência de uma oração
[]	demarcação dos limites de uma oração
	espaço a ser desconsiderado na representação

Para finalizar esta seção, resta ainda uma consideração. Mesmo alterando a forma de apresentação dos diágrafos, desejo ressaltar que não estou centrando a análise somente na estrutura dos enunciados ressoantes. Os diágrafos apresentados a seguir continuam me fornecendo informações tanto da estrutura quanto dos preenchimentos de itens léxicos e/ou gramaticais da estrutura. As novas convenções apenas facilitam a visualização dos dados para o alcance do objetivo proposto: relacionar aspectos formais e funcionais das Ressonâncias léxico-estruturais, na busca de generalizações pertinentes.

6.2 Análise dos mapeamentos de enunciados ressoantes, em suas diversas funções

Nesta seção, apresento os tipos de construção dos conjuntos de Matrizes e Ressonâncias de acordo com a função discursiva – grupos A a E⁵⁹ – e faço a exposição dos diágrafos relacionados a essas construções.

6.2.1 Grupo A – Responsividade

Foram detectados, em todas as conversações analisadas, 83 casos de Ressonâncias com função de Resposta Sim e Não, conforme exposto no capítulo 4. As Ressonâncias de Resposta Sim foram analisadas separadamente das Ressonâncias de Resposta Não.

6.2.1.1 Ressonância de Resposta Sim

A tabela abaixo mostra as estruturas constatadas nas 65 ocorrências totais de Ressonâncias⁶⁰ com a função de Resposta Sim:

⁵⁹ Ver quadro 6, p. 84 deste trabalho.

⁶⁰ A contagem foi feita de acordo com o número de Ressonâncias, mas, conforme vimos no capítulo 5, para a descrição dos tipos formais de Rs, levou-se em conta a estrutura inferida do conjunto Matriz/Ressonância. Esta observação é válida para todas as tabelas apresentadas neste capítulo.

TABELA 20
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Resposta Sim

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	30	46,1	A + VTD cognitivo/perceptivo + OD	08	12,3
			A + VTD psicológico + OD	02	3,1
			A + VTD posse + OD	03	4,6
			A + VTD <i>dicendi</i> + OD	01	1,6
			A + VTD ação + OD	09	13,8
			A + VTD psicológico + OD oracional	01	1,6
			VTD existencial + OD	06	9,2
VI	15	23,1	S + VI existencial	01	1,6
			S + VI ação + (Obl)	02	3,1
			S + VI psicológico + Obl	02	3,1
			S + VI locativo + Obl	06	9,2
			S + VI movimento + Obl	04	6,1
VL	16	24,6	S + VL + PS	16	24,6
Outras	04	6,2	Construções convencionais	01	1,6
			Construções amalgamadas	03	4,6
TOTAL	65	100		65	100

As Ressonâncias com função de Resposta Sim exploram vários tipos estruturais, como se vê acima. As construções com verbo transitivo direto predominam, com **46,1%** das 65 Rs totais. As construções com verbo intransitivo correspondem a 23,1%, e as construções com verbo de ligação, a 24,6%. As outras estruturas constatadas possuem baixa ocorrência, totalizando 6,2% do total de enunciados com a função em análise.

As construções com verbo transitivo direto apresentam maior ocorrência com os tipos verbais semanticamente classificados como cognitivo/perceptivo e ação, com um percentual aproximado de 12,3% e 13,8%, respectivamente. Os transitivos existenciais correspondem a 9,2%. Já as construções com verbo intransitivo apresentam maior ocorrência com os verbos locativos – 9,2% – e os de movimento – 6,1%.

As construções convencionais e amalgamadas não foram mapeadas. Tem-se, então, um total de 61 conjuntos de enunciados – Matriz e Ressonância – analisados em diágrafos, assim distribuídos:

a) 24 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 6 casos

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:		v		.

2. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:		v		?
L2	R:		v		.

3. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	L	v	L		?
L2	R:	p	v		L	.

4. 3 casos

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:			Ly	.

5. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	?
L2	R:	<u>L</u>	v		.

6. 2 casos

		A	V		OD	
L1	M:	p	aux	v		?
L2	R:		aux	v		.

7. 4 casos

		A	V		OD	
L1	M:		aux	v	L	?
L2	R:		aux			.

8. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:	p	aux	v		?
L2	R:			v	Ly	.

9. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L	L	?
L2	R:	p	v	Ly		.

10. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:	[p	aux	v	[or.]]	?
L2	R:	<u>L</u>		v	p	.

11. 1 caso

		A	X	V	OD	X	
L1	M:	L	não	v	L	p	?
L2	R:	[v	L	[or.]	.

12. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	[v	[or.]	?
L2	R:	[v]	.

Desses 24 casos de mapeamentos com enunciados constituídos de **A+VTD+OD**, observam-se relações bastante simples entre Matrizes e Ressonâncias. Em 15 casos – 62,5% – desses mapeamentos, somente o verbo auxiliar ou o verbo principal se encontram expressos na Ressonância, sendo que os outros dois termos: sujeito – A e objeto direto – OD estão elípticos. Em 7 dos 24 casos de mapeamentos, o SN com função de objeto direto está expresso nas Ressonâncias, o que corresponde a 29,2% de todas as Rs com VTD e com função de Resposta SIM. É interessante ressaltar que 95,8% dos itens lexicais com função de objeto direto expressos nas sentenças ressoantes estão alterados, ou seja, sofreram leve modificação, ao serem retomados do enunciado Matriz. Em relação ao sujeito, verificam-se 20 casos de enunciados – 83,3% – com sujeito elíptico nas orações ressoantes. Em relação aos outros 4 casos – 16,7% – com sujeito expresso, 2 repetem o sujeito pronominal da Matriz e 2 identificam um novo referente como sujeito do enunciado.

Vejamos os mapeamentos ocorridos com outros tipos verbais para verificar se é possível captar tendências gerais em relação ao uso de enunciados ressoantes com a função de Resposta Sim.

b) 6 mapeamentos com verbo ter impessoal:

1. 3 casos

		V	OD	X	
L1	M:	v	L	L	?
L2	R:	v			.

2. 2 casos

			X	V	OD	
L1	M:	L	L	v		?
L2	R:			v	Ly	.

3. 1 caso

		V		OD	
L1	M:	aux	v		?
L2	R:	aux			.

Em relação às 6 ocorrências com verbo ter impessoal, em 4 (66,7%) há somente o verbo principal ou o verbo auxiliar expressos nos enunciados ressoantes. Nos outros 2 casos – 33,3% – além do verbo, ocorre também o SN lexical que representa o objeto direto. Observe-se o mapeamento 2 acima, que representa especificamente esses dois casos. No enunciado Matriz, o SN lexical com função de objeto direto ocorre deslocado. Ao realizar a Ressonância, o falante opta por retomar esse SN com forma alterada (Ly) e devolve-o novamente para sua posição de origem.

c) 15 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 5 casos

		S	V	Obl	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:		v		.

2. 2 casos

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	?
L2	R:	L	v		.

3. 3 casos

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	?
L2	R:		v	L	.

4. 2 casos

		S	V	Obl	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:			L	.

5. 1 caso

		S	V			Obl	
L1	M:		aux	v	L		?
L2	R:	p	aux	v		L	.

6. 1 caso

		S	V		Obl	
L1	M:	L	aux	v	L	?
L2	R:	L	aux			.

7. 1 caso

		S	V			
L1	M:		aux	v	L	?
L2	R:		aux			.

Das 15 ocorrências totais de Matrizes e Ressonâncias com função de Resposta Sim e com verbo intransitivo, pode-se observar que, em 6 (40%), somente o verbo intransitivo está expresso nas Ressonâncias, e os outros sintagmas que exercem função de sujeito e oblíquo estão elípticos, recuperados anaforicamente. Focalizando o sujeito, em 11 casos (73,3%), o SN com essa função está elíptico nas orações ressoantes; em 1 caso (6,7%), ele está pronominalizado; finalmente, em 3 casos (20%), ele é expresso sem alteração. Com referência ao SN com função

sintática de oblíquo, em 6 casos (30%), ele vem expresso na Ressonância. Desses, em 5 casos em que isso ocorre, o SN sujeito está elíptico e, em 1 caso, o SN sujeito é representado por um pronome. Essa é uma observação importante, na medida em que comprova a tendência de se evitar que as três posições sintáticas – S-V-Obl – sejam preenchidas com itens lexicais e/ou gramaticais concomitantemente.

d) 16 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	?
L2	R:		v		.

2. 5 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	?
L2	R:			Ly	.

3. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:		v	L	.

4. 4 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	?
L2	R:		v	Ly	.

5. 1 caso

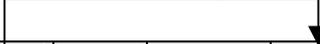
		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	?
L2	R:	p	v	Ly	.

6. 1 caso

			S	V	PS	
L1	M:			v	L	?
L2	R:	[or.	[v	L]]	.

7. 1 caso

		X	S	V	PS		
L1	M:		[v	L	[or.]]	?
L2	R:	não		v	Ly		.



Uma característica desses mapeamentos com verbo de ligação é a elipse do sujeito nas Ressonâncias: em 15 dos 16 casos, ele está elíptico, ou seja, 93,8% das estruturas ressoantes são constituídas de sujeito representado por anáfora zero. Somente 1 estrutura (6,2%) é constituída de sujeito representado por um SN pronominal. É importante ressaltar que, nas estruturas com VL, até mesmo nas Matrizes o sujeito é preferencialmente representado por anáfora zero (68,8%).

Ao contrário do que ocorre com o sujeito, nas Ressonâncias, o termo que exerce a função sintática de predicativo aparece elíptico em somente 2 casos (12,5%) e, em 14 casos (87,5%), esse termo vem expresso. Desses 14 casos, em 11 (78,6%) - ele é alterado e, em 3 (21,4%), ele é reproduzido da mesma forma em que aparece na Matriz. Essas alterações, conforme já explicitadas, são acréscimos de determinantes, modificadores e, inclusive, substituições por sinônimos e antônimos.

O verbo, lexicalmente representado, ocorre em 11 dos 16 casos de orações ressoantes, o que significa 68,7%. Convém observar que 13 (81,3%) estruturas compõem-se do verbo *ser*, e somente 3 (18,7%) do verbo *estar*.

Em resumo, as Rs de Resposta Sim estruturadas com elipse do SN sujeito, verbo de ligação e SN predicativo lexicalmente expressos tiveram maior representatividade, com 50% dos casos. As Rs de Resposta Sim estruturadas somente com preenchimento lexical do termo com função de predicativo e elipse dos outros termos: sujeito –S– e verbo –V– se apresentaram como a segunda escolha do falante, com um percentual de 31,2%.

Observando-se todos os pares de enunciados mapeados com função de Resposta Sim, somente em 16,4%, o SN com função de sujeito está formalmente expresso nos enunciados ressoantes, ou seja, **83,6% das estruturas ressoantes possuem SN sujeito representado por anáfora zero**. Pode-se afirmar que a elipse do sujeito é uma característica dos mapeamentos de Rs com essa função. Trata-se de um resultado já esperado, pois, no discurso espontâneo, a posição canônica para recuperar participantes efetivos, dentre os quais encontram-se os próprios interlocutores, é a posição de sujeito, conforme mencionado em outros trabalhos (DU BOIS, 2003; GIVÓN, 1995). Dessa forma, a grande ocorrência de elipses do SN sujeito, considerada como norma no discurso espontâneo, apenas confirma o que já era previsto. Resta-nos observar se essa é uma tendência geral para todas as funções discursivas de enunciados ressoantes.

Dando continuidade às observações finais de Ressonâncias com Resposta Sim, constatou-se, também, que as sentenças ressoantes constituídas apenas do verbo explícito e elipse dos outros dois termos da oração foram as predominantes, com 27 casos, o que corresponde a 44,3% dos 61 pares de enunciados estudados. As respostas com o verbo explícito conjuntamente com outro termo oracional (seja OD, PS ou Obl) ocorreram com 15 casos – 24,6% do total de Rs de Resposta Sim.

Situação menos comum ainda foi a construção de uma resposta com os três termos da oração na R. Ou seja, enunciados ressoantes estruturados com itens lexicais preenchendo as três posições: A+VTD +OD, ou S+VL+PS, ou S+VI+Obl se deu com 4 casos somente, que equivalem a 6,5% das ressonâncias analisadas. **É importante ressaltar que 37 das 61 Rs - 60,7% - preferem as respostas construídas com um termo oracional somente, sendo ele, preferencialmente, o verbo e, mais raramente, o predicativo, o objeto direto e o Oblíquo.**

Outra observação importante relaciona-se à retomada do SN lexical que preenche a terceira posição das estruturas focalizadas. Das 30 Rs com verbo transitivo direto, o SN com função de OD só aparece na Ressonância em 9 – 30% dos casos. Já das 15 Rs com verbo intransitivo, o termo oblíquo aparece expresso em 6, 40% do total e, por fim, dos 16 enunciados ressoantes com VL, 14 SNs com função de predicativo são expressos, 87,5%. É possível concluir, dessa forma, que há uma variedade de preferências relacionadas à presença desse terceiro termo, de acordo com a predicação do verbo. Além disso, somando-se os casos de SNs lexicalmente expressos no enunciado ressoante, com função de predicativo, objeto direto e oblíquo, tem-se um total de 29 casos. Constata-se que há uma tendência geral relacionada a esse termo: independentemente de ter funções sintáticas e papéis discursivos distintos, o SN que o constitui é retomado com forma alterada em 70% dos casos.

Para finalizar essas considerações, resta mencionar que os deslocamentos de termos e os encaixamentos de orações não são características dos mapeamentos de Matrizes e Ressonâncias com a função de Resposta Sim.

6.2.1.2 Ressonância de Resposta Não

As Ressonâncias com função de Resposta Não somam 18 casos e são, juntamente com suas Matrizes, estruturalmente formadas como mostra a tabela abaixo:

TABELA 21
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Resposta Não

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	06	33,3	A + VTD ação + OD	05	27,8
			VTD existencial + OD	01	5,6
VTI	01	5,6	A + VTI ação + OI	01	5,6
VI	04	22,2	S + VI existencial	01	5,6
			S + VI locativo + Obl	01	5,6
			S + VI movimento + Obl	01	5,6
			S + VI ação + (Obl)	01	5,6
VL	05	27,8	S + VL + PS	05	27,8
Outras	02	11,1	Construção convencional	01	5,6
			Construção amalgamada	01	5,6
TOTAL	18	100		18	100

Do total de 18 pares de enunciados, predominam as estruturas com verbo transitivo direto, 33,3%, e as estruturas com verbo de ligação, 27,8%. Em seguida, ocorrem as estruturas com verbo intransitivo, 22,2%. As subconstruções com maior representatividade são as que possuem verbo transitivo direto semanticamente classificado como ação e as que possuem verbo de ligação. Esses dois tipos formais apresentam, cada um, o percentual de 27,8% do total de Ressonâncias de *Resposta Não*. As outras subconstruções constatadas possuem baixa frequência, com percentual de 5,6% cada uma.

a) 6 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso: verbo *ter* existencial

		X	X	X	V	OD	X	
L1	M:	não			v	L	não	?
L2	R:	não	não	L	v	Ly		.

2. 1 caso

		X	A		V	OD	
L1	M:		p		v	L	?
L2	R:	não	p	não	v	L	.

3. 1 caso

		X	X	A	V	OD	
L1	M:			p	v	p	?
L2	R:	não	não		v	p	.

4. 1 caso

		X	A	V	OD	X	
L1	M:		p	v	L	L	?
L2	R:	não				L	.

5. 2 casos

		X	A	V	OD	X	
L1	M:			v	L	não	?
L2	R:	não			<u>L</u>		.

É interessante notar que das 6 ocorrências de Ressonância com VTD e função de *Resposta Não*, 3 – 50% – possuem dupla negativa. Além disso, em todos os casos – 100% –, há um elemento preenchendo a função de objeto direto e, em 4 casos - 80% - há elipse do SN com função de sujeito.

b) 1 mapeamento com verbo transitivo indireto:

1. 1 caso

		X	A	V	OI	
L1	M:		p	v	L	?
L2	R:	não	p	v		.

No único caso dessa construção, a oração ressoante vem introduzida pela partícula negativa, o SN pronominal sujeito e o verbo são formalmente expressos, e o objeto indireto é retomado por anáfora zero.

c) 4 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 2 casos

		X	X	S	V	Obl	X	
L1	M:				v	L		?
L2	R:	não	não		v		não	.

2. 1 caso

		X	S	V	Obl	
L1	M:		p	v	L	?
L2	R:	não	L	v		.

3. 1 caso

		X	S	X	V	Obl	
L1	M:		L		v		?
L2	R:	não	L	não	v	<u>L</u>	.

Observam-se estratégias variadas nesses mapeamentos com verbo intransitivo. As considerações que podem ser feitas são: 3 das 4 ocorrências possuem dupla negativa na oração ressoante –75% – e 2 casos – 50% – possuem somente o verbo explícito, juntamente com as partículas negativas.

d) 5 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 3 casos

		X	S	V	PS	
L1	M:		L	v	L	?
L2	R:	não		v	Ly	.

2. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	?
L2	R:			Ly	.

3. 1 caso

		X	X		S	V	PS	
L1	M:				L	v	L	?
L2	R:	não	não	[or. [v	Ly]]	.

Esses mapeamentos têm a característica de deixar elíptico o SN com função de sujeito, retomar o verbo e substituir o SN lexical com função de predicativo por sinônimos ou antônimos. Além disso, a partícula *não* introduz o enunciado em todos os casos (100%).

Das 16 Ressonâncias totais com função de Negação, verificam-se 7 (43,8%) com dupla negativa e 11 Rs (73,3%) com a elipse do sujeito. Novamente, constatam-se somente 3 Rs (18,8%) com a manutenção de todos os elementos lexicais formalmente expressos na Matriz.

Essas duplas negativas poderiam encaixar-se no que Marcuschi (1986, p.50) chama de *formas de despreferência*. Em situações de propostas e convites, por exemplo, é mais comum esperar a preferência pela aceitação do que pela negação. Se o falante, então, deseja recusar algum convite, ele tende a usar alguns elementos lingüísticos para amenizar a sua ação menos esperada. O fato de as respostas negativas terem apresentado, em muitos casos dos enunciados

Os resultados da análise de distribuição de construções de Ressonâncias com função de Resposta Qu mostram que as predominantes são as de verbo transitivo direto, com 38,5% do total de 13 e as de verbo intransitivo, com um percentual aproximado – 30,7%. As construções constituídas de verbo de ligação apresentam 23,1%, e a única construção com verbo transitivo indireto equivale a 7,7% do total. Observando-se o percentual de ocorrência das subconstruções, verifica-se o predomínio das constituídas pelo verbo de ligação, com 23,1% do total. As subconstruções com VTD de ação e VI de ação apresentam o segundo maior percentual, com 15,4% cada uma, e todas as outras seis subconstruções listadas na tabela acima apresentam somente 1 ocorrência (7,7%).

Visto serem poucas ocorrências de Ressonâncias com esta função, os mapeamentos serão apresentados e, depois, serão feitos comentários mais gerais.

a) 5 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		X			A	V		OD	X	
L1	M:		qu	que	p	aux	v			?
L2	R:	não				aux	vy	p	não	.

2. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:	p	aux	v	qu	?
L2	R:	L	aux	v	<u>L</u>	.

3. 1 caso

			A	V	OD	
L1	M:	[or.	[p	v	qu]]	?
L2	R:		L	v	<u>L</u>	.

4. 1 caso

				A	V		OD	X	
L1	M:	qu	que	p	aux	v		L	?
L2	R:			[aux	v	[or.]]	.

5. 1 caso

			A	V	OD	X	
L1	M:		qu	v	L		?
L2	R:	L				L	.

b) 1 mapeamento com verbo transitivo indireto:

6. 1 caso

		A	V	OI	
L1	M:	p	v	qu	?
L2	R:		v	<u>L</u>	.

c) 4 mapeamentos com verbo intransitivo:

7. 1 caso

			X		S		VI	
L1	M:		qu	que	L		v	?
L2	R:	[or.		é	[<u>L</u>	que	v]]	.

8. 1 caso

				S	VI	Obl	
L1	M:	qu	que	p	v		?
L2	R:	Ly					.

9. 1 caso

		S	VI	Obl	
L1	M:	qu	v	L	?
L2	R:	Ly			.

10. 1 caso

			S	VI	Obl		
L1	M:	qu		v		L	?
L2	R:				L		.

d) 3 mapeamentos com verbo de ligação:

11. 1 caso

			S		VL	PS		
L1	M:	qu		é que	v		L	?
L2	R:				v	L		.

12. 1 caso

		S	VL	PS	
L1	M:	p	v	qu	?
L2	R:	p	v	L	.

13. 1 caso

			S	VL	PS		
L1	M:	qu		v		p	?
L2	R:		p	v	L		.

São 13 casos de *Resposta Qu*, e algumas observações gerais podem ser feitas. Os tipos de elementos *qu* somam: 8 o *quê*, 1 por *quê*, 1 como e 3 *quem*. Em

5 casos do total de 9 (55,5%) em que o termo *qu* está introduzindo a sentença Matriz, ele vem acompanhado do elemento *que* ou da expressão *é que* de realce. Nos outros casos, o termo *qu* aparece no final da sentença Matriz. Em relação ao sujeito, observando-se todos os 13 mapeamentos, constata-se que, em 7 casos, (53,8%) ele está elíptico. Em 6 casos (46,2%), há, dessa forma, o sujeito explícito, nas sentenças ressoantes. Em 1 caso, verifica-se troca do referente (tipo 7), em outros dois, verifica-se repetição do SN pronominal (tipos 12 e 13), e em outros três, o sujeito, representado por um SN pronominal na oração Matriz é retomado, na oração ressoante, por um SN lexical (tipos 2, 3 e 9). Faz-se necessário ressaltar, também, os deslocamentos de termos nos enunciados matrizes, que totalizam 6 casos - 46,2%. Em síntese, as Ressonâncias com função de Resposta *Qu* apresentam tendência à repetição de todos os elementos lexicais que aparecem na Matriz, ou seja, **os enunciados ressoantes com essa função específica tendem a ser estruturados com preenchimentos lexicais/gramaticais em todas as funções sintáticas consideradas, com exceção do sujeito, que pode estar elíptico.**

6.2.2 Grupo B - Concordância

6.2.2.1 Ressonância de Confirmação

As 64 Ressonâncias com função de Confirmação, analisadas em conjunto com suas Matrizes, apresentam as seguintes estruturas:

TABELA 23
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Confirmação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	22	34,4	A + VTI cognitivo/perceptivo + OD	02	3,1
			A + VTD ação + OD	12	18,7
			A + VTD posse + OD	02	3,1
			A + VTD <i>dicendi</i> + OD	01	1,6
			A + VTD <i>dicendi</i> + OD oracional	01	1,6
			A + VTD psicológico + OD oracional	04	6,2
VTI	02	3,1	A + VTI <i>discendi</i> + OI	01	1,6
			A + VTI psicológico + OI	01	1,6
VI	04	6,2	S + VI ação + (Obl)	02	3,1
			S + VI movimento + Obl	01	1,6
			S + VI psicológico + Obl	01	1,6
VL	33	51,5	S + VL + PS	33	51,5
Outras	03	4,8	Construções convencionais	01	1,6
			Construções amalgamadas	02	3,1
TOTAL	64	100		64	100

De acordo com a tabela acima, podemos constatar a predominância de Ressonâncias de Confirmação estruturadas com verbo de ligação (51,5% do total); 34,4% apresentam verbo transitivo direto; 6,2%, verbo intransitivo; e 3,1%, verbo transitivo indireto. Deve-se observar, ainda, a ocorrência de 4,8% de Rs convencionais e amalgamadas.

As subconstruções predominantes são as constituídas de verbo de ligação – 51,5% – e as constituídas de verbo transitivo direto de ação – 18,7%. Vale a pena atentar, também, para a existência de 4 ocorrências – 6,2% – de estruturas com VTD psicológico e objeto direto oracional. Todas as demais subconstruções apresentam um percentual de ocorrência variando entre 1,6 a 3,1% do total de Ressonâncias de Confirmação analisadas.

Das 64 Ressonâncias totais de Confirmação, excluindo-se as construções convencionais e amalgamadas, ficam 61 orações ressoantes a serem mapeadas com suas Matrizes.

a) 22 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	?
L2	R:			L	.

2. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:	p	aux	v	L	?
L2	R:			v	p	.

3. 2 casos

		A	V		OD	X	
L1	M:	p	aux	v		L	?
L2	R:			v		L	.

4. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:		aux	v	L	.
L2	R:			v	L	.

5. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:		aux			.
L2	R:	p	aux	v	L	.

6. 1 caso

		A	V		OD	X	
L1	M:	p	aux	v	L	L	.
L2	R:	L	aux	v	L	L	.

7. 1 caso

		A	V	OD		A	V	OD	X	
L1	M:	[v	L]	[p		v			.
L2	R:	[v	<u>L</u>]		[v	p	L]	.

8. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		aux	v	L .
L2	R:		aux		.

9. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:	p	v		.
L2	R:	p	v		.

10. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v			.
L2	R:	p	v	p	L	.

11. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	p	v	L	.

12. 2 casos

		A	V	OD	X	
L1	M:		v	L	L	?
L2	R:				L	.

13. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v		?
L2	R:		v		.

14. 1 caso

			A	V	OD	
L1	M:	[or. [L v]]				.
L2	R:			v		.

15. 1 caso

		X	A	X	V	OD	X	
L1	M:		[p	não	v	[or.]	não]	.
L2	R:	[não	p	não	v	[or.]	não]	.

16. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:	[p	v	[or.]]	.
L2	R:	[p	v	[or.]]	.

17. 1 caso

			A	V	OD	
L1	M:	[or. [v	L]	.
L2	R:	[[Ly]	.

Podemos constatar 8 casos (36,4%) dos enunciados ressoantes, em que há manutenção dos itens lexicais nas três funções: A - VTD - OD. Confirmações estruturadas com elipse de SN sujeito, elipse de SN objeto direto e somente o verbo lexicalmente expresso na Ressonância somam 5 casos, que equivalem a 22,7% das 22 Rs estudadas com esta função. Enunciados ressoantes que se estruturam com os elementos V e OD expressos e elipse do sujeito (A) totalizam 3 ocorrências, que equivalem a 13,7%. Ressonâncias estruturadas com retomada de SN pronominal com função de sujeito, verbo explícito e elipse de SN com função de objeto direto correspondem a 2 casos (9,1%). Como se pode observar, as estratégias para construção de *Rs de Confirmação* com VTD são variadas. Além disso, é possível constatar que essas Ressonâncias apresentam um grande número de retomadas

pronominais do SN que exerce a função de sujeito – 45,5%. Esses SNs com função de sujeito, quando não estão elípticos, estão pronominalizados, com exceção de um só caso. O mapeamento de número 6 mostra o único caso em que há uma retomada lexical do SN sujeito. Em relação aos SNs com função de objeto direto, constata-se que, dos 22 mapeamentos, 9 (40,9%) apresentam o objeto direto elíptico, 9 (40,9%) apresentam retomada lexical do OD, sem alteração, 2 (9,1%) apresentam retomada pronominal do OD, e 2 (9,1%) apresentam alterações nos itens lexicais do SN com função de OD.

Outra característica desses mapeamentos é que 6 deles (31,8%) envolvem um período composto, sendo que, em 5 casos, o período composto que constitui o enunciado Matriz é totalmente reproduzido na Ressonância. Já em 1 deles, apenas parte do período composto que constitui o enunciado Matriz é ressoado, gerando um período simples na Ressonância.

Em síntese, o padrão mais recorrente das Rs de Confirmação com verbo transitivo direto é o das estruturas constituídas de elementos lexicais preenchendo as três posições da oração (A, V e OD) (36,4%). Em seguida, vêm as estruturas constituídas de somente um termo formalmente expresso na oração, o verbo ou o objeto direto (31,8%).

Passemos para a análise de mapeamentos com os outros tipos verbais.

b) 2 mapeamentos com verbo transitivo indireto:

1. 1 caso

		X	A	X	V	OI	X	
L1	M:		p	não	v	L	não	.
L2	R:	não	p		v		não	.

2. 1 caso

		A	X	V		OI	
L1	M:		não	aux	v		.
L2	R:		não	aux	v		.

Nos dois casos, há elipse do SN com função de objeto indireto na Ressonância. Os outros termos expressos no enunciado Matriz permanecem no enunciado ressoante.

c) 4 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 1 caso

		S	V		Obl	
L1	M:	L	aux	v	L	.
L2	R:	L		v		.

2. 1 caso

		S	V		
L1	M:	L	aux	v	.
L2	R:	p	aux	v	.

3. 1 caso

		S		V	
L1	M:	p	que	v	.
L2	R:	p			.

4. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:		v		.
L2	R:		v		.

Trata-se de 4 casos de mapeamentos que apresentam características diferentes, não permitindo caracterizações mais globais.

d) 33 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 5 casos

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

2. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			L	.

3. 4 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:		v		.

4. 2 casos

		X	S	V	PS	
L1	M:	não		v	L	?
L2	R:			v		.

5. 3 casos

		S	V		PS	
L1	M:		aux	v	L	.
L2	R:				L	.

6. 5 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:			Ly	.

7. 2 casos

		S	V		PS	
L1	M:			v	L	.
L2	R:		aux	v	Ly	.

8. 3 casos

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	p	v	Ly	.

9. 1 caso

		S	V		PS	
L1	M:	p	aux	v	L	.
L2	R:	p		v		.

10. 1 caso

		S	V		PS	
L1	M:	p		v	L	.
L2	R:	L	aux	v		.

11. 1 caso

		S	V		PS	
L1	M:		aux	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>		v	L	.

12. 2 casos

			S	V	PS	
L1	M:	[or.	[p	v	L]]	.
L2	R:				Ly	.

13. 1 caso

			S	V	PS		
L1	M:	[or.	[p	v	L]]		.
L2	R:			v	L	p	.

14. 1 caso

			S	V		PS	
L1	M:	[or.	[v	L]]	.
L2	R:			aux	v		.

Ressonâncias de Confirmação estruturadas com verbo de ligação se dão predominantemente pela repetição somente do predicativo e elipse dos outros dois termos: sujeito e verbo – 12 casos (36,4%). A repetição somente do verbo e elipse do SN sujeito e do SN predicativo ocorre com 7 casos (21,2%), e a repetição somente do verbo e do predicativo, juntamente com a elipse do sujeito ocorre também com 7 casos (21,2%). Estruturas menos comuns são as constituídas de elipse somente do predicativo – 2 casos (6,1%).

Nas Rs de Confirmação com verbo de ligação, a elipse do SN com função de sujeito se dá em 78,8%. Somente em dois casos, verifica-se retomada lexical do SN sujeito (6,1%), e em 5 casos (12,1%), há retomada pronominal do SN sujeito.

Em relação à retomada lexical do terceiro termo da oração, o predicativo, constata-se 24 casos em que ele está lexicalmente expresso, o que equivale a 72,7% dos mapeamentos em análise. Desses 24 casos, em 17 (66,7%), esse termo reaparece modificado, e em 7 (29,2%), esse termo reaparece com a mesma forma do enunciado Matriz.

Conforme se pôde observar, os mapeamentos de Confirmação apresentaram padrões variados de acordo com a predicação do verbo. No conjunto dos 61 mapeamentos analisados, constataram-se três tipos formais igualmente distribuídos, com 14 ocorrências cada um (22,9%). São eles:

- enunciados ressoantes estruturados com a repetição do SN que exerce função do terceiro termo da oração (OD, OI, Obl, PS) e elipse dos outros dois termos da oração (A e V);
- enunciados ressoantes estruturados com a repetição somente do verbo e elipse dos outros dois termos da oração;
- Rs construídas com preenchimentos lexicais e/ou pronominais das três posições sintáticas da oração.

Além da variedade de estratégias acima comentada, é importante ressaltar uma tendência geral relacionada a esses mapeamentos: trata-se da pequena ocorrência de deslocamentos de termos: 3,3% dos casos, diferentemente do grande número de deslocamentos constatado nos mapeamentos de Rs com função de Resposta *Qu*, analisados anteriormente.

6.2.2.2 Ressonância de Aceitação de colaboração

A tabela abaixo traz as estruturas formadoras das 09 Ressonâncias de Aceitação de colaboração constatadas no *corpus* analisado.

TABELA 24
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Aceitação de colaboração

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	06	66,7	VTD existencial + OD	01	11,1
			A + VTD ação + OD	03	33,4
			A + VTD psicológico + OD	01	11,1
			A + VTD perceptivo/cognitivo + OD	01	11,1
VI	01	11,1	S + VI movimento + Obl	01	11,1
VL	02	22,2	S + VL + PS	02	22,2
TOTAL	09	100		09	100

Entre as estruturas ressoantes com função de Aceitação de colaboração, predominam as construções com verbo transitivo direto: 66,7%, conforme se verifica na tabela acima. As construções com verbo de ligação correspondem a 22,2% do total de Ressonâncias com essa função, e as construções com verbo intransitivo correspondem a 11,1% das 09 ocorrências totais.

Dentre as subconstruções, predominam as estruturas com VTD de ação – 33,4% – e as estruturas com verbo de ligação - 22,2%. As outras subconstruções possuem distribuição equivalente, com 11,1% cada.

A seguir, são apresentados os mapeamentos das 09 Ressonâncias de Aceitação de Colaboração e suas Matrizes:

a) 6 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso (verbo *ter* existencial)

			V	OD	
L1	M:		v		
L2	M:			L	
L1	R:	L	v		.



2. 2 casos

		A	V	OD	X
L1	M:		v	L	
L2	M:				L .
L1	R:				L .

3. 1 caso

			A	V	OD
L1	M:	[[or.]			
L2	M:			v	L] .
L1	R:			v	L .

4. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v		.

5. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	p	v		.
L2	R:	p	vy		.

b) 1 mapeamento com verbo intransitivo:

6. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v		
L2	M:			L	.
L1	R:			L	.

c) 2 mapeamentos com verbo de ligação:

7. 1 caso

			S	V	PS	
L1	M:	[or. [v	L]]	.
L2	R:		p	v	L	.

8. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	
L2	R:		v	Ly	.

Em termos percentuais, 55,6% do total de mapeamentos de Matrizes e Ressonâncias com função de Aceitação d e colaboração apresentam o diágrafo de 3 falas (tipos 1, 2, 3 e 6), em que a Matriz é construída pelos dois falantes em conjunto: L1 e L2. L1 inicia a sentença, L2 a termina, colaborando com seu

interlocutor, e L1 repete a fala de L2, em sinal de aceitação. Por exemplo, no tipo 2, na quarta linha do diágrafo, L1 repete o termo enunciado por L2, na terceira linha do diágrafo.

Os mapeamentos 4, 5, 7 e 8 (44,4%) são diferentes dos citados acima por apresentarem somente duas falas. Nesses casos, o enunciado Matriz - um segmento estruturalmente completo - corresponde à fala do interlocutor (L1) que procura auxiliar o parceiro. Diante da colaboração de L1, L2 repete os elementos sugeridos, ou apenas parte deles, em sinal de aceitação da contribuição do interlocutor.

Nos 9 mapeamentos acima, 4 Rs - 44,5% - estão estruturalmente constituídas de somente um termo expresso na oração e elipse dos outros sintagmas. Outras 4 Rs - 44,5% - estão estruturalmente formadas com dois termos expressos na oração ressoante - verbo e objeto, ou verbo e termo oblíquo, ou verbo e sujeito. Enfim, **o que se verifica, nos enunciados ressoantes com a função em análise, é que o falante tende a repetir os elementos fornecidos em colaboração pelo seu interlocutor, que podem corresponder a um ou mais termos da oração.**

6.2.2.3 Ressonância Intensificadora

Os 10 casos de Ressonância com função de Intensificação apresentam, juntamente com suas Matrizes, as seguintes construções:

TABELA 25
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Intensificação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VL	10	100	S + VL + PS	10	100
TOTAL	10	100		10	100

Conforme mostra a tabela acima, todas as Ressonâncias Intensificadoras são estruturadas com verbo de ligação.

a) 10 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 4 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:			Ly	.

2. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

3. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:		v	L		.
L2	R:		v	L	X	.

4. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	p	v	Ly	.

5. 3 casos

		S	V	PS		X	
L1	M:		v	L	L		.
L2	R:	Ly	v	Ly		X	.

Conforme já observado acima, os 10 casos de Ressonâncias com função Intensificadora são estruturados com verbo de ligação. Esse é um dado importante a se considerar, tendo em vista que as outras funções estudadas até o momento apresentaram uma distribuição bem diversificada entre as subconstruções listadas.

Nas sentenças ressoantes mapeadas acima, verifica-se que o SN sujeito, em 6 casos (60%) está elíptico, e o SN predicativo, em todos os casos (100%) está lexicalmente expresso. No caso das Ressonâncias Intensificadoras, a intensificação se dá de duas maneiras: a primeira é através da substituição do item lexical com função de predicativo por outro item lexical de mesma classe, mas com significado mais intenso, que possibilite realçar a palavra a ser substituída (por exemplo, *bonito*, no enunciado Matriz, aparece *maravilhoso*, no enunciado ressoante). A segunda é através do acréscimo de um elemento intensificador ao predicativo, representado por **X** nos diágrafos (por exemplo, *bonito*, na Matriz, aparece *bonito **demais***, na Ressonância).

Além dessas observações, ainda se pode afirmar que os mapeamentos apresentados são diversificados: ora ocorrem somente com o predicativo expresso – 40% dos casos, ora ocorrem com os três termos da oração expressos – 40% dos casos, ora ocorrem somente com o sujeito elíptico, 20% dos casos. Vale ressaltar também que, nos casos em que há retomada lexical do SN sujeito, na R, verifica-se a presença de um item lexical alterado em relação ao item lexical da Matriz. O que

ocorre, nesses casos, é a delimitação de um ser/objeto dentre o conjunto de seres/objetos a que se refere o SN lexical do enunciado Matriz.

6.2.2.4 Ressonância de Retomada de figura

Foram constatados somente três casos de Ressonância com função de Retomada de figura nas conversações analisadas. Essas Rs são estruturadas com o verbo intransitivo e com o verbo bitransitivo, como se verifica abaixo:

TABELA 26
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Retomada de figura

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	01	33,3	A + VTD ação + OD	01	33,3
VB	01	33,3	A + VB + OD + OI	01	33,3
VI	01	33,3	S + VI movimento + Obl	01	33,3
TOTAL	03	100		03	100

a) 1 mapeamento com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

			S	V	Obl	
L1 [+3]	M:	[or. [v]]	.
L2	R:		p	v		.

b) 1 mapeamento com verbo bitransitivo:

2. 1 caso

		X	A	VB	OD	OI	
L1 [+6]	M:	[or. [v		L]]	.
L2	R:		p	v		Ly	.

c) 1 mapeamento com verbo intransitivo:

3. 1 caso

		S	V		Obl	
L1 [+10]	M:	p	aux	v	L	.
L2	R:	p		v	Ly	.

As ocorrências de Ressonâncias com essa função mostram, predominantemente, enunciados estruturados com sujeito pronominal, repetição do verbo e repetição do item lexical que exerce a função de objeto (nos casos dos verbos transitivos) ou do termo oblíquo (nos casos de verbos intransitivos). As Rs iniciam-se com o elemento *aí*, e, além disso, os enunciados Matriz e ressoante não são adjacentes. Conforme visto anteriormente⁶¹, o número entre colchetes, na primeira coluna de cada diágrafo acima, sinaliza quantas unidades entoacionais situam-se entre as duas falas representadas.

Um enunciado com função de Retomada de figura ocorre quando um falante, narrando fatos para um companheiro, interrompe temporariamente essa narrativa, por motivos variados, seja para acrescentar detalhes descritivos, seja para apresentar opiniões sobre os fatos... O interlocutor, interessado no desenrolar dos acontecimentos, deseja que seu parceiro retome a narrativa do ponto em que havia parado e, para isso, produz uma Ressonância de Retomada de figura. Como o próprio nome indica, o enunciado **retoma** elementos já introduzidos na conversação. Porém, uma retomada desses elementos através de anáfora zero não atenderia aos objetivos do falante de atualizá-los, ou seja, de trazê-los novamente para aquele momento da conversação. Dessa forma, os itens lexicais constituintes do enunciado com função de sujeito, verbo, objeto e oblíquo tendem a reaparecer, em sua maioria,

⁶¹ Veja-se nota 24, p. 75 desta dissertação.

pronominalizados ou alterados. Essas retomadas lexicais e/ ou pronominais, aliadas ao elemento *aí* no início do enunciado, funcionam como um aviso para o interlocutor de que se deseja tomar conhecimento do restante dos acontecimentos.

6.2.2.5 Ressonância de Lembrança

Somente um caso com função de Lembrança foi constatado. Veja-se a tabela abaixo:

TABELA 27
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Lembrança

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VB	01	100	A + VTD posse + OD	01	100
TOTAL	01	100		01	100

a) 1 mapeamento com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	X	V	OD	
L1	M:	p	L	v	L	.
L2	R:	p	L	v		!

O único caso de Ressonância com essa função, estruturada com verbo transitivo direto, apresenta a repetição de todos os itens lexicais/gramaticais na R, com exceção do SN que exerce a função de OD, e ainda a exclamação no final da sentença ressoante, que é uma das marcas desses enunciados com função de Lembrança.

6.2.2.6 Ressonância Fática

As 11 Ressonâncias constatadas no *corpus* com função Fática são distribuídas da seguinte maneira:

TABELA 28
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função Fática

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	02	18,2	A + VTD ação + OD	01	9,1
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD oracional	01	9,1
VI	07	63,6	S + VI ação + (Obl)	05	45,4
			S + VI movimento + Obl	01	9,1
			S + VI existencial	01	9,1
VL	01	9,1	S + VL + PS	01	9,1
Outras	01	9,1	Construção convencional	01	9,1
TOTAL	11	100		11	100

A análise da tabela acima permite constatar a predominância de 07 pares de enunciados (63,6%) estruturados com verbo intransitivo. 2 pares de enunciados (18,2%) estruturados com verbo transitivo direto apresentam o segundo maior percentual de ocorrência. As construções com verbo de ligação e as construções amalgamadas apresentam menor freqüência, com 01 ocorrência cada (9,1%). A única subconstrução que se sobressai é a que se constitui de verbo transitivo direto de ação, com 45,4% do total dos 11 pares de enunciados analisados. Todas as outras subconstruções apresentam o mesmo percentual – 9,1% – correspondente a 01 ocorrência cada. A seguir, são expostos os 10 mapeamentos de Matrizes e Ressonâncias com função Fática:

a) 2 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L	L	.
L2	R:		v		L	.

2. 1 caso

		A	X	V	OD	
L1	M:	[p	não	v	[or.]	.
L2	R:	[p	não	v	[or.]	.

b) 7 mapeamentos com verbo intransitivo:

3. 3 casos

		S	V	Obl	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:			L	.

4. 3 casos

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	L	.

5. 1 caso

		X	S	V	
L1	M:			v	.
L2	R:	não		v	.

c) 1 mapeamento com verbo de ligação:

6. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:			L	.

É possível afirmar que 4 das 10 Ressonâncias mapeadas não possuem verbo explícito no enunciado ressoante, e 9 delas não possuem sujeito explícito na R. A tendência das Rs com função fática é repetir somente 1 ou 2 termos enunciados pelo interlocutor. Observe-se o tipo de mapeamento de número 3. Trata-se de 3 casos em que L2 repete somente o termo Oblíquo do enunciado do outro. Além de ser o termo que contém a informação nova no discurso, ele é o último a ser falado na sentença e, como um eco, os falantes optam por ressoar somente a última palavra dita pelo parceiro. Conforme já mencionado, no capítulo 4 desta dissertação, o interlocutor ressoa elementos do enunciado proferido pelo parceiro apenas para participar da conversação, demonstrar atenção à fala do outro, avisar que registrou o que o outro disse. Por essa razão, normalmente, repete-se o que o enunciado traz de informação nova. Além disso, também pelo caráter estritamente interacional que possuem, verifica-se que essas Rs são produzidas com entoação descendente, como se o falante devolvesse o turno para seu interlocutor e dissesse: “Registrei o que você disse. Pode continuar.”

6.2.2.7 *Ressonância de Reafirmação*

As construções dos 32 conjuntos de enunciados, Matrizes e Ressonâncias de Reafirmação, são apresentadas a seguir:

As Ressonâncias de Reafirmação são a retomada de um enunciado anterior pelo mesmo falante, após uma Ressonância de L2. Dessa forma, como se pode constatar, os mapeamentos a seguir apresentam 4 linhas, sendo que as funções de Rs que aparecem antes das Rs de Reafirmação nas conversações estudadas são: Confirmação, Interesse, Humor, Retomada de figura, Contraste, Resposta Sim, Pedido de esclarecimento, Complemento e Retificação.

a) 14 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		X		A	V		OD		
L1	M:			p	aux	v	L	.	
L2	R:		<u>L</u>	p	aux	v		?	Contr.
L1	R:	não		p	aux	v	<u>L</u>	.	Reaf.

2. 1 caso

		A	V	OD	X		
L1	M:	[v	L	[or.]	.	
L2	R:	p	v			?	Inter.
L1	R:	p	v			.	Reaf.

3. 1 caso

			A	V	OD		
L1	M:	[or.	[v	L]]	.	
L2	R:				Ly	.	Conf.
L1	R:				Ly	.	Reaf.

4. 1 caso

		A	V	OD		
L1	M:	p	v	L	.	
L2	R:		v		?	Inter.
L1	R:		v		.	Reaf.

5. 2 casos

		X	A	V	OD	X		
L1	M:		p	v	L	X	.	
L2	R:	não				<u>X</u>	.	Contr.
L1	R:					<u>X</u>	.	Reaf.

6. 1 caso

		X	X	A	V	OD	X		
L1	M:			p	v			.	
L2	R:			p	v		L	.	Hum.
L1	R:	não	é que	p	v			?	Reaf.

7. 1 caso

		A	V	OD		
L1	M:	L	v	L	?	
L2	R:	p	v		.	Conf.
L1	R:	p	v		.	Reaf.

8. 1 caso

		A	V	OD	X		
L1	M:		v			?	
L2	R:		v			.	Resp.Sim
L1	R:		v	L	L	?	Reaf.

9. 2 casos

		A	X	V	X	OD			
L1	M:	[p		aux	v	L	[or.]]	.	
L2	R:	[p	L		v		[or.]]	?	Ped. esclar.
L1	R:	[L		v		[or.]]	.	Reaf.

10. 1 caso

			X		A	V	OD		
L1	M:		L		p	v	L	.	
L2	R:	é	Ly	que	p	v		?	Ped esclar.
L1	R:	é	Ly		p	v	Ly	.	Reaf.

11. 1 caso

					A	V	OD	X		
L1	M:					v	L	L	.	
L2	R:	foi	Ly	que	p	v			.	Compl.
L1	R:				p	vy		L	.	Reaf.

12. 1 caso

			A		V	OD	X	X		
L1	M:			não	v		L		.	
L2	R:			não	v			não	?	Inter.
L1	R:	[or.]	[p	não	v]]			.	Reaf.

No caso das 14 construções com verbo transitivo direto, há várias estratégias exploradas pelo falante, ao reafirmar seu enunciado. Duas delas são mais produtivas: a) elipse somente do OD e repetição dos outros itens lexicais da Matriz (35,7%); b) elipse somente do A e repetição dos outros itens lexicais (21,5%). Uma observação interessante e digna de nota é que 50% das orações ressoantes de Reafirmação com VTD possuem sujeito expresso.

Passemos para a análise de outros tipos verbais para verificar se é possível detectar captar uma tendência geral na construção dessas Ressonâncias de Reafirmação.

d) 1 mapeamento com verbo bitransitivo:

1. 1 caso

			A	V	OD	OI		
L1	M:	[or.	[v		L]]	.	
L2	R:		p	v		Ly	.	Retom. fig.
L1	R:			v		Ly	.	Reaf.

O enunciado Matriz constitui-se de um período composto de duas orações. Parte da primeira oração, cujos elementos são irrelevantes para a Ressonância, está representada por *or.* no diágrafo acima. O alvo da Ressonância é a segunda oração, a subordinada, que possui um verbo bitransitivo. Essa oração reaparece sob a forma de período simples ao ser ressoada pelo locutor 2 (L2), na terceira linha. Em seguida, ela é retomada pelo locutor1 (L1), que realiza a R de Reafirmação estruturada com a repetição do verbo e do SPrep com função de objeto indireto e com a elipse dos SNs com função de sujeito e de objeto direto.

c) 7 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 1 caso

		S	V		Obl			
L1	M:	p	aux	v	L		.	
L2	R:	p		v			.	Inter.
L1	R:			v		Ly	.	Reaf.

2. 1 caso

		X	S	V	Obl			
L1	M:		p	v	L			
L2	R:		p	v	<u>L</u>		.	Retif.
L1	R:	não		v	<u>L</u>		.	Reaf.

3. 1 caso

		X	S	V		X		
L1	M:			aux	v		.	
L2	R:	não			v	não	.	Neg.
L1	R:				v		.	Reaf.

4. 1 caso

		S	V	Obl		
L1	M:	L	v	L	.	
L2	R:	L	v	<u>L</u>	.	Contr.
L1	R:	L	v	<u>L</u>	.	Reaf.

5. 1 caso

		S	V		Obl		
L1	M:	p	aux	v	L	.	
L2	R:				Ly	.	Conf.
L1	R:	p	aux	v	L	.	Reaf.

6. 1 caso

			S	X	V	Obl	X		
L1	M:		L	não	v	L	não	.	
L2	R:			não	v			?	Ped. esclar.
L1	R:	L		não	v		não	.	Reaf.



7. 1 caso

		X	S	V		Obl			
L1	M:		L		v	L		.	
L2	R:		L		v	L		.	Conf.
L1	R:	não	L	aux	v	<u>L</u>	não	.	Reaf.

Dos 7 casos de mapeamentos com o verbo intransitivo, 3 (42,8%) repetem todos os itens lexicais da Matriz, 2 casos (28,6%) repetem todos os itens lexicais da Matriz, mantendo o sujeito elíptico, 1 caso (14,3%) repete o verbo, o sujeito e deixa elíptico o termo oblíquo; e, por fim, 1 só caso também (14,3%) repete somente o verbo da oração, deixando elípticos os outros termos. Novamente, percebe-se uma variedade de estratégias, apesar de uma delas apresentar uma frequência maior.

d) 5 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 1 caso

		S	V	PS			
L1	M:	p	v	L		.	
L2	R:		v	L	p	.	Conf.
L1	R:	p	v	Ly		.	Reaf.

2. 1 caso

		S	V		PS		
L1	M:		v		L	.	
L2	R:		v	p	Ly	.	Conf.
L1	R:				Ly	.	Reaf.

3. 1 caso

		S	V	PS			
L1	M:		v	L	.		
L2	R:		v	Ly	.		Conf.
L1	R:		v	Ly	.		Reaf.

4. 1 caso

		S	V	PS			
L1	M:		v	L		.	
L2	R:	<u>L</u>	v	Ly		.	Conf.
L1	R:		v	Ly	Ly	.	Reaf.

5. 1 caso

		S	V	PS			
L1	M:	p	v	L	.		
L2	R:	Ly	v	qu	?		Ped. esclar.
L1	R:	Ly	v	Ly	.		Reaf.

Em relação aos 5 mapeamentos com o verbo de ligação, 3 (60%) possuem os três termos: S + V + PS expressos na Ressonância, 1 (20%) possui o sujeito elíptico e tanto o verbo quanto o predicativo expressos na R, 1 (20%) possui somente o predicativo expresso na R. Como se pode observar, nos casos de Rs de Reafirmação com esse tipo verbal, parece haver uma preferência pela primeira construção comentada acima (com um percentual de 60% de ocorrência do total). Além disso, é possível afirmar que, nas retomadas lexicais, todos os itens léxicos substituídos do enunciado matriz para o enunciado ressoante apresentaram alterações e que 80% dessas Rs de Reafirmação ocorreram após uma R de Confirmação.

Após análise dos mapeamentos referentes aos quatro tipos verbais separadamente, passemos para as conclusões obtidas a partir da observação desses mapeamentos conjuntamente. No caso dos mapeamentos de Reafirmação, verifica-se que de fato as Rs de Reafirmação são constituídas de várias formas, apesar de uma pequena variação de ocorrência entre elas. Há um tipo mais produtivo, com 8 ocorrências (29,6%), num total de 27, que é a presença de itens lexicais/gramaticais preenchendo três posições da oração: A ou S (sujeito) – V (verbo) – OD, OI, Obl ou PS (um terceiro termo, dependendo da transitividade verbal). O segundo tipo, com 7 ocorrências (25,9%) é constituído de elipse somente do sujeito e manutenção dos outros itens lexicais da M na R. O terceiro tipo, com 6 casos (22,2%), é constituído de elipse somente do termo que segue o verbo (objeto, oblíquo ou predicativo) e manutenção dos outros itens lexicais da M na R. Os demais mapeamentos apresentam características variáveis e já foram comentados. Em síntese, **é possível afirmar que as Rs de Reafirmação preferem as estruturas formadas com preenchimentos lexicais dos três termos da oração**

ou com o verbo lexicalmente expresso, acompanhado de um outro termo: ou o sujeito, ou um complemento verbal, ou o predicativo ou o termo oblíquo.

6.2.2.8 Ressonância de Complemento

A tabela a seguir fornece os tipos estruturais das 43 Matrizes e Ressonâncias com função de Complemento detectadas no *corpus* analisado:

TABELA 30
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Complemento

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	22	51,2	A + VTD ação + OD	17	39,6
			A + VTD posse + OD	01	2,3
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD	01	2,3
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD oracional	01	2,3
			A + VTD psicológico + OD oracional	01	2,3
			A + VTD <i>dicendi</i> + OD oracional	01	2,3
			VI	09	20,9
			S + Vi psicológico + Obl	01	2,3
			S + VI ação + (Obl)	05	11,7
VL	10	23,3	S + VL + PS	10	23,3
Outras	02	4,6	Construções amalgamadas	01	2,3
			Construções convencionais	01	2,3
TOTAL	43	100		43	100

As Rs de Complemento apresentam um maior número de estruturas com verbo transitivo direto - 51,2%, seguidas das construções com verbo de Ligação - 23,3% - e das construções com verbo intransitivo, que apresentam um percentual aproximado - 20,9%. As construções amalgamadas possuem baixa representatividade, com 4,6% das Rs totais.

Em relação às subconstruções, há um tipo predominante, que corresponde a 39,6% das Rs de Complemento: A + VTD ação + OD. O segundo tipo mais freqüente são as Rs com estrutura: S + VL + PS, que correspondem a 23,3% do total.

Primeiramente, é importante lembrar, antes da apresentação dos mapeamentos, que a Ressonância de Complemento confirma o enunciado do interlocutor e, ao mesmo tempo, acrescenta uma informação não contida no enunciado Matriz. Dessa forma, como veremos, são comuns, nesses enunciados ressoantes, casos de alteração de termos, mudança de referentes e oração encaixada. Essas alterações ou encaixamentos de orações trazem uma informação nova que serve de complemento para a oração Matriz.

a) 22 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 2 casos

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L	L	.
L2	R:	p	v	<u>L</u>		.

2. 2 casos

		A	V		OD	
L1	M:		aux	v	L	.
L2	R:			v	<u>L</u>	.

3. 1 caso

			A	V	OD	X	
L1	M:		p	v	L		.
L2	R:	[or.	[p	v	L	L]]	.

4. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:		v		.
L2	R:		v	<u>L</u>	.

5. 2 casos

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L	L	.
L2	R:	p	v	Ly	Ly	.

6. 1 caso

					A	V	OD	X	
L1	M:				p	v	L	L	.
L2	R:	foi	Ly	que	p	v			.

↑

7. 1 caso

		A	X	V	OD	X	
L1	M:	[p		v	[or.]		.
L2	R:	[p	não	v	[or.]	não]	.

8. 1 caso

		A	X	V	OD	X	
L1	M:	[p	não		v	[or.]	.
L2	R:	p		aux	v	Ly	.

9. 1 caso⁶²

		A	V	X	
L1	M:	p	aux	v	L
L2	R:				Ly

⁶² X, neste diágrafo, representa a função sintática de *agente da passiva*, de acordo com a terminologia gramatical tradicional. Este é o único caso de construção passiva encontrado no *corpus* estudado. Por ser a passiva correspondente ao caso de ativa com VTD, optei por descrevê-la junto com as demais ocorrências desse tipo de verbo.

10. 3 casos

			A	V	OD	X	
L1	M:		p	v	L	L	.
L2	R:	[or.	[v]]	.

11. 1 caso

			A	V	OD		
L1	M:	[or.	[V	L]]	.
L2	R:		p	aux	V	L	.

12. 1 caso

			X	A	V	OD	
L1	M:		não		V	L	.
L2	R:	[or.		[V]]	.

13. 1 caso

				A	V	OD	X	
L1	M:			p	V	L		.
L2	R:	[or.	[qu	p	V		L]]	.

↑

14. 1 caso

			A	V	OD			
L1	M:			aux	V	L	.	.
L2	R:	qu	p		V		?	.

↑

15. 2 casos

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L	L	.
L2	R:				Ly	.

Do total de 22 pares de enunciados mapeados, 9 (40,9%) - possuem um período composto ou na Matriz ou no enunciado ressoante ou em ambos. Dessa forma, encontram-se 13 pares de períodos simples que, ao serem ressoados,

permanecem períodos simples, o que corresponde a 59,1% do total. Esses casos foram, inicialmente, analisados separadamente.

Os mapeamentos com verbo transitivo direto constituídos de períodos simples se distribuem em 3 tipos com considerável freqüência: a) enunciado ressoante sem elipse, ou seja, A, V e O expressos na R - 46,1% ; b) enunciado ressoante com elipse somente do sujeito, ou seja, V e OD presentes na Ressonância - 30,8%; c) enunciado ressoante com somente um item lexical expresso na R - 23,1%.

Em relação aos outros exemplos de mapeamentos com período composto, dos 9 casos, 6 passam (66,7%) de período composto, na Matriz, a período simples, na Ressonância; 2 casos (22,2%) passam de período simples, na Matriz, a período composto, na Ressonância, e ainda há 1 caso de período composto, na M, que permanece composto, na R (11,1%). Nesses 9 casos apontados, as estratégias relacionadas às retomadas de elementos, nas orações ressoantes, apresentaram 4 casos – 44,4% - de retomada lexical dos três termos: A, V e OD; 3 casos (33,3%) com repetição lexical somente do verbo; 2 casos (22,2%) com repetição lexical do sujeito, do verbo e elipse somente do objeto direto.

Outra observação que vale a pena ressaltar, já feita anteriormente e comprovada pelos mapeamentos, é que todos os enunciados ressoantes apresentam algum tipo de alteração, com acréscimos ou supressões de elementos.

e) 9 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	v	Ly	.

2. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			Ly	.

3. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		vy	Ly	.

4. 1 caso

			S	V	Obl	
L1	M:	L	p	v		.
L2	R:		p	v	Ly	.

5. 1 caso

			S	V	Obl	X		
L1	M:	[or. [v]		.
L2	R:		p	v		L		.

6. 1 caso

			S	V	Obl	X	
L1	M:		p	v	L	L	.
L2	R:	[or. [p		v		<u>L</u>]]	.

7. 1 caso

			X	S	V	Obl		
L1	M:		não	p	v	L	.	
L2	R:	[or. não		[v]]	.

8. 2 casos

		S	V				
L1	M:		aux	v	L	.	
L2	R:	[[v	L]	or.]	.

Do total de 9 pares de enunciados mapeados, 5 (55,6%) possuem um período composto ou na Matriz ou no enunciado ressoante ou em ambos. Dessa forma, encontram-se 4 pares de períodos simples que, ao serem ressoados, permanecem períodos simples, o que corresponde a 44,4% do total.

Os mapeamentos com verbo intransitivo, constituídos de períodos simples tanto no enunciado Matriz como no enunciado ressoante, são variados: 50% de Ressonâncias apresentam elementos preenchendo as três funções da estrutura: S, V e Obl; 25% de Ressonâncias apresentam repetição lexical somente do termo Oblíquo; 25% de Rs apresentam elipse somente do sujeito e repetição lexical do verbo e do termo oblíquo.

Em relação aos outros exemplos de mapeamentos com período composto, dos 5 casos, 4 passam de período simples, na Matriz, a período composto, na Ressonância (80%), e 1 passa de período composto, na Matriz, a período simples, na Ressonância (20%). Nesses 5 casos, as estratégias relacionadas às retomadas de elementos, nas orações ressoantes, apresentam 3 tipos: a) enunciado ressoante com sujeito e verbo lexicalmente expressos na R - 2 casos (40%); b) enunciado ressoante com elipse somente do sujeito, ou seja, V e Obl reiterados formalmente na Ressonância - 2 casos (40%); c) enunciado ressoante com um item lexical somente expresso na R - 1 caso (20%).

Passarei para a análise dos mapeamentos com verbo de ligação para depois retomar esses dados em comentários mais gerais.

c) 10 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:	p	v	Ly	.

2. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			Ly	.

3. 3 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

4. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	v	Ly	.

5. 2 casos

		S	V	PS	X	
L1	M:		v	L		.
L2	R:	[v	Ly	[or.]].

6. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:		v	L		.
L2	R:	[Ly	[or.]].

Os mapeamentos com verbo de Ligação possuem uma característica mais geral, que é a elipse do sujeito em 7 dos 10 casos (70%). Nesse aspecto, eles se diferenciam dos mapeamentos com VTD e VI, vistos anteriormente. Fora isso, eles apresentam variações entre a repetição do verbo e do predicativo conjuntamente,

com elipse do sujeito – 50%, ou a repetição dos três termos da oração – 30% ou a repetição somente do predicativo – 20%.

Além das considerações acima, observam-se 3 mapeamentos entre os 10 totais (30%) que exemplificam acréscimos de orações na Ressonância, formando um período composto. Esses 3 casos se dão com a repetição lexical do verbo e do predicativo ou com a repetição lexical somente do predicativo, na oração ressoante, e acréscimo de uma oração subordinada adverbial a esses elementos.

Unindo-se os resultados relacionados a todos os tipos de mapeamentos estudados nesta subseção, algumas considerações podem ser traçadas. Primeiramente, gostaria de mencionar o fato de Ressonâncias com função de Complemento apresentarem acréscimos ou supressões de orações em, aproximadamente, 40% dos casos. De 41 pares de enunciados mapeados, 17 casos possuem um período composto na Matriz ou na Ressonância ou nos dois enunciados: M e R. Desses 17 casos, há o predomínio de enunciados Matrizes compostos de período simples que, ao serem ressoados, tornam-se orações subordinadas. Esses casos representam 53% dos 17 totais. Menos representativos - 41,1% - são os mapeamentos em que só uma parte do período composto da Matriz é ressoada, resultando na construção de um período simples no enunciado ressoante. E, por fim, com percentual bem menor – 5,9%, encontram-se os casos de permanência de um período composto do enunciado Matriz para o ressoante. Não foi possível detectar uma tendência geral desses 17 mapeamentos no que se refere às estratégias de construção de Rs. Dos 17 casos totais, tem-se 5 casos – 29,4% – com a retomada lexical de somente um termo da oração, 4 casos – 23,5% – com retomada lexical/pronominal dos três termos da oração, 4 casos – 23,5% – de

enunciados com retomada lexical/pronominal de sujeito e verbo, e 4 casos –23,5% de enunciados com elipse somente do sujeito.

O mesmo ocorre para Matrizes e Ressonâncias constituídas de período simples. Ou seja, apesar de um tipo predominar, constata-se uma boa distribuição de estratégias para construção de Rs com esta função. Dos 24 casos, tem-se 11 casos (45,8%) com retomada lexical/pronominal dos três termos da oração; 8 casos (33,3%) de elipse do sujeito e retomada lexical dos outros dois termos da oração; finalmente, 5 casos (20,8%) com a retomada lexical de somente um termo da oração.

Pretendo encerrar essa exposição em que se apresentam características dos mapeamentos de Rs de Complemento, enfatizando os tipos formais preferenciais de Rs com essa função. Computando conjuntamente os resultados apresentados, é possível distinguir 3 tipos formais mais recorrentes. O primeiro deles é a Ressonância estruturada sem elipse, ou melhor, com os três termos principais das construções contendo elementos lexicais no enunciado ressoante – 34,1%. O segundo deles é a Ressonância construída com somente a elipse do sujeito e manutenção do verbo e do elemento que acompanha o verbo, sendo este um OD, um Oblíquo ou um PS – 26,8%. O terceiro tipo é a Ressonância estruturada com a retomada lexical do verbo e do sujeito e elipse do outro termo da oração – 14,6%. Essas três estratégias representam cerca de 80,0% do conjunto de 41 pares de enunciados analisados.

6.2.2.9 Ressonância de Repasse

A Ressonância de Repasse apresentou um só caso: um período composto de duas orações coordenadas, sendo que elas possuem o mesmo tipo de verbo – um verbo transitivo direto.

TABELA 31

Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Repasse

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	01	100	A + VTD ação + OD	01	100
TOTAL	01	100		01	100

a) 1 mapeamento com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V		OD	X	X	A	V		OD	
L1	M:	[aux	v	L	L]	[L	p	aux	v	L]	.
L2	R:	[aux	v	L	L]	[L	p	aux	v	L]	.

Como se observa no diágrafo acima, o enunciado ressoante repete integralmente todos os itens do enunciado Matriz.

6.2.3 Grupo C – Discordância

6.2.3.1 Ressonância de Negação

As 15 ocorrências de Ressonâncias com função de Negação apresentam, juntamente com suas Matrizes, as seguintes construções:

TABELA 32
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Negação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	02	13,3	A + VTD perceptivo/cognitivo + OD	01	6,7
			A + VTD posse + OD	01	6,7
VI	03	20,0	S + VI locativo + OD	01	6,7
			S + VI ação + (Obl)	02	13,3
VL	06	40,0	S + VL + PS	06	40,0
Outras	02	13,3	Construções convencionais	02	13,3
	02	13,3	Verbo ser impessoal	02	13,3
TOTAL	15	100		15	100

As construções com verbo de ligação são as de maior ocorrência, com 40% do total dos 15 pares de enunciados analisados. Em seguida, aparecem as construções com verbo intransitivo, totalizando 20% das Rs de Negação. As outras construções, como mostra a tabela acima, possuem 2 ocorrências cada - 13,3% do total de Rs.

A subconstrução estruturada com VL é a de maior ocorrência, conforme já mencionado (40%). As três subconstruções listadas a seguir apresentam o mesmo percentual de 13,3% cada uma: verbo intransitivo classificado semanticamente como verbo de ação, construções convencionais, construções com verbo *ser* impessoal. As outras subconstruções apresentam baixo percentual de ocorrência (6,7%).

a) 2 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:		v		não	.
L2	R:		v		não	.

2. 1 caso

			A	X	V		OD	
L1	M:	[or.	[p	não	aux	v]]	.
L2	R:			não	aux	v		.

b) 3 mapeamentos com verbo intransitivo:

3. 2 casos

		X	S	V		X	
L1	M:		p	aux	v		.
L2	R:	não		aux		não	.

4. 1 caso

		X	S	V	Obl	X	
L1	M:		L	v	L		.
L2	R:	não		v		não	.

f) 6 mapeamentos com verbo de ligação:

5. 4 casos

		X	S	V	PS	X	
L1	M:			v	L		.
L2	R:	não		v		não	.

6. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

7. 1 caso

		X	S	V	PS	X	
L1	M:		[v	L	[or.]]	.
L2	R:	[não		v		[or.]]	.

A tendência dos mapeamentos de Rs de *Negação* é iniciar o enunciado ressoante com a partícula negativa: *não* e repetir o verbo principal ou auxiliar da oração (quando houver), deixando elípticos os outros dois termos A e OD, ou S e PS, ou S e OBL. Isso ocorre com 09 dos 11 casos, o que corresponde a 81,8% do total de Ressonâncias analisadas. Os outros dois mapeamentos apresentam estratégias variadas: deixam expressos, no enunciado ressoante, dois ou três itens lexicais repetidos. Observando-se somente a retomada do sujeito, nesses enunciados, é possível constatar que em todos os 11 casos (100%), o termo com função sintática de sujeito está elíptico.

Outra observação importante é que a ocorrência da dupla negativa se dá com 7 dos 11 casos totais de Rs com esta função (63,3%). Nos casos das Ressonâncias de *Negação*, as ocorrências de reduplicação da partícula *não* parecem possuir um caráter enfático, diferentemente das reduplicações do *não* vistas nas Ressonâncias com função de *Resposta*. O falante, ao construir uma R de *Negação*, deseja pontuar divergência de posicionamento. Nesse caso, a ênfase do segundo *não* soa como a partícula *mesmo*, como se o falante quisesse dizer: “Eu não acho isso mesmo”. A dupla negativa serve para reforçar um ponto de vista que é diferente da posição tomada pelo interlocutor.

6.2.3.2 Ressonância de Retificação

A tabela abaixo apresenta como estão distribuídos os 11 casos de Ressonâncias de *Retificação* constatados nas conversações:

TABELA 33
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Retificação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	03	27,3	A + VTD ação + OD	02	18,2
			A + VTD psicológico + OD oracional	01	9,1
VI	05	45,4	S + VI locativo + Obl	01	9,1
			S + VI movimento + Obl	04	36,3
VL	02	18,2	S + VL + PS	02	18,2
Outras	01	9,1	Construções amalgamadas	01	9,1
TOTAL	11	100		11	100

Conforme a tabela indica, há o predomínio de Rs estruturadas com o verbo intransitivo – 45,4% do total de enunciados ressoantes com a função de Retificação. Os outros 54,6% são distribuídos entre os que possuem verbo transitivo direto (27,3%), verbo de ligação (18,2%) e uma construção amalgamada (9,1%). Em relação às subconstruções, o predomínio de ocorrências é com as estruturas constituídas de verbo de ligação – 36,3%. As outras apresentam um percentual que varia entre 9,1% a 18,2%.

É importante ressaltar que dentre os 10 mapeamentos a serem apresentados a seguir, dois são diágrafos de quatro linhas, em que o falante retifica o seu próprio enunciado após interferência do interlocutor. Nos outros, como a retificação é feita a algum elemento na sentença proferida pelo parceiro, os diágrafos são comuns, de três linhas.

a) 3 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		X	X	A		V	OD	X		
L1	M:			p	p	v		L	.	
L2	R:				p	v		L	?	Hum.
L1	R:	não	não	p		v	<u>L</u>	L	.	Retif.

2. 1 caso

		X	A	V		OD	
L1	M:		[L		v	[or.]] ?
L2	R:	[não	p	aux	v	[or.]] .

3. 1 caso

		X		A	V		OD		
L1	M:			p	aux	v	L	.	
L2	R:	não	<u>L</u>	p	aux	v		.	Contr.
L1	R:	não	↑	p	aux	v	<u>L</u>		Retif.

b) 5 mapeamentos com verbo intransitivo:

4. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	p	v	<u>L</u>	.

5. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:			<u>L</u>	.

6. 1 caso

		X	S	V	Obl	X	
L1	M:		L	v	L		.
L2	R:	não			L	não	.

7. 1 caso

			S	V		Obl	
L1	M:		p	aux	v		.
L2	R:	[or.	[p	aux	v]]	.

8. 1 caso

		X				S		X	V	Obl	
L1	M:		qu	que	é	p	que		v	L	?
L2	R:	não				L		não	v		.

c) 2 mapeamentos com verbo de Ligação:

9. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:			Ly	.

Esses 10 enunciados ressoantes de Retificação apresentam duas estratégias mais freqüentes. A primeira é repetir os itens com função de sujeito e verbo e substituir o terceiro elemento da oração: o objeto direto, o oblíquo ou o predicativo. Esse tipo ocorreu com 4 casos – 40% do total. A segunda estratégia é a substituição somente do terceiro elemento da oração e elipse dos outros dois termos: sujeito e verbo. Nesses casos, somente o termo a ser retificado é retomado lexicalmente. Essa estratégia, com boa produtividade, ocorreu também com 4 casos – 40% do total. Um último caso, correspondente a 20% do total de Rs de Retificação, foi estruturado com repetição do sujeito, retomada lexical do verbo e elipse do termo oblíquo. As retificações, nas conversações analisadas, foram feitas aos itens lexicais com função de OD, Oblíquo e predicativo. Vale a pena comentar que houve também acréscimo da partícula negativa no início da sentença retificadora em 50% dos casos.

6.2.3.3 Ressonância de Contraste

A tabela abaixo apresenta o número, a porcentagem e o tipo de construção dos 39 enunciados ressoantes com função de Contraste.

TABELA 34

Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Contraste

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	09	23,2	VTD existencial + OD	01	2,6
			A + VTD ação + OD	04	10,3
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD oracional	04	10,3
VTI	02	5,1	A + VTI psicológico + OI	02	5,1
VI	13	33,3	S + VTI ação + (Obl)	02	5,1
			S + VI locativo + Obl	04	10,3
			S + VI movimento + Obl	06	15,4
			S + VI existencial	01	2,6
VL	13	33,3	S + VL + PS	13	33,3
Outras	02	5,1	Verbo impessoal	02	5,1
TOTAL	39	100		39	100

As construções predominantes são as estruturadas com o verbo de ligação juntamente com as construções estruturadas com o verbo intransitivo – 33,3% cada uma. As estruturas com o verbo transitivo direto somam 23,2%. As estruturas com o verbo transitivo indireto e as construções com o verbo impessoal apresentam o mesmo percentual – 5,1% cada uma.

As subconstruções com VL são as predominantes – 33,3%. As subconstruções com VI de movimento apresentam grande ocorrência – 15,4%. As subconstruções com VI locativo, com VTD de ação e com VTD cognitivo/perceptivo apresentam o mesmo percentual: 10,2%. As outras possuem baixa ocorrência, com um percentual que varia entre 2,6 a 5,1%.

São apresentadas, a seguir, em diágrafos, as Rs oracionais de Contraste e suas Matrizes:

a) 9 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 2 casos

		A	V	OD	
L1	M:	[p	v	[or.]	.
L2	R:	[p̲	v	[or.]	.

2. 1 caso

		A	V		OD	
L1	M:		aux	v		.
L2	R:	[aux	v	[or.]	.

3. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	L̲	.

4. 1 caso

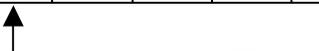
		X	X	A	V	OD	
L1	M:			[p	v	[or.]	.
L2	R:	[não	não		v]

5. 1 caso

			A	V	OD	
L1	M:	[or.	[v	L]	.
L2	R:			v	Ly	.

6. 1 caso

		X		A	V		OD	
L1	M:			p	aux	v	L	.
L2	R:	não	L̲	p	aux	v		?



7. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	p	v	<u>L</u>	.

8. 1 caso

		X	A	V	OD	
L1	M:			v	L	.
L2	R:	<u>L</u>		v		.

Dos 9 casos de mapeamentos com VTD, 05 (55,6%) apresentam sujeito elíptico na Ressonância. Em relação à retomada do objeto direto, observa-se que, em 7 casos (77,7%), ele é expresso na sentença ressoante, com ou sem alteração. Verifica-se uma variedade de estratégias para construção de Rs de Contraste: na primeira, predominante, há manutenção dos três termos: A, V e OD no enunciado ressoante – 44,5%. Na segunda, há elipse do sujeito e retomada lexical do verbo e do objeto direto – 33,3%. Na terceira, há repetição somente do verbo, ou seja, o A e o OD estão elípticos – 22,2%.

Passemos para a análise dos outros tipos verbais para verificar se uma das estratégias constatadas é mais freqüente.

b) 2 mapeamentos com verbo transitivo indireto:

1. 1 caso

			A	X	V	OI	X	
L1	M:	p	p	não	v		não	.
L2	R:			não	v			?

2. 1 caso

		A	X	V	X	OI	
L1	M:	L		v	L	L	.
L2	R:	p	não	v		L	.

Trata-se de dois diágrafos com características diversas. No tipo 1, há, na sentença ressoante, a partícula negativa e o verbo expressos. No tipo 2, há itens lexicais e gramaticais nas três funções da oração: A, V e OI, e o acréscimo da partícula *não*.

c) 13 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 2 casos

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	L	.

2. 1 caso

		S	X	V	Obl	X	
L1	M:	L		v	L		.
L2	R:	L	não	v		não	?

3. 1 caso

			S	X	V	Obl	X	
L1	M:	[or. [v	L]]		.
L2	R:		p	não	v		não	.

4. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	L	vy	<u>L</u>	.

5. 1 caso

		S	X	V	Obl	X	
L1	M:	p		v		L	.
L2	R:	p	não	v		L	.

6. 2 casos

		X	S	X	V	Obl	
L1	M:		p		v		.
L2	R:	não		aux	v		.

7. 1 caso

			S	X	V	Obl	X	
L1	M:		p	não	v	L	não	.
L2	R:	[or. [v]]		.

8. 1 caso

		S	V		Obl	
L1	M:		aux	v		.
L2	R:		aux			?

9. 1 caso

		S	V			
L1	M:		aux	v	L	.
L2	R:		aux	v	<u>L</u>	.

10. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	L		L	?

11. 1 caso

			S	V	Obl	
L1	M:		L	v	L	.
L2	R:	[or. [p	v	<u>L</u>]]	.

A estrutura S + V, com o termo Oblíquo elíptico e com elementos expressos em S e em V, ocorre em 4 casos (30,8%). Enunciados ressoantes estruturados com a repetição somente do verbo principal ou do verbo auxiliar também somam 4 casos (30,8%). A estrutura sujeito elíptico+V+Oblíquo, ou seja, com elementos expressos nas posições do verbo e do termo Oblíquo, ocorre em 2 casos (15,4%). A estrutura S+V+Oblíquo, com cada uma dessas funções contendo preenchimentos lexicais/gramaticais no enunciado ressoante, ocorre também em 2 casos (15,4%). A partícula negativa *não* aparece em 5 dos 13 casos (38,5%) de Rs de Contraste com VI. Novamente, verifica-se uma variedade de estratégias na construção de Rs com esta função específica.

d) 13 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 3 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

2. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	v	L	.

3. 3 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:		v	Ly	.

4. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	L	v	L	?!

5. 1 caso

		S	X	V	PS	X	
L1	M:	p		v	L		.
L2	R:	p	não	v	Ly	não	.

6. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:	L	v	L		.
L2	R:	[p	v	Ly	[or]]	.

7. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:		v	L	L	.
L2	R:		v	L	<u>L</u>	.

8. 1 caso

		X	S	V	PS	X	
L1	M:	não		v	L		.
L2	R:	não		v	Ly	L	.

São 13 casos de Rs de Contraste constituídos com o verbo de ligação, como já mencionado. Os enunciados ressoantes compostos por elipse de sujeito, com o verbo e o predicativo expressos, somam 08 casos (61,5%). 5 casos (38,5%) apresentam, na R, preenchimentos lexicais nas três funções: S, V e PS. Desses 5 casos, em 2, há introdução de novo referente nos elementos com função de sujeito, em 2, há retomada pronominal, e em 1, há repetição lexical, mantendo-se a mesma forma da Matriz. Nesse último e único caso, o sujeito, que, além de expresso não é alterado, vem acompanhado dos outros dois termos também inalterados. O que se

poderia perguntar em relação a esse exemplo é como o falante construiu uma Ressonância de Contraste, mantendo-se os elementos da matriz inalterados. O contraste, nesse caso, é feito através da entonação, conforme se verifica no diágrafo número 4 acima. Nas Rs em análise, só há três casos de predicativos que são retomados na oração ressoante sem alterações. Quando isso ocorre, verifica-se introdução de novo referente em outro termo da oração. A grande maioria dos enunciados de Contraste são formados por predicativos que contêm adjetivos antônimos aos que ocorrem na Matrizes.

Unindo-se os resultados encontrados na análise dos diferentes tipos verbais de Ressonâncias de Contraste, obtêm-se 37 diágrafos ao todo, os quais possuem enunciados com, no mínimo, três funções fundamentais: o sujeito, representado por **A** ou **S**, o verbo – **V**, e a terceira função, que difere, dependendo da transitividade do verbo da oração: o objeto – **O**, o termo oblíquo – **OBL**, ou o predicativo – **PS**. As sentenças ressoantes contrastivas agrupam-se, principalmente, em três tipos:

1) elipse do sujeito, elementos expressos em V e elementos expressos na terceira posição sintática (objeto e oblíquo e predicativo): 13 casos (31,5%);

2) elementos expressos em A ou S, em V e também no termo que segue o verbo (objeto, termo oblíquo ou predicativo): 12 casos (32,4%);

3) elipse do sujeito, elemento expresso em V e elipse do termo que segue o verbo: 7 casos (18,9%);

Esse resultado mostra que **a preferência, na construção de Rs de Contraste, é a sentença constituída de elipse somente do sujeito (mantendo-se itens lexicais nas outras funções) ou a sentença com preenchimentos lexicais nas três posições sintáticas.**

Em relação ao sujeito, outras observações podem ser feitas. 20 Rs (54,1%) apresentam sujeito elíptico, observando-se os 37 casos analisados. Dessa forma, 17 Rs (45,9%) apresentam sujeito expresso. Desses 17 casos, em 08 (47,1%), há introdução de novo referente no termo sujeito e em 04 casos (23,5%), há retomada pronominal do termo sujeito, com manutenção do mesmo referente da expressão Matriz. Só há 4 casos (25,2%) de enunciados ressoantes em que o sujeito expresso na R é composto pelos mesmos itens lexicais do sujeito expresso na Matriz.

Em relação ao item lexical que compõe a terceira função da oração: objeto, oblíquo ou predicativo, verificam-se 26 casos (70,3%) de elementos formalmente expressos nessas posições, contrapondo-se a 11 casos (29,7%) de elipse. Em 5 exemplos (19,2%), esse termo serve para introdução de novo referente; em 10 (40%), ele aparece alterado, mas recuperando o mesmo referente; por fim, em 10 também (38,5%), ele aparece inalterado.

É interessante também observarmos o comportamento da partícula *não* nas Ressonâncias de Contraste. Das 37 Rs, 11 (29,7%) possuem esse elemento no enunciado ressoante, e somente 4 delas (11,4%) apresentam dupla negativa.

6.2.4 Grupo D – Questão

6.2.4.1 Ressonância de Interesse

As 6 ocorrências totais de Ressonâncias de Interesse possuem as estruturas apresentadas a seguir:

TABELA 35

Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Interesse

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	03	50,0	A + VTD ação + OD	02	33,3
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD	01	16,7
VI	02	33,3	S + VI movimento + Obl	02	33,3
Outras	01	16,7	Construção amalgamada	01	16,7
TOTAL	06	100		06	100

Os 6 pares de enunciados ressoantes de *Interesse* estão formalmente distribuídos da seguinte forma: 3 deles (50%) são estruturados com o verbo transitivo direto, 2 (33,3%) com o verbo intransitivo, e 1 caso (16,7%) corresponde a construção amalgamada.

Os 5 mapeamentos de Ressonâncias com função de *Interesse* são apresentados a seguir:

a) 3 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	L	v	L	L	.
L2	R:	L			L	?

2. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:		v		?

3. 1 caso

		X	A	V	OD	X	
L1	M:	não		v			.
L2	R:	não		v		não	?

b) 2 mapeamentos com verbo intransitivo:

4. 1 caso

		S	V		Obl	
L1	M:	p	aux	v	L	.
L2	R:	p		v		?

5. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:		v		?

As Ressonâncias de *Interesse* são preferencialmente estruturadas através da repetição do verbo presente na Matriz e da elipse dos outros termos da oração.

Isso ocorreu com 3 dos 5 casos mapeados (60%). Nesses enunciados, a informação nova trazida para a conversação quando o falante enuncia a Matriz é exatamente a ação desempenhada por ele. Daí a Ressonância repetir somente o verbo da oração, em forma de interrogação. A R de *Interesse* realça a informação nova, como uma demonstração de interesse pelo que o outro está dizendo. Ao mesmo tempo em que se mostra interessado, o interlocutor, com esse tipo de R, motiva o falante a continuar com a palavra e a dar continuidade à narrativa dos fatos. Outra característica dessas Rs, não caracterizada nos diágrafos, é se iniciarem com o marcador *Ah...*. O falante, em um enunciado ressoante com função de *Interesse*, deseja expressar: “*Ah é? Não sabia. Conte mais*”. O único mapeamento acima em que o elemento repetido não é o verbo, mas sim o sujeito se deve ao fato de que a novidade da fala de L1 está contida no SN sujeito. Daí ser esse o elemento repetido para efeitos de demonstração de atenção/interesse.

6.2.4.2 Ressonância de Admiração

Foram constatadas quatro ocorrências de estruturas ressoantes com função de *Admiração*, no *corpus* analisado. Essas Rs estão estruturalmente caracterizadas na tabela abaixo:

TABELA 36
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Admiração

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	02	50	A + VTD posse + OD	01	25
			A + VTD psicológico + OD oracional	01	25
VL	02	50	S + VL + PS	02	50
TOTAL	04	100		04	100

Os enunciados estruturados com verbo de ligação correspondem a 50% do total de Matrizes e Ressonâncias com função de Admiração. Os outros 50% estão distribuídos em 1 caso de subconstrução de verbo transitivo direto de posse (25%) e 1 caso de verbo transitivo direto psicológico (25%).

a) 2 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			L	!?

2. 1 caso

		S	X	V	OD	
L1	M:	[L	L	v	[or.]	.
L2	R:	[L	v	[or.]	!?

b) 2 mapeamentos com verbo de ligação:

3. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			L	!?

4. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	L		L	!?

Novamente, nos enunciados ressoantes com função de Admiração, a tendência é a repetição do terceiro termo proferido pelo interlocutor, que, normalmente, traz a informação nova para a conversa. O falante constrói a Ressonância repetindo os termos que, além de serem uma novidade, lhe causaram surpresa. A outra característica marcante dessas Rs é a entoação com um misto de admiração e descrença.

6.2.4.3 Ressonância de Certificação

Conforme mostra a tabela abaixo, só houve três ocorrências de Ressonância com função de *Certificação*, no *corpus* estudado. Trata-se de uma construção convencional e dois casos de enunciados ressoantes estruturados com verbo transitivo direto:

TABELA 37
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Certificação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	02	50	A + VTD ação + OD	01	25
			A + VTD posse + OD	01	25
Outras	01	50	Construção convencional	01	50
TOTAL	02	100		02	100

a) 2 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	X	
L1	M:	p	v	L		.
L2	R:		v		não	?

2. 1 caso

			A	V	OD	X	
L1	M:	[or.]	[p	v]		.
L2	R:			v		não	?

Como se verifica acima, os dois enunciados ressoantes são construídos através da retomada lexical do verbo acrescido da partícula *não*. Além disso, a entoação interrogativa completa a caracterização desse tipo de Ressonância, que ocorre quando o falante deseja se certificar de que ouviu corretamente o que o outro disse.

6.2.4.4 Ressonância de Pedido de esclarecimento

A tabela abaixo mostra como se distribuem estruturalmente as 24 Matrizes e Ressonâncias com função de Pedido de esclarecimento:

TABELA 38

Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Pedido de Esclarecimento

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	05	20,8	A + VTD ação + OD	03	12,5
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD	01	4,2
			VTD existencial + OD	01	4,2
VTI	01	4,2	A + VTI ação + Oi	01	4,2
VI	11	45,9	S + VI locativo + Obl	02	8,3
			S + VI movimento + Obl	03	12,5
			S + VI ação + (Obl)	06	25,0
VL	07	29,1	S + VL + PS	07	29,1
TOTAL	24	100		24	100

Verificam-se 11 casos de construções com o verbo intransitivo – 45,9%; 7 casos de construções com o verbo de ligação – 29,1%; 5 casos de construções com o verbo transitivo direto – 20,8%; finalmente, somente um caso de construção com o verbo transitivo indireto – 4,2%. Observando-se as subconstruções, predominam as constituídas de verbo de ligação – 29,1%. A segunda subconstrução de maior frequência é a constituída de verbo transitivo direto de ação – 25%. As outras subconstruções apresentam 1 ou 3 ocorrências, como se pode constatar na tabela acima, ou seja, 4,2% ou 12,5% do total de 24 Rs de Pedido de esclarecimento.

a) 5 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso (verbo ter existencial)

			X	V	OD	
L1	M:			v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	L	v		?

↑

b) 1 mapeamento com verbo transitivo indireto:

6. 1 caso

				A	V	X	OI	
L1	M:				v	L	L	.
L2	R:	L	que	p	v		p	?

Esse diágrafo apresenta: sujeito pronominal, repetição do verbo, objeto indireto também pronominal e deslocamento do elemento adverbial.

c) 11 mapeamentos com verbo intransitivo:

7. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	.
L2	R:			L	?

8. 1 caso

		S	X	V	Obl	X	
L1	M:	L	não	v	L	não	.
L2	R:		não	v			?

9. 1 caso

		S	V		Obl	X	
L1	M:	p	aux	v	L		.
L2	R:	L		v		L	?

10. 1 caso

		S	V	X	Obl	
L1	M:	L	v	L	L	.
L2	R:	p	v	L	L	?

11. 2 casos

		S	V		Obl	
L1	M:	p	aux	v	L	.
L2	R:				Ly	?

12. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	?

13. 1 caso

		S		V	Obl	
L1	M:	L	que	v		.
L2	R:			v	L	?

14. 1 caso

		S	V	Obl	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:	L			?

15. 1 caso

			A	V	X	
L1	M:	[or.	[v	[or.]]	.
L2	R:		[v	[or.]]	?

16. 1 caso

			S	V		
L1	M:		L	v		.
L2	R:	[or.	[v	L]]	?



Os 11 mapeamentos de Rs de Pedido de esclarecimento com verbo intransitivo apresentam o sujeito elíptico, no enunciado ressoante, em 7 casos (63,6%); o sujeito apresenta SN lexical em 3 casos (27,3%); o sujeito está pronominalizado em 1 caso (9,1%). Por outro lado, somente em 3 casos, o termo com função de oblíquo está elíptico (27,3%). A estrutura preferida de Rs, nos casos analisados acima, é a de elipse do sujeito, repetição do verbo e retomada lexical do termo oblíquo, quando está presente na oração.

Vejamos, a seguir, os diágrafos com verbo de ligação, para verificarmos a existência de características comuns a todos eles.

d) 7 mapeamentos com verbo de ligação:

17. 3 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	?

18. 1 caso

		X	S	V	PS	
L1	M:			v	L	.
L2	R:	não		v	<u>L</u>	?

19. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	L	v	qu	?

20. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:		v	L		.
L2	R:	[v	Ly	[or.]]	?

21. 1 caso

			S	V	PS	
L1	M:	[or.	[p	v	L]]	.
L2	R:		p	v	L	?

Em relação aos mapeamentos com verbo de ligação, verifica-se novamente a preferência pela oração constituída de sujeito elíptico, repetição do verbo e retomada do SN predicativo, com forma alterada. Essa forma se deu com 5 dos 7 casos (71,4%).

Comparando-se as observações referentes aos enunciados de Pedido de esclarecimento, é possível chegar aos seguintes resultados:

- 8 mapeamentos (33,3%) apresentam estrutura ressoante constituída de elipse do sujeito, repetição do verbo e repetição do terceiro termo da oração: objeto direto, objeto indireto, oblíquo ou predicativo. Esse tipo formal mostrou-se ser o mais produtivo dentre os outros.
- 8 mapeamentos (33,3%) apresentam estrutura ressoante constituída de itens lexicais/ gramaticais preenchendo todas as posições gramaticais.
- 4 mapeamentos (16,7%) possuem estrutura ressoante constituída de elipse do sujeito, do verbo e retomada lexical do terceiro termo da oração.

6.2.5 Grupo E – Humor

6.2.5.1 Ressonância de Humor/Ironia

A tabela abaixo mostra as estruturas constatadas nas 26 ocorrências totais de Ressonâncias com a função de *Humor*:

TABELA 39
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Humor / Ironia

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VTD	07	26,9	A + VTD ação + OD	03	11,5
			A + VTD cognitivo/perceptivo + OD	03	11,5
			A + VTD <i>dicendi</i> + OD	01	3,9
VTI	04	15,4	A + VTI psicológico + OI	03	11,5
			A + VTI psicológico + OI oracional	01	3,9
VI	03	11,5	S + VI ação + (Obl)	02	7,6
			S + VI psicológico + Obl	01	3,9
VL	12	46,2	S + VL + PS	12	46,2
TOTAL	26	100		26	100

As construções com verbo de ligação predominam, com 46,2% das 26 Ressonâncias totais de *Humor*. As construções com verbo transitivo direto somam 26,9%, e as construções com verbo transitivo indireto, 15,4%. As estruturas com verbo intransitivo são as de menor ocorrência, com 11,5% do total de Rs.

As subconstruções de maior número são as de verbo de ligação, como mencionado acima (46,2%). As subconstruções com VTD de ação, VTD cognitivo e VTI psicológico apresentam o mesmo percentual de 11,5% cada. As demais subconstruções possuem baixa produtividade, com 2 ou 3 ocorrências cada uma.

a) 7 mapeamentos com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	p	?!

2. 1 caso

		A	V	OD	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	<u>L</u>	!

3. 1 caso

		A		V	OD	X	
L1	M:	p	p	v		L	.
L2	R:		p	v		L	?



4. 1 caso

			A	V	OD		
L1	M:		L		v	.	
L2	R:	[or.]	[p]	aux	v	[L]	!

5. 1 caso

		A		V	OD	
L1	M:	L	p	v		.
L2	R:	p		v	L	?

6. 1 caso

		X	X			A	V	OD	
L1	M:		não	é	que	L	v		.
L2	R:	[[or.]				L	v]	!

7. 1 caso

			A	V	OD	
L1	M:	[or.	[v	L]]	.
L2	R:			v	L	!

Analisando-se os 7 mapeamentos expostos acima, constata-se que as formas de construção de Ressonâncias de *Humor* com VTD são constituídas, preferencialmente, de 1) sujeito (A) representado por anáfora zero, verbo (V) e objeto direto (OD) formalmente preenchidos (57,1%); ou 2) as três posições – A, V e OD – formalmente preenchidas no enunciado ressoante (28,6%). Quando expresso na oração ressoante, o termo que exerce a função de sujeito tende a ser retomado por um sintagma pronominal; em contrapartida, o termo que exerce a posição sintática de objeto direto tende a ser retomado por um SN lexical. Há, nos mapeamentos analisados, somente 1 caso (14,3%) de oração ressoante que apresenta sujeito e verbo expressos juntamente com a elipse do objeto direto.

b) 4 mapeamentos com verbo transitivo indireto:

1. 1 caso

		X	A	V		OI	
L1	M:			aux	v		.
L2	R:	L	p	aux	v	qu	?

2. 1 caso

		A	V	OI	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	v	L	?

3. 1 caso

		A	V	OI	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	[<u>L</u>]	v	[or.]	!

4. 1 caso

			A	V	OI	
L1	M:		p	v	L	.
L2	R:	<u>L</u>	p	v		?



Dentre os enunciados ressoantes de *Humor* com verbo transitivo indireto, 4 (100%) possuem preenchimentos lexicais/gramaticais nas três posições sintáticas: sujeito, verbo e objeto indireto. É importante mencionar que o sintagma sujeito aparece, na R, representado tanto por SN lexicais (50%) como por SNs pronominais(50%). Nos 2 casos de sujeito representado por sintagma lexical, verifica-se a introdução de um novo referente. O termo objeto indireto aparece representado por um SN lexical em 2 casos (50%), pelo elemento *qu* em 1 caso (25%) e por um sintagma oracional também em 1 caso (25%).

c) 3 mapeamentos com verbo intransitivo:

1. 1 caso

		S	V	
L1	M:	L	v	.
L2	R:	L	v	?

2. 1 caso

			S	V	
L1	M:	[or.	[L	v]]	.
L2	R:			v	?

3. 1 caso

			S	V		OBL	
L1	M:		p	aux	v		.
L2	R:	[or.	[L		v]	!

Os três tipos de mapeamentos com VI apresentam características distintas: no primeiro, há sujeito e verbo formalmente expressos na Ressonância; no segundo, há elipse do sujeito, ou seja, somente o verbo está formalmente expresso na R, e no terceiro, há sujeito e verbo expressos, o termo oblíquo está elíptico, e a oração resoante reaparece, no enunciado ressoante, sob a forma de oração subordinada.

d) 12 mapeamentos com verbo de ligação:

1. 4 casos

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	Ly	!!

2. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	qu	v	L	.
L2	R:	qu	v	L	?!

3. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:	p	v	L	.
L2	R:	<u>p</u>	v	Ly	!

4. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:			Ly	!

5. 1 caso

			X	S	V	PS		
L1	M:	[or.			v	L	p]]	.
L2	R:		não		v	Ly		!

6. 1 caso

		X	S	V	PS	
L1	M:		p	v	L	.
L2	R:	não	p	v	Ly	!

7. 2 casos

		S	V	X	PS	
L1	M:	L	v	L	L	.
L2	R:	L	v	Ly	Ly	!

8. 1 caso

		S	V	PS	X	
L1	M:	p	v	L		.
L2	R:	[p	v	Ly	[or.]]	!

São 12 mapeamentos de Ressonâncias de Humor com **verbo de ligação**, e eles se dão, basicamente, de duas formas: 1) sujeito, verbo e predicativo expressos na R (50%); 2) elipse do sujeito, verbo e predicativo expressos na R (45,5%). Em todos (100%), está explícito o sintagma com função de predicativo no enunciado

ressoante, sendo que, em 11 casos (91%), ele reaparece modificado. Já o sujeito está expresso, no enunciado ressoante, em somente 6 casos (50%).

Observando-se todos os mapeamentos das 26 Rs com função de *Humor*, verifica-se **um tipo formal mais recorrente em 13 casos (50%): a construção de Ressonância com os três termos (sujeito, verbo e o termo que acompanha o verbo) formalmente expressos na oração** -. Dessas 13 Rs, em 12 (92,3%), há alteração em algum termo, seja ele o SN com função de sujeito, seja ele o SN com função de objeto, predicativo ou oblíquo.

Os enunciados ressoantes construídos com elipse do sujeito, verbo explícito conjuntamente com outro termo oracional (OD, PS ou OBL) ocorrem com 09 casos (34,6%). Esse tipo formal mostrou-se o segundo mais produtivo dentre os outros.

Por fim, somente 2 casos (7,7%) apresentam elementos lexicais nas posições do sujeito e do verbo, juntamente com a elipse do termo que segue o verbo. Há, ainda, 1 caso de Ressonância estruturada com verbo explícito e elipse dos outros termos da oração (3,8%).

Dos 26 mapeamentos de *Humor*, 22 (84,6%) apresentam o terceiro termo expresso na Ressonância. Esse termo (objeto, predicativo ou oblíquo) é retomado, preferencialmente, lexicalizado e modificado. Já o sujeito está formalmente expresso no enunciado ressoante em 15 casos (57,7%), ou seja, 42,3% das estruturas ressoantes possuem sujeito elíptico. Dos 15 casos com sujeito expresso, em 8 (53,3%), verifica-se retomada lexical, em 7 (46,7%), verifica-se retomada pronominal.

6.2.5.2 Ressonância de Apreciação

As 4 Ressonâncias de Apreciação encontradas no *corpus* são estruturadas de acordo com a tabela abaixo:

TABELA 37
Distribuição das subconstruções de enunciados ressoantes com função de Apreciação

TIPO VERBAL	Nº	%	SUBCONSTRUÇÕES	Nº	%
VB	01	15	A + VB <i>dicendi</i> + OD oracional + OI	01	15
VL	03	75	S + VL + PS	03	75
TOTAL	04	100		04	100

Observe-se o mapeamento dos 4 casos de Ressonâncias de Apreciação:

a) 1 mapeamento com verbo transitivo direto:

1. 1 caso

		A	V	OD	OI		
L1	M:	[p	v		L	[or.]	!
L2	R:	[p	v]	!

b) 3 mapeamentos com verbo de ligação:

2. 1 caso

		S	V	PS	
L1	M:		v	L	.
L2	R:		v	L	!

3. 2 casos

		S	V	PS	
L1	M:	L	v	L	.
L2	R:			L	!

O único mapeamento com VTD apresenta sujeito representado um SN pronominal, verbo lexicalmente expresso e elipse dos outros termos do período. Dos 3 mapeamentos referentes às estruturas constituídas de VL, 2 (75%) repetem somente o predicativo, no enunciado ressoante, ou seja, sujeito e verbo estão elípticos; 1 (25%) apresenta tanto o verbo quanto o predicativo lexicalmente expressos na R.

Com a baixa frequência desse tipo funcional de R, não há como se verificar um padrão que caracterize formalmente as Ressonâncias de *Apreciação*. Parece-me que se trata de casos especiais, com mapeamentos bem diversificados, pois repetem-se os elementos da fala do interlocutor considerados engraçados pelo locutor, o que varia muito, levando-se em conta as diferentes situações comunicativas.

6.3 Considerações finais

Esta seção se destina a retomar algumas considerações feitas no decorrer do capítulo no que se refere às relações entre função discursiva e tipo formal de Ressonâncias. Toda a análise foi desenvolvida a partir da hipótese inicial de que existem padrões recorrentes de estruturação de enunciados ressoantes de acordo com a função discursiva desempenhada por eles. Os resultados gerais obtidos mostram uma distribuição de tipos formais bem diversificada, conforme constatamos

na seção anterior, através da exposição dos diferentes diágrafos. Houve, entretanto, determinados tipos funcionais de Ressonâncias que apresentaram características formais recorrentes e percentualmente representativas. Essas tendências detectadas serão sintetizadas abaixo e, em seguida, passaremos aos comentários mais gerais referentes à construção de enunciados ressoantes.

As Ressonâncias com função de **Resposta Sim** apresentam predominantemente orações constituídas de apenas um termo oracional explícito, sendo ele preferencialmente o verbo, e elipse dos outros termos da oração.

As Ressonâncias com função de **Resposta Não**, constituídas de VTD e VL apresentam predominantemente orações ressoantes com a partícula negativa *não*, a elipse do sujeito, o verbo formalmente expresso e o objeto direto e o predicativo das construções reiterado com um SN modificado. As estruturas com VI apresentam mais freqüentemente a elipse do sujeito, do termo oblíquo e somente o verbo explícito.

Verifica-se, em muitos casos de resposta negativa, o tipo formal usualmente denominado *dupla negativa*, em que há o acréscimo de mais um *não*. Há ainda uma menor quantidade de casos de elipses se comparados aos enunciados de resposta afirmativa. Conforme já mencionado, de acordo com Marcuschi (1986, p.50), isso pode ser explicado pela tendência dos falantes a alongarem a forma lingüística quando se trata de enunciados que traduzem uma ação menos esperada do interlocutor, como, por exemplo, nas situações de recusa a convites ou a pedidos de permissão.

As orações ressoantes com função de **Resposta Qu** tendem a ser estruturadas com preenchimentos lexicais/gramaticais em todas as funções, com exceção do sujeito que pode estar elíptico. Dessa forma, diferentemente dos

enunciados com função de Resposta Sim e Não, que apresentam uma porcentagem de sujeitos elípticos que varia entre 73 a 84%, os enunciados de Resposta *Qu* possuem sujeito elíptico em 53,8% dos casos. Além disso, é importante destacar outras características.:

- O elemento *qu* introduz o enunciado Matriz na maioria dos casos (70%).
- Deslocamentos de termos e estruturas clivadas, acompanhadas do elemento de realce *que*, ocorrem com, aproximadamente, a metade das Matrizes. Em contrapartida, o falante, ao responder, tende a colocar os elementos na ordem certa.
- Destaca-se, nesta função específica, a maior porcentagem de introdução de referentes em enunciados ressoantes: 61,5%.

Em relação às Ressonâncias com função de **Confirmação**, somente as orações constituídas de VL apresentam uma tendência geral: retomada lexical do predicativo ou do verbo e elipse dos outros termos. As outras construções apresentam uma variedade de estratégias, não sendo possível captar uma tendência mais geral.

As Rs de **Reafirmação** apresentam duas formas mais recorrentes: 1. elipse do sujeito e retomada lexical/gramatical dos outros dois termos; 2. preenchimentos lexicais/gramaticais nos três termos da oração. Assim como as Rs de Resposta *Qu*, esta é outra função em que a porcentagem de elipse do sujeito se situa na faixa de 50%. O SN sujeito, quando explícito, é retomado sob a forma pronominal em sua grande maioria. O termo oblíquo e o predicativo estão preferencialmente expressos na oração ressoante. Já o objeto direto está expresso na metade das estruturas, aproximadamente.

Não foi possível detectar uma forma preferida na construção de **Rs Aceitação de colaboração**, na qual, conforme visto, o falante repete os elementos fornecidos em colaboração pelo seu interlocutor. Todavia, pode-se observar que, dos enunciados analisados, constata-se que a elipse do sujeito é predominante, com um percentual de, aproximadamente, 80%, e os termos objeto direto, oblíquo e predicativo, quando expressos, mantêm a mesma forma do enunciado Matriz.

As orações ressoantes com função de **Intensificação** detectadas no *corpus* são constituídas apenas pelo verbo de ligação e apresentam duas formas concorrentes: 1. as três posições sintáticas lexicalmente preenchidas: sujeito, verbo e predicativo; 2. elipse do SN sujeito, elipse do verbo e somente o SN predicativo expresso na oração. O predicativo, explícito em 100% das estruturas, é retomado por um SN lexical alterado em 90% dos casos.

Os enunciados ressoantes com função de **Retomada de figura** constituem-se de sujeito pronominal, repetição do verbo e repetição do elemento que segue o verbo: OD/OI, Obl ou PS.

As estruturas ressoantes com função **Fática** preferem a elipse do sujeito (90%) e a repetição do último termo enunciado pelo interlocutor – objeto, predicativo ou oblíquo – sem alteração. O verbo ora está expresso ora está elíptico.

As estruturas de Rs de **Complemento** e de **Contraste** também apresentam duas formas mais produtivas: 1. enunciado construído com preenchimentos lexicais/gramaticais nas três posições sintáticas; 2. enunciado construído com a elipse somente do sujeito e os outros dois termos formalmente expressos na oração. Dessa forma, a elipse do sujeito ocorre com, aproximadamente, a metade dos casos, e, nas demais estruturas, em que o sujeito está expresso, ele é retomado, preferencialmente, sob a forma pronominal. Já o objeto, o predicativo e o oblíquo

são reiterados, preferencialmente, por itens lexicais alterados. Uma característica marcante dos enunciados ressoantes de Confirmação é a introdução de novo referente em 24,4% e também a quantidade de períodos compostos, que se dá com 36,6%. Do total de enunciados de Contraste, 32,4% de estruturas apresentam introdução de referente e 24,3% envolvem um período composto. Verifica-se, ainda, a presença da partícula negativa – *não* – em 30% das Rs de Contraste.

A forma estrutural predominante para as Rs de **Negação** é a repetição lexical somente do verbo principal ou do verbo auxiliar da oração (cerca de 80%). A dupla negativa ocorre com 63,3% dos enunciados ressoantes de negação e serve para enfatizar diferença de posicionamento.

As Rs com função de **Retificação** são construídas ou com os três termos formalmente expressos na oração ou então com somente com um termo lexicalmente explícito - o elemento que sofrerá retificação. 50% dos enunciados iniciam-se com a partícula *não*, 60% apresentam sujeito expresso, e há introdução de novo referente em 50% de estruturas ressoantes de Retificação.

A pouca freqüência dos enunciados de **Certificação** não possibilita generalizações, entretanto, as Ressonâncias analisadas demonstram preferência pela estrutura constituída apenas pela retomada lexical, acrescido da partícula *não*.

As Ressonâncias de **Interesse** também tendem a ser construídas pela repetição somente do verbo da oração Matriz e elipse dos outros elementos.

As Rs de **Pedido de esclarecimento** apresentam duas formas concorrentes:

1. enunciado construído com preenchimentos lexicais/gramaticais nas três posições sintáticas;
2. enunciado construído com a elipse somente do sujeito e os outros dois termos formalmente expressos na oração. O sujeito está expresso em, aproximadamente, 40% dos enunciados – representado por SNs lexicais ou

pronominais – e os termos objeto, predicativo e oblíquo estão expressos em, aproximadamente, 80% - representados mais freqüentemente por sintagmas lexicais. 16% de Rs de Pedido de esclarecimento apresentam deslocamentos e 16% envolvem períodos compostos.

Por fim, as Ressonâncias de **Humor** preferem as estruturas com sujeito expreso, verbo explícito e objeto, oblíquo e predicativo reiterados de forma alterada. Há 26,9% de enunciados com período composto.

Em relação às Ressonâncias de **Apreciação, Lembrança, Repasse e Admiração**, não há como detectar padrões de uso, ou por possuírem baixa freqüência ou por apresentarem diversidade de estruturas.

Destacadas as regularidades e tendências de uso dos falantes ao construírem enunciados ressoantes com funções específicas, passemos para as características gerais de estruturação de Ressonâncias, observando-se o conjunto de enunciados.

Em relação ao **SN sujeito**, constata-se que a média da porcentagem de sujeito elíptico apresentada por cada função é de 49,3%. Já a média de porcentagem de SN sujeito representado por pronome é de 37,9% e a de SN sujeito representado por um SN lexical é de 11,8%. Esse resultado, com grande quantidade de sujeitos elípticos e pronominais, apenas confirma o que já era previsto. No discurso espontâneo, a posição canônica para recuperar participantes efetivos, dentre os quais encontram-se os próprios interlocutores, é a posição de sujeito. Essa é uma tendência geral para todas as funções discursivas de enunciados ressoantes.

Observemos, também, os tipos de anáfora predominantes para cada um termos analisados: objeto direto, objeto indireto, predicativo e oblíquo:

- Em geral, o sintagma com função **predicativa** é predominantemente adjetivo, no caso das Ressonâncias. Ele tende a reaparecer no enunciado ressoante representado lexicalmente. Isso ocorre em 86,9% do total de estruturas com VL, sendo que, em 65,4%, esse termo é reiterado com forma alterada.
- O termo **Oblíquo** apresenta uma distribuição bem equilibrada – 53,8% de retomadas lexicais e 46,1% de elipses. Nas retomadas lexicais, os falantes preferem a manutenção da mesma forma do enunciado Matriz.
- O **objeto direto** é retomado, nas Ressonâncias, por anáfora zero em 45,8% do total, por um SN lexical em 37,3%, por um SN oracional em 9,2% e por um SN pronominal em 7,7% do total de estruturas com VTD.
- O **objeto indireto** reaparece, nos enunciados ressoantes, preferencialmente lexicalizado (36,4%) ou elíptico (36,4%).

Conforme se observa, o comportamento dos termos com as funções arroladas acima é diversificado, o que dificulta generalizações dos tipos formais, levando-se em conta **todos** os enunciados. Mesmo assim, em uma análise de todas as Ressonâncias mapeadas, verifica-se que duas estruturas concorrem como as mais freqüentes:

1. preenchimentos gramaticais/lexicais nos três termos da oração (25,3%);
2. elipse somente do sujeito e retomada lexical/gramatical dos outros termos da oração (25,3%).

A soma do número de ocorrências dessas duas formas predominantes equivale a 50,6% do total de enunciados analisados. A terceira forma mais utilizada é a estrutura formada somente pelo verbo formalmente expresso e elipse dos demais termos da oração, com um percentual de 18,6%.

Uma característica marcante dos enunciados ressoantes, já comentada anteriormente, é o fato de serem constituídos predominantemente de períodos simples (80,6%). As funções discursivas que apresentam um percentual representativo de período composto são as de Complemento, Humor, Contraste e Pedido de esclarecimento.

Outro resultado importante a ser destacado é a baixa porcentagem de estruturas ressoantes com introdução de novo referente: 15,8% (58Rs). As maiores porcentagens de ocorrência de introdução de novo referente são encontradas nos enunciados com função de Resposta Qu, Retificação, Contraste e Complemento. Analisando-se essas 58 Rs especificamente, verifica-se que as posições exploradas pelos falantes para introdução de referentes são: sujeito de verbo de ligação e de verbo intransitivo (44,6%) e objeto direto (39,3%). Esse resultado corrobora a previsão de Du Bois (2003), exposta na seção 5.1 desta dissertação, de que a posição A (sujeito de verbo transitivo) é mais explorada para recuperar participantes e as posições S (sujeito de verbo intransitivo ou de ligação) e O (objeto direto) são escolhidas para introdução de novo referente, além de serem também usadas para recuperar participantes dados.

A análise e quantificação dos dados permite comprovar a existência de uma outra tendência geral relacionada aos enunciados ressoantes, também em consonância com as previsões de Du Bois (2003): evita-se que as três posições sintáticas sejam preenchidas com itens lexicais concomitantemente. Somente 5,9% de Ressonâncias são constituídas de sujeito representado por um SN lexical, o verbo explícito e outro termo também reiterado lexicalmente. Na grande maioria dos casos em que isso ocorre, há introdução de novo referente em um dos termos.

Convém mencionar que somente 6,6% de estruturas mapeadas ao todo (25 Rs) apresentam elementos deslocados na oração. Os deslocamentos foram detectados mais freqüentemente nas estruturas ressoantes com função de Resposta *Qu*, Reafirmação, Pedido de esclarecimento, Complemento e Intensificação. As estruturas clivadas perfazem um total de 4,3% (16 Rs) e ocorrem especialmente nas Ressonâncias com função discursiva de Resposta *Qu*, Pedido de esclarecimento e Reafirmação.

Por fim, faz-se necessário acrescentar que a análise dos enunciados, levando-se em conta apenas a transitividade verbal e não as funções que eles exercem na conversação, é pouco produtiva, na medida em que se encontram porcentagens semelhantes para variados tipos formais. Em contrapartida, conforme demonstrado acima, quando há o confronto entre forma x função, é possível constatar a existência de padrões na estruturação de Rs que se devem basicamente às intenções, aos objetivos do falante. Dessa forma, embora não tenham sido detectadas tendências sistemáticas de uso para **todas** as funções de enunciados ressoantes, é possível concluir, a partir da análise efetuada, que os tipos funcionais de Ressonâncias têm estreita relação com a forma desses enunciados, o que contribui para comprovar um dos postulados básicos da teoria funcionalista: a de que realmente há padrões lingüísticos que se situam na interseção entre as duas dimensões da língua - discurso e gramática.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar as **Ressonâncias** léxico-estruturais, no discurso conversacional em português. Considerou-se uma Ressonância léxico-estrutural um enunciado construído por um falante com repetição total ou parcial de um segmento frasal anteriormente produzido por seu interlocutor, num mesmo evento comunicativo. Buscou-se apresentar uma caracterização dos enunciados ressoantes detectados em um *corpus* específico, levando-se em conta seus aspectos formais e funcionais. Neste último capítulo, serão sintetizadas as contribuições mais relevantes que decorreram da análise aqui efetuada.

No segundo capítulo, foi feita a exposição do suporte teórico utilizado nesta pesquisa: a vertente funcionalista de estudos lingüísticos, com destaque para a *Sintaxe Dialógica*, proposta por Du Bois (2001). Apresentaram-se, também, estudos relevantes para esta dissertação, por tratarem do fenômeno da repetição, tais como: Ramos (1983), Tannen (1989), Norrick (1987), Bessa Neto (1991), Travaglia (1989) e Marcuschi (1992).

No terceiro capítulo, descreveu-se a metodologia utilizada neste trabalho (coleta, transcrição e catalogação dos dados), bem como os critérios utilizados na definição e contagem de Ressonâncias.

No quarto capítulo, fez-se, inicialmente, um levantamento do número de enunciados ressoantes (Ms e Rs) detectados no *corpus* em estudo, o que possibilitou verificar que as **Ressonâncias são, em maior ou menor grau,**

recorrentes em textos conversacionais e desempenham variadas funções nas interações. Considerando-se as quatro transcrições analisadas, constatou-se uma média percentual de 24,5% de unidades ressoantes. Comparando-se os resultados encontrados em cada conversação, observou-se que uma das conversações apresentava um número de Rs bem mais baixo do que o das outras. Essa diferença percentual detectada em uma transcrição específica e, ainda, a comparação entre os dados deste trabalho com os de Marcuschi (1992) permitiu comprovar que a quantidade de enunciados ressoantes é de fato um indicativo determinante de diferenças tipológicas entre textos, conforme sugeriu Marcuschi. Ficou confirmado que **um grande número de Ressonâncias revela textos com alto grau de envolvimento e espontaneidade entre os interlocutores.**

Em seguida, fez-se **um estudo das funções discursivas das Rs.** Com base em aspectos argumentativos e interacionais, formulou-se um quadro com vinte subfunções agrupadas em cinco macrofunções: *Responsividade (A)*, *Concordância (B)*, *Discordância (C)*, *Questão (D)* e *Humor (E)*. Após a descrição e exemplificação dos tipos funcionais, examinou-se a frequência de cada um deles nas quatro transcrições. Constatou-se que **variações na distribuição e na variedade das funções de Rs sugerem interações com características diferentes.** Isso significa que o tipo de interação realizada entre os interlocutores se reflete na frequência dos **grupos funcionais** de Ressonâncias.

A análise dos dados permitiu, ainda, verificar que a ressonância é um recurso que pode ser utilizado ou não pelo falante, dependendo de suas intenções comunicativas, e que o conhecimento dos possíveis efeitos de um enunciado ressoante em uma interação faz parte da competência comunicativa do falante do português. Ao optar por uma Ressonância, o falante marca presença na

conversação, posicionando-se em relação ao que diz e a quem diz e, além disso, mostra que está acompanhando, com interesse, a fala do outro. Dessa forma, o enunciado ressoante possibilita ao locutor uma aproximação, um encontro com seu parceiro na conversação, através das próprias palavras do interlocutor. **Trata-se de um relacionamento que se concretiza também na linguagem.**

No quinto capítulo, foi realizado um **estudo das estruturas formais dos enunciados ressoantes**. Os tipos formais de Rs foram agrupados de acordo com: 1. a predicação do verbo da oração; 2. a classificação semântica do verbo da oração. Após descritas e exemplificadas, as construções ressoantes foram contabilizadas. Constataram-se, no *corpus* analisado, **três tipos de predicação verbal mais freqüentes: verbo transitivo direto (35,8%), verbo de ligação (32,3%) e verbo intransitivo (21,9%)**. As outras estruturas, perfazendo 10% ao todo, foram pouco exploradas pelos falantes.

Em relação à classificação semântica dos verbos presentes nas estruturas de enunciados ressoantes, **verificou-se que dois deles foram mais produtivos: os verbos relacionais (35,3%) e os verbos de ação (27,6%)**. Todos os outros apresentaram variação de freqüência de, aproximadamente, 2% a 10%, cada um.

Ainda no capítulo 5, foi feita uma breve análise dos resultados obtidos, em que se pretendeu avaliar os dados sob um outro ângulo. Os tipos semânticos de verbos foram agrupados em dois grandes grupos: A) verbos de natureza mais abstrata, que se relacionam a sentimentos, percepções, etc...; B) verbos que se relacionam ao mundo físico. Observou-se que os falantes constroem enunciados ressoantes com tipos verbais pertencentes aos dois grandes grupos, porém, os percentuais revelaram uma preferência pelo uso de verbos que se relacionam ao mundo “subjetivo”, ou seja, às classes de verbos incluídas no primeiro grupo. Esses

dados são importantes na medida em que podem servir para confirmar que as Ressonâncias, caracterizadas como uma **metalinguagem do encontro**, tendem a ocorrer mais freqüentemente em situações nas quais o interesse maior dos falantes esteja no envolvimento interpessoal e não no conteúdo informativo. Conforme já mencionado, entretanto, para que se possam fazer afirmações definitivas em relação a essa questão, é necessário que um volume de dados quantitativamente mais expressivo seja analisado.

Por fim, no sexto capítulo, examinou-se **a relação entre os aspectos formal x funcional das Rs**, na tentativa de verificar a existência de formas preferidas de mapeamentos entre enunciados de acordo com a função discursiva que exercem. Para tanto, foram apresentados, detalhadamente, os mapeamentos transentenciais, conforme a sugestão de Du Bois (2001). Os termos de uma oração ressoante dispostos em alinhamento com os termos de uma oração Matriz permitem uma caracterização mais detalhada das relações formais e conceptuais existentes entre as duas orações. A análise dos mapeamentos referentes a cada função revelou que há padrões recorrentes de estruturação de enunciados ressoantes de acordo com a função discursiva desempenhada por eles. Embora não tenham sido detectados tipos formais predominantes para todas as funções, foi possível descrever a forma preferida de vários tipos funcionais e, dessa forma, concluir que **a estrutura formal de uma Ressonância está intimamente relacionada à sua função no discurso**.

Analisando-se todos os mapeamentos em conjunto, algumas características gerais de estruturação de Ressonâncias foram destacadas. Constataram-se duas estruturas preferidas concorrentes: 1) estrutura constituída de preenchimentos lexicais/gramaticais nos três termos da oração levados em conta na descrição: sujeito, verbo e o termo que segue o verbo - objeto, predicativo ou oblíquo; 2)

estrutura constituída de elipse somente do sujeito e retomada lexical/gramatical dos outros termos da oração. Além disso, foi possível observar que

a) as Rs são constituídas predominantemente de períodos simples e apresentam o SN sujeito predominantemente elíptico e/ou pronominal;

b) o número de enunciados ressoantes que apresentam deslocamento de termos, clivagem de termos e introdução de novo referente é baixo;

c) evita-se, na estruturação de Rs, que as três posições sintáticas da oração sejam preenchidas com itens lexicais concomitantemente, em consonância com as previsões de Du Bois (2003).

Espero, com esta pesquisa, ter sido capaz de responder às questões iniciais que nortearam este trabalho, referentes à distribuição e caracterização de Ressonâncias em textos conversacionais. Certamente, não se podem considerar esgotadas todas as questões que este tema suscita. O presente estudo deu os primeiros passos em direção aos aspectos formais e funcionais das Ressonâncias léxico-estruturais em português. Há, no entanto, muitos pontos que não puderam ser tratados nesta dissertação, como, por exemplo, a caracterização das Ressonâncias de Discurso Reportado e a importância dos mapeamentos para melhor compreensão da construção de sentido de enunciados. Assim, há muito ainda o que investigar sobre o assunto. Pode constituir um promissor campo de estudo, por exemplo, a descrição do processamento de segmentos ressoantes sob a perspectiva da **Teoria de Mesclagem Conceptual**, defendida por Fauconnier e Turner (1998). Essa teoria descreve diversos fenômenos, apresentando relações entre domínios cognitivos utilizados para a formação de um novo espaço mental, o da mescla. Dessa forma, ela poderia ser utilizada para explicar, sob uma outra perspectiva, o fato de que, ao

utilizarem elementos repetidos justapostos, os falantes são reais produtores de sentido e nunca meros reprodutores, já que um enunciado ressoante, além de ter o seu próprio sentido modificado, faz com que o enunciado Matriz também seja reinterpretado. Esse aspecto, não desenvolvido neste estudo, é um novo viés que revela a fecundidade do tema e que irá me interessar no prosseguimento da pesquisa.

Finalmente, gostaria de enfatizar que a grande importância deste trabalho, além de contribuir para ilustrar a correlação entre forma e função nas línguas naturais, reside na tentativa de fornecer elementos para a construção de uma **Sintaxe Dialógica**, ou seja, de uma sintaxe que estuda enunciados (e não unidades de ordem impessoal) e que opera tanto no nível sintagmático como no nível paradigmático. Pensar a linguagem humana dentro do contexto dialógico e incluir os mapeamentos transentenciais na análise gramatical pode trazer grandes benefícios e propiciar novas descobertas em futuras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Adriana. *Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo*. 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

BESSA NETO, Regina. *A repetição lexical em textos orais e narrativos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

CASTILHO, Ataliba T. de; PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. v.1.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (ed.). *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

CHAFE, Wallace L. *Discourse, Consciousness and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHAFE, Wallace L. Language and the flow of thought. In: TOMASELLO, Michael (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998. v.1.

DECAT, Maria Beatriz N. Funcionalismo e Gramática. *Para sempre em mim – Homenagem à Professora Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC, 1999, p.213-220.

DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1985.

DU BOIS, John W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. L. (ed.). *The pear stories: cognitive, cultural and linguistics aspects of narrative production*. New Jersey: Ablex, 1980. v.3.

DU BOIS, John W. & THOMPSON, Sandra. *Dimensions of a theory of information flow*. MS: University of California, Santa Barbara, 1991.

DU BOIS, John W. *Towards a Dialogic Syntax*. Santa Barbara, 2001. Manuscrito.

DU BOIS, John W. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language Structure*. Mahwah, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003. v. 2.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Conceptual integration networks. In: *Cognitive Science* 22 (2), p. 133-187, 1998.

GONÇALVES, Clésio R. *O objeto incorporado no discurso narrativo do português*. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. v. II.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. I.

HALLYDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. ed.2. London: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) *Syntax and semantics*. New York: New York Academic Press, 1979. v.12.

HOPPER, Paul. Emergent Grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998. v.I.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity, clause structure and argument structure: evidence from conversation. IN: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the wilde*. Cambridge: Mit Press, 1995 apud Du Bois, DU BOIS, John W. *Towards a Dialogic Syntax*. Santa Barbara, 2001.

KOCH, I. V. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOTSINAS, U. B. *Repetition in imigrant swedish*. University of Stockholm, Sweden. (cit. apud Ramos, 1983).

MARCUSCHI, Luiz A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. IN: *Gramática do Português Falado*. v. VI: Desenvolvimentos. Campinas, São Paulo: editora UNICAMP/FAPESP, 1996.

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. São Paulo, SP: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz A. *A Repetição na língua falada: formas e funções*. 1992. Tese de titular. Dep. de Letras – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

MARCUSCHI, Luiz A. *Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita*. UFPE. Mimeografado.

MERRIT, M. Repetition in situated discourse - Exploring its forms and functions. In: JOHNSTONE, Barbara et al. *Repetition discourse interdisciplinary perspectives*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1994. v.1.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NORRICK, Neal. Functions of repetition in conversation. *Text*, 7.3: 245-264. 1987.

OCHS, Elionor. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) *Discourse and Syntax*. New York: New York Academic Press, 1979.

ONO, T. & THOMPSON, S. *Interaction and syntax in the structure of conversational discourse*. Mimeografado.

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.

PERINI, Mário A. A função da repetição no reconhecimento de sentenças. In: *Ensaio de Lingüística*. FALE/UFMG, 1980. (cit. apud Ramos, 1983).

PERSSON, G. Repetition in English. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis. 1974. (cit. apud Ramos, 1983).

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, Jânia M. *Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições no Estilo Falado*. 1983. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SARAIVA, Maria. E. F. Iconicidade e a distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo oral do português. In: DECAT, Maria B. N. et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. IN: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

TAGNIN, Stella O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TANNEN, Deborah. Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation. Georgetown University, 1985. Mineografado.

TANNEN, Deborah. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. *Language*. v. 63, n.3, p.574-605, 1987.

TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TAYLOR, John R. Syntactic constructions as prototype categories. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998. v.I.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação. *Letras & Letras*, v. 5, n.1-2, p. 5-62, 1989.

ANEXOS

Seguem-se as transcrições utilizadas no presente trabalho: A – B – C – D.

As transcrições apresentam numeração independente. Optou-se por manter a paginação original de cada transcrição, tal como arquivada no GREF (Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem), com o objetivo de facilitar a identificação dos exemplos para todos os pesquisadores que utilizam este mesmo material ou para todos os que vierem a utilizá-los.

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO A

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO B

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO C

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO D